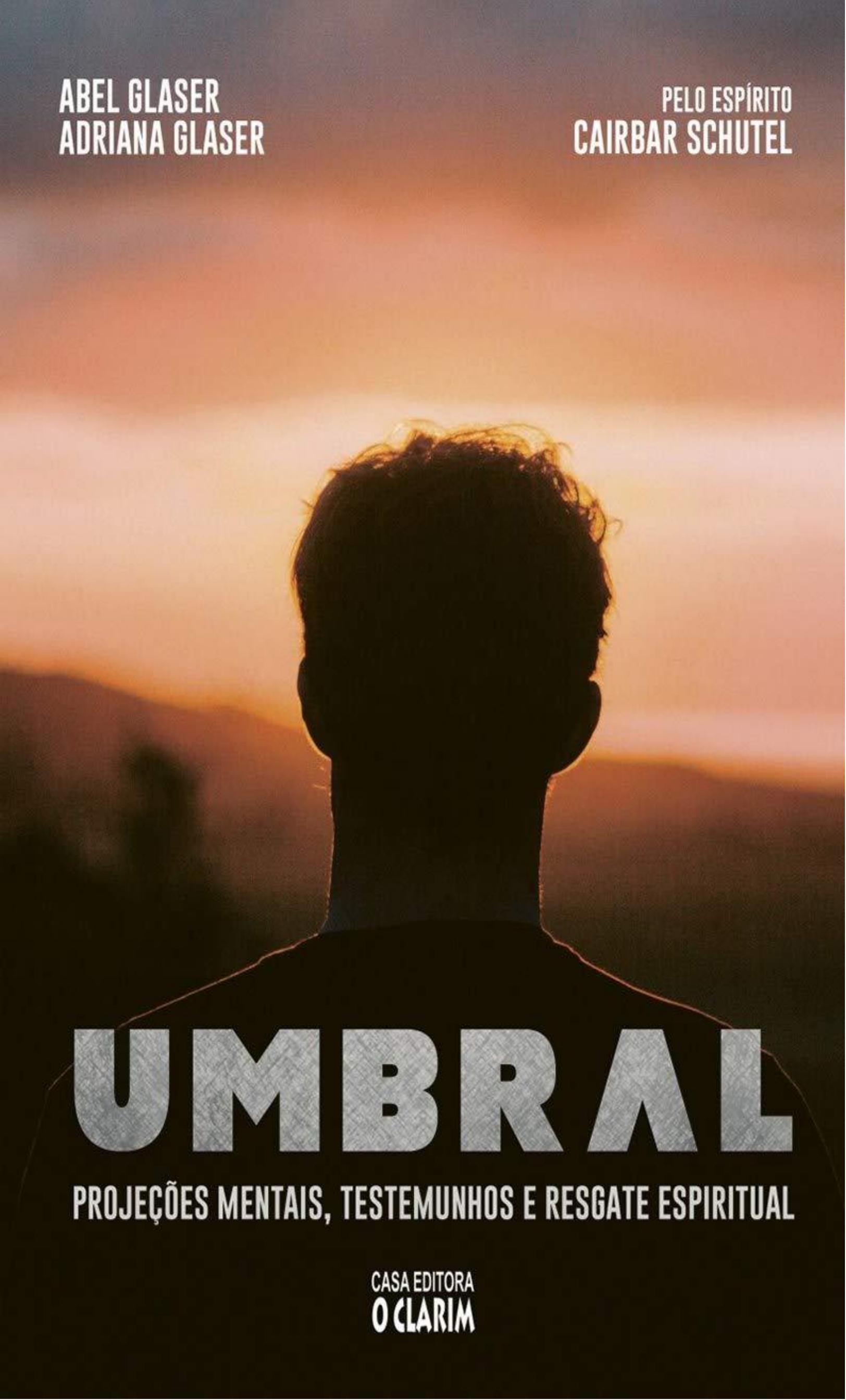


**ABEL GLASER
ADRIANA GLASER**

**PELO ESPÍRITO
CAIRBAR SCHUTEL**



UMBRAAL

PROJEÇÕES MENTAIS, TESTEMUNHOS E RESGATE ESPIRITUAL

**CASA EDITORA
O CLARIM**

Umbral

Projeções mentais, testemunhos e resgate espiritual

Abel Glaser e Adriana Glaser, pelo Espírito Cairbar Schutel

Umbral

Projeções mentais, testemunhos e resgate espiritual

Matão, SP

1ª edição

2019

**CASA EDITORA
O CLARIM**

Copyright © 2019 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

1ª edição: outubro/2019, 6 mil exemplares

Impresso no formato 14x21 cm

ISBN 978-85-7357-191-2

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br

www.facebook.com/casaeditoraoclarim

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim

Revisão: Cássio Leonardo Carrara

Catálogo na Publicação (CIP)

G584r Glaser, Abel; Glaser, Adriana

Umbral: projeções mentais, testemunhos e resgate espiritual / Abel Glaser e Adriana Glaser.
– 1.ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2019.

304p.; 21 cm

ISBN 978-85-7357-191-2

1. Espiritismo. 2. Estudo doutrinário. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

Apresentação

Esta obra de Cairbar Schutel, materializada pelo grupo de estudos mediúnicos do qual sou coordenador, pretende expor mais alguns pontos e detalhes acerca da região denominada Umbral. Cuida-se do desenvolvimento das revelações proporcionadas pela doutrina e pela literatura espíritas, gradativamente, dando azo a uma maior compreensão do que sucede após o desencarne. Não se trata de texto exaustivo, pretendendo esgotar o assunto, mesmo porque isso seria inviável em um só livro.

A meta é desvendar novéis campos advindos após o desenlace do Espírito, no fenômeno denominado *morte* para o plano material. É importante que, em época de transformação do Planeta, atualmente de *provas e expiação*, mas, no futuro, de *regeneração*, exista compreensão suficiente dos encarnados a respeito da importância de suas trajetórias terrenas no que concerne aos tempos vindouros e, por via de consequência, ao indeclinável desencarne.

Em nossas obras referentes aos fundamentos da reforma íntima, transmitimos as mensagens relevantes de Cairbar, coordenador da colônia espiritual Alvorada Nova, para incentivar os encarnados a modificar muitos de seus comportamentos negativos, adotando uma forma mais equilibrada de bem viver no plano material. Por isso, foram expostos, detalhadamente, inúmeros assuntos de interesse, geradores de polêmicas, mas fundamentais para o descortinar da Luz Interior de cada um, a fim de aprimorar o seu perispírito.

Destaca-se, nesta obra, tanto o relato mais sistemático e organizado das zonas umbralinas quanto as narrativas e retratos de encarnados, após o desenlace de seus corpos materiais. Finda-se com o capítulo destinado a um desprendimento de médium, em reunião apropriada, sob a orientação de seu mentor, para ilustrar como parte dos trabalhos foi realizada. O que se segue é uma mostra do Umbral em outras obras espíritas, dando conta de fatores diversos, tudo a compor um universo lógico e único para todos que por essa

região passam em certos momentos da trajetória de aprimoramento espiritual.

Não há o intuito de estigmatizar nada e ninguém. São mencionados, porque existentes e presentes, os vários grupos de encarnados que, de algum modo, conduzem as suas vidas de maneira indevida, sob o ponto de vista do aperfeiçoamento espiritual e da reforma íntima, situações capazes de gerar um desencarne tormentoso. Não existe qualquer generalização de fatos ou pessoas nas linhas que compõem esta obra. Ilustrando, são citadas parcelas das existências terrenas de um Papa, um médium, um pastor e um padre, sem com isso gerar um envolvimento generalizador, como se todos que essas importantes funções exercem (ou tenham exercido) sejam similares ou atuem de igual modo.

Inexiste crítica à riqueza, mas a certos ricos, tomando-se mais um exemplo. O mesmo se faz com os demais cenários. É importante que o leitor capte a mensagem efetiva da obra, que busca evidenciar as fraquezas humanas, espelhadas por sentimentos negativos, despontando os principais: orgulho e egoísmo. O cristão sabe perfeitamente que *fora da caridade não há salvação*, embora essa assertiva tenha um significado muito mais amplo do que expressa em interpretação literal. Na verdade, alcançando todas as religiões, há de se fazer ao próximo o que gostaríamos que a nós fosse feito; há de se amar o próximo como a Deus; enfim, os encarnados passam pela crosta terrestre não por acaso, mas para seguir uma programação específica, rumo à sua evolução.

Conhecer um pouco mais dos erros cotidianos dos seres humanos pode despertar a vontade de se aperfeiçoar intimamente, o que certamente irá garantir mais equilíbrio e menor sofrimento. Quanto mais crente no futuro que ultrapassa as barreiras da vida material, mais feliz pode ser e agir o encarnado neste Planeta.

Quanto aos exemplos autênticos dados nesta obra, por certo, nomes e locais foram alterados para preservar a identidade dos envolvidos. Por isso, conforme o contexto, algumas narrativas são mais longas; outras, mais curtas.

Possa o leitor aproveitar esse quadro do Umbral e das finalizações de vida terrena de alguns encarnados para promover a tão almejada reforma íntima, que só lhe trará benefícios, não somente no presente, mas no futuro absolutamente certo, referente ao desencarne rumo ao plano espiritual.

Cumprimos, há mais de 33 anos, a função de coordenador do Grupo de Estudos Cairbar Schutel, integrado por médiuns vinculados aos trabalhos da cidade espiritual Alvorada Nova, para compor e divulgar textos da Doutrina Espírita.

São Paulo, março de 2019.

Abel Glaser

Capítulo I - *Conceito e finalidades*

O mundo se aproxima da nova fase de regeneração. Para tanto, haverá degredo para mundos inferiores, com desencarnes em massa, sofrimentos de variadas naturezas e lágrimas de expiação. O trabalho das colônias espirituais, que cuidam do Planeta Terra, por orientações do Plano Superior, é dar integral apoio aos encarnados, auxiliar os desencarnados e participar do processo de regeneração ponto a ponto. A cidade espiritual Alvorada Nova, dirigida por Cairbar Schutel, manter-se-á conectada à fase transformadora, fornecendo dados e subsídios para os encarnados receptivos permanecerem equilibrados, dedicados à fé e esperançosos quanto ao mundo melhor que se avizinha.

Por isso, desvendar parte do mundo espiritual aos encarnados sempre fez parte da proposta de procura incessante pela reforma íntima, lançando luzes de esperança e força a todos que aproveitem a oportunidade. *Conhecer* significa auferir poder de decisão. Quanto mais esclarecimento, maior será o amplo cenário de oportunidades para o encarnado alterar seu comportamento, buscando níveis ideais de bons sentimentos; assim sendo, na medida do incremento do conhecimento, maior será a cobrança. Abraçar a Boa Causa da reforma íntima somente proporcionará progresso espiritual.

Nessa linha de atuação, é preciso conhecer mais do ambiente retratado como *Umbral*, visto ser o lugar para onde seguirão vários degredados, até que encontrem outro mundo inferior a habitar; é também o local para onde se dirigem muitos desencarnados, atualmente, enquanto aguardam a melhoria de seu estado perispirítico e mental, de modo a poder seguir a alguma colônia espiritual.

O Umbral não é o inferno, um ambiente subterrâneo, habitado pelos desencarnados, em completa bagunça, além de permeado de sofrimentos infligidos por criaturas diabólicas, onde se passará o restante da eternidade. Está longe disso. Trata-se de um lugar mais sombrio que as colônias espirituais, mas não se cuida de um local de tortura proposital de Espíritos conduzida por outros Espíritos designados para isso, como a alegórica

imagem do *inferno* retratado por outros entendimentos filosóficos ou religiosos. Visam a atemorizar encarnados, buscando levá-los à trilha do bem pelo seu receio quanto ao futuro, que poderia, em tese, ser pior que o presente, pois no *inferno*, destaca-se essa linha de ilustração. Não para o Espiritismo, que aponta o Umbral como uma zona vibratória específica, que congrega muitos desencarnados sofrendores, mas sem criaturas diabólicas para praticar torturas sem medidas. Trata-se de um cenário lúgubre, pois inspira tristeza e dor, sentimentos emanados dos próprios Espíritos que ali habitam transitoriamente.

O Umbral é um lugar de passagem, razão pela qual não possui moradas, nem pontos encantadores da Natureza, como lagos, arvoredo com vegetação, flores, frutos, animais e tantos outros detalhes maravilhosos que o Toque Divino concebeu ao Planeta Terra. Os Espíritos, ao desencarnar, num primeiro momento experimentam uma fase de escuridão e silêncio total. Os mais preparados começam a detectar luzes do Alto, assim que os laços com o corpo material são cortados de vez. Ocorre, então, o resgate pelos Emissários do Bem, seguindo para vários possíveis pontos, a depender do grau de evolução espiritual alcançado. Podem seguir para câmaras de retificação em Postos de Socorro; nesta hipótese, geralmente continuam mergulhados em sono profundo, sem memória viva, sem sonhos (pois não há desprendimento), em total silêncio, para se recuperarem, regenerando o perispírito carregado de focos materialistas, enegrecidos e pesados, incompatíveis com a vida em colônias como Alvorada Nova. Outros, mais evoluídos, possuindo um perispírito significativamente purificado, depois de sua passagem pela crosta terrestre seguem as luzes do Alto, estando despertos e conscientes, atingindo cidades espirituais. Na colônia, conseguem imediatamente contato com os demais habitantes e adquirem um posto para seu trabalho e para a continuidade da sua evolução espiritual.

Há os desencarnados que ingressam no sono profundo, em total silêncio, apenas para que os Emissários do Bem possam cortar seus laços com o corpo material. No entanto, despertam e, sem preparo ou esclarecimento suficientes para seguir ao Posto de Socorro ou para Cidade Espiritual, passam a vagar pela crosta, cada qual optando por um particular rumo. Alguns seguem o corpo material, onde quer que seja colocado (eis a importância da cremação, já conhecida de povos muito antigos, que sempre deveria ser utilizada para o desenlace corpo-espírito) e acompanham, por vezes, o velório, o enterro e a putrefação do corpo material. Horrorizados

pela perda do laço material com a vida na crosta terrestre, passam a nutrir sentimentos de mágoa e revolta. Podem acompanhar parentes ou amigos queridos, expiando por não mais ter contato com os encarnados; podem seguir inimigos (são os piores momentos para um desencarnado), buscando ofendê-los ou lesioná-los, sob a pretensão de vingar-se. Afundam-se em tristeza, melancolia e começam a experimentar todos os males dos sentimentos negativos, sem conseguir reagir, visto que optaram por “continuar a viver” sem poder fazê-lo. São os Espíritos vagantes pela crosta, que demoram a ser recolhidos por Emissários do Bem e levados para o lugar ideal de desenvolvimento espiritual. *Alguns desses vagantes, em face da maldade desenhada em seus corações, terminam por seguir pelas portas escurecidas, que separam o mundo material do Umbral (eis a soleira da porta de ingresso ao mundo inferior, nominado Umbral).*

Sob outro aspecto, há Espíritos que, ao desencarnar, caem no sono profundo e, quando acordam, percebem que foram levados pelos Espíritos inferiores diretamente ao Umbral. São aqueles que muito mal praticaram na crosta, desencadeando muito sofrimento a terceiros, ao cometerem atos violentos ou atitudes tão levianas que vitimaram outros encarnados. Muitos deles são Espíritos perturbados que reencarnaram compulsoriamente para continuar a trajetória de aprimoramento. Um ponto de esclarecimento deve ser destacado: *Espíritos maldosos fomos todos, um dia, porque éramos ignorantes;* diante disso, ter compaixão, perdoar e não nutrir ódio ou raiva por criminosos do plano material é o rumo indicado. Quem nutre o mal e vibra o mal, obscurece o seu perispírito. Imagine-se um lençol branco como a mais pura neve; ele é alvo, leve e chega a brilhar; se for alvo de tintas, tornar-se-á escuro e pesado, perdendo qualquer brilho. Esse é o perispírito de muitos encarnados criminosos, que despertaram, na sua trajetória pela crosta, vários males e cultivaram inúmeros defeitos, sem a menor preocupação na redenção pelo arrependimento.

Quando se menciona ser infinito o Amor Divino é a pura verdade, mas o que se encontra equivocada é a forma de aplicação desse Amor, que, por ser Divino, é soberanamente Justo. Diante disso, algumas verdades precisam ser apreciadas: 1) nenhum Espírito, ao desencarnar, será *condenado* a passar o resto da eternidade no Umbral (ou *inferno*, para alguns); todos têm a oportunidade de progredir; devem passar um período de expiação para alcançar o esclarecimento necessário a viver em comunidade nas cidades espirituais; 2) não é realidade que possa um encarnado, repleto de maldades

em seu histórico de vida material, arrepender-se, no último momento de vida e, com isso, graças à sua sinceridade, ser acolhido no *Céu* (para alguns) ou seguir diretamente para Cidades Espirituais de Luz; a Justiça Divina se contrapõe a isso, pois esse recém-desencarnado precisa purificar seu perispírito antes de atingir colônias espirituais; o seu arrependimento de última hora pode ser vital para o lugar umbralino para o qual será enviado; 3) não se lida com o Umbral como se fosse um lugar de castigo para quem não obedeceu certa religião ou ministro religioso; inexistente esse instrumento de poder para lidar com os Espíritos; não fosse assim, a diversidade religiosa, cada qual com seus preceitos e símbolos, estaria fadada a levar inúmeros encarnados ao Umbral após o desligamento da carne, somente porque não foram obedecidos certos rituais; 4) inexistem crianças, com esse formato de invólucro perispirítico, em qualquer zona umbralina. Como regra, as crianças, ao desencarnarem, são conduzidas à Casa da Criança em Alvorada Nova e locais similares em outras cidades espirituais. A partir dos 16 anos, considera-se o encarnado pleno em seu livre-arbítrio; o que fizer a partir daí será valorado como adulto. É preciso lembrar que há Espíritos muito rudes e ignorantes, que também tomam o formato de criança para habitar a Terra; quando desencarnam ainda na fase infantil, seguirão para alas especiais dos Postos de Socorro, visto não terem o menor preparo para conviver com as crianças da colônia espiritual (Espíritos mais evoluídos, cuja trajetória os levou a desencarnar durante a infância).

O missionário espírita deve ter plena noção de sua obrigação de manifestar compaixão por qualquer outro encarnado, por piores que sejam os seus atos — muitos dos quais fruto da sua ignorância. E quem ignora precisa de ensinamento, em patamar fundamental. O estágio no Umbral *ensina* — e muito — os desencarnados, pois lhes evidencia o mal de maneira bem sensível; quem ali está pode *sentir* o nível vibratório da maldade e, com o tempo, passa a rejeitá-la. É o momento de seu resgate para seguir a planos superiores. Este é um dos aspectos da Grande Revelação trazida pelo Espiritismo: nada acontece por acaso; ao justo, o Bem; ao injusto, o Mal; todos, porém, equilibrados pelo mais intenso aprendizado, sem qualquer caráter punitivo vazio de propósito ou conteúdo. Todos, um dia, alcançarão Mundos Superiores: esta é a autêntica lei da evolução. Não haverá separação entre Espíritos, de modo que alguns enfrentarão uma eternidade de males, enquanto outros gozarão de uma eternidade de benesses.

A lei de causa e efeito promove a justiça entre os seres encarnados e desencarnados de modo integralmente equilibrado. Não há espaço para o encarnado vingar-se de seu adversário, oponente ou inimigo, mesmo quem lhe tenha feito mal; a lei de causa e efeito cuida disso. Há não somente espaço, mas a clara recomendação de se nutrir compaixão por quem erra, oferecendo a mão amiga, em lugar de qualquer atitude rancorosa vingativa. Até que ponto o encarnado estaria preparado para assimilar o mal que lhe é causado sem uma reação igualmente negativa, que faz parte do seu desenvolvimento e aprimoramento espiritual. Reverter o mal em bem é parte do progresso de cada um; isto não quer dizer que o autor de maldades não tenha de responder por elas. Eis a função do Umbral, em suas diferentes zonas vibratórias: recepcionar o Espírito desencarnado, para que expie as maldades realizadas, conforme o seu grau e intensidade.

Aliás, as câmaras de retificação de Postos de Socorro também possuem diversos graus, que se manifestam pelo equilíbrio entre tempo e intensidade. Há, basicamente, 10 graus. O primeiro grau é o mais leve, voltado a Espíritos cujo aprimoramento foi visível, mas ainda necessitam de um tempo de sono reparador para voltar ao convívio na colônia. Geralmente, são os desencarnados resgatados tão logo se desligam do corpo material, ainda na crosta. O grau 10 é destinado aos Espíritos de rude perispírito, que desencarnam com ódio e outros sentimentos avessos ao amor, precisando de um sono profundo para seguir seu rumo, após terem sido resgatados do umbral. Entre eles, há vários outros graus, todos ligados à evolução perispirítica de cada um.

O Umbral, como área de acomodação àqueles Espíritos inferiores, que precisam de *tempo* para reflexão independente e individual, não é o descritivo e emotivo *inferno*, como já mencionado linhas atrás. Conforme a localização, pela projeção mental de quem os ocupa, transforma-se em pântano, em deserto, em caverna, ou seja, imita lugares sombrios do plano material. O denominado *vale dos suicidas* é uma região habitada por Espíritos sofredores, mas nem por isso é um lugar de tortura. Inexiste essa espécie de suplício dirigido e concentrado em relação a um desencarnado, pretendendo deixá-lo em constante sofrimento. O Amor Divino é intolerante à tortura, sob qualquer forma, em qualquer plano da vida; o que realmente ocorre é o ingresso no âmbito da autocrítica e do arrependimento de muitos suicidas, razão pela qual eles vibram muita dor, tristeza e mágoa. Esse estado chega a desequilibrar um Espírito e ele passa a vagar sem rumo

por algum tempo. Outros suicidas julgam-se vítimas de algum (ou vários) encarnado, nutrindo ódio e desejo de vingança, trazendo para si um ambiente desequilibrado, com uma escuridão invadida por cenas de sangue ou violência ou mesmo símbolos de horror, porque tudo isso preenche a mente tortuosa do desencarnado. Não se está desmistificando o umbral para afirmar que se trata de uma região positiva ou neutra. É área de sofrimento, mas não de tortura. Esse sofrimento advém dos que lá habitam e não por Desígnio Divino. O Plano Superior jamais é vingativo e não produz vibração negativa de qualquer espécie ou forma para castigar Espíritos.

Assim, a conhecida área denominada Umbral é um local interdimensional, firmando-se entre o plano terrestre e as colônias espirituais; justamente por isso, essas colônias têm defesas contra invasões originárias de zonas umbralinas.

Sobre o momento do desencarne, ele chega a operar como o nascimento. Neste caso, o bebê não consegue perceber o mundo à sua volta como um encarnado adulto. O desencarnado, em particular o inexperiente, o ateu, o agnóstico e mesmo o ligado a religiões materialistas, sente-se perdido e também não consegue reconhecer o mundo novo ao qual ingressou integralmente. Eis a vantagem inestimável do sono profundo, reparador e regenerador. Serve para cortar definitivamente laços carnis, justamente para propiciar uma nova incursão na crosta, sob outra veste corpórea, ou mesmo para ser inserido em colônia espiritual para o trabalho.

Outro ponto importante é a falsa impressão que alguns possuem de que as colônias espirituais são áreas de lazer, como se fosse o *Céu* de certas religiões, para onde segue o Espírito a fim de descansar e viver em constante contentamento, por todo o infinito de sua existência. As colônias, por certo, são muito superiores ao plano terreno, gerando, então, a ideia equivocada, transmitida por alguns, de se tratar de uma cidade de luz, onde nada se faz a não ser *viver feliz*.

Certamente, sabe-se da existência do Mundo dos Felizes, embora sem qualquer descrição, pois faltam sentidos para apreciar o que vem a ser a autêntica felicidade espiritual. Resta-nos conhecer bem as leis regentes do plano onde vivemos para que, um dia, possamos atingir graus evolutivos superiores, abrindo nossas mentes para novos panoramas. O fundamental é conhecido: fazer o bem e exercitar a caridade são instrumentos de progresso espiritual.

“Como se livrar do Umbral?” — pode-se perguntar. A uma pergunta tão simples e direta, uma resposta de igual tom: “basta praticar sempre o bem.” Enfocando a complexidade envolvente nas duas assertivas, é preciso que o encarnado tenha noção da sua atual trajetória, no sentido de não estar no Planeta por mero acaso, relacionando-se com tantas pessoas e vivenciando problemas de toda ordem. A sua passagem pelo plano físico é, sempre, parte de um projeto maior, cuja finalidade é garantir-lhe a evolução. São passados inúmeros preceitos para que esse progresso possa ocorrer em menor tempo, embora a assimilação aos bons sentimentos nem sempre é viável, tudo a depender do estágio evolutivo de cada Espírito. Eis por que, ao desencarnar, não existe uma garantia de que não haverá uma passagem pelo Umbral; não há garantia de que o Espírito tornará a reencarnar de imediato; não se trabalha com a proposta de que o desencarnado seguirá automaticamente a uma cidade espiritual. Em suma, não se deve temer a Justiça Divina, logo, a postura mais acertada é aceitar a possibilidade de estagiar no Umbral, na crosta, no Posto de Socorro ou na Cidade Espiritual, após o desencarne.

Um dos pontos de intersecção entre o Umbral e o plano físico se dá nas reuniões mediúnicas de desobsessão. Nesses encontros, médiuns preparados estão aptos a percorrer, em desprendimento, regiões umbralinas, buscando encontrar e resgatar companheiros que ali estão em sofrimento. Uma das formas de resgate se dá por meio da incorporação, permitindo que o Espírito se manifeste por meio do corpo físico do médium que o incorpora, enquanto mantém diálogo com o dirigente da reunião, para produzir o seu encaminhamento a Postos de Socorro ou Cidades Espirituais. Os Mentores Espirituais, que assistem à reunião mediúnica, sabem encaminhar os desencarnados preparados para se desligar do Umbral.

Outro mecanismo de aproximação entre zonas umbralinas e o plano material se dá por intermédio da oração. Essa vibração de amor é capaz de atingir muitos Espíritos errantes, que estão em busca de conforto, permitindo-lhes encontrar um caminho para um posto de trabalho na crosta, onde se realiza ou se realizará uma reunião de desobsessão. Aliás, é importante ressaltar que outros cultos, de religiões diversas, desde que calcados no amor e nos bons sentimentos, também são capazes de encaminhar Espíritos perdidos no Umbral para Postos de Socorro ou Cidades Espirituais. Embora esses cultos não tenham esse exato propósito, nem seu ministro religioso atue nesse sentido, os resgates são realizados do

mesmo modo. Afinal, o que mais importa é a vibração de amor do encarnado — ou de um grupo de encarnados — em torno de almas perdidas.

Há casos de médiuns desenvolvidos e experientes, que conseguem encaminhar desencarnados, vagando pela crosta ou por zonas umbralinas próximas, pela força da sua oração. O referido encaminhamento é um gesto de caridade, materializando-se pela intensidade da vibração de amor do encarnado, cujos fluidos espalham-se pelo cenário e atraem sofredores. Graças a esse contato físico com o médium, Espíritos Iluminados conseguem envolver o desencarnado sofredor, levando-o para regiões propícias ao seu aprimoramento.

Em torno do Planeta Terra há diversas cidades espirituais ocupando as várias camadas vibratórias existentes em grande número. Do mesmo modo, há, basicamente, quatro zonas umbralinas, que serão conhecidas neste trabalho.

Existem cidades espirituais nas zonas umbralinas, mas são arremedos de cidades espirituais autênticas. Tudo o que é moldado ou construído no Umbral, de qualquer nível, cuida-se de projeção mental. Naquela dimensão, onde vivem, ganham essas vibrações um “corpo” e justificam a visualização de pedras, areias, pântanos, montanhas, buracos *etc.* E, com isso, extrai-se o material indispensável para a “construção” dos *habitats* e, depois, a guerra entre eles. Todas as construções de colônias espirituais também são formadas por materiais diversos dos existentes no plano terreno. A grande diferença é que o Plano Maior providencia esses materiais e tudo se ergue, naquela dimensão, de maneira concreta. No Umbral não há essa ajuda do Plano Superior; por isso, valem-se os Espíritos do que podem e do que têm. Projetam e firmam-se nesses materiais efêmeros. O Alto permite, porque eles precisam evoluir. Não poderiam ficar num imenso deserto, sem qualquer aparelhamento, pois necessitam disto para mostrar o que querem e o que pretendem. O que os médiuns veem no Umbral? Que construções são aquelas? São todas projeções mentais fortes, que se transformam até mesmo em castelos. Mas numa reunião de desobsessão de bom nível, o castelo vem abaixo e desaparece.

Outra questão envolve a localização das colônias espirituais. Algumas, sem dúvida, estão situadas exatamente dentro de zona umbralina. Nenhum problema nisso. São protegidas e seus Emissários têm amplo acesso ao Umbral para os necessários resgates. Tenham a cautela de revisar os

esquemas enviados nas mensagens para que não pareça existirem zonas estanques, como funcionam as fronteiras entre países no plano físico. A predominância de cidades espirituais concentra-se fora da zona umbralina. Mas inúmeras outras trabalham internamente.

Há simulacros variados de casas, buscando espelhar o que existe na crosta terrestre, embora formadas por galhos, barro e pedras. A temperatura sensível ao desencarnado é sugestionada, mas não verdadeira, oscilando entre rompantes quentes e frios, sem permitir uma acomodação térmica equilibrada. Nesta área habitam os desencarnados errantes, cujo mal foi desenvolver e manter sentimentos negativos duradouros, tais como egoísmo, orgulho, vaidade, materialismo, ódio, rancor, intolerância *etc.* As suas condutas foram calcadas na ausência de caridade e em sentimentos positivos individualistas, como amar somente a família, mas desprezar outros seres humanos. São errantes, ainda, porque a maioria é atea e não aceita a vida após a morte, embora nela estejam inseridos. Outros são intensamente materialistas, incapazes de pensar em algo mais que bens materiais. Há os que se dizem religiosos, mas são adeptos falaciosos, visto que não praticam o bem e, ao contrário, produzem atitudes negativas na maior parte da sua vivência. Desse Umbral parte o maior número de resgates, feitos por Peregrinos do Umbral, mas também por reuniões mediúnicas na crosta (e outros cultos, como já mencionado).

No *umbral denso*, que é a zona 2 do Umbral, também chamado *externo*, há um imenso deserto, mesclado com um pantanal, tal como se fossem areias movediças em grande parte. O solo é maleável, conferindo instabilidade permanente a quem por ali transita. Há oscilações mais fortes de temperatura sensível, mas não real, variando do muito quente ao muito frio. Existe o permanente incômodo de zunidos, como se fossem tempestades de areia. O lado pantanoso não permite a construção de abrigos; do lado arenoso são cavados buracos onde se simula a existência da casa. É considerada uma zona de transição, por onde passam os Espíritos que migram do *umbral pedregoso* em direção ao *nebuloso*. E assim o fazem por compreender que precisam abandonar determinados vícios que trouxeram consigo da última jornada terrena, partindo para uma vida mais estável. Além disso, constitui a zona de entrada de vários ministros religiosos (os líderes seguem para o *umbral pedregoso*, como regra), cujas atitudes na crosta terrestre consistiram em vilipendiar Jesus e outros Espíritos Iluminados, valendo-se da túnica para o mal e para satisfazer o seu egoísmo.

No *umbral pedregoso*, que é a zona 1 do Umbral, também chamado *externo*, há montanhas rochosas, sem vegetação, com muitas pedras espalhadas. A dificuldade de caminhar por ali é muito grande, pois há

aclives e declives uns após outros. Para abrigo, os Espíritos se valem de cavernas e outras cavidades rochosas. A temperatura é simulada para uma sensação de quentura elevada e incômoda. As pedras parecem ferver e as cavidades são fornalhas, sem um único aceno de vento. Nesse local, encontram-se líderes políticos e religiosos que conduziram massas ao desespero ou à guerra. Não por certo os piores líderes, que praticaram atos cruentos e terríveis, visto que estes seguem ao *umbral interno*. Há, também, a permanência de vários desencarnados que cometeram crimes na crosta terrestre, bem como os que se dedicaram a tecer o mal onde quer que se encontrassem ou cometeram suicídios voluntários.

O vale dos suicidas (conscientes) situa-se no *umbral pedregoso*, próximo ao *denso*. Os suicidas inconscientes seguem, como regra, ao *umbral nebuloso*.

Suicidas são particularmente avaliados. O suicida consciente e determinado a tirar a própria vida é encaminhado ao vale dos suicidas. Alguns por mais tempo; outros, por tempo mais curto. O importante é o confronto com aquele mundo. Mas o fato de ser suicida consciente não lhe retira todos os méritos de uma vida terrena — e muitos os têm. Por isso, não se pode confundir nem mesclar todos os suicidas conscientes num mesmo caminho e objetivo. Podem ir para o vale. O tempo de permanência é diferente para cada um deles.

É muito importante diferenciar o suicida consciente que: a) antecipou a morte, pois sua vida estava por pouco tempo; b) puniu-se por remorso de tanto mal que fez; c) terminou a vida por capricho — de várias espécies. Nem é preciso dizer, dentro da lógica da lei de causa e efeito, que haverá diversos futuros para cada um deles. Em todos os três casos, há que se ponderar, ainda, tudo de positivo que fizeram no plano físico. Por isso, ninguém fica eternamente no vale dos suicidas (conscientes).

Os suicidas inconscientes não seguem o mesmo destino, e isso é preciso ficar bem claro. Quem assim defende está sustentando algo ilógico. Nunca se equipara o suicida consciente ao inconsciente.

O suicida inconsciente pode nem ser espírita; não tem noção dos estragos ao seu corpo físico; não é alertado por ninguém; subitamente, desencarna. Enfrenta as consequências das impregnações de seu perispírito, mas dentro de regras justas do Alto.

Além disso, há um número imenso de *mutantes*, os que singram entre a consciência e a inconsciência no tocante ao suicídio. Por isso, uns podem ir

para o vale dos suicidas e outros para o *umbral nebuloso*, dependendo do caso concreto.

O lugar de concentração dos suicidas é uma larga depressão fincada no sopé de uma montanha. Trata-se de uma região soturna, escura, úmida, gélida, conforme épocas e momentos, atemorizante pela sua própria natureza e por conta das vibrações dos suicidas ali presentes. Observa-se, no vale, uma vegetação rasteira, sem folhas verdes, apenas acompanhada de vários galhos retorcidos. Reproduz-se um cenário áspero, como um deserto gelado, onde se escondem cobras e escorpiões, para descompensar o desencarnado, a fim de que saiba encontrar-se em lugar agressivo, adverso do que buscou encontrar.

Ao lado das galhadas estendidas pelo chão, vê-se a mortandade, estampada por corpos esqueléticos, sem sangue, sem carne, sem nada. Somente esqueletos. Animais de baixa constituição evolutiva podem ali ser expostos. O objetivo é demonstrar ser o pior dos mundos. O suicida, afinal, é um dos maiores contestadores da Justiça Divina, visto cortar os laços da carne antes do momento certo, esperando, com isso, uma recompensa, moldada em paz e tranquilidade, justamente o que não encontrava na sua vida terrena. E não irá encontrar senão mais sofrimento.

Há valas no chão abrigando antros e covas, onde se escondem os suicidas recalcitrantes (sabem o que fizeram e não se dispõem a pedir perdão). São levados a conviver com répteis, aracnídeos, insetos, enfim, com os denominados seres mais repugnantes da natureza aos olhos humanos. Não se trata de tortura, mas demonstra o estágio primário de desligamento do Plano Superior, o que não se pode admitir como algo natural. Acima desse cenário, revela-se um céu negro, sem estrelas, onde passam alguns veículos de transporte das colônias. Nada que lhes forneça luz suficiente para acalmar o mal que faz a escuridão. Esse mal é indispensável para que os suicidas percebam o seu fatal erro.

Há os que tiram a vida, no fim de sua existência, quando o corpo está para sucumbir. Há os que tiram a vida quando não mais gostam do que vivem. Há, ainda, os suicidas inconscientes. É evidente que a Justiça Divina faz diferença entre ambos e o encaminhamento é diverso. De todo modo, o *vale dos suicidas* é uma infeliz realidade. Para esse espaço, inserido nos limites entre o *umbral pedregoso* e o *umbral denso*, são encaminhados aqueles que conscientemente cortam os laços carnis.

Ali, correm gosmas, como se cachoeiras fossem; das montanhas existentes, líquidos com coloração sanguínea fluem, de modo a espargir o mesmo odor. Nada é fácil no *vale dos suicidas*, nem mesmo o cenário. Aqueles que têm medo de animais serão com estes confrontados. Os que possuem temor de coisas místicas, com estas serão apresentados. Há os suicidas militares e eles receberão o mesmo tratamento de confronto com forças inimigas, incessantemente, sempre perdendo, até que se rendam. Réus de processos criminais que se matam haverão de sentir a carga do processo verdadeiro e também de outras acusações, de outras vidas. Pode-se questionar o que se faz com o suicida que foge do processo-crime por ser inocente... Torna-se culpado a partir daí e do seu passado serão retirados dados em que ele é culpado realmente. Escapar de um processo-crime, pelo suicídio, é impossível, pois ninguém é inocente ao longo de tantas vidas. Quem ali vive, pode experimentar o assédio constante dos outros suicidas. Eles são intrometidos, abusivos, maldosos e fraudadores. Mais uma prova complicada para quem é suicida e quer escapar disso.

O *umbral cavernoso*, também denominado interno, não é um lugar no centro da Terra cheio de fogo e lava, como muitos imaginam o inferno. Trata-se do aproveitamento de imensas *cavernas subterrâneas*, já existentes, onde se abrigam, em lugares muito escuros, os mais agressivos Espíritos, ignorantes e necessitados, abaixo da crosta terrestre. A sensação térmica nesses locais é de extremo frio. Há, no entanto, para alguns, ambientes calcados em quentura excessiva, predominando labaredas. Os Peregrinos do Umbral não visitam regularmente essa região. Quando se dirigem ao local, já possuem um destino certo. Daí saem os Espíritos para reencarnes compulsórios ou para o degredo. Não há viabilidade para um resgate do desencarnado, saindo dali *diretamente* para uma cidade espiritual. No máximo, para um posto de socorro, onde ficará longo tempo adormecido. É o *habitat* adequado aos criminosos muito maldosos, sádicos e que extrapolaram qualquer limite mínimo de humanidade no seu modo de atuar na crosta terrestre. É o palco para líderes políticos e religiosos, cuja conduta propiciou o extermínio em massa de encarnados, gerou sofrimento terrível na área onde viveram e não possuía linhas mestras do amor e da compaixão. Os habitantes apreciam mostrar-se como *seres monstruosos*, uns para os outros, como forma de ameaçar e assustar. Entretanto, fazem o mesmo quando médiuns, em desdobramento de reuniões mediúnicas, se aproximam para resgatá-los, permitindo o acesso a uma outra zona umbralina mais leve

ou para um posto de socorro. Eles primam pela deformidade quando se deparam com algum encarnado que, por acaso, passe pela região cavernosa (cavernas secas ou molhadas, significando estar em terra ou nas águas do mar, rios e lagos). Os que são médiuns, sabendo ou não, teimam ter visto monstros embaixo d'água ou criaturas horrendas em cavidades cavernosas, e não estão mentindo. Eles conseguem de longe influenciar encarnados e até dominá-los; tudo depende da força mental de um e da fraqueza da fé da vítima. Esses desencarnados, com sua maneira de se mostrar, ilustram as fantasias humanas de monstros e seres horríveis. Nem é preciso lhes dizer: não existem monstros na realidade, nem diabos ou demônios. Todos são desencarnados que assim se mostram.

Partes do umbral cavernoso podem estar inseridas nas águas dos oceanos, mares, rios e lagos, pois nesses espaços existem grutas e cavernas. Alguns desencarnados ali permanecem pela afeição às águas, que tiveram quando encarnados. A sua vibração, entretanto, é a mesma do mundo cavernoso fora da água.

Nesta zona interna à crosta encontram-se Espíritos muito atrasados, de baixa evolução, ainda nutrindo um coração petrificado e um sentimento endurecido. O remorso não lhes significa vida ou incentivo, razão pela qual dele são *imunes*. Fazem o mal por força da barbárie que ainda os cerca. Existem por uma razão, pois vieram de um outro mundo, que evoluiu para a fase da regeneração. Foram lançados ao mundo de expiação e provas, onde dores e choros fazem parte da sua natureza beligerante. Eles merecem amor e perdão, embora nem sejam capazes de, no princípio, sentir e experimentar tais sentimentos, como seria de se esperar. Possuem um tempo de expiação, próprio da evolução. Reencarnam várias vezes e outras tantas retornam ao *umbral interno*. Há um momento em que o cansaço e as dores físicas abrem-lhes os olhos e passam a nutrir algum sentimento positivo, geralmente começando pelo amor aos pais.

Nesta zona são inseridos, também, os psicopatas, os sociopatas e os enfermos mentais violentos, que, embora considerados insanos ou próximos disso na crosta terrena, ao desencarnar exibem quem verdadeiramente são. Compõem-se de Espíritos rudimentares em valores morais e cristãos, enquanto desenvolveram maior grau de inteligência. Há um descompasso entre humanidade/moralidade e inteligência, o que os leva ao cometimento de crimes bárbaros sem apresentarem remorso. Por vezes, os encarnados não sabem como lidar com esses tipos de criminosos, crendo-os insanos por

fazer tanta maldade. A loucura não passa de uma mediunidade descontrolada, quando o médium se deixa tomar por Espíritos do mal, que o obsidiam e o possuem na maior parte do tempo. Se recebem alguma cautela de encarnados, supondo-os simples doentes, encontrarão no *umbral interno* o seu *habitat* para a evolução pós-morte.

Esses Espíritos de baixo grau evolutivo precisam seguir à crosta para evoluir, como todos os demais; as oportunidades são idênticas, conforme garante a Justiça Divina. Reencarnam, por óbvio, necessariamente, por intermédio de uma mulher, que será a sua mãe — o primeiro contato de amor de um reencarnado. Por vezes, eles têm também o pai — outro foco de amor e proteção. Podem ter irmãos e, com isso, uma família considerável, onde experimentarão bons exemplos e terão a sorte de sentir o que é o *amor*. Os mais recalcitrantes já refutam sua mãe de pronto e os demais parentes, mostrando-se vis desde cedo. Passarão uma existência complicada, cheia de percalços até desencarnar. Pela lei de causa e efeito, terão seus caminhos cruzados por outras pessoas e podem morrer ou matar pela força da violência física. Outra passagem pelo *umbral interno* lhes será o destino imediato.

Retornarão mais uma vez e tantas quantas forem necessárias. Quando estão aptos a amar os pais, depois a família, passam a reencarnar em ambientes mais positivos e, quando do desencarne, seguem ao *umbral externo*, em suas variadas faixas. São exemplos aqueles assassinos cruéis, sem remorso, mas já incapazes de matar os pais ou irmãos. Houve algum progresso. Ainda assim, são irmãos necessitados de amor para atingir o esclarecimento, embora muitos encarnados queiram odiá-los. Erro crasso, pois, um dia, todos assim já foram. Atingir a maturidade espiritual é algo diferencial para o mundo no qual estão inseridos. Jamais se deve odiar quem quer que seja. Eis o fator diferencial entre a bondade e a maldade. Entre a evolução e a involução.

Não são poucos os relatos de um cenário horripilante quando se trata do *umbral interno*. Confira-se um relato: “As chamas eram as paredes da casa aonde fui lançado. Eram altas e intensas, promovendo um ambiente inóspito, repleto de cheiros pútridos e calor escaldante. Era o inferno — deduzi. Percorria o ambiente e somente me queimava; gritava pela dor e também por ajuda para dali me retirar. Não conseguia ser ouvido e o fogo engolia-me totalmente. Corri para todos os lados e somente lances esfogueados vivenciava. O medo do fogo é inerente ao ser humano, pois

qualquer um sabe a destruição causada pelas chamas; diante disso, não compreendia como pude parar nesse cenário infernal. Olhei para mim e perdi a esperança, pois minhas mãos estavam desfiguradas; os dedos caíram, como cubos de carvão. A fedentina da queimação era terrível e meus braços derretiam como picolés em face do fogo, até que não agüentei e saí correndo; porém, as chamas alcançaram-me e dilaceravam meus órgãos. Esfacelou-se o coração como um biscoito na boca do diabo; após, percebi minhas entranhas incandescentes, fedendo muito, com o estômago à mostra, cozinhando tudo que ali estava novamente. Quis vomitar, mas não tinha goela, que havia se tornado um raio de fogo imenso, dominando toda a minha cabeça. Olhei para os pés, vislumbrando plataformas derretidas como uma gosma qualquer, envolvendo, pouco a pouco, minhas pernas. Encontrava-me pegando fogo e nunca imaginei que iria vivenciar detalhe por detalhe desse processo morfético. Despencava mais e mais. Os cabelos produziam aquele cheiro horroroso, típico dos necrotérios, e eu os odiava, tanto os cabelos quanto o cheiro. Estava imerso no inferno. O fogo consumia-me integralmente.”

O ambiente de fogo é destinado a Espíritos cruéis, que tenham utilizado esse meio para matar ou implantar o terror. Cuida-se de um cenário de retratos dolorosos, captados detalhadamente, conforme a mente espiritual o admitia, até atingir o fim, com a completa finalização da carbonização do corpo físico. Pode levar minutos, horas ou até mesmo dias. Após essa vivência, o Espírito pode ser encaminhado a uma cidade espiritual, mas também pode ser levado a zonas umbralinas, conforme o entendimento que obteve do sofrimento vivido.

O Umbral não é um cárcere permanente, tampouco uma área específica para gerar tortura e sofrimento. As várias zonas umbralinas são necessárias para acomodar os Espíritos subdesenvolvidos em sentimentos positivos, para que convivam com seus semelhantes, algo impossível de acontecer nas cidades espirituais. São áreas de concentração de sofredores, muito mais pelas suas próprias vibrações do que pelo ambiente externo. Um dos instrumentos mais frequentes, geradores de padecimento e angústia, é justamente o pensamento fixo quanto aos erros praticados enquanto estava encarnado. A insistente lembrança de suas práticas maldosas produz uma sensação de perda, de desamor e de instabilidade emocional deveras intensa.

Nas zonas umbralinas externas encontram-se muitos Espíritos, designados por cidades espirituais, para servir como *Peregrinos do Umbral*. A

sua atividade é percorrer as referidas zonas em busca de irmãos sequiosos por redenção, transmitindo à colônia os pedidos feitos para que, se aceitos, seja enviado um Emissário Superior para retirar do Umbral aquele irmão. Fazem o apoio da retirada e encaminhamento. Caminham pelo Umbral, como regra, em duplas para apoio mútuo.

O destino final inexistente enquanto estiver desenvolvendo essa função. Admite-se, em certas cidades espirituais, que haja voluntários para exercer a tarefa de *Peregrinos do Umbral*. Eles permanecem um período nessas caminhadas, variando do Umbral para o Posto de Socorro e deste para a colônia, a fim de retornar às zonas umbralinas.

Percorrendo esses lugares, os peregrinos procuram mostrar-se como missionários, trajando um manto e carregando um cajado, sem mais adereços. É a forma mais usual para cativar os desencarnados errantes, possivelmente pela imagem que retêm na memória de um pastor ou ministro religioso.

Em seus passos, eles observam as casas montadas de maneira bem artesanal, olhando ao redor e também para o interior, quando tendem a encontrar desencarnados perdidos, assustados, abraçados, sem que seus olhos se voltem a eles. Há um acentuado temor, fruto do materialismo, de perder aqueles escombros onde vivem. Por isso, com muita paciência e vibrando amor, os peregrinos trabalham para demonstrar que ali é um arremedo de vida; que podem dali sair para lugares mais adequados, onde terão o tratamento ideal e poderão, no futuro, aprimorar-se.

O tempo passa e os peregrinos aprendem a lidar com a maldade, conseguindo captar esse sentimento dos desencarnados do Umbral, assim como também têm aptidão para detectar traços de arrependimento; eis os preparados para o resgate.

O tempo corrige tudo, mas é preciso ter resignação, seja na vida material na crosta terrena, seja desencarnado, vagando pelo Umbral. Fosse a evolução uma fábula, tudo poderia ser convertido em segundos, pelo estalar de dedos de um Emissário Superior. Mas não é. A vida, no estágio em que se encontra o Planeta Terra, é um percurso longo, difícil, repleto de obstáculos e, geralmente, vivenciado no âmbito dos sentimentos menos elevados.

Capítulo III - *Alguns aspectos relevantes da crosta terrestre*

Por uma questão didática, não há que se denominar Umbral a crosta terrestre, onde vagam muitos Espíritos sem merecimento para atingir uma cidade espiritual, por um determinado tempo, mas sem toda a culpa que os conduziria diretamente a zonas umbralinas. São Espíritos desequilibrados pelo desencarne, por vezes advindos de acidentes inesperados, doenças fulminantes e outros eventos provocadores do desenlace rápido. Rodam pela crosta até perceberem o atual estado e, com isso, conseguirem estabelecer contato com Mentores amigos, que os encaminham para cidades espirituais ou postos de socorro.

Exemplos não faltam de desencarnados apegados à matéria, que não se permitem libertar-se e seguir adiante. O estágio referente à andança pelo plano material é permitido para que possam auferir consciência de seu equívoco de modo natural. Os Espíritos ignorantes e agressivos são afastados para zonas umbralinas, conforme o grau de involução. Os lugares de maior frequência de desencarnados vagantes, solitários ou em grupos, são os cemitérios, velórios, crematórios e morgues de hospitais. Não é à toa que muitos acreditam serem esses locais *mal-assombrados*. Na realidade, se o termo quer dizer *ocupado* por um desencarnado, nada mais correto. O desespero cultivado pelos encarnados, que se despedem de seus familiares e amigos, é um combustível de imensa capacidade de agremiação, chamando todos os que não têm fé na vida eterna para aquele lugar. Os médiuns, concentrando-se nesses locais, ficariam transtornados, tamanha a abordagem dos desencarnados. Aliás, a simples presença de pessoas, com mediunidade desenvolvida ou não, permite os efeitos físicos, como sons, mobilidade de coisas, ranger de portas e tantos outros efeitos desenvolvidos pelos desencarnados, denominados *fantasmas* em escritos materialistas. Então, durante um velório, por exemplo, pode haver um médium a permitir algum efeito físico, nem sempre notado pelos presentes.

O que se deve fazer nesses lugares? Em primeiro lugar, evitar o desespero, que é alimento para os afitos desencarnados. Em segundo, orar e

pedir aos Mentores que venham conduzir quem precisa. Em terceiro, orar por quem desencarnou. Nada mais. Não se deve perder o controle emocional, pois a saudade que fica não é razão para histerias ou gritarias impulsivas. A perda desse controle fornece aos desencarnados a nítida impressão de que a vida espiritual é ruim, algo desconcertante e prejudicial. A todos é dado o direito de sofrer a morte de um ente querido; lágrimas espelham esse sofrimento. Escândalos não são condutas para os que creem na vida eterna, a única verdadeira.

O ideal cerimonial do espírita, ao perder um ente querido, deve ser o culto à memória e não ao corpo, que não vale mais nada. Então, desencarnando em casa, traslada-se o cadáver ao crematório até a cerimônia de despedida — algo integralmente facultativo. Desencarnando em hospital, há a passagem pelo morgue. Dali, traslada-se para o crematório nos termos já informados. Enquanto o corpo físico se encontra abrigado nas dependências do crematório, como é feito em alguns outros povos, reunir a família e os amigos em casa para relembrar bons momentos do desencarnado é o desejado. Se quem desencarnou é preparado, sentir-se-á atraído pela reunião fraterna, amiga e sensível, e para ali se deslocará. Pode ocorrer um apego ao corpo físico, situação na qual o Espírito vincula-se onde ele se encontra. Mas, mesmo assim, receberá os bons fluidos vibratórios dos parentes e amigos.

O velório não é recomendável, pois se vislumbra um nítido culto ao corpo sem vida. As pessoas olham para o cadáver *como se fosse* o ente desencarnado. Se este estiver presente, ficará chocada, entristecida ou até sofrerá muito por acompanhar o sofrimento das pessoas a quem tanto ama. Espíritos mais elevados, desligando-se do corpo físico, seguem diretamente para cidades espirituais. Nem mesmo são encontrados na cerimônia de despedida, qualquer que seja ela. De onde estiverem, sentem a vibração de amor dos que ficam — e para eles é o bônus maior.

Velar significa tomar conta de algo, vigiar, ficar acordado para zelar ou proteger. Indaga-se: tomar conta de quê? De um corpo sem vida? Os povos variavam bastante a forma de cultuar os mortos; alguns, mesmo antigos, acertavam mais do que as civilizações do presente.

Creumar é reduzir algo a cinzas; significa também dissipar a tristeza pelo ardor do fogo. Auxilia o desencarnado a deixar o corpo, quando a ele se atrela, de maneira facilitada, pois o cadáver desaparece em cinzas. Estas não personificam ninguém. Além disso, impede o sofrimento de alguns de

permanecer ao lado da putrefação do corpo físico. Basta meditar: por que o cadáver se transformaria numa massa devorada por *bichos*? Por que essa degradação ao corpo seria imposta por Deus? Justamente para mostrar que o corpo físico não significa *nada*, mas somente um invólucro, habitáculo do Espírito por um tempo. Se uma casa está velha, pode ser demolida, dando lugar a uma nova. Simples assim. O mesmo se dá com a morte e o reencarne, aliás, demonstrado claramente por Jesus.

A crosta terrestre é a parte habitável do planeta, onde existem o solo e as águas marítimas, fluviais e lacustres. Aí vivem os encarnados, os animais e as plantas. Hoje, constitui um relevante cenário de expiação e provas. Espera-se, para o futuro, a sua regeneração.

Pela crosta terrena vagam desencarnados, que nem mesmo noção de seu desenlace do corpo físico possuem. Não são maus, nem nefastos ou perigosos, porém podem influenciar encarnados para o mal por ignorância. Há milhares deles zanzando pela crosta. Considerando-se uma visão espectral, algo comum a médiuns videntes, os desencarnados fariam parte de um *mundo de zumbis*. Por ser a faixa onde ocorrem as reencarnações, a vibração da crosta terrestre tende a ser neutra, a fim de viabilizar com justiça a existência material.

4.1 Os acumuladores de riquezas

4.1.1 Leonardo

Transitando por uma zona nevoenta, onde ouvia os apelos de vários desencarnados, para que fossem resgatados, embora não detectasse nenhum brilho em seus corações, algo que é impossível simular, e demonstra sincero arrependimento, deparei-me, certa vez, com uma barreira imensa, formada principalmente por galhos, cuidadosamente dispostos. Era um paredão de tocos, ramos partidos e outros objetos, chamando-me a atenção para analisar o ambiente com cautela. Enquanto tentava voltar aquele amontoado de coisas velhas, tudo mesclado, dei de frente com um Espírito enraivecido, vestido com um manto roxo, grossos anéis nos dedos, simulando ouro e pedras preciosas; na cabeça, um chapéu preto com abas torcidas para cima. Tinha ele uma cor esverdeada no corpo, mas logo percebi que se tratava de notas de dinheiro, como a lhe servir de pele. Admito que me surpreendi, pois não conhecia essa forma de aparição. Com os olhos saltando para fora do globo, gritou: — Tudo aqui é meu, absolutamente meu. Dê o fora.

Estranhei, pois não conseguia distinguir nada de valor. Ele não se intimidou e tornou a ameaçar-me: — Saia daqui ou chamo os guardas.

Que guardas? — pensei. Notei, então, que ele construía com galhos, pedras e areia uns *bonecos*, que pareciam soldados, mas, por óbvio, eram seres inanimados. Nesse momento, lembrei-me das lições recebidas na colônia, antes de iniciar o meu trabalho de *Peregrino*, apontando para os que desencarnavam em situação material de enorme riqueza. Passaram a vida *acumulando* bens e não poderiam aceitar a perda de tudo somente porque passaram a viver em outra dimensão. Não havia um único acumulador de riquezas, mas vários, cada qual montando seu forte de proteção às quinquilharias que sua mente projetava, aparentando tratar-se de dinheiro, ouro, pedras preciosas, obras de arte e outras preciosidades que tinham em seu poder na crosta terrena. Naquele caso, por ser o meu primeiro contato, ainda tentei argumentar: — Meu querido irmão, você já não possui bens

materiais aqui. Por que não se liberta disso tudo, arrepende-se de ter sido tão ganancioso e egoísta, e vem comigo?

Ele virou-se de costas para mim e insistiu: — Ninguém vai separar-me de meus bens. Ninguém. Caia fora daqui.

— Qual é o seu nome? — tentei quebrar o gelo.

— Quem quer saber? — respondeu-me de imediato.

— Eu sou um *peregrino*, que caminha por aqui a fim de encontrar quem deseje me acompanhar para um lugar melhor.

— Nem me interessa saber quem você é, na verdade, pois não posso deixar as minhas riquezas neste local; aqueles vizinhos gananciosos roubariam tudo. Observe como me encaram — proferiu, apontando o dedo para outra montanha de sucata a alguns metros dali.

— Mesmo que não queira saber o meu nome, que é Caius, gostaria de saber o seu...

A suavidade da voz e o interesse despertaram algo novo no acumulador de *riquezas*: — Chamo-me Leonardo — disse, com os dentes travados.

— Muito prazer, Leonardo.

O Espírito arregalou os olhos e deu um passo para trás, pois há muito tempo ninguém o chamava pelo nome e muito menos dizia ter sido um prazer encontrá-lo. Em poucos segundos, voltou-lhe à mente os vários momentos em que era saudado o tempo todo por várias pessoas, pois era rico e poderoso.

— O que houve? — indaguei-lhe, já percebendo a sua reticência comportamental.

Por alguns minutos, sobreveio um silêncio conveniente, visto permitir a reflexão de quem estava há muito tempo sozinho.

— Você se chama Caius... — balbuciou.

— Sim, meu amigo. Sei que não me conhece, mas já passei por aqui antes. Naquelas oportunidades não o encontrei.

— Estava escondido. Preciso me esconder para que esses *abutres* — disse, outra vez, apontando aos vizinhos — não tomem tudo o que é meu.

Enquanto ele terminava de falar, um objeto despencou daquela montoeira de coisas, fazendo barulho ao encontrar o chão. Era um pequeno cofre.

— Não ouse se aproximar disso; é o meu tesouro maior.

— De modo algum; não pretendo pegar nada que é seu.

Mesmo desconfiado, Leonardo agarrou o pequenino cofre e emocionou-se. Nesse instante, notei um pequeno brilho em seu coração. Aproveitei a oportunidade: — Esse cofre é muito importante para você, não? O que tem dentro? — indaguei-lhe, mesmo sabendo tratar-se de uma projeção mental sua. Nem sei por que ele confiou em mim, mas suponho ser o longo estado de solidão, que machuca o âmago, congelando os bons sentimentos.

— É onde guardo o relógio de ouro de meu pai. Sei que não vai entender, mas para quem construiu a sua fortuna vindo do nada, é muito relevante possuir amuletos da sorte. Ele deixou-me esse relógio para que eu continuasse o seu legado. E eu o fiz. Multipliquei a sua fortuna a patamares excepcionais; era um milionário conceituado, bem querido e... — hesitou por um momento.

Fitei-o por uns segundos, mas nada falei. Leonardo abaixou a cabeça e parecia chorar.

— Posso fazer algo por você? — resolvi perguntar-lhe.

Ele levantou o rosto e disse: — E nunca tive uma família ou mesmo um descendente para deixar toda essa fortuna. Por isso, vejo-me neste local obscuro, cercado de quinquilharias que precisam ser o meu tesouro; do contrário, eu não sou nada, nada. Você entende isso?

— Completamente — proferi com segurança.

— Acha que faço papel de bobo, não?

— De jeito nenhum. Acredito que você precisa de um tempo para perceber a realidade da vida, que não era aquela, calcada na sua fortuna material. Você está num plano diferente, onde a matéria não vale nada.

Enquanto eu falava, o seu coração voltou a brilhar por um átimo, o que me confortou.

— Você mora por aqui? — ele me indagou.

— Não, a minha colônia está longe, mas eu transito muito por aqui; afinal, é meu trabalho. Aprecio encontrar Espíritos como você para conversar e prestar esclarecimentos importantes.

— Espíritos?

— Sim, o nosso estado atual é esse. Somos Espíritos e esta é a verdadeira vida.

Nesse ponto da conversa, Leonardo assustou-se e retrocedeu: — Não morri ainda. Fui colocado neste local por meus inimigos, que querem tomar

a minha fortuna. Estou aguardando socorro, que virá, por certo, visto tratar-se de pessoa importante como eu.

Não o contrariei, mas também não apoiei a sua falsa esperança. Aqueles lampejos em seu coração deram-me a certeza de que tudo seria uma questão de tempo. Ele estava se preparando para encontrar a realidade de seu atual estado.

— Leonardo, pode ser que, vindo comigo, você perceba outra forma de ver o mundo à sua volta. Não gostaria de tentar?

— E deixar tudo isso para trás? — respondeu, apontando para o monte de coisas que havia projetado.

— Sim, nada disso é real. O seu valor encontra-se no seu coração. Faça um esforço e relembre os momentos da sua vida, quando orou a Deus, quando não precisou da fortuna para vivenciar algumas passagens de felicidade.

Ele titubeou, abaixou a cabeça e começou a mexer o pé direito, como se estivesse a escrever no chão barrento alguma coisa. Era uma cruz.

— Talvez você tenha razão, mas ainda não tenho certeza de nada.

— Não pretendo apressá-lo. Estou sempre por aqui. Virei visitá-lo outras vezes... pode ser?

Ele respondeu afirmativamente, balançando a cabeça, e voltou-se para dentro de seu esconderijo. Eu já tinha certeza de que, em pouco tempo, conseguiria levá-lo comigo para Alvorada Nova.

Posteriormente, já resgatado, soubemos da sua última jornada terrena: *

Leonardo era um rico industrial que se sentia, enquanto estava encarnado, proprietário e possuidor de praticamente tudo que se encontrava ao seu redor. As pessoas eram menos importantes que suas riquezas, motivo pelo qual destratava empregados e fazia questão de nutrir indiferença a outros que o volteassem, mesmo que fossem tão abonados quanto ele. Não se casou, pois nem lhe passava pela cabeça algum dia dividir sua fortuna. Não teve filhos, pois eram vistos como carrapatos a se nutrir dos pais, sem dar absolutamente nada em troca. Afastou-se da mãe e dos irmãos assim que a herança do pai lhe foi destinada, porque não achava justo que os parentes desfrutassem de bens que ele conseguira com seu esforço. Viviu para si mesmo, colecionando obras de arte, pedras preciosas, além de ter uma soma considerável de dinheiro guardado em casa. Como ele, existem vários encarnados mundo afora deslumbrados com o poder gerado pela fortuna. Se Leonardo era solteiro e preferia a vida solitária, outros tantos se casam, mas não dão valor à família; têm filhos, mas nem ligam para a sua existência; exibem riquezas entre os

iguais, em frenética competição de quem pode mais, como se fosse o objetivo maior da vida. Muitos deles, ao desencarnar, sofrem uma decepção imensa e revoltam-se contra Deus — os que diziam acreditar — ou permanecem céticos, sem colocar fé em nenhuma força superior ao dinheiro. Os acumuladores de riquezas são os que ganharam sua fortuna honestamente, mas esbanjaram ambição, ganância e egoísmo. Há os acumuladores de riquezas que ainda foram criminosos, razão pela qual há mais de um peso a carregar. Não conseguem entrar em cidades espirituais antes de dar efetivo valor à vida espiritual e a Deus, que os criou.

4.1.2 Charlotte

Um dia, acordei e não reconheci onde me encontrava, pois não pareceu tratar-se da minha cama, do meu quarto, nem minha casa, nem de nada.

Imediatamente, procurei meu relógio de ouro, uma peça única, artística, feita sob medida para mim, que retiro apenas para repousar. Não o encontrei ao meu lado, nem nas cercanias — que, aliás, eram muito estranhas. Parecia uma rua escura, onde eu me achava sentada no asfalto frio, sozinha, sem ver outras pessoas por perto.

Desesperei-me, sem dúvida. Tentei levantar e apalpar alguma coisa naquela escuridão. Passou-me pela mente ter sido vítima de um assalto, tendo sido lançada em algum lugar distante da periferia da minha cidade. Lembrei-me de imediato como odeio áreas pobres, pois estão cheias de pessoas paupérrimas, querendo se apoderar dos meus pertences. Algo terrível para quem já passou por uma investida criminosa, como eu. Nem quero me recordar agora, pois acho que estou na mesma situação.

— Jooooorge! Jooooorge!

Gritei com toda a força de meus pulmões, pois meu mordomo poderia ter sido aprisionado juntamente comigo e talvez estivesse por ali. Não ouvi resposta, mas comecei a visualizar uns vultos se aproximando. Entrei em desespero e, rapidamente, atirei-me ao chão à procura de outras joias que tanto prezo e guardo comigo, ao meu lado, quase todas as horas do meu dia. Poderiam estar ali. Nada. Começo a gritar por socorro e a chorar de raiva, pois sinto ter sido roubada ou até mesmo sequestrada.

Os vultos chegaram mais perto de mim e eu parei, fiquei totalmente estática; o medo dominava todas as minhas articulações. Fechei os olhos e comecei a rezar. Nem lembrava quais eram as letras daquelas orações formais que ouvia, vez ou outra, na missa; assim mesmo tentei. Fiquei imóvel por uns instantes. Na minha mente desenhou-se a imagem de meus

empregados rindo de mim, pela desgraça agora vivida, enquanto, ao mesmo tempo, pensava em me vingar, demitindo todos eles. Vão para a rua, lugar onde merecem estar!

Ainda de olhos fechados, tentei relembrar qual teria sido a minha falha de segurança para que minha mansão fosse invadida, e eu retirada dali, sem que nenhum alarme tocasse. Não era possível, visto ter investido uma enorme quantia em equipamento de primeira geração tecnológica. Teria sido o pessoal da própria empresa de segurança? Sim, era uma resposta plausível, muito comum em filmes e novelas. Levei a mão à minha orelha, procurando pelo brinco de diamante. Nada encontrei.

De repente, senti algo gélido tocar-me a face; além de um forte grito, afastei o rosto abruptamente e abri meus olhos. Vislumbrei um semblante horrível, parecendo um cadáver, de pele macerada e feições diabólicas. Sentia um misto de raiva, pela perda experimentada, e temor, pelo lugar onde me encontrava. O medo atuou mais forte e saí em disparada; caí e levantei várias vezes, acreditando que mal conseguia andar por causa do salto do meu sapato. Ao mesmo tempo, lembrava que tinha ido dormir e não poderia estar de salto. Minha carreira se dava contra um intenso vento frio, que coroava aquela maldita névoa, fator de apagão do local. Melhor seria se eu estivesse bêbada ou drogada, em uma de minhas maravilhosas festas, porque a sensação era parecida; estar numa bolha de loucuras, vendo somente o que eu queria e sentindo meu corpo todo formigar; poderia fazer sexo naquele estado e entrar em transe, colocando meu corpo à disposição de Lúcifer. Que memórias boas, mas sôfregas àquela altura.

Caí por terra, sentindo um barro mórbido entrar pelas minhas unhas, impregnando de sujeira as minhas mãos. Senti horror de mim mesma e só consegui me lembrar da advertência feita por minhas amigas, para jamais contratar imigrantes como empregados, pois são todos ladrões e invejosos. Aquele ser horroroso que vi há pouco devia ser um deles, quem sabe até o guarda do meu cativeiro.

Estaria na selva, em local distante da cidade — pensei. Dobrei meu corpo em posição fetal, abraçando com força as minhas pernas. Quis encontrar uma explicação para tanta bizarrice e veio à minha mente a mais evidente resposta: era um pesadelo; estava em pleno pesadelo; acordaria em breve e daria boas risadas por conta disso. Resolvi imaginar-me em casa, em meu querido *chateau*, cercada por meus vestidos, bolsas e sapatos estupendos, todos de grife... Sobre o móvel, visualizava muitas joias

brilhantes e caras, testemunhas do meu sucesso como condessa mi-li-o-nária... Esta era eu e não haveria pesadelo a tirar-me desse luxo.

Naquele ponto eu me detive, em formato de caramujo, sentindo frio e medo, mas nutrindo lembranças de tempos pretéritos que precisam voltar. Dizia para mim mesma: “Charlotte, você nem teve filhos para não ter problemas, não estragar seu corpo maravilhoso e muito menos ter um homem por perto, clamando seu direito de pai. O que te aconteceu? Você soube, magistralmente, evitar casar-se, pois homens são egoístas, incômodos e deixam a desejar na higiene; o pior de tudo: querem mandar. Mande-os todos ao inferno, embora tenha casado, por obrigação social, por duas vezes, matrimônios que duraram pouquíssimo tempo.”

Ouvi um barulho estrondoso e obriguei-me a levantar a cabeça. Eram relâmpagos e trovões, raspando aquele céu escuro, como se anunciassem uma tempestade. A cada alumiar do cenário, vultos sinistros surgiam, todos me observando. Queria orar de qualquer modo, mas não sabia por onde começar. Fechei os olhos e somente veio à minha mente a imagem do Padre Rossi, levado até mim por meu pai, sob a pretensão de me ensinar religião. Acho que nasci materialista e minha única crença era o dinheiro; dei de ombros ao sacerdote e também a todos os que insistiam nisso. A igreja era formada por sanguessugas, ávidos por riquezas, as quais seriam destinadas aos pobres... Pura mentira, pois os altares eram bem ricamente adornados.

Estava zonha de tanto pensar e relembrar situações que não voltariam mais. Queria sair dali a qualquer custo, mas me sentia atrelada àqueles vultos, sabe-se lá por quê. Paris havia sofrido um ataque nuclear? O que explicaria aquela escuridão?

Após o período necessário a abrir, realmente, seu coração e sua mente, reconhecendo o desencarne e, conseqüentemente, vários de seus erros, ela foi resgatada.

*

Eis sua história na última reencarnação: *Charlotte desencarnou enquanto dormia. Morava em Paris em um pequeno castelo. Casou-se duas vezes apenas para cumprir ritos sociais. Não teve filhos, pois nem concebia a ideia de dividir alguma riqueza com outra pessoa. Sua vida era fútil, pois repleta de festas, cultivou da beleza física e convívio superficial com amigas de igual naipe. Possuía título de nobreza, o que a tornava, na sua concepção, muito distante do povo. Os bens materiais constituíram a sua motivação para viver. Seus pais tentaram*

aproximá-la da igreja, mostrando-lhe o lado espiritual da vida, mas foram rechaçados sempre. Ela convivia com pessoas igualmente materialistas e há muitas no plano material. Mais difícil lhe era encontrar uma amizade do seu nível material, com consciência da vida espiritual e de caridade, solidariedade e fraternidade. O materialismo e a soberba a cegaram para a verdadeira vida.

4.2 Os abusadores do sexo

4.2.1 Marta

Assim que acordei de um sono perturbado, comecei a coçar a minha vagina, sem parar, de maneira enlouquecedora, como se houvesse uma enorme concentração de feridas horríveis a me exigir medidas drásticas. Havia uma tênue luz no local onde me encontrava e, com isso, conseguia notar as lesões vermelhas em meu órgão genital. Em primeiro momento, pareceu-me uma infestação de bichos nefastos... sei lá, piolhos, pulgas, carrapatos. Mas logo concluí não ter estado em fazendas ou sítios, apenas trabalhei, com muito ardor, em meus aposentos, tudo muito higienizado e limpo. Era ridículo estar coçando — e muito — a minha vagina.

Atordoada pelos lancinantes comichões, nem notei que estava encostada a uma pedra enorme e fria, de onde podia avistar vários vultos passando de um lado para o outro, sem se preocupar com a minha presença. Continuava torturada pela marcha incessante desses bichos, de um lado para o outro, levando-me à loucura, pois coçar era inútil. Busquei concentração para entender a origem daquele estado lastimável e logo focalizei meu alvo: aqueles vagabundos que pagavam barato e eu, burra, aceitava. Deviam estar contaminados, fétidos e nojentos. Que ódio eu senti.

Não podia furtar-me às reflexões do meu passado. A minha profissão sempre foi bem exercida, pois a partir dos 14 anos a minha própria mãe indicou-me clientes e, assim, nunca mais precisei me sustentar de outra maneira. As minhas irmãs também desempenhavam essa função, a prostituição. Que mal se poderia fazer usando um órgão genital para uma profissão? Nenhum, sempre achei, mesmo que se captasse o homem na rua ou em qualquer outro local. Havia solteiros, casados, divorciados, viúvos, todos à nossa procura. Sempre me considerei um alento a muitos sofredores, mal-amados e rejeitados. Era um trabalho muito decente.

Será que eu poderia danificar relações estáveis ou casamentos? Nunca acreditei nisso, pois inexistia amor nesses contatos, mas satisfação sexual. Se alguma relação matrimonial se perdeu, jamais foi culpa minha. O meu caminho era muito simples: vender sexo.

Não constituí família, pois sempre achei uma hipocrisia ter um marido ou filhos enquanto estivesse na rua caçando clientes. A minha jornada não foi formada por flores; era pesada. Eu tinha que participar do submundo

onde vivia, revendendo drogas e usando-as, pois vários clientes assim pediam. Acho que me viciiei em sexo e drogas.

Sob qualquer aspecto, acredito estar cem por cento correta. Uma prostituta não tem de ir à missa, nem fazer caridade... Não somos freiras, mas comerciantes. O nosso objetivo maior sempre foi ter dinheiro para suportar a velhice solitária; ninguém gosta de meretriz velha. Um pico na veia, no entanto, qualquer um gosta e eu aprendi a fazer isso com muito jeito. Poderia envelhecer no mercado de drogas, cada vez mais experiente.

Uma colega era de uma religião cujo nome nem sei; ela me dizia que iríamos para o inferno quando morrêssemos. Eu a ouvia, mas fingia que não; afinal, quem gosta de saber que seu futuro será horrível? Além de vender meu corpo, apanhei várias vezes e, quando podia, dava o troco e cortava o cara. Fugia da polícia, mas terminei presa algumas vezes.

Quem odiava o nosso trabalho eram pessoas frustradas. Os meus clientes sempre foram agradecidos... quase todos. Mantinha tudo muito limpo e sempre fui bom ouvido para as reclamações de maridos frustrados e velhos impotentes. Atendia até as mulheres que nos desejavam; nunca ouvi de ninguém que estaria estragando o casamento delas; parece que o sexo entre mulheres é mais aceito... sei lá. Muitas mulheres querem ser ouvidas, isto sim, algo que não conseguem com os companheiros. Ali estava eu para ouvir e ouvir, enquanto a cliente abria o seu coração, dizendo que os homens eram brutos e rudes; e somente eram gentis antes do sexo. Oportunistas baratos.

Em alguns poucos momentos, cessava a coceira e ela olhava bem ao redor, como se estivesse reconhecendo algo. Fechava um pouco os olhos e voltava ao passado.

Fico pensando... qual a diferença do meu trabalho, ouvindo meus clientes em seus mais profundos desabafos, com o carinho que lhes dava em troca, em relação ao que podiam fazer aquelas pessoas de branco, que entendem de mente humana? Ah, o mundo é... Parou um instante, olhou novamente ao redor e disse: o mundo era muito complicado e cheio de preconceitos. Fui xingada de todos os nomes e meu orgulho atirado na latrina dezenas de vezes. Podia até salvar um casamento, dando bons conselhos ao cara. Mas isso não contava. Também, pudera, estar nessa vida nos levava a comercializar drogas, praticar agressões e até furtar clientes em épocas difíceis.

Sentindo-se cansada, lembrou ter passado toda a existência material sozinha. Viu-se solitária naquele momento e resolveu acolher aquelas ideias da sua amiga religiosa. Pensou em Deus. Abaixou a cabeça, arrependendo-se de uma trajetória tão negativa.

Surgiram dois vultos diferentes do meio da névoa, pois havia brilho no seu entorno; conforme caminhavam na sua direção, os vultos escuros fugiam assustados. Um deles aproximou-se: — Você se sente melhor?

Aquela voz harmônica e suave acalentou-a.

— Sim, um pouco.

— Percebe quando começou a se sentir assim?

— Acho que quando pensei em Deus e notei que fiz muita coisa errada na vida.

— Exato. Você finalmente abriu seu coração e permitiu nossa aproximação.

— Quem são vocês?

— Somos peregrinos. Eu me chamo Caius; meu amigo é Heitor.

— Eu me chamo Marta. Posso lhe fazer uma pergunta?

Caius acenou a cabeça, afirmativamente.

— Estou morta, não estou?

— Você se encontra no plano da verdadeira vida. Já não está na crosta terrestre.

— Como foi que eu morri?

— Fique calma, tudo tem o seu tempo. Olhe aquela luz a brilhar no céu...

Foi o sinal para a partida a um Posto de Socorro, onde Marta haveria de passar por um estágio, antes de seguir a uma cidade espiritual. A sua vivência terrena foi marcante: *

Marta viveu, desde a adolescência, imersa na prostituição. Foi mal orientada pela mãe e não conheceu o pai. Os irmãos espalharam-se pelo mundo. Ela chamou a si uma carga imensa de materialismo da pior natureza, visto que se envolveu com drogas, agressões e furtos. Nunca teve religião, mas apoiava-se em alguns ensinamentos da amiga, com maior conhecimento no assunto. Foi uma chave relevante para chamar a Deus no momento de seu arrependimento. Os seus vários equívocos haverão de ser reparados com o tempo.

4.2.2 Gustavo

Desde cedo, considerei-me *bonitão*; meus pais apontavam-me aos amigos e diziam: — olhem, que lindo! Puxar o pai ou a mãe era indiferente, pois ambos eram esculturais. Isto terminou por significar o nascimento da minha soberba e da minha vaidade precocemente. Incentivado por uma educação machista de meu pai, com a aquiescência da minha mãe, colecionei namoradas desde a infância até a fase adulta. A única pessoa em casa a ser contra o meu procedimento era a minha irmã. Mas, pobre dela, não herdara a beleza natural dos nossos pais.

Na adolescência de uma época saudável, sem enfermidades tão graves, dei início à minha vida sexual com uma prostituta, e quem patrocinou o programa foi o meu genitor. A partir disso, ninguém mais conseguiu me segurar e eu passei a considerar o sexo como um instrumento de poder e controle, que, associado à minha beleza física, davam-me a glória de ser o mais belo rapaz do colégio. A minha autocrítica era mínima, basicamente, inexistente. Lidava com as garotas como se fossem objetos; tratava-as bem até levá-las para a cama; depois, na maioria das vezes, nunca mais queria nem mesmo trocar palavra com elas. Poderia ser rotulado de rude ou mesmo machista, mas isso não me impediu de ter tantas namoradas quantas eu quisesse.

Terminando a faculdade, seguindo a *onda* dos amigos, terminei buscando uma moça para o casamento — era um dos sonhos dos meus pais. Assim o fiz. Casei-me com uma moça bonita e sensível; a sua delicadeza no trato era a maior referência. O que fiz? Tudo de errado que se possa imaginar em matéria de abusos no campo sexual. A traição começou na lua de mel. Enquanto ela tomava seu desejado banho de sol naquela linda praia, eu estava com outra garota, trancado num dos banheiros por perto, em relação sexual. Passamos uma semana num maravilhoso hotel praiano e me recordei de tê-la enganado umas quatro vezes.

Cheguei a contar as minhas aventuras ao meu pai, que ficava feliz, incentivando-me, pois ele também fora assim. *Um garanhão como todo homem deve ser* — dizia. A minha mãe de nada sabia e a minha irmã desconfiava, mas nada podia fazer.

Tivemos dois filhos — um casal. Como pai, deixei muito a desejar, pois a parte mais importante da vida era a minha própria existência e bem-estar. O meu egoísmo vaidoso parecia incontrolável. Diante disso, cuidava do meu corpo por quase todas as horas livres do meu dia; o restante dedicava ao trabalho; em casa, não tinha tempo para nada, nem filhos, nem esposa.

Comecei a formar um rol de mulheres que poderiam ceder aos meus encantos e essa passou a ser a minha nova meta. Conquistar, usar e largar. Amante fixa? Pura complicação. Então, persegui colegas de trabalho, vendedoras de lojas, garotas da academia, garçonetes, atendentes de comércio, enfim, bastava um rabo de saia e era suficiente. A minha irmã, um dia, perguntou-me se o que eu fazia — ela sabia de algum jeito — era moralmente aceitável. Eu lhe disse: “Moral? Nem sei o que é isso...” E dei boas risadas. Houve época na qual senti que minha esposa passou a ter plena noção da minha vida de devassidão sexual e, a partir daí, ela se tornou mais calada e distante. A mim não causou problema algum, pois aquele era um casamento de fachada.

Do modo que me cuidava — cabeleireiro semanal, *spa* e academia todos os dias, roupas novas semanalmente, as melhores vitaminas e nutrientes do mercado — eu iria bem longe na minha ímpar beleza. Porém, ao envelhecer, pensava, passaria por cirurgias e tudo se arranjaría. Ao final, teria dinheiro suficiente para *comprar* o sexo como bem quisesse.

Vivi essa longa vida ilusória bastante tempo, até o dia em que resolvi ousar demais e tive relacionamento sexual com uma colega de trabalho, na casa dela, no leito do casal, enquanto o marido viajava. Infelizmente, ele retornou mais cedo e não tive chance. Um tiro no peito encerrou minha trajetória. Não sei para onde ele foi, mas eu acabei no Umbral.

Passei a ser atormentado por imagens contínuas de sexo de todos os prismas e níveis. Sufocava de pavor só de pensar o quanto estava necessitado, materialmente, de relacionamento sexual e não mais o tinha, além de nem de perto voltar a sentir um orgasmo. A ansiedade transtornava-me; sentia um calafrio constante e nem mesmo apreciava olhar para mim mesmo, pois o peito vivia sangrando, ao mesmo tempo que minha aparência se transformou para pior. Caí, fui derrubado, derrotado.

*

Gustavo nasceu em berço de ouro. A sua prova consistia em lidar com a beleza física invulgar e, ao mesmo tempo, com a riqueza material. Não conseguiu vencer nem uma nem outra. Deixou-se tomar pela vaidade, pelo orgulho e pelo egoísmo. Vivía, desde cedo, para si mesmo. Utilizava o amor somente pelo seu lado físico, em atitude nitidamente materialista. O sexo foi sua queda. Embora assassinado, terminou no umbral nebuloso.

4.2.3 Emilly

Sou uma viciada em sexo. Em termos mundanos, quando estava encarnada, era considerada *devassa*, para dizer o mínimo. Mas não era uma prostituta; nunca vendi meu corpo; tudo era prazer. Aliás, nem consigo compreender o motivo pelo qual fui lançada a este antro de perdidos. Sou uma mulher de família, tive berço de alta estirpe, amigos de cultura inestimável. Papai era um descendente de família real e mamãe de família nobre. Nunca entendi a razão pela qual tantos chamamentos me eram feitos no tocante às minhas vontades sexuais; elas são minhas, um assunto particular, íntimo, protegido pelas leis do meu país. Desde adolescente, adorava iniciar os meninos às práticas sexuais; gostava também de fazer o mesmo com as meninas. E daí? Por que o preconceito? Todos podem *curtir* o sexo livremente, sem quaisquer amarras, pois o mundo livre e democrático assim permite.

Houve um problema... Casei-me. Nesse enlace surgiu aquilo que se chama *fidelidade*, nem sei por que, mas era real. Participei de um evento maravilhoso, pois meus pais patrocinaram um casamento impressionante, repleto de formosuras, guloseimas, bebidas, decorações, enfim, um castelo de fadas à minha disposição. Meu noivo? Era um desses descendentes de famílias boas. Se eu o amava? Do mesmo jeito que amava o sexo, nada mais, nada menos. Durante a festa de casamento, mantive relacionamento íntimo com meu primo e nem me dei conta de qualquer erro, afinal, estava em família.

O sexo não pode ser transformado em prisão ao ser humano. Não é simples? Contatos sexuais são notoriamente benéficos à saúde e eu sempre me vali disso para viver a minha vida. Quem denominou o que vem a ser *traição*? Quem a designou como falta ou pecado? Por quê? Não compreendo e não aceito, nunca aceitei. Observo-me em zona enegrecida, volteada de parceiros sexuais, com os quais, infelizmente, não consigo finalizar o ato. Sempre norteei minha existência, em patamar principal, pelo orgasmo. Agora, vejo-me lançada num lamaçal de emoções e sentimentos nos quais há absoluta esterilidade. Vinculo-me, sexualmente, a seres masculinos e femininos, mas não atinjo o orgasmo. Ao contrário, sinto-me presa ao sexo sem ter o benefício.

Paira o ódio em minha mente por me sentir manietada, coibida, impedida, sim, de ter prazeres carnis positivos. Alguns me alertaram que já não sou mais do plano material, logo, não terei, nunca mais, esses prazeres...

Como acatar esse propósito, frio e insensível, visto que o ser humano nasceu para o sexo? Não confio mais em nada. Vivo arredia, com ódio em meu coração; sim, odeio quem quer que seja o responsável pela minha atual vivência. Nada fiz por merecer esse tratamento cruel de ser privada dos prazeres sexuais e arrastar-me de modo solitário pela escuridão. Não me conformo e nunca o farei.

*

Emilly era filha de nobres ingleses e foi mal orientada pelos pais, em face da ausência de regras, distanciamento amoroso e imposição de limites. A sua prova era justamente vencer a ninfomania que, em vida passada, já a tinha levado a trágicas consequências. Obteve, porque assim pediu, a oportunidade de reencarnar em família ajustada, para vencer esse desvio comportamental sério. Assim foi feito. Seus pais eram presentes, assim como os irmãos, mas cultivavam a frieza de costumes, delegando a serviços o trabalho tão relevante de educar os filhos.

Eis que sua jornada não poderia ser perfeita, pois a ninguém é dado o caminho ideal, livre de obstáculos, para vencer etapas e progredir espiritualmente. Reencarnar significa, por si só, reviver várias diatribes em relação à sua própria jornada. O estágio na crosta terrena não trouxe a Emilly a superação aguardada e ela passou a existência insistindo no mesmo mal que a vitimou anteriormente. Seus pais têm culpa parcial nesse comportamento, visto que poderiam, com amor e proximidade, ter evitado vários momentos de queda da filha. Não cabe julgá-los, pois cada um haverá de quitar a sua dívida a seu modo.

Emilly é um caso de reencarnação sucessiva, pelo mesmo mal, fracassada por completo. Ela não possui nível vibratório compatível com a vida em colônia espiritual, devendo expiar seus erros em regiões umbralinas para, depois, ser acolhida como todos os Espíritos errantes, um dia, o são. Habita atualmente o umbral nebuloso.

4.3 Os abusadores da alimentação

4.3.1 Phillip

Em soturno canto ao lado de denso conjunto de árvores retorcidas, sem qualquer vegetação, podia-se visualizar um enorme vulto, roliço e pesado, quase implantado no chão barrento. Ali campeavam as reflexões sofridas de um desencarnado.

O ranho descia de meu esgarçado nariz, peludo e grande, mas eu o lambia todo, como se fosse um creme da melhor confeitaria, pois sempre fui guloso e estava faminto. Vivi minha vida para comer e beber, beber e comer, até não poder mais engordar e nem se levantar da cama (risos nervosos). A minha fenomenal barriga ocupava todo o espaldar de um monte de barro à minha frente e eu não conseguia me mexer; sabia que tinha morrido, porque não mais podia comer, algo que sempre quis; ali, eram restos atirados por aqueles desgraçados vagantes — e não me satisfaziam.² Eu sempre supus ter explodido quando saí da vida, pois meu tamanho era impressionante. Estava paralisado como sempre estive; senão em cima de uma cama, depois nessa pedra imensa e escura. Havia uma diferença, no entanto, pois ali era muito mais quente e isso me incomodava; minha pele se soltava, em camadas, parecendo o véu de uma noiva, enquanto minha testa expelia um suor estranho, esverdeado e gosmento. Morria de novo, agora de fome.

Recordo-me da minha rotina diária. Assim que acordava, antes de mais nada, exigia o meu lauto café da manhã, servido pela minha mãe; ela ficava de prontidão para isso, pois eu a ofendia muito se tivesse que esperar pelo desjejum. Após engolir aquele imenso prato, com vários ovos fritos, tiras de bacon, pães esmagados no caldo da gema dos ovos, tomates cozidos e coxas de frango, eu estava saciado por algumas horas. Nesse ínterim, minha mãe passava à fase da minha higiene pessoal; não que eu ligasse para o cheiro ou para a limpeza em si, mas tinha que concordar porque se formavam feridas enormes embaixo daquele gigantesco excesso de pele, encontrado em minhas pernas, braços e barriga. Havia dias nos quais eu nem conseguia ver os meus pés. As excreções eram também conduzidas por minha mãe, com material hospitalar. Se eu a agradecia por isso? Nunca achei que precisasse, pois ela me colocou no mundo e tinha a obrigação de cuidar de mim em todos os aspectos.

Preferia estar vivo — e não largado aqui neste lugar imundo. Deveria poder comer muito, como sempre, sem ninguém a impedir. Por que engordar seria um erro? Quem inventou isso? Nunca ofendi ninguém. É certo que fiz minha mãe trabalhar por mim desde que nasci. Meu pai não aturou e foi embora — azar dele. Meus irmãos também não aguentaram; diziam que eu escravizava a nossa mãe — problema deles.

Estruturei minha vida para comer e beber; se gordo fiquei era um problema somente meu. Era o *meu* prazer. A verborragia dos magros sempre me sou irritante; querem um mundo somente para eles e criticam as pessoas com sobrepeso, tais como eu. Muito ódio senti e recolhi-me em meus próprios interesses, sem jamais me preocupar com outra pessoa; houve uma guerra surda entre mim e eles, a sociedade que tanto me recriou. Diziam-me que eu estava me destruindo. Ora, respondia, a vida era minha e só minha. Se eu quisesse acabar com ela o problema era integralmente meu. Suicida eu? Só rindo.

A verdade pura e simples é que Deus nunca foi justo e deixou de proteger gordos como eu. Sinto-me traído e repilo, como sempre fiz, qualquer sacramento ou oração idiota. Na minha visão, minha mãe tinha a obrigação de desenvolver aquele trabalho; foi ela quem me pôs no mundo.

Nem sei por que vim parar neste lugar horrível. É outra mostra do preconceito contra obesos... Quero sair daqui e exijo auxílio imediato, pois estou esfomeado.

*

Após o período necessário para a sua conscientização do suicídio inconsciente (no seu caso, porém, quase uma certeza), que cometera, Phillip foi resgatado. A sua história terrena foi triste, pois ele teve muitas oportunidades para evitar o seu desenlace precoce. Phillip era um obeso mórbido, que viveu nos Estados Unidos. Nasceu com peso normal e assim viveu por longo período. Possuía um temperamento irritadiço e egoísta; queria tudo o que não poderia ter; afastava de si as pessoas que buscavam apoiá-lo. Diante de um mundo cercado de “nãos”, ele começou a ativar a sua linha de escape na alimentação. Não soube lidar com a naturalidade da existência humana, em sociedade, cada qual desenvolvendo o seu papel, dentro das regras de convivência. Aos poucos, foi engordando sem parar e sabia exatamente o que estava fazendo; por vezes, percebia que a sua obesidade incomodava seus familiares e isso o deixava contente. Conforme atingiu a fase adulta da sua vida, expulsou todos que criticavam construtivamente o seu estado e

*passou a viver apenas com sua mãe. Dominou-a por completo, com chantagem emocional. A sua obesidade não decorreu de enfermidades, mas de seu livre-arbítrio. Consistiu no seu grito de irrisignação contra a “injusta” vida. Ele percebia chamar a atenção quanto mais comia e bebia. Por sua atuação, a família se desfez. O seu egoísmo só permitia que enxergasse o seu próprio bem-estar. Vizinhos amigos — que ele nem mesmo reconhecia como tais — faziam suas compras. Nunca soube expressar gratidão a ninguém. A sua própria incompreensão em face da justiça divina produziu as vibrações que o levaram ao Umbral em situação difícil, mas necessária, pois jamais se ajustaria a uma colônia no momento de seu desencarne.*³

4.4 Os desonestos

4.4.1 Richard

Nas lembranças vívidas de Richard, dominavam as imagens de seus diversos golpes em clientes idosos, os seus preferidos, além de mulheres sozinhas, ingênuas, crédulas, as quais poderia ludibriar à vontade.

— Como está hoje, Sra. Becker? Seu marido melhorou? — indagava Richard, aproximando-se da casa.

— Está melhor, meu caro. Sob a bênção de Deus, está melhor.

Mais próximo, torcendo os olhos nas suas órbitas, respondia: — Deixe Deus de lado, Sra. Becker. O importante é este elixir que consegui a preço de ouro e realmente pode curar o Sr. Becker.

— Mas é tão caro para nós... — resmungava baixinho a velha senhora.

— Vale o preço da vida de seu marido? — rapidamente redarguia Richard.

A idosa ficava logo com remorso e negava, peremptoriamente, que aquele *remédio* era caro; na verdade, era até barato demais, pois poderia curar seu querido esposo.

— Quantos mais temos de adquirir, *Herr* Richard?

— Fiz alguns cálculos e penso que serão necessários mais 60 frascos, de imediato, afinal, ele toma um por dia.

A senhora Becker recolheu-se e voltou com uma quantia em dinheiro amassado, parecendo ter saído de um pote de algum cereal. Richard nem se importava com isso; recolheu aquele dinheiro e prometeu voltar, levando os 60 frascos. O elixir era um engodo e, na verdade, nenhuma melhora causava no doente; entretanto, para uma enfermidade tão cruel e fatal, não havia quem não confiasse a cura a outros instrumentos, quaisquer que fossem. Richard possuía uma argumentação tão sólida quanto inteligente e conseguia vender as suas drogas sem ser perturbado por algum médico ou questionado pelos pacientes. Ele atuou muitos anos em hospitais, entregando amostras de remédios a médicos; depois, gerenciou um repouso de idosos, onde descobriu o ponto fraco das pessoas velhas, que, em grande parte, é a busca por atenção. Namorou mulheres mais velhas e solteiras, deixando todas elas endividadas pelos seus gastos excessivos; ao cabo de um ano, no máximo, desaparecia e trocava de nome. Enfim, era um trapaceiro de primeira qualidade.

Vangloriava-se disso em sua casa, narrando à mulher e aos dois filhos como a esperteza domina o mundo e que todos devem saber cultivá-la para sobreviver. Ocultava, por certo, detalhes mais terríveis de seus logros, mas, na essência, terminou provocando desvios comportamentais em seus filhos adolescentes, justamente por conta de seus ensinamentos errôneos. Um dia, viu-se acometido de um mal súbito. Dirigiu-se ao hospital, onde, após semanas, desencarnou.

Quando acordou, forçou a visão para entender onde se encontrava. Tratava-se de um imenso vale de sombras, onde podia ver espectros de um lado para outro, desenvolvendo as mais medíocres atividades do cotidiano. Alguns simulavam comer fartamente ao redor de uma mesa repleta de alimentos, que inexistiam. Outros praticavam sexo sem parar, buscando o orgasmo que, naquele local, nunca iriam sentir. Brigas eram o cenário da região. Agressões verbais e simulações de lutas físicas constituíam uma rotina. Os Espíritos atacavam com ferocidade uns aos outros, mas as máculas não eram autênticas, porém psicomentais, o que era suficiente para gerar sofrimento.

Todos os chamados prazeres terrenos eram ali tentados e muitos reiteravam dia após dia sem nada obter. Uma grande ilusão, percebia eu. Olhando ao redor, via-se uma casa, uma pretensa mesa farta e desencarnados lutando pela comida. Do outro lado, uma cama gigante, onde havia uma orgia, sem que ninguém atingisse nenhum prazer. Para outro campo, vislumbrava-se um desencarnado dando ordens para vários outros, simulando uma empresa, ao passo que os mais fracos seguiam ordens inócuas e os mais fortes as emitiam.

Richard achou-se imerso no mundo da fantasia. Nesse local, situado em zona nebulosa do umbral, os desencarnados representam perigo menor e são muito iludidos. Por isso, simulam vários ambientes que existem na crosta terrestre, sem conseguir a sua reprodução fiel, nem os efeitos desejados.

— Ei, rapaz — gritou um dos presentes.

Richard olhou de lado.

— É você mesmo; não se faça de bobo.

Ao fitar quem o chamava, deparou-se com a figura de um palhaço maltrapilho e de maquiagem borrada, com botões quebrados e botas rotas. Esse Espírito indagou-lhe: — O que aprontaste para se unir a nós neste *maravilhoso* vale sombrio?

A pergunta soou perturbadora a Richard, pois nem ele sabia o motivo de se encontrar naquele lugar estranho. Flexionou a cabeça e os ombros, dando a entender a sua completa ignorância.

— É difícil assumir os erros, não? Eu sou um palhaço... Divertia pessoas... Como posso estar aqui?

Richard, ainda assustado, permaneceu paralisado, sem condições de responder.

— Trabalhava num circo e o meu maior prazer não era fazer a plateia rir... mas, sim, dormir com todas as mulheres que ali habitavam, pouco me interessando se tinham marido ou não. Você agiu assim também?

— Não... — balbuciou Richard.

— Então, o que fez para vir para cá? Seja corajoso e diga logo.

— Eu não fiz nada... Nem sei o que faço aqui...

— (risos) Está morto, meu caro... É seu primeiro passo para deixar de ser tolo. Entendeu o que lhe digo? Morto, mortinho, defunto, cadáver.

Incomodado, Richard logo emendou: — Sei bem o que é estar morto... Lembro-me do hospital e do diagnóstico médico... Sabia que poderia morrer.

— E foi o que aconteceu. Mas nem todos vêm para cá. Você deve ter um dom especial, como eu, para irritar os anjos (risos).

— Anjos? Por acaso estou no céu?

— Muito pelo contrário... Isto aqui é um inferno.

— Mas é o inferno? Aquele lugar repleto de fogo com um diabo a nos perseguir?

— Olhe ao seu redor... Vê labaredas de fogo? Vê algum diabo? Aquele inferno é tolice, o que não significa que isto aqui é um lugar agradável. Sofremos a falta de tudo o que tínhamos na vida material.

— Por que falou em anjos, então?

— Porque eles caminham por aqui vez ou outra. Fazem perguntas. Anotam. Observam e vão embora. Acho que nos desprezam. E, se você veio para cá, é porque os irritou.

Richard, àquela altura, estava confuso e forçava sua memória para se recordar do que fizera durante a sua vida no plano físico. Não tardaram as imagens das suas vendas de elixires inúteis, dos namoros extraconjugais com a retirada de posses das vítimas e tantos outros desvios comportamentais. Abaixou sua cabeça e chorou. O palhaço franziu a testa, virou-se e partiu para dentro da escuridão.

Na vida terrena: *Richard era um representante de vendas muito eficiente. Tinha família — mulher e dois filhos — residindo na Alemanha. As suas condutas profissionais eram evadas de vícios e ele ludibriava a maioria dos clientes. Nunca foi descoberto para a justiça dos homens, mas não escapou da avaliação divina. Além de adúltero, enganava e deixava na miséria muitas mulheres com as quais se relacionava. Desencarnando, o seu nível vibratório era compatível com o umbral nebuloso para onde foi conduzido. Não foi necessário muito tempo para que se arrependesse, obtendo, então, o encaminhamento para o Posto de Socorro.*

4.4.2 Juan

— Eu me chamo Juan. Trabalhei toda a minha vida, no plano físico, em repartição pública, concedendo alvarás para construções e reformas. No entanto, jamais deixei de cobrar um *acréscimo* pelos seus justos e prestimosos serviços (risos). Alguns chamam propina, outros gorjeta, enfim, um mimo. Seria corrupto para algumas pessoas; são aqueles que não entendem os poucos vencimentos de um funcionário público; são os que não compreendem a necessidade de termos *algo mais* para a nossa subsistência. Qual o problema? Todos cobram tudo de todos. O mundo é assim e eu somente fiz parte dessa máquina desgastada e imoral.

Vivia em país latino-americano, onde os servidores públicos eram acostumados a vivenciar a prática da propina.

— Eu cobrava pelos meus *especiais* serviços, afinal, desdobrava-me para atender todos os clientes. Passava da hora do meu expediente e ali estava eu, trabalhando sempre. Por que não poderia receber a mais por isso?

Veza ou outra, algum familiar o questionava: — Tio, não consigo aceitar essas desculpas que o senhor *inventa* para justificar os subornos que recebe.

— Que nada. Nada disso é *suborno*. Cuida-se de uma taxa de urgência, porque eu acabo trabalhando fora do expediente para atender todo mundo.

— Mas isso é irregular; quem não lhe paga, o senhor atende?

— Atendo, lógico. Porém, deverão esperar mais tempo.

Por mais que sua sobrinha argumentasse, Juan não cedia. E também não ouvia a mulher, o filho único, nem qualquer outro parente.

— Vocês não entendem. Sou funcionário público, pago para trabalhar algumas horas do meu dia. Ora, se resolve trabalhar mais tempo, para

atender todo os pedidos, é natural que deva ganhar mais. Tudo isso é uma questão de lógica.

*

Juan passou toda a sua jornada de trabalho, no plano físico, como funcionário público e nunca deixou de cobrar propina pelos seus serviços, que ele, inutilmente, denominava “extras”. A corrupção de um servidor público apura-se justamente quando ele deixa de se contentar com o seu salário e passa a exigir ou aceitar somas indevidas, por parte de usuários do serviço público. Ele se manteve nessa toada a vida toda e outro não foi o seu destino senão o umbral nebuloso.

4.5 Os suicidas inconscientes

4.5.1 Manoel

— Pare de fumar, *homi* de Deus. *Cê* parece uma máquina, é um cigarro atrás de outro.

— Branquinha, não se meta nisso. É o meu prazer. Você sabe bem disso.

— Sei que *ocê* tem muito prazer demais. Quando *num tá* fumando, enche a cara de cachaça.

— Uai, outro prazer meu, *muié*. Me deixa em *paiz*.

— *Num* paro de falar quando vejo bobagem. E a comida? *Ocê* come mais que todos os nossos *fios* juntos. Tá gordo... Mal consegue respirar direito.

— *Êta*, larga do meu pé... São as delícias da vida. Se você *num* gosta, deixa os outros.

Comer muito, beber demais, fumar bastante. O caseiro Manoel ainda era sedentário, pois a sua tarefa era cuidar de uma chácara cujos proprietários já não a usavam há anos. Uma casa de campo esquecida. Moravam ali, àquela altura, somente o casal, pois os filhos já tinham partido para outros lugares.

Tratava-se de uma vida simples, sem luxo, honesta, mas repleta de elementos destrutivos do corpo físico, utilizados sistematicamente. Em certa ocasião, Manoel foi dormir e não mais despertou para a vida física.

Acordou de um sono profundo e viu-se cercado de desencarnados curiosos, querendo saber o que ele fazia ali, pois não encontravam, em seu perispírito, marcas profundas ou intensas de vida errante.

A sua primeira reação foi fechar os olhos, esperar alguns minutos e reabri-los, certo de que aquilo poderia ser um simples pesadelo. Mas não era e a visão continuava idêntica: os vultos o cercavam e ele avistava uma terra devastada, barrenta, formada por aclives e declives, além de tocos espalhados por todos os lados. Não havia sol, nem lua, nem sequer uma estrela. A escuridão reinava e a tênue luminosidade vinha de um lugar distante. Havia, ainda, em alguns pontos, labaredas de fogo. Noutros locais, o brilho de seres que caminhavam por ali e, ao passar, deixavam o ambiente claro e argênteo. Tudo lhe parecia muito estranho; passou a questionar-se se

estaria morto. Todo o tempo lhe foi concedido para formar as suas ideias, pois naquela zona umbralina, como em outras, não há pressa para nada.

Chegou à conclusão de que estava *morto*, mas não entendia a razão de não se encontrar no *céu*, prometido pelo padre da sua paróquia a pessoas tão boas quanto ele.

— Manoel — dizia o padre — ninguém mais merece o céu como você, que tanto contribuiu para a nossa Igreja.

Ele olhava para os lados e via um lúgubre cenário. No umbral nebuloso, onde se encontrava, havia construções próximas às existentes no plano físico, o que o deixava intrigado. Teria ele percorrido longo caminho entre a vida e a morte para chegar a um lugar comum, sem nenhum toque divino ou celestial? Acreditava estar numa espécie de inferno, o que concluía a muito custo, por considerar ter sido uma boa pessoa.

Manoel fora probo, honesto e dedicado ao seu trabalho. Até mesmo confiança na vida após a morte ele tinha, tanto que doava boas quantias à Igreja, para *assegurar o seu lugar no céu*. Mas estava imantado de fortes desejos materiais viciosos. Sentia-se envolto pela terrível fome de quem desfrutava de pratos para atingir a saciedade gulosa. Fechava a boca e contorcia os lábios pensando na cachaça que preenchia a maior parte de seus dias. Simulava o fumo segurando um galho qualquer e bafejando ao vento simulacros de fumaça.

Havia de se desligar dessas intensas sensações físicas para ter condições de seguir sua jornada para um estágio redentor em cidade espiritual. Aprendeu a orar, em lugar de reclamar da falta de suas muletas materialistas. Foi o seu momento de luz, propiciando o seu resgate.

*

Manoel faz parte dos milhares de humanos que desencarnam como suicidas inconscientes. São os que abusam de comida, bebida, fumo e outros prazeres materiais até desencadear o fim do corpo físico. O excesso de drogas de todas as espécies contamina o perispírito. Despertam no Umbral, como regra, porque estão em desalinho com a vibração das cidades espirituais. São mais fáceis de serem resgatados, mas é preciso demonstrar humildade e arrependimento sincero.

4.5.2 Geraldo

Na simulação de um rio, havia uma cavidade onde se escondia Geraldo. Um leito vazio, cheio de buracos, onde se podia encontrar os Espíritos mais

tímidos ou até os inquietos pelo remorso. Uma prece sincera nos chamou e fomos até ela. Percebemos que se tratava de um irmão que havia se drogado *apenas* por diversão. Ocorre que, com o passar do tempo, as doses foram aumentadas, atingindo o dia do desencarne. Quem assim se desvincula do corpo físico não percebe, realmente, o mal das drogas, especialmente se mal orientado, demorando a crer no seu desenlace.

Depois de um bom tempo fingindo normalidade, até para não admitir que agiu frontalmente errado, Geraldo fez a sua prece. Essa oração não é algo meramente formal, como uma récita feita na missa. Aguarda-se o *arrependimento* sincero, que brota do coração e não pode servir-se de fingimento. Portanto, a prece salvadora é a que recolhe, no seu meandro, a compunção real, nítida, captada pelos Emissários do Alto. Rezar por rezar pode significar apenas o repetitivo discurso de um texto. O Plano Superior está atento a isso e não se deixa enganar.

Caius e Heitor se aproximaram e desceram ao leito vazio do rio. Caminharam alguns passos até encontrar uma pequena gruta, onde se encontrava Geraldo. Ele estava ajoelhado, cabisbaixo, com as mãos unidas e orava baixinho.

— Geraldo, meu irmão. Você nos chamou e aqui estamos — proferiu Caius.

— Vocês vieram mesmo? Nem posso crer... Rezei tanto... — balbuciou Geraldo.

— Estávamos aguardando o *seu* momento; quando estivesse preparado a acolher de forma racional os seus erros, despindo-se da emotividade negativa por se sentir injustiçado ao desencarnar em jovem idade.

— Será que estou preparado?

— O que pode me dizer dos seus últimos momentos na crosta terrena? — indagou Caius.

— Eu me lembro de estar entre amigos, numa festa da faculdade, quando todos bebiam e fumavam algumas drogas... Eu sempre me diverti assim. Não pensei em mais nada a não ser no prazer de ficar fora de mim por uns instantes. Eu subi as escadas da casa e fui para um quarto com mais dois amigos; fechamos a porta e retiramos uma seringa da mochila. Era a melhor droga que tínhamos conseguido comprar até aquele dia. Mesmo já tendo bebido bastante, nós nos entreolhamos e simplesmente desejamos experimentar aquilo.

Geraldo parou e fitou Caius.

— O que houve então?

— Injetei em mim mesmo e passei a seringa adiante. Entrei num estranho êxtase, sentindo um torpor intenso... Em alguns minutos, comecei a ouvir as batidas do meu coração, em alto e bom som, como tambores fortes a invadir meus sentidos; aquilo deixou-me ainda mais entorpecido... Tive uma ânsia... seguiu-se uma dor lancinante em meu braço, nem me lembro qual, até que a minha mente entrou em descompasso e as imagens coloridas viraram um grande breu... Perdi os sentidos e devo ter adormecido...

— Na verdade, foi o seu sono final; você desencarnou. E foi levado por outros Espíritos que ali estavam *curtindo* a festa com vocês para a zona umbralina.

— Espíritos estavam conosco na festa?

— Sim. Não somente os Espíritos vagantes pela crosta terrena participam dessas festas regadas a drogas, mas sobretudo os que se ligavam, na vida encarnada, a esse tipo de vício. É um forte chamamento a todos eles.

— Por que me recolheram?

— Porque sentiram que você pertencia àquele grupo de desencarnados pelo mesmo motivo: a overdose.

— Mas nunca fui viciado. Era só diversão... Nunca imaginei que pudesse morrer por conta disso.

— Entendo. Muitos encarnados tomam certas atitudes na ingenuidade, imaginando não serem prejudiciais e terminam enfrentando graves consequências, como o seu caso, um desencarne prematuro.

— Agora é tarde, não?

— Nunca é tarde, pois o Amor de Deus é infinito. Você teve de passar por momentos de reflexão em face do nível vibratório que o acompanhou quando de seu desencarne. Tem muito a aprender e resgatar.

— Farei isso aqui?

— Não. Você já está preparado a vir conosco para outro lugar, onde receberá tratamento especial e terá toda a orientação para os passos futuros.

Dali, Geraldo partiu.

*

No plano físico, ele era um encarnado cômico de suas responsabilidades estudiantis. Em sua família, no entanto, recebia poucos conselhos e orientações de

seus pais, o que o impediu de conhecer, de antemão, os males das drogas. Mesmo levando-se o uso como diversão, torna-se possível haver uma complicação orgânica, provocadora do desencarne, que, como regra, é prematuro. A tarefa dos genitores não foi bem cumprida em virtude da omissão educacional, não somente com relação a Geraldo, mas também aos outros filhos. Embora não fosse viciado, caiu na cilada do uso recreativo de droga forte e perigosa. Ao desencarnar, quem estava ao seu redor eram justamente os Espíritos que cultuavam essa forma de vida. Por isso, não pôde ser resgatado de pronto por Emissários de cidades espirituais.

4.5.3 John

Quando eu nasci, meu pai deve ter olhado para o meu rosto e preconizado: — Eis-me aqui, um lindo homem. Mas isso foi somente uma suposição. Fui o primogênito de mais três irmãos. Desde pequeno, não importa o que falavam, eu me achava muito bonito e singular. Tive um irmão e duas irmãs. Acredito que eles foram “normais”. Da minha parte, sonhava alto, queria ser artista, o mais belo, o mais cultuado.

Crescíamos em família de classe média americana e tínhamos de desempenhar o papel de todo filho, que é acompanhar seus pais em encontros, feiras, missas, eventos *etc.* Eu odiava fazer isso, porque nunca me julguei à altura daquele *povinho*. Nem preciso descrever-me... basta imaginar o mais belo artista do cinema. Era eu. Nem um pinga de modéstia conseguia desviar-me do meu objetivo, que era atingir a glória do palco, do sucesso.

Meu pai, homem bronco, deu-me muitas surras. Acho que não me matou por interferência da minha mãe, uma mulher boa, mas tosca... coitada. Os meus irmãos desprezavam-me, porque eu os qualificava como comuns e desinteressantes.

Tão logo pude, parti para uma cidade grande. Nesse lugar, com todas as economias que tinha na vida, aluguei um quatinho na periferia. Comecei a me apresentar em vários lugares, pois queria um papel no teatro.

Um determinado dia, fiz uma apresentação no palco de fazer inveja a qualquer outro concorrente. Estava cotado para o papel principal e isso me realizava. Feliz eu estava. Os risos na plateia e nos bastidores eram todos meus.

Entretanto, no final daquela tarde de glória, fui chamado pelo diretor geral. Ele me recebeu em seu escritório privativo e elogiou muito a minha

performance. Sentime orgulhoso. Achei que era isso... Ele falou, eu também comentei, e pronto. Mas não foi desse modo tão simples. O diretor principiou um diálogo de amplitude incomum, começando pelo meu nascimento. Entusiasmado, passei-lhe tudo o que sabia. Ele perguntou, inclusive, se eu, alguma vez, havia matado um passarinho. Disse-lhe que não; jamais faria isso. Ele riu-se e contou que já matou vários animais. Depois, questionou se isso me incomodava. Tentei ser diplomata e respondi que “cada um é cada um”. Ele gargalhou, colocando-me em posição desesperadora. Fiquei estático, olhando para aqueles grandes olhos experientes.

Disse-me ele que eu deveria despir-me... Imaginei que seria “despir-me dos meus preconceitos”. Mas não. Era literal. Pensei por alguns segundos e não deixei de atender. Fiquei nu.

Ele me avaliou e disse, simplesmente: — Aprovado por enquanto. Quando eu precisar você virá a mim.

Eu aquiesci com a cabeça... O restante foi colocar as roupas e sair dali. Mas sabia ter selado o meu destino.

*

John era um bom rapaz, embora egoísta. O seu materialismo evidenciou-se a partir do instante em que trocou tudo pelo sucesso no palco das estrelas, enaltecendo a sua beleza física. A partir daí, imergiu numa vida de ilusões materialistas, misturando sucesso nos palcos com sexo pago, uso de drogas e amizades interesseiras. Teve um início de velhice solitário, mas desencarnou mais cedo do que deveria, pois abusou da saúde. Foi um suicida inconsciente.

4.5.4 Mércia

Mércia era uma mulher casada, com filhos, mas solitária, que vivia em comunidade árabe, no Brasil. O machismo imperava em seu lar. Ela não podia expressar suas opiniões, trabalhar ou estudar fora sem a autorização do marido, que, por certo, não permitia. A sua única alegria era locupletar-se de comida e bebida todos os dias em sua casa. Os pais haviam falecido e a única irmã nem mesmo a visitava. O esposo somente lhe dava mínima atenção para fazer perguntas sobre coisas da casa, sobre os filhos ou para um sexo rápido e desamoroso.

— Mulher imprestável. Olha o seu tamanho! Quanto de comida você consome por dia? Tenho de trabalhar mais para satisfazer a sua saciedade.

— Deixe-me trabalhar, Said. Eu gostaria muito...

— Cale-se, porque mulher minha fica em casa e cuida dos filhos. Mas não precisa comer sem parar...

Quanto mais Mércia engordava, mais difícil lhe era cuidar da casa e dos filhos. Alguns vizinhos, penalizados, passaram a ajudá-la, revezando-se para limpar a casa, lavar a roupa e cuidar das crianças; tudo isso sem Said saber.

É certo que Mércia sofria. No entanto, resolveu trocar o padecimento por uma opção muito delicada, bem próxima ao suicídio inconsciente. O suporte dos vizinhos auxiliava-a, inclusive, na sua higiene diária.

A falta de apoio familiar direto retirou-a da linha da bondade e inseriu-a na senda dos sentimentos negativos. Ela era tão maltratada pelo marido que não conseguia ser doce e receptiva aos vizinhos que a ajudavam. Era ríspida e parecia descontar a sua frustração nos estranhos. Amargurou-se, ano após ano. Foi ficando cada vez mais solitária, até que, um dia, sofreu ataque cardíaco e desencarnou.

A falta de fé lançou-a no cenário do suicídio inconsciente. Dirigiu-se para o umbral nebuloso.

*

Mércia foi uma criança educada sob rígidos padrões, sob a óptica de um dever ilimitado de obediência ao pai ou ao marido. Era um critério machista que a deixava infeliz. Embora casada, com filhos, sentia-se desprezada e maltratada pelo marido. Por isso, a superalimentação foi um escape perigoso. Associando-se essa condição física à duradoura amargura, levou-a ao suicídio inconsciente.

4.6 Os ateus

4.6.1 Pascal

Encolhido como um pequeno animal do campo em face de um temporal, ali estava Pascal, agachado e abraçando suas pernas, encostando nos galhos retorcidos de uma frondosa, mas seca árvore, ao pé de um penhasco. O ambiente estava esfumaçado, característica dessa região umbralina, mas era possível visualizar algumas luzes, geralmente advindas das cidades espirituais, que brilhavam ao fundo da inóspita escuridão.

É preciso lembrar que a permanência no Umbral não significa um castigo cruel, nem vingança divina e muito menos uma tortura ao Espírito. Representa, única e tão somente, o fruto da própria vibração de quem desencarnou, razão pela qual ele pode inserir-se em uma das quatro faixas umbralinas e até permanecer vagante na crosta terrestre.

Em determinados cantos de certas zonas umbralinas é possível captar o sofrimento de vários desencarnados, espargindo uma intensa vibração negativa, repleta de fluidos pesados fundados em ódio, rancor, inveja, vingança e, sobretudo, descrença.

Muitos ateus constroem *habitats* paralelos para dar vazão à sua sede de poder mundano, ganho de dinheiro e bens materiais de todas as espécies, procurando repetir as relações humanas terrenas, com fraudes, roubos, enganar, ardis, dominação, subserviência *etc.* Só não é possível, no Umbral, matar quem já está desencarnado. Todo o restante do contexto das agressões pode repetir-se, pela vibração mental. Eis o caminho da dor lancinante que muitos espelham; dor essa que advém da sua mente.

O livre-arbítrio é peça fundamental da evolução; associando-se a dados e fatores deterministas, constrói o percurso do Espírito pelo plano material, até que seu retorno ocorra.

Vislumbrando o cansado Pascal naquele cantinho do universo, sentindo-se ferido, enganado, mas arrependido, pode-se constatar a intensidade da Justiça Divina. O seu pensamento, a partir de certo momento da sua expiação, tornou-se persistente na linha do remordimento sincero. Não há prece pura de amor que o Alto não atenda.

No caso de Pascal, os *Peregrinos do Umbral* entenderam por bem chamar um Emissário da Colônia para atendê-lo.⁴ Quando este se aproximou, uma forte luz amarela emergiu do céu para a superfície,

formando um cone de iluminação a espantar os desencarnados dessa área, bem como a proteger o irmão objeto do resgate.

— Chegou a sua vez, Pascal. Ouvimos a sua prece — pronunciou Egberto.

Enfraquecido, sentindo-se confuso, ele respondeu: — Que mais eu podia fazer? Nunca acreditei nesse mundo espiritual e, ao que parece, estou vagando há tempos por aqui... Nunca supus fosse possível.

O Emissário Superior colocou a sua mão direita gentilmente em cima da cabeça de Pascal e fez uma oração, elevando a sua mente ao Alto. Imediatamente, aquele amarelo tornou-se ainda mais intenso, variando em tons alaranjados e brancos, como se estivesse a *limpar* o perispírito de Pascal. Ele se submeteu, ainda orando, agradecido. O procedimento de resgate é muito simples a partir do exato momento em que o livre-arbítrio do desencarnado emite o seu sinal de efetivo arrependimento, vergando seu orgulho, sua vaidade e seu egoísmo.

Aproximou-se um veículo proveniente de Alvorada Nova, instalou o resgatado em seu interior e partiu para o Posto de Socorro.

*

Eis sua história terrena: *Pascal, professor de filosofia, era ateu convicto, mas isso nunca lhe bastou. Aconselhava a juventude a abandonar qualquer Deus ou religião que tivessem como credo, pois seria pura besteira. Convencia seus alunos, diante de sua inteligência e argumentos repletos da lógica materialista, que a única fonte de sabedoria era a filosofia, particularmente a dos filósofos ateus. Dizia que os inteligentes viviam o momento presente sem se preocupar com a morte, pois ela seria apenas um remate da vida material, sem futuro. A vida material lhe significava tudo; além de promover o materialismo e o ateísmo entre os jovens, tinha atitudes perversas, reprovando todos os que contestassem suas ideias e participando de movimentos políticos para prejudicar terceiros e promover o mal, desde que servisse para contentar seus ideais ateístas. Terminou cultivando o lado mal de sua personalidade, arregimentando inimigos e travando lutas acadêmicas, nem sempre honestas, para derrubar seus opositores. Ao desencarnar, vagou pela crosta um certo período e terminou no umbral nebuloso, tentando entender o que dera errado em sua vida material, até porque foi obrigado a aceitar a existência no plano espiritual. Sofreu a dor do esquecimento, pois os encarnados não mais lembravam da sua existência. Permaneceu por um bom tempo ligado ao materialismo, até que começou a perceber que o mundo onde se encontrava não*

podia ser fruto do Deus bondoso de que tanto ouviu falar quando era criança. Aos poucos, abaixou a guarda e começou a se lembrar das palavras de amor ouvidas em diversos momentos da sua última encarnação, provenientes de seus familiares. Seguiu o coração e libertou-se. Seguirá para tratamento e, depois, provavelmente, para o seu reencarne, a fim de seguir a sua trajetória evolutiva.

4.6.2 Marcel

— Pensam que vão me dobrar, a ponto de eu admitir que há *vida após a morte*... Piada. Estou aqui, vivo, bem vivo. Ninguém vai me tirar a sanidade de constatar essa realidade — murmurava Marcel, enquanto olhava, incrédulo, seu corpo físico estendido na cama do hospital.

Chegou o grupo de enfermeiras que iria retirar o cadáver dali, levando-o ao morgue do nosocômio. Uma delas, observando o semblante crispado do morto, atreveu-se a comentar: — Como era chato esse homem, hein?

As outras duas riram. E uma delas prosseguiu: — Ainda bem que morreu. Não aguentava mais as suas grosserias; nem limpar esse quarto era agradável, pois ele queria dar ordens o tempo todo.

Marcel enraivou-se e soltou palavras de baixo calão, como se elas pudessem ouvi-lo. Nem notaram, o que o deixou ainda mais encolerizado. Associando-se àquela ousadia, notou que seu corpo foi colocado em uma maca, coberto com um lençol e retirado do quarto.

— Ei, ei... aonde vão? Ninguém me ouve nesse hospital. Bem disse que era um lugar horrível, mas ninguém me ouviu.

Restou-lhe seguir a maca, que foi logo colocada em um grande elevador. Marcel estava junto, basicamente em cima da padiola, como se estivesse atrelado ao seu corpo físico. Um frio súbito tomou conta daquela cabine.

— *Ixi*, sinto um frio esquisito na nuca — proferiu uma das enfermeiras.

— É esse doido aí, que deve estar te perseguindo — falou a outra, apontando para o cadáver.

— Ai, que besteira... Morreu, acabou. E pronto.

— Não sou eu a ter calafrios...

O elevador chegou ao subsolo e as enfermeiras empurraram a maca na direção do morgue, onde lançaram o corpo já frio de Marcel. Ele, em Espírito, continuava inconformado e reputava tudo aquilo como um sonho, um pesadelo ou até mesmo uma encenação de mau gosto. Plantou-se nesse local, como um vigilante. Olhava para cada um dos azulejos da enorme

parede e parecia visualizar, uma a uma, as cenas de sua vida. Quando era pequeno, sua mãe ensinou-lhe o catecismo. Noutra cerâmica vidrada enxergou seus passeios com o pai pelas ruas da cidade; do genitor ouvia apenas conselhos materialistas, no sentido de não perder tempo com vida após a morte; “tudo besteira”, afirmava o pai. Ia descendo os olhos bem devagar, pois tempo ele tinha de sobra, aproveitando para focar seus dias de colégio, com aulas de religião. Passou a vista por outras placas de cerâmica e, numa delas, parecia haver o reflexo suave do rosto de sua esposa, logo ao lado das filhas. Quis chorar, mas não conseguiu, pois lhe faltaram as lágrimas. Não as tinha mais; secaram. Sentiu um aperto no peito, mas era a sensação do seu perispírito ainda receptivo às consequências da doença que o levou ao desencarne.

Ninguém o procurava ali; sentia-se largado, esquecido. Após algumas horas, ingressou um sujeito com um avental branco, tirou umas medidas e saiu. “Seria um médico?” — indagou-se. E prosseguiu: “Sim, poderia ser justamente aquele que iria atestar o engano... Eu não estava morto coisa nenhuma.” Horas se passaram e ninguém voltava para afirmar o equívoco.

Entrou na sala uma equipe de alguns homens que logo retiraram o corpo da maca e o colocaram em outra plataforma que, dali, seguiu a um carro preto, aguardando do lado de fora. Logo pensou no abuso que estavam cometendo: “Não me arredei do meu corpo — *meu* corpo.”

Marcel terminou em ambiente da funerária, que prepararia o cadáver para o velório. Cada vez que mexiam no corpo, ele sofria espasmos, como se estivesse sentindo tudo — o que, na realidade, não passava de sua projeção mental.

Singrando em volta do cadáver, cuidadosamente posto no caixão, ele não cessou de praguejar durante todo o curso do velório. Nem conseguia prestar atenção aos visitantes, nem mesmo seus parentes, que ainda choravam a sua perda. Sentia-se traído, mas não poderia nem mesmo acusar Deus, visto que Ele não existia. Tratava-se de um impasse em sua jornada: morto-vivo ou vivo-morto?

O percurso ao cemitério abateu-o mais seriamente, pois sentia a aproximação de um fim que não admitia ser possível. O caixão descia à cova enquanto Marcel arregalava os olhos e torcia a boca, inconformado, e ao mesmo tempo incrédulo. Chorou a seu modo... sem lágrimas. Ali ficou e ficou. Não sabia mais computar os dias e as noites, mas se sentia enraivecido. Aliás, tão furioso estava que fez um vaso quebrar, em outro

túmulo, ao lado, quando um casal chegou para visitar a falecida. O rapaz era médium e liberou os fluidos necessários para a atitude drástica de Marcel. Atemorizados, eles dali saíram bem rápido.

Terminou levado à zona umbralina nebulosa, onde continuou o seu processo de negação de Deus e da vida após a morte, embora fosse inútil, visto que nada se alterava ao seu redor. Muito tempo após, quando retornou à crosta terrena, vagando pelo colégio onde lecionou, encontrou-se com uma moça de feições delicadas, sorriso atraente, longos cabelos castanhos, com uniforme escolar. Era a primeira *pessoa* que parecia enxergá-lo no plano físico.

Aproximando-se, disse ela: — Oi Prof. Marcel. Lembra-se de mim?

Estupefato, ficou mudo, tentando compreender o que aquilo realmente significava.

— Sou a Sílvia. Morri no terceiro ano e o senhor foi ao meu funeral. Estava muito triste, lembro-me.

Olhando para os lados, Marcel não conseguia acreditar naquela cena, até que se soltou: — Sim... Sílvia... Minha melhor aluna. Senti muito a sua morte.

— Veja, professor, a morte não existe. Aqui estou eu a lhe provar isso.

As fortes crenças de Marcel foram caindo pouco a pouco.

— Mas eu não acredito em vida após a morte, nem em Deus, em nada.

— O que sou eu então, professor?

— Um sonho?

Ela sorriu e continuou: — O senhor sabe que não. Estaria sonhando há muito tempo, sem nem mesmo acordar. Na verdade, o senhor desencarnou, como eu, mas tem vagado do umbral para a crosta e desta para o umbral. Não se cansou, professor?

Cabisbaixo, ele plangeu: — Sim, sinto-me esgotado.

— Posso apresentar-lhe um amigo? — indagou Sílvia.

Marcel aquiesceu, balançando a cabeça.

Surgiu Max, um dos Emissários de Alvorada Nova, para encaminhar Espíritos que migram entre o Umbral e a crosta.

— Como vai, Marcel?

Era a segunda *pessoa* que o via, depois da morte.

— Você, como a Sílvia, está morto?

— Não, Marcel (risos). Nós três estamos vivos. Não percebe a vida fluindo por você? Use o seu bom senso, a sua grandiosa capacidade de

raciocínio lógico.

Chamado à colação como professor, ele redarguiu: — Nem sei mais como sustentar que inexistente vida após a morte. Se estou aqui, se vi meu próprio enterro, se conversei com vocês dois... tudo isso é porque estou *vivo*.

— Abata o seu orgulho, meu irmão querido. Você foi um bom professor, embora tenha traçado um percurso centrado no materialismo de todos os matizes. Ceda. Perceba a presença de Deus em todos os momentos e em todos os cenários. Você tem muito o que aprender para poder, no futuro, ajudar muitos que, como você, negam a realidade.

Marcel limitou-se a concordar com o balançar da sua cabeça e ajoelhou. Foi a primeira vez que sentiu Deus em seu coração. Dali, partiu para outras esferas a fim de aprender e evoluir.

*

Marcel era um bom professor, querido dos seus alunos, razão pela qual sempre se julgou apto a dizer-se ateu. Valeu-se da cátedra para expurgar a religião da vida de muitos de seus pupilos. Sem perspectiva de vida após a morte, entregou-se a uma vida supérflua, toda calcada no materialismo. Levou os seus familiares ao mesmo cenário. Não tinha preparo para enfrentar o desencarne, razão pela qual sofreu um período de transição até ser resgatado.

4.6.3 Dr. Mário

— Deus está morto? Não, está bem vivo, dentro das mentes de pessoas pobres de espírito, incultas e atrasadas. Intelectuais como eu jamais iriam reverenciar um ente invisível que “domina” o Universo, porque sabemos todos que a ciência é a única alavanca para o progresso real e palpável. Sou um cientista glorioso em meu mister; conquistei inúmeros prêmios de várias academias pelo mundo afora. Por que haveria de dividir o meu mérito pessoal com uma entidade qualquer, fora da visão de outros? Eu sou a pessoa que construiu aquela vacina e me vanglorio, sim, disso. Nem Deus, nem Espírito, nem outra bobagem; eu sou o cientista ilustre e inteligente. Eu faço diferença no mundo terreno e, por isso, o restante do povo inculto e apegado à religião nem consegue entender o meu ateísmo.

Por alguns instantes, o célebre cientista, Dr. Mário, ajeitou sua surrada roupa, separou à sua frente os instrumentos do seu laboratório — pedras, galhos, areia — e prosseguiu: — Mas não escondo isso de ninguém e criei meus filhos sob a mesma perspectiva de que Deus é uma invenção de povos

ignorantes e imbecis, que não conseguem vencer na vida; por isso, apegam-se a figuras invisíveis para justificar seus malsucedidos planos. São risíveis os que perdem alguém, sofrem e dizem “graças a Deus”. Por outro lado, quando vacinados, pela *minha* invenção, esses ignorantes não dizem “graças ao doutor”, que os salvou.

Ele se ajeita no banco de barro, olha para os pés, cujas unhas estão enormes e sujas, tal como dispôs a sua vibração mental, para continuar: — Há alguns colegas que são cristãos, ou dizem que são tementes a Deus, como se isso lhes concedesse a máxima absolvição; no entanto, são tão — ou mais — materialistas que eu. A grande realidade é o reino da hipocrisia na Terra, esse planeta adornado pelo dinheiro e espelho do materialismo. Justamente aqui, por incrível que pareça, florescem as mais distintas religiões para acalentar os vagabundos, fracos, deficientes e idiotas. Nem deveria me preocupar com isso, pois meu consultório sempre esteve lotado, assim como minha conta bancária. Inteligência nunca me faltou, embora desprezasse esse Deus que muitos veneram. Qual a explicação? Se não dou a mínima para Deus, por que eu seria tão “abençoado” para ter praticamente *tudo* o que eu sempre quis? Riqueza e reconhecimento nunca me faltaram. Pobres de espírito são também pobres materiais. A plebe rude que precisa trabalhar para sustentar os desejos dos ricos, inteligentes e bons empresários.

O Dr. Mário, como preferia ser chamado, apreciava muito afirmar o seu sucesso no plano físico, como se fosse uma recompensa pelo seu trabalho. Graças a isso, questionava o poder de Deus, que nunca nada fez para impedi-lo de ganhar dinheiro e ostentar riqueza. Por isso, ser ateu e materialista só lhe deu bons resultados. Ele finalizou: — Fiz o meu discurso... cobram-me uma resposta ao meu estado atual... Não estou morto, mas não me importa onde me encontro, pois conheço a minha brilhante capacidade. Isto significa que, em breve, serei retirado deste inferno, seja onde for, para ser ovacionado diante de outros indivíduos por ter criado soluções maravilhosas para a humanidade. Sinto viver somente um estágio passageiro. Retiro-me, no meu canto, aguardando o meu reconhecimento.

O estágio em zona umbralina foi extenso, mas, como é para todos, finito. Mário haverá de se recuperar e tornar à carne para vivenciar uma existência totalmente diversa da anterior, pois somente assim conseguirá elaborar o real contraste entre o bem e o mal.

*

O médico e cientista Mário viveu de ilusões e buscou o seu maior reconhecimento em vida material. Por isso, desencarnado, cultivando orgulho, vaidade e materialismo exagerados, terminou em zona umbralina externa e se mantém isolado, acreditando que dali será levado sob aplausos. O ateísmo é o maior inimigo da recuperação espiritual. No seu caso, outros desvios se fizeram presentes. Ele expiou um bom tempo até render-se à realidade e tomar conhecimento de que inteligência não representa progresso espiritual. Na verdade, a inteligência é um atributo humano de submissão a uma prova. Como lidar com ela é o estágio crucial do ser humano.

4.7 Os abusadores da beleza física

4.7.1 Natasha

— Sempre fui a mulher mais linda dentre todas do meu país. Quero crer, também, do mundo. Tive, aos meus pés, os mais maravilhosos homens, poderosos e ricos. A paixão era um entrave para a minha beleza ímpar, pois me equipararia às demais mulheres, que se deixam dominar por homens. Eu, não. O sexo masculino é um aproveitador, egoísta e materialista. Sabendo disso, desde cedo abominei o casamento, o que assustou meus pais e irmãos, mas fui honesta. Cuidei-me a partir da infância e devo dizer que minha mãe, frustrada por ter-se casado, engordado e perdido a beleza vital, incentivava-me.

Natasha pegava um pedaço de ramo enterrado parcialmente na areia, limpava-o, sacudindo-o, e passava pelos cabelos grudados em uma só massa, acreditando poder penteá-los.

— Cabelos lisos e brilhantes a qualquer hora do dia era o meu lema. Olhos profundamente azuis e um bronzeado que os realçava, tal qual a moldura de um lindo quadro de arte, faziam parte do meu perfil. Esta era eu, imersa num corpo perfeito, dedos das mãos e dos pés em equilíbrio, limpos e esmaltados.

Enquanto narrava a sua existência terrena, ela desfilava de um lado para o outro, como se estivesse em uma passarela, mas naquela escuridão ninguém sequer a via direito.

— Esmigalhei homens, apertando os seus corações, por vezes até a morte. Deles retirei tudo o que queria. A instituição da família sempre foi um descompasso diante da beleza individual de cada um. Um atraso verdadeiro, que somente pode se juntar à fé em Deus. Que deus? O da beleza? Pois estou aqui, linda e rica, para provar a tolice da crença e da religião.

Vultos sinistros passavam de um lado para outro e riam-se do que ouviam. Mas ela continuava: — O meu perfil coloca-me acima de outras pessoas e isto não é obra de ninguém, mas da genética de meus próprios pais. Observem os filhos dos serviçais, nascidos feios e embrutecidos. Culpa de quem? Dos seus horrendos pais, que se mesclaram para produzir essa catástrofe. Acredito apenas na genética e admiro as pessoas bonitas, desprezando, sim, as feias. Lutei muito para chegar à perfeição de uma

mulher adulta, bela, perfeita em seus atributos e passível de transtornar qualquer homem que se aproximasse. Fui uma dama a vida toda. Agora? Encontro-me distanciada da beleza porque sei o quanto incomodava e rebaixava as que se achavam lindas. É passageiro. Dizem por aqui que estou morta. Dou risadas, pois continuo a me ver linda e provocando os ares de ciúme e inveja de sempre.

O materialismo da beleza física liga-se à vaidade e ao egoísmo, criando um serpentário de ilusões, muito difícil de ser rompido a curto espaço de tempo.

*

Dona de uma beleza ímpar, que lhe serviu como prova, Natasha teve uma vida material rica de conquistas e jamais conseguiu separar o materialismo do aspecto espiritual. Julgava-se praticamente uma “deusa”, motivo pelo qual cultivava o ateísmo. Quem poderia ser mais bela que a mais bela? A prova da beleza física, quando associada à riqueza material, é uma das mais difíceis. Poucos a ela escapam com sucesso. Perambulou pelo Umbral, por longo período, até que se encontrou com o Plano Superior, ao exercer a humildade.

-
1. Todos os relatos colhidos de habitantes das zonas umbralinas advêm de Espíritos já resgatados; atualmente, alguns são residentes da colônia espiritual Alvorada Nova; outros estão reencarnados. Os nomes usados nesta obra são fictícios para não haver identificação dos envolvidos na narrativa.
 2. Na realidade, são projeções mentais de restos alimentares.
 3. Embora ele tivesse cometido suicídio inconsciente, o destaque mais relevante dos seus erros, levando-o ao trágico desfecho, foi a obesidade mórbida, fruto do materialismo alimentar. Por isso, mereceu uma classificação à parte.
 4. Os Peregrinos do Umbral podem cuidar do resgate diretamente. Porém, em certos casos, quando percebem uma nítida ligação de algum desencarnado com habitante da Cidade Espiritual, preferem chamá-lo, de modo a facilitar o reencontro e favorecer o resgate.

5.1 Os ministros religiosos

5.1.1 Um Papa

— Não estou andando simplesmente, mas pairando sobre corpos imundos e infectos, além de se tratar de um terreno arenoso e desgastante para minhas vestes eclesiásticas. Não sou um qualquer, mas o chefe maior da Igreja, aliás, da maior congregação de fiéis do mundo. Devo ser respeitado aqui, embora não ache estar no lugar devido.

Caminhando entre pedras e galhos retorcidos, tendo o escuro céu por testemunha, o Papa ajeita o seu enorme manto vermelho, com detalhes dourados, para prosseguir.

— A escuridão deste local afeta-me a saúde e até mesmo a minha clemência, tão benemérita quanto útil para as criaturas inferiores. Ditei ordens e sempre me fiz acatar. Não será agora que tudo mudará, pois continuo o Supremo Pontífice da maior Igreja do Planeta. Lamento sujar meus sapatos, especialmente confeccionados para mim, nesta superfície pobre e rude. Na verdade, até compreendo os desígnios divinos: querem que eu, o Supremo Líder, passe alguns momentos como nosso Senhor Jesus. Oh, que maçante, visto poder apresentar meu currículo de bondades e benemerências para dar fim a este suplício tão desgastante.

Ele encara o horizonte e vislumbra uma luz a distância, fruto do brilho de cidade espiritual.

— Minha túnica, tão alva, arrasta-se neste solo podre e se suja, sem que eu possa nada fazer. Pergunto-me: onde estão meus vassalos? Acho que faz parte desta provação pelos passos do Cristo, até que eu seja recebido no seio do Senhor Deus com festa, alegria e muita luz. Irrita-me um pouco esta escuridão além de não encontrar pessoas compatíveis com a minha dignidade para conversar ou, enfim, trocar alguma experiência. Aquele ali, que passa rápido, é um chefe de Estado...

Sua persistência em encontrar alguém com quem se identifique o faz visualizar uma personagem histórica conhecida, mas era somente mais um vulto ignorado e sem nome.

— Pobre dele. Reinou e reinou para nada conseguir e nem percebe que aqui estou para abençoá-lo, como a nossa posição permite fazer em Terra. Que tolice! Basta um beijo sincero em minha mão, melhor, em meu anel dourado do pescador, para que tudo se transforme... Meu anel dourado... Onde está? Céus, que mundo abjeto é este que tem a audácia de subtrair pertences sagrados? Alguns, neste antro, com o perdão do termo, chamam-me de astucioso. Soa-me um tanto jocoso, pois artimanha nunca fiz, mas sou esperto. Como chegaria onde atingi se não fosse sagaz? Ah, um momento, pois meu sapato saiu de meu pé... Culpa deste terreno horrível.

Ajeita em seus pés o que considera ser seus sapatos nobres, mas não passam de projeções mentais.

— Quando estava no auge do meu poder, jamais seria capaz de supor a chegada a este estágio de vida miserável, onde passo a maior parte do tempo vagando e buscando meus fiéis. Onde eles estão? Por que o Altíssimo os esconde de mim? Não sou igual a essa gente que se esconde nos buracos das fendas das rochas e carrega consigo culpas e mais culpas. Eu nada fiz de errado em minha brilhante trajetória. De uma pessoa simples, segundo a imprensa mundial, ao estrelato eclesiástico. Este sou eu, um humilde servo de Deus, que, infelizmente, não encontra paz nem o céu que lhe fora prometido. Se fiz alianças com outros chefes de Estado ou Governo, pouco importa. Fiz o que havia de ser feito no plano das concretudes. Como julgar um soberano pelos seus atos de soberania? Impossível. Quero crer que, em breve, estarei junto aos meus, gozando do céu prometido, pois eu, ninguém mais, tenho merecimento para nele ingressar com toda a pompa cabível.

*

Este Papa não aceita a sua atual condição. Vaga pelo umbral denso como se estivesse carregando o manto do poder e da retidão. Não é um Espírito maldoso, mas muito orgulhoso e vaidoso. Supõe-se acima de qualquer outro ser. Dentro de sua óptica permissiva, atuou de maneira decisiva para acarretar danos a muitos na vida encarnada. Precisa abrir a sua visão deturpada e aceitar, humildemente, o seu caminho. Por certo, não ingressará na colônia vestido em trajes finos e belos, como se fosse um autêntico soberano. O tempo de depuração indicará o momento adequado.

5.1.2 Um padre

Uma montanha de areia cuidadosamente formada, esculpida detalhadamente em formato de igreja medieval, em terreno movediço, é algo temporário, pois afunda com facilidade. Ainda assim, Rupert não desistia de conformar a areia em seu redor ao sabor da sua mente fértil, criando e moldando igrejas de variados estilos. Enquanto uma desabava, ele logo estava a erguer outra. O seu tempo estava paralisado; houvesse um relógio a marcar as horas, elas seriam perenemente as mesmas, o que simbolizava a fixação de sua mente em sua efêmera produção.

Havia uma forte razão para que ele se concentrasse tanto em um projeto no local onde habitava àquela época: evitava o enfoque real, que motivou a sua prolongada estada em zona umbralina densa. Voltando-se ao passado, o que vez ou outra procurava fazer, via-se, glorioso, naquela comunidade pequena, em território americano, onde a população o venerava, por se tratar de um homem jovem dedicado integralmente ao vilarejo. E quão importante era o ministro religioso para aquelas pessoas! As suas vidas eram monótonas. O ápice da agitação voltava-se à missa de domingo, quando os pais podiam ver seus filhos, orgulhosos de si mesmos, todos paramentados com vestes eclesiásticas, ingressando no altar juntamente com o sacerdote.

Assim era a diminuta comunidade; a enfadonha semana era coroada pelo evento dominical, quando as famílias se encontravam e celebravam juntas a sua fé. Porém, durante a semana, após as aulas, Rupert convocava os meninos e as garotas, com idades em torno de 8 a 12 anos, para um aprendizado extra na paróquia. Esses dias eram difíceis, pois névoas enegrecidas erguiam-se do solo e tomavam a sacristia quando os toques inadequados eram praticados em pleno local de oração.

“Faça o que eu mando e não o que eu faço” — eis o lema de Rupert para se dividir entre a pregação do púlpito dominical e os seus atos lascivos ao longo da semana.

Essa expressão confere impunidade a muitos, não somente os ministros religiosos. Naquele vilarejo, havia o padre que, celibatário, protegido por este escudo de pretensa nobreza, criou uma rede de *abuso infantojuvenil*, que se estendia a várias outras paróquias por todo o estado.

Investiu toda a sua verborragia e sua destacada capacidade intelectual para seduzir crianças, de ambos os sexos, como se fossem *anjos* caídos do céu em suas mãos sujas pelo borrão da luxúria. Em sua mente, tomada pela sensualidade impudicícia, todos os seus suaves gestos, seus agrados e a troca

de pequenos prazeres com aquelas crianças eram justificáveis, pois não havia nenhum dano físico que os envolvesse.

Ele satisfazia a sua nefasta volúpia com quem estava formando os seus laços de confiança com pessoas adultas. Em suas mentes pueris, aquelas *brincadeiras* iriam tornar-se, no futuro, uma invasão físico-mental similar ao estupro. Rompeu-se a barreira entre o bem e o mal, dando ensejo à prevalência desse malefício em nome de rude satisfação física.

O jovem adolescente, quando sofre corrupção sexual administrada por um adulto, seja ele quem for, desfaz o seu elo de segurança, otimismo e lealdade junto ao mundo que o rodeia, passando a crer que, à sua volta, existem apenas algozes, prontos a levar algum tipo de vantagem em seu detrimento. Nunca haverá um pacto sincero, porque inviável pela diversidade do amadurecimento, entre o adulto abusador e o infante abusado.

Houve a subtração de um amor infantojuvenil, que precisaria desabrochar como uma flor, antes de ser colhido e posto num vaso para exibição pública. Esta se dá no exato instante em que a concupiscência grita alto e penetra os ouvidos surdos dos pais das vítimas, transformando-se um relacionamento religioso em caso criminal. A partir daí as crianças tendem a imergir em outro grau de dor, passando por declarações, reconhecimentos, psicólogos forenses e julgamentos longos e difíceis para todas as famílias envolvidas.

Transferido rapidamente de paróquia, Rupert escapou da prisão, por falta de provas, inclusive pelo fato de os pais terem poupado os filhos de testemunhar. A mácula estava fixada em seu perispírito e não mais o deixou até o desencarne. Não bastasse, em outro lugar, distante dali, ele tornou a investir contra jovens, situação que permaneceu oculta por muitos anos.

O momento de sua morte foi tenebroso, pois seu Espírito deixou o corpo material e sofreu várias convulsões, até ser capturado por entidades umbralinas, para onde foi levado.

*

Disposto a exercer o sacerdócio, por profissão, Rupert já tinha em seu âmago desejos sensuais obscuros, que foram satisfeitos clandestinamente no seminário, mas não cessaram após a sua consagração. Sua mente jogou um perigoso desafio com seus instintos, criando uma teoria secundária para, de antemão, absolvê-lo de seus “pecados”, afinal, estava apenas conduzindo à vida adulta aqueles infantes que

iriam, de toda forma, vivenciar o sexo mais cedo ou mais tarde. Melhor que fosse com alguém conhecido, amigo e tutor. Enganou-se durante sua jornada terrena, mas não ludibriou a lei de causa e efeito.

5.1.3 Um médium

— Vamos orar — proferiu João, interrompendo uma discussão no centro espírita, em relação aos rumos da instituição, porque havia pouco dinheiro em caixa para mantê-la operante.

Enquanto os demais dirigiam suas súplicas aos Mentores, João, que parecia meditar, pensava em números e como ele faria para manter a obra em funcionamento; afinal, dali tirava o seu sustento familiar.

Não havia democracia no centro, fundado e administrado por João e sua esposa desde o início. Captavam pessoas de fora da família para compor o conselho e a direção da entidade apenas para dar a necessária *aparência* de honestidade, probidade e, justamente, de um local onde prevalecia a liberdade de expressão e a vontade dos Espíritos Mentores. Eram as falsas impressões.

Subitamente, João interrompeu a sua *vibração* e disse ter recebido um alerta de um dos Mentores que protegiam a casa; era preciso fazer uma arrecadação de emergência para pagar as contas e dar prosseguimento às obras de extensão do centro espírita, pois muitos outros encarnados necessitados precisariam ser envolvidos. O médium afirmou, ainda, que o referido Mentor o alertou para os novos trabalhos que iriam começar, como as cirurgias mediúnicas.

Todos se entreolharam espantados e não poderiam negar o que João, o mestre fundador do centro, havia falado, por *inspiração do Alto*. Houve a arrecadação e mais dinheiro do que o necessário foi amealhado. Todas as poucas contas foram quitadas, pois o dirigente escondia, na realidade, os custos reais da entidade, que funcionava em sua própria casa. Não havia aluguel a pagar, as contas de luz, água e telefone mesclavam-se com as da residência de João e sua família e a obra de ampliação iria atingir os fundos do terreno, também de propriedade familiar. Porém, os componentes do centro espírita saíram dali aliviados por terem ajudado a manter uma *casa de luz*; o médium e seus familiares também ficaram bastante contentes, pois já faziam planos para remodelar e renovar móveis e utensílios domésticos.

Era dia de reunião de desobsessão. João assumia os trabalhos e nomeava dois assistentes que estivessem presentes. O discurso ensaiado era sempre o

mesmo; as orações, extraídas de livros espíritas, idênticas. O ar bondoso de João era cativante, assim como a sua admirável competente esposa, que não deixava faltar água, chá, café e bolachas para todos — antes e depois das atividades. Eis o retrato lamentável de uma desvirtuada reunião espírita. O médium condutor agia conforme os seus interesses, de modo que, a cada Espírito incorporado em outro médium, ele conduzia a conversa para *contentar* alguém que estivesse presente.

— Você, meu irmão, que ora se apresenta nesta reunião, é um abençoado por Deus. Teve a oportunidade de vir neste momento tão difícil...

— Eu odeio vocês... Quero dizer que... — enquanto o Espírito tentava se manifestar, João o cortava.

— Não é momento para expressar ódio, logo você que faleceu há pouco tempo. Olhe, aqui está presente a sua chorosa esposa. — Ele sabia que uma das frequentadoras perdera o marido há alguns dias e ali estava em busca de conforto.

— Que morte? Que esposa? — indagava o Espírito incorporado por meio do médium, que era fiel na transmissão; porém, isso era irrelevante para o astuto João, que, embora fosse médium, colocava o materialismo à frente.

— Irmãzinha querida, aproxime-se. Venha conversar com Venâncio, seu esposo — proferia o condutor, enquanto os assistentes apressavam-se em retirar a viúva de um dos bancos da sala, conduzindo-a para colocar suas mãos nos ombros do médium incorporado.

Enquanto isso, João instava todos os presentes a orar muito pelo Espírito presente.

— Quem é essa mulher? Que raiva de estar preso neste lugar... — continuava esbravejando o visitante do plano espiritual.

Mas o condutor era praticamente um mestre dos disfarces: — Acalme-se, Venâncio. É sua querida esposa que está ao seu lado. Vamos lembrar, pelos quadros à sua frente desenhados, o quão felizes vocês foram nesta última trajetória.

Sem dar tempo à resposta do Espírito incorporado, João colocou com firmeza a sua mão direita sobre o ombro esquerdo do médium, apertando-o com vigor, como a dar o recado: *cale-se*. O rapaz entendeu a mensagem e ficou silente, cortando a comunicação do incorporado.

— Isso. Assim é o correto. Você, amigo Venâncio, viu pelas imagens à sua frente a sua querida mãezinha, que veio especialmente para levá-lo a um mundo melhor.

Nesse momento, a viúva estava em prantos e agradecida por tamanha misericórdia. Já pensava em aumentar o donativo ao centro espírita, quando o condutor falou: — Minha querida irmã, não é sempre que temos a bênção de conversar com um ente falecido há tão pouco tempo. Veja a importância do nosso centro e também o crucial momento pelo qual passamos, tão necessitados de fundos para o nosso sustento.

Nem bem o Espírito incorporado foi *praticamente expulso* da reunião, sem qualquer atendimento válido, a viúva já estava abrindo a bolsa e calculando o valor do cheque a preencher.

João, mãos em prece, cabeça abaixada como se estivesse submisso ao Plano Superior, proferiu o *Pai Nosso*, acompanhado dos demais.

As reuniões de desobsessão, no centro espírita familiar de João, ocorriam semanalmente e, de fato, Espíritos ali compareciam, pois queriam expressar-se e contar com ajuda dos encarnados; entretanto, na maioria das vezes, saíam frustrados, sem qualquer auxílio. E os pontos negativos de João cresciam, já atingindo limites impressionantes.

Ninguém o desafiava naquele centro espírita, visto já ter atingido certa idade, com muitos anos de dedicação ao Espiritismo, possuindo familiares igualmente espíritas. Parecia uma família-modelo. Mas as aparências das vidas dos encarnados são escudos protetores de muitas más condutas em variados matizes.

João acreditava que sua atividade como coordenador de centro espírita era mais que suficiente para credenciá-lo a mundos avançados, por ocasião de seu desencarne. Não são poucos os dirigentes do movimento espírita com o mesmo pensamento. E a decepção os toma de surpresa, já no exato momento do desligamento da carne. Outro não foi o destino desse médium, que transfigurou a sua aptidão para o materialismo.

*

João, até os últimos momentos de sua vida material, considerava-se impecável, pois havia dedicado a sua existência ao Espiritismo. A sua família também estaria bem abrigada, pois eles conheciam até mesmo os nomes dos Mentores que os protegiam. Nesse ponto, foi verdade, até que esses Mentores se retiraram do centro, ao perceber a equívoca condução dos trabalhos. A educação dos

filhos, sob a seara do Cristianismo, depende muito mais de ações do que pregações; as condutas de João não convenciam seus descendentes, tão logo perceberam a mescla entre o trabalho mediúnico e os interesses privados da família. A sua obra de caridade não funcionou como tal; vergou-se ao materialismo e, o que foi pior, valeu-se da mediunidade para atingir objetivos errôneos. Despertou, depois do desencarne, no umbral denso, levado para lá por vários daqueles Espíritos que simulou encaminhar. Eis a lei de causa e efeito agindo pelo Justo.

5.1.4 Um pastor

Era um dia chuvoso e muito úmido, quando Clélio, já com seu guarda-chuva destruído pela força da ventania, resolveu abrigar-se numa igreja. Nunca tinha pisado em qualquer espécie de templo religioso anteriormente. Abriu a imensa porta frontal, que rangeu acusando a sua presença no local; fez uma careta de constrangimento e fechou bem devagar aquele imenso portal. Voltou-se e dirigiu a sua visão para o altar, ricamente adornado com peças de museu, possivelmente joias, tudo a lhe chamar bastante a atenção. Caminhou pela nave central olhando para todos os lados, enquanto seus sapatos deixavam uma trilha barrenta pelo chão e os pingos de suas molhadas roupas insistiam em cair, molhando o belo chão de mármore. Sentou-se num dos bancos e fixou seu olhar a uma imagem, que se sobressaía no imenso altar.

— Que riqueza... — murmurou.

Foram algumas horas ali parado, nem mais se importando com a chuva que havia cessado. Ideias... muitas ideias surgiram em sua fértil mente. Saiu dali determinado a nunca mais ser obrigado a andar pela chuva, molhado como um mendigo sem casa ou abrigo.

Nos próximos meses, percorreu todos os templos de sua cidade, envolvendo todas as religiões, até que lhe veio a ideia do fabuloso sincretismo religioso. Essa era a chave para arregimentar muitas pessoas em torno de uma causa comum. Não se passaram tantos dias até Clélio fundar a sua própria igreja. Conclamou os familiares a ajudá-lo e convidou os amigos, prometendo a todos elevados ganhos, pois ele tinha tudo cuidadosamente planejado. E, de fato, tinha.

Ali nascia a concepção perfeita entre o empresário e o ministro religioso, cada qual valendo-se das qualidades do outro. O discurso empolgante era um de seus talentos; a astúcia para os negócios, outro. Aos dois somou-se a sua impressionante memória, de forma que leu e releu a

Bíblia várias vezes, com imensa facilidade; mais decorava o texto do que realmente o entendia, mas isso era o de menos para o seu detalhado plano.

Como arregimentar fiéis? — pensava dia e noite. As luzes se acendem também para os maus propósitos, pois tudo é um experimento no plano terreno. E foi numa noite enluarada que ouviu um sermão pelo rádio, proferido por um certo pastor; ele orava e pedia dinheiro; rezava e pedia mais dinheiro e assim por diante. Habilmente, o seu plano se descortinou por completo.

— Serei manso e sutil no começo, apresentando “aos meus futuros fiéis” um mundo melhor, em local preparado para atendê-los, com boa música e um belo discurso. Somente depois ingressarei com o papel do dinheiro na religiosidade humana.

Não houve plano mais perfeito. Clélio, seus familiares e amigos começaram a abordar fiéis de outras igrejas, não importando a religião, pois tinham o discurso certo e preparado para todas elas, na saída dos cultos. Distribuíam panfletos, indicavam um lugar harmonioso, bem decorado, com música e pregação contínua, permitindo livrar qualquer pessoa do *demônio* em poucos dias. Nem parecia a oferta de um lugar religioso; parecia a apresentação de um *shopping center*, onde o cliente poderia encontrar um pouco de tudo.

Em síntese, deu certo. A igreja de Clélio logo se transformou num templo. Astuciosamente, como previsto em planejamento cuidadoso, o seu pedido por dinheiro ou bens materiais somente principiou quando já tinha obtido a confiança da maioria dos seus fiéis. O dinheiro arrecadado era investido em variadas instituições financeiras, até que cresceu o suficiente para lhe permitir abrir outros negócios, totalmente diferentes do templo. Enriquecia dos dois lados: da atividade empresarial e da abertura de novos templos. Com isso, todos lucraram e os familiares e amigos chamavam mais e mais associados.

Em seus entusiasmados discursos, Clélio convencia facilmente quem o ouvia — e muitos daqueles ouvintes eram pessoas fragilizadas pelas agruras da vida, carentes, necessitadas de amparo, de qualquer fonte.

— Oh, irmãos! Deus, o Altíssimo falou comigo noutra noite, dizendo-me para prosseguir na minha trajetória assim como Jesus, seu filho, o fez. Ele me chamou quando eu dormia, vendo anjos no céu azul e límpido. Acordei e vi aquele belo e fulgurante clarão de Luz ao qual me rendi de pronto. Era Deus, meus irmãos, glória a Deus.

E todos respondiam: “glória a Deus”.

— Deus me disse para crescer, ampliar este templo para que se parecesse, realmente, com a Sua casa. Afinal, Deus não reside em algo menor que um palácio no belíssimo céu; há ouro, prata e pedras preciosas por todos os cantos. Eu vi tudo isso, meus irmãos, e vocês também podem ver. Venham junto comigo. Vamos construir um templo ainda maior, à altura da Dignidade Divina. Deus não é pobre e não quer que vocês sejam privados de nada. Todos têm o direito de evoluir, ganhar dinheiro, ficar rico e curtir as maravilhas deste Planeta abençoado. Somente os que não creem é que passam necessidades materiais; somente os infiéis é que sofrem. Vocês, meus irmãos, virão comigo para vivenciar o Paraíso ainda na Terra.

Quem não gostaria de ouvir isso? Enriquecer e gozar dos bens materiais em breve tempo, sem necessidade de morrer. Era o mais adequado chamamento para aqueles encarnados despidos da verdadeira fé.

Clélio enriqueceu a ponto de não mais ter lugar para gastar sua fortuna. Porém, rico ou pobre, o envelhecimento do corpo físico chega para todos. O aumento das rugas faciais é denunciado no espelho; as dificuldades para locomoção logo são sentidas; o distanciamento dos problemas se torna o maior desejo; a insensibilidade dos sentidos se faz notar. As enfermidades surgem com maior frequência. Chega um ponto em que nem mesmo os grandes templos contentam o âmago.

Cabisbaixo, sussurrando para si mesmo, Clélio andava de um lado para o outro na pequena capela que mandara construir na sua residência.

— Hei de ser consagrado por Deus e dentre os seus anjos estarei, pois somente distribuí a virtude para mim e para todos. Ensinei o bom caminho e permiti que várias pessoas atingissem a felicidade aqui, na Terra, neste plano onde outros tantos são infelizes. Sou um verdadeiro apóstolo do bem. Sim... esse é o meu destino.

A realidade da vida é outra, muitas vezes diversa do que os lábios podem expressar. A Justiça Divina possui leis tão justas quanto implacáveis, leis essas que não se impressionam com discursos e falsas orações. Bem quisto na sociedade, Clélio acumulou dívidas em torno da falsa mensagem, do culto ao materialismo, da eloquência dirigida a entornar as trilhas do bem de várias pessoas humildes e ignorantes.

A vida de Clélio, embora ministro religioso, não se cobriu de glória, tampouco conquistou brilho espiritual para gozar de uma vida consentânea ao seu desejo angelical após o seu desencarne. Essa passagem, aliás, lhe foi muito penosa. No hospital, visitado por poucos parentes, aquele homem poderoso sentia a vida esvair-se dia após dia, e a sua esperança foi minguando. Quando se lembrava de que, um dia, no passado, orou a Deus, logo percebeu que as suas preces foram impregnadas de artificialismo e nunca houve o sentimento sincero de junção ao Plano Maior. Não sabia rezar naquele estágio derradeiro de viço corporal. Temia fechar os olhos, pois a escuridão tormentosa tomava-lhe o cenário; entretanto, havia o cerramento definitivo da visão material. Quando esta se deu, Clélio foi lançado à escuridão profunda e sentia flutuar de um lugar a outro, sem conseguir estabilizar-se. Assim se passaram meses até que despertou no umbral denso.

5.2 Os imitadores

A passagem dos Espíritos pelos variados níveis de zonas umbralinas não obedece a um rígido percurso, de onde se parte do pior ambiente em direção segura ao ambiente mais leve, até atingir o Posto de Socorro ou alguma cidade espiritual. Não se trata de um rigoroso quadro, como se tivesse sido composto no plano terreno, a ser aplicado no plano da verdadeira vida. O desencarnado fica exatamente no ponto onde encontra harmonia o seu perispírito. Isto significa que há quem decresça, por livre-arbítrio, a zonas mais densas, embora estivessem antes em locais de menor pressão.

No umbral denso concentra-se um número significativo de desencarnados ligados a atividades religiosas, geralmente as que permitem o exercício de poder e fama, proporcionando elevado *status* social, cumulado com riqueza material. Até mesmo imitadores de ministros religiosos ali são encontrados.

Em encostas arenosas próximas, formando um vale na área central, era possível ouvir um elevado e ríspido tom de voz: — Abaixem-se, servo. Beijem minha bota.

Em questão de segundos, um dos presentes fez exatamente o que lhe foi comandado. E aquela figura, vestida em andrajos, imitando trajes sacerdotais, apontava o seu dedo para outros lados: — Assim está melhor. Todos os presentes, olhem para mim e concluam que estão sob ordens para o seu próprio bem. Sou um soberano justo, aquele que conhece os caminhos

do bem e do mal; aquele que pode conduzi-los ao céu; o digno Espírito da Verdade e da Luz.

Vários Espíritos se deitam, reverenciando o líder. O que não falta em zonas umbralinas são desencarnados totalmente confusos e ignorantes, a ponto de se deixar influenciar por quem tem mais tirocínio e esperteza.

— É o que há de ser, digo-lhes eu, um ser de natureza infinita, cuja prática de liderança começou na Terra e continuará neste plano. Voltem-se a mim e vamos construir um universo de ganhos e conquistas; vamos massacrar quem quer que se oponha ao nosso poder. Vocês são inferiores, reconheçam; precisam exaltar a minha pessoa para que obtenham a dádiva de serem salvos deste cativeiro que nos foi imposto por mentes malignas. Havemos de lutar contra tudo isso e vencer, como sempre fizemos na crosta terrestre.

Ouvem-se gritos e ovações em frenesi.

— Oh, senhores que me apoiam. Vislumbrem o lugar onde fomos deixados para sofrer e busquem a salvação em mim. Sim, em mim, o único soberano que tirou seus homens da lama, levando-os para o altar da glória. Sou eu que lhes posso conduzir. Digam “amém”, pela paz atingida.

Vários berros de “amém” ecoam naquele vale transitório. E o líder continua: — Precisamos nos organizar para invadir e dominar aquelas construções que se fingem de “céus”, mas são muralhas da perdição e do poder maléfico. Sou o líder indicado para isto. O meu poder é ilimitado e voltado a fazer justiça; essa justiça que vocês não conhecem porque Deus lhes foi injusto. Voltem-se a mim e vamos organizar um grupo de ataque a essa pretensa cidade espiritual. Enfim, conto com vocês, irmãos, para derrubar a tirania da Luz. Sou romano de berço. Sou herói de berço. Sou nobre e quero que vocês entendam isso, apoiando-me integralmente.

*

Esse líder, que despontou no umbral denso, nada mais é que um impostor. Nem mesmo religioso ele foi no plano terreno. Por outro motivo, terminou associando-se às entidades habitantes dessa zona umbralina. Mas sempre foi cerebrino, de esperteza lapidar — que podia ter sido utilizada para o bem. Percebeu a variedade de desencarnados confusos vagando por ali. Notou, ainda, que alguns desencarnados ligados a ministérios religiosos conseguiam adeptos. Foi o que lhe bastou para criar os seus seguidores, conferindo-lhe o poder — imaginário e efêmero — que tanto almejou em vida terrena. Alguns desses

coordenadores tentam atingir cidades espirituais mais próximas de sua região, em ataques repelidos, logo, inúteis; mas a maioria apenas amaldiçoa e blefa.

5.3 Os falsários

5.3.1 Túlio

— Fui uma exceção, imagino, visto ser padre e não acreditar em Deus. Visualizei a fonte da Igreja como a porta aberta a uma série de vantagens em relação às quais eu tinha destacado interesse. Não se casar? Besteira, pois o mais relevante era ter namoradas, tantas quantas a gente pudesse suportar. Ter bens? Ora, o que a Igreja oferecia era muito mais do que eu teria em mil vidas, considerando-se que sempre odiei trabalhar de verdade. Bebia-se bem; comia-se bem. Fingir acreditar em Deus era o mínimo que podia devolver à instituição que me abrigava.

Túlio era esperto, mas definitivamente indolente. Mal conseguia cuidar de si mesmo; tudo entregava para sua abnegada mãe, até o dia em que teve a *luminosa* ideia de integrar um seminário.

— Eu sempre fumei e bebi muito. Preparava-me, especialmente, quando ia integrar as mais *santas* orgias na sacristia da igreja onde exercia minhas funções. As mulheres ficavam enlouquecidas por uma batina e uma cruz no peito. Era um fetiche, algo mágico e pecaminoso — a fórmula perfeita para o sexo. Por isso, a cada encontro, paramentava-me todo; usava tudo o que era viável: manto, faixas douradas lindas, cruz de prata e tudo o que achava por ali. Ingressava na sacristia como um rei; elas gritavam de emoção. Por vezes, eu permitia a participação de padres amigos, que também apreciavam aquele tipo de encontro. Começávamos tomando muito vinho e falando besteiras. Depois, nus, passávamos ao sexo, que podia sair do ambiente da sacristia e deslocar-se até o altar; certa vez, chegamos aos bancos dos fiéis. Aquelas figuras de santos, até mesmo de Cristo, sejam estátuas ou pinturas, não me tocavam em absolutamente nada. O meu prazer sexual aumentava quando observava estar “pecando”, e as mulheres, muitas delas casadas, eriçavam-se por mim.

Uma ventania muito forte provocou uma espécie de tempestade de areia. Ele parou uns instantes de falar, mas logo retomou, com a mesma verve: — Nunca curti sexo com crianças ou adolescentes, mas vários de meus colegas, sim. Não os condenava; cada um tem um desejo sexual diferente. Pouco me importava. A ideia de que o ministro religioso era um representante de Deus naquele planeta selvagem sempre foi uma imunidade, uma carta de impunidade. Eu mesmo, um falso padre, fiz de tudo e nunca

recebi nenhuma reprimenda. É preciso saber a quem adular. A minha linguagem nas missas era culta e refinada; fora dali, vulgar e asquerosa. Julgava-me honesto quanto à minha postura. Por vezes, era tocado por um materialismo estranho aos bens eclesiásticos; queria ter alguns bens luxuosos só para mim. E tive. Bastava associar-me a um ou outro empresário da cidade, abençoar a família dele vez ou outra e, especialmente, o próprio, para receber carros e outros bens interessantes. Aliás, quanto mais pecador fosse o empresário, mais presentes eu recebia. Não conseguia imaginar-me noutra profissão, senão a mais adequada para um sujeito como eu, ocioso e ganancioso. Vivi muito bem ali na minha paróquia, até que não aguentei mais e morri. Acho que foi um infarto fulminante. Recordo-me que vaguei pela crosta terrena muito tempo, passando de igreja para igreja, mas sempre desacreditando de Deus e desses Espíritos que vagavam por aqui. Em certa ocasião, encontrei um padre... Ele me conduziu aonde estou hoje.

*

Túlio foi um padre em cidade interiorana de um país muito católico. Aproveitou-se da função e agiu tal como descreveu. Por ter conhecimentos bíblicos, imaginava poder terminar em algum lugar abençoado, quando deixasse seu corpo físico. Mas, de fato, nunca se preocupou, pois, no fundo, era agnóstico. Nunca acreditou ou teve medo do inferno. A realidade mostrou-lhe que o inferno em borrifadas de fogo não existe. No umbral denso, somente o tempo se encarregará de dobrá-lo e à sua arrogância. Cada dia ali vivido era um desgaste visível. Haveria o dia da redenção.

5.4 Os egoístas

5.4.1 Danton

O umbral denso é um ambiente de interligação entre o pedregoso e o nebuloso, onde vivem, respectivamente, os mais recalcitrantes desencarnados e os menos. Nesse cenário intermediário, encontram-se vários Espíritos que se julgam superiores a outros. Se no pedregoso há Espíritos mais rudes, e se no nebuloso há os que estão mais próximos do resgate, no denso há justamente uma reserva feita aos que se julgam superiores, sem necessidade de transformar-se num líder perverso.

Ali, entrevado em uma mesa voltada para um imenso paredão, encontrava-se Danton, um Espírito particularmente egoísta, que nunca admitiu a importância dos familiares e dos amigos. Para ele, somente os seus afazeres eram relevantes e a eles se dedicava diuturnamente, sem pressa de terminar, pois a vida *fora de seu cenário* era limitada e ignorante. Ele estudava bastante e se tornou um homem culto, cujo saber foi destinado às suas turmas na universidade onde exercia sua cátedra. Era casado, tinha três filhas, todas encantadas pelo conhecimento do pai, embora sem obter a menor atenção. *Ele era ele*. A esposa o respeitava, pois o considerava um *sábio*, alguém destacado, cuja função era ensinar outras pessoas. No entanto, o seu casamento transformou-se numa ficção, pois não havia comunhão entre marido e mulher, tampouco atenção às filhas.

Danton viveu para a universidade, que, por sua vez, tinha propósitos materialistas. Entregando-se a essa vida de isolamento, mesmo dentro de sua própria casa, contraiu dívidas não recuperadas, pois não se permitiu a tanto.

Desencarnando, saiu da crosta terrestre com certa facilidade, diante do bom senso que o imantava, mas colou-se ao Umbral na medida em que encontrou o *seu canto* e, por isso, a vida ideal. Dedicou-se, anos a fio, a seus passatempos prediletos, um dos quais era o ganho de conhecimento. Como não há livros reais no Umbral, ele os simulou e permanecia repetindo as mesmas coisas dia após dia. Nem mesmo as preces de sua viúva e das três filhas o retiraram rapidamente dali.

O tempo é o imperador da personalidade. Transforma qualquer ser, encarnado ou desencarnado, mas exige um período de expiação. Quando Danton sentiu-se, finalmente, solitário, elevou sua mente a Deus e pediu

ajuda. Os Peregrinos do Umbral o identificaram e, com a intervenção do Emissário Superior, partiu para um Posto de Socorro.

*

Danton era um homem honesto e capaz. Um respeitável professor universitário. Casou-se e teve três filhas. Tudo muito objetivo e sem qualquer delicadeza voltada ao amor. Exerceu a sua profissão incansavelmente, mas isolou a família do seu mister diário. Elas se bastavam, mas não estiveram felizes; ao contrário, cobravam de Danton uma participação no cotidiano, nem que fosse para conversar sobre amenidades. Ele nunca cedeu. Achava mais importante o que fazia em seu isolamento, fosse o que fosse. A esposa curvou-se à situação e as filhas, igualmente. Ele desencarnou e não conseguiu perceber a fonte do amor, nem o chamamento das colônias espirituais. Portanto, passou um longo período em zona densa.

5.4.2 Heleninha

Sou uma mulher determinada a atingir os meus objetivos, desde o meu nascimento, quando consegui *expulsar* a minha irmã do útero materno. Nasci filha única. É uma vida tranquila, cheia de mimos e atenção redobrada de seus pais. Tenho muitos eventos a narrar, mas devo me fixar na minha idade adulta.

Desflorei aos meus 18 anos, com direito a uma inesquecível festa, repleta de músicos, atores, bailarinas e diversão a noite inteira. Essa é a vantagem de ser rica. Quem tem coragem de dizer que isso é ruim? Divertime demais; curti uma droga; exagerei na bebida... E daí? Todos os meus amigos fizeram o mesmo e a minha festa foi o arraso do ano.

Prosegui na minha trajetória de sucesso, quando resolvi casar-me. Escolhi meu marido a dedo. Queria um homem *de verdade* (risos) que me propiciasse filhos e elevadas somas em dinheiro, joias, viagens e todos os luxos aos quais estava acostumada. Enquanto minhas primas invejosas indicavam-me este ou aquele, eu acabei escolhendo o melhor. Eu era uma linda garota, alta, com cabelos negros longos e brilhantes, verdejantes olhos e pele clara como as nuvens do céu. Um corpo maravilhoso e um pai abonado financeiramente. Que delícia! Eu elegi Melchior, o rapaz nanico, de nariz adunco, olhos pequenos e castanhos, com um cabelo mal cortado; nem magro nem gordo, apenas desengonçado. Ele me via como uma deusa do Olimpo; venerava-me; idolatrava-me. Que mulher deseja outro homem?

Escolher um rapaz de corpo escultural, tão lindo que somente pensa nele mesmo ou em outros homens? Não. O meu marido serviu-me maravilhosamente bem, lembrando, sempre, que a sua conta bancária era estupenda.

Após uma belíssima festa de casamento, a partir da lua de mel, começamos a providenciar, um após outro, os nossos três filhos. Da minha parte, cuidar de mim mesma era mais importante do que dar atenção a Melchior. Ele, por sua vez, envolto aos negócios da família, quase não aparecia em casa.

Vali-me de todos os confortos possíveis advindos da riqueza material — cheguei a me presentear com joias lindas. Sobre meus filhos? Deixei-os todos aos cuidados de uma equipe de babás e instrutores. Para que uma mãe há de se desgastar para ensinar o óbvio a seus filhos? Já pagamos escola e, não bastasse, temos uma equipe em casa para suprir todas as suas necessidades.

A vida nos conduz ao desgraçado envelhecimento — e isto era a única coisa que me importava. Meu marido continuava sumido em nome dos negócios. Para mim, a situação era a ideal. Havíamos constituído uma família perfeita: o casal milionário e seus três belos filhos.

O tempo passa rápido. De repente, ouço dizer que meu filho mais velho era drogado e estava em clínica de recuperação. Que estranho! Nem sabia onde era esse local. Jamais me passaria pela cabeça nem sequer colocar meus pés num ambiente horrível assim. Quem cuidava disso era a governanta e meu marido.

O filho mais novo já não era Paulo, mas Paula, uma escolha de gênero que, para mim, soava bizarra. Outra vez, fiquei afastada dessa terrível situação, jocosa em meu meio. Nem quis saber detalhes, mas me recusava a chamá-lo *Paula*. Era Paulo e pronto. Assim nasceu e dessa forma ficará para mim.

A filha do meio andava *largada*, sem um estudo responsável e sem um emprego confiável. Passou a vida sendo instruída na escola e em casa. O que mais poderia querer da vida? Embora ela não aceitasse a oferta do pai para trabalhar nas empresas da família, terminava em atividades menores, sob o argumento de querer *vencer na vida sozinha*. Que bobagem! Vencer na vida sozinha? Ela nem aproveitou a riqueza da família e já caiu em antros pobres, a título voluntário. Nem me preocupei. Não trazendo pessoas *esquisitas e fedorentas* para dentro de casa, podia fazer o que bem quisesse.

A comunicação com o meu marido era rápida e feita por rede social. Ele nunca se importou; menos ainda deveria eu me importar. Cuidava de mim e tinha muito o que fazer para isso.

O meu filho mais velho faleceu em overdose — algo a ver com o uso excessivo de drogas. Fui ao enterro por obrigação social, mas já nem o considerava parte da família. O mais novo foi assassinado numa rua escura qualquer, porque andava frequentando lugares marginais e desviados da boa moral. Outro enterro ao qual me dirigi por pura obrigação social.

A filha voluntária e defensora dos pobres aventurou-se pelo mundo afora, nessas ONGs engajadas em caridade; nunca mais a vi. Soube que ela não desejava mais falar comigo; que alívio, pensei.

Em verdade, tive três filhos mal-agraçados; dei-lhes muito dinheiro e conforto. O que mais poderiam querer da vida?

*

Heleninha passou assim a sua vida até desencarnar por conta de um derrame. Não conseguiu passar da escuridão, ao fechar os olhos. Terminou despertando no umbral nebuloso.

Era filha única, de família abonada, que se casou para contentar regras sociais, teve três filhos, mas nunca se dedicou a nenhum deles. Experimentou o afastamento do marido e a perda de contato, um a um, com os filhos. Será que entendeu o que causou? Em vida, mal compreendia o que era o egoísmo e muito menos o materialismo. Somente no Umbral terá tempo para a meditação quanto à realidade da vida verdadeira, que é a espiritual, mas também aprenderá como desperdiçou as oportunidades de aprimoramento da vida encarnada.

5.5 Os ricos

5.5.1 Diógenes

— Eu vi um gêiser e, de repente, fui arremessado pelo buraco na terra e lançado até o outro lado deste lugar ignóbil. As cavidades terrenas eram estranhas para mim. Ora aprofundavam-se até se perder de vista; ora apareciam, emergiam e expeliam algo para fora. Estava confuso. Observava que havia desertos ao meu redor e o lugar era muito quente, como se fosse o inferno. Ora frio, como o gelo. Notava animais rastejantes de todas as espécies.

Diógenes jamais imaginou que, a partir de uma vida opulenta na crosta terrestre, passaria a um lugar de sofrimento físico e mental.

— Estava me sentindo mal, porque não estava acostumado a bruscas variações de temperatura, nem mesmo ao agreste agressivo. Homens estranhos, pintados dos pés à cabeça caminhavam, parecendo que percebiam a minha presença. Estranho. Nem mesmo eu sabia onde estava.

O desencarne de Diógenes deu-se em casa, motivo pelo qual ele ficou ainda mais confuso.

— Estava em meu leito, no meu apartamento luxuoso em Nova Iorque, quando senti uma dor no peito e... E nada mais. Acho que adormeci. Acordei um tempo depois — não sei quanto tempo — e me encontrei em situação nitidamente desagradável, com ratos passando de um lado para outro, aliás, ratos muito grandes... pareciam gatos. Sempre odiei ratos. Por todos os lados, seres rastejantes se faziam presentes. O ar abafado me irritava. O ambiente era hostil. Encontrava-me num pântano. Disseram-me, uma vez, haver terra desgraçada como esta na própria face da Terra, mas eu nunca acreditei. Sempre fui americano, dono do espaço maior neste Planeta, vivendo na maior cidade do mundo e rico de nascença. Algo melhor que isso? De repente, arrastava-me por uma planície esquisita, cheia de animais imundos e gente igualmente nojenta. O que fiz para merecer isso?

*

Eis o mal da alienação causada pela riqueza. Ao desencarnar, resguardadas as merecidas exceções, os Espíritos ficam confusos e enfrentam ambientes hostis. A sua vibração condiz com zonas umbralinas, para onde são levados. Por vezes,

vagam, antes, pela crosta terrena, acompanhando velório ou enterro, mas não escapam do lugar onde o seu perispírito encontra-se harmonizado.

5.6 Os molestadores

5.6.1 Michael

No pântano arenoso, criaturas se afogavam em movediços terrenos, mas logo voltavam à superfície, como se fosse um cíclico sofrimento de engasgar, *morrer um pouco* e tornar à vida. Ali, dentre tantos desencarnados, encontrava-se Michael, que se afogava e, ao mesmo tempo, sentia prazer nessa espécie de rito de passagem, pois cultivava um lado masoquista. Ele apreciava, de certo modo, o sofrimento.

— Eu parava meu carro de sorvetes, construído especialmente para isso, em frente a escolas e creches, fornecendo *gelatos* gratuitamente a todas as crianças e jovens. Era o primeiro momento. Passadas algumas semanas, já os tinha fidelizados, embora sem nada pagar. Isto não importava. No entanto, para não despertar suspeitas, comecei a colocar preço nos sorvetes. Valores bem baixos, para que todos pudessem pagar. Deu certo. A minha clientela só aumentava.

Michael agia com esperteza. Percebendo estar sozinho com uma criança, colocava-a dentro da camioneta e dela se servia. Era uma tristeza, pois a garotinha (ou garotinho) saía dali sem nada perceber de errado, visto ter aproveitado o sorvete e a atenção do dono, que era muito engraçado.

Naquele ambiente umbralino, parecendo um disparatado, ele dava risadas histéricas quando submergia e voltava à superfície. De repente, quando conseguia sair do lodo e acomodava-se por perto para projetar suas imagens profanas, aquietava-se. Ele recriava ambientes, onde estava nu e, ao seu lado, encontravam-se várias crianças, de ambos os sexos, fazendo-lhe todas as vontades. A maioria dos desejos concentrava-se no âmbito sexual, mas também havia a mordaz vontade de exercer o poder sobre as criaturas mais frágeis. A sua mente inteligente era capaz de projetar, nas areias do umbral, os corpos dos inocentes que molestou quando estava encarnado; disso, advinha o seu desejo masoquista de sofrer, mergulhando em areias movediças. Havia nisso uma simbiose doentia.

— O meu carro de sorvetes era maravilhoso. Investi tudo o que tinha nesse empreendimento e vender sorvetes era o mínimo. Calculei exatamente quanto o meu patrimônio poderia aguentar ao distribuir *gelatos* abaixo do custo e a conclusão era fantástica. Entre sorvetes para adultos, vendidos a preços regulares, e os que seriam destinados a infantes, abaixo do custo,

tudo corria muito bem. Parava em várias frentes de escolas e jamais deixei de ter crianças ao meu inteiro dispor. Um sorvete gratuito era o preço da virgindade.

A infância conhecia um lado rude da vida naquele caminhão de sorvete.

*

Michael era um exemplar marido e pai. Além disso, era funcionário dedicado à sua empresa, merecedor dos mais pontuais elogios. Porém, tinha problemas psicológicos, assumindo que gostava de crianças para uma convivência íntima. Molestava-as, pelos toques indevidos e pela conversa inadequada, quando as levava para o interior de seu carro de sorvetes. Nunca foi preso, nem julgado. A sua vida terrena transcorreu dentro desses limites estreitos, variando entre o cidadão exemplar e o molestador contumaz. Após o desencarne, nada se pode ocultar.

5.6.2 Álvaro

O sexo é, para mim, algo muito natural. Desfrutei dessa condição, como médico, em inúmeras ocasiões, pois atuava como pediatra. Adorava o corpo, masculino e feminino, em fase de desenvolvimento, especialmente na infância e na adolescência. Nada poderia ser mais belo e energético. Eu utilizava as minhas consultas para tocar nas partes íntimas dos meus pacientes; o desafio de fazer isso na frente dos pais ou responsáveis era excitante. Pobres deles. Não sabiam discernir entre um toque médico e um toque sensual; eis por que me dei muito bem ao longo da minha carreira, sem jamais ter sido perturbado pela Justiça humana.

Perguntava-me, nas horas de solidude, qual seria a razão pela qual as pessoas em geral são tão conservadoras em matéria sexual. Qual o motivo de se preservar as crianças e os jovens desses maravilhosos contatos entre humanos. Eu seria tachado, se um dia fosse descoberto, como *pedófilo*. E o que significa *pedofilia*? Uma perversão? Absurdo. A atração sexual por crianças e adolescentes é uma dádiva divina; somente algumas pessoas abençoadas conseguem ter esse alcance. Não existe nenhum abuso, mas amor. Um amor, aliás, que poucos conseguem sentir. A pobreza intelectual e emocional das pessoas comuns e iletradas é consistente e inunda os meios de comunicação. É por isso que somos mal compreendidos... Justamente aqueles que *sabem* o que é ideal para o início da vida sexual de infantes e jovens.

Como pediatra, insistia com os pais para manter-me como médico até os 18 anos, dizendo que somente a minha especialidade conhecia todos os recursos necessários para cuidar desses pacientes. Fui afortunado, pois consegui convencer a maioria deles. Diante disso, tinha, ao meu dispor, garotos e garotas, todos lindos, à minha mercê. Os meus exames eram longos e demorados, cheio de toques e apalpadinhas. Por vezes, os pais nem mais entravam na minha sala de consulta, em face do grau de confiança atingido. Era então o momento mais excitante da minha vida, pois desfrutava dos jovens à vontade.

Nunca precisei dopar meus pacientes, tendo em vista que meus toques eram explicados e justificados e as mentes incautas acreditavam em tudo. Fiz o bem para eles. Alguns sentiam prazer sensual em virtude de minhas ações, e eu notava isso.

Os meninos adoravam a manipulação peniana. As garotas sentiam-se bem, sem muita explicação, quando mexíamos na vulva com a autoridade médica. Eram eles vítimas? Jamais. Eram pessoas como outras quaisquer, todas voltadas ao sexo, à força da sensualidade.

Houve, certa vez, uma integração inesperada. Uma mãe de uma jovem, que teria sido estuprada, participou da consulta e todos nos divertimos muito. A garota, confusa, deixou-se tocar pelas minhas mãos e também pela mãe. Então, todos tiramos as roupas e realizamos sexo por completo em todos os sentidos. Eis a consagração da minha orientação sexual: sexo livre em qualquer nível.

Passei a minha vida profissional integralmente dedicado à pediatria e, feliz, porque consegui tudo o que almejei em matéria sexual. Casei-me e tive um filho, apenas para fins sociais.

Levei a minha trajetória até onde pude, quando fui vitimado por um infarto fulminante.

A partir da minha morte, o escuro me absorveu e não mais tive noção do tempo. Perdi-me vagando por uma noite eterna. Sofria muito por nem mesmo vislumbrar uma pequena porção de luz. Não sabia onde estava. Em determinado momento, descobri-me no umbral denso. Nem posso descrever o quanto sofri até ser resgatado para o reinício de uma jornada terrena.

O médico Álvaro especializou-se em pediatria justamente para satisfazer seus propósitos sexuais desvirtuados. Conseguiu, durante a jornada terrena, atingir a impunidade, sem ter sido descoberto. Mas a lei de causa e efeito, fruto da Justiça Divina, atuou e, após o seu desencarne, experimentou os sofrimentos umbralinos. O propósito é galgar evolução, visando a futuras reencarnações.

5.7 Os violentos

5.7.1 Carlinhos

— Por favor, Carlinhos, você poderia cuidar da loja e fechar o caixa hoje? — disse-me o patrão.

— Sem dúvida, Ernesto. Estou sempre à sua disposição — respondi, já pensando no lucro do dia.

Quando meu empregador foi embora, efetuei vendas não registradas, apropriando-me de todos os valores, e ainda consegui algum dinheiro do caixa, jogando para perdas do dia. Sempre fui esperto. Apresentava-me como um cordial servidor, com palavras e jeito incomuns aos pobres empregados; eu tinha a postura de um empregado fiel e leal, mas era um escroque de maior estirpe.

No comércio, já consegui ganhar prêmios de produção e de funcionário exemplar. Apesar de me apropriar dos *excessos* da loja, fui cultuado pelo meu patrão como uma pessoa ímpar. Em casa, tinha mulher e filha. Um peso para mim. Por isso, ambas eram espancadas sempre que meu humor caía a níveis indesejados.

— Pelo amor de Deus, Carlos. Não me bata mais. Eu não suporto essa humilhação — gritava a esposa.

— Cale-se, mulher. Você é medíocre. Trabalha naquele bazar e não ganha nem para pagar as contas de luz e água. Um peso para mim.

— Eu gosto do trabalho e sinto-me bem onde estou.

— Sente-se bem? E eu trabalho para sustentar esta porcaria de casa?

— Mas, Carlos, além do meu emprego, eu cuido da casa e você não pode se queixar de nada.

— Não posso? Roupas mal lavadas e passadas, comida malfeita e casa suja... Esta é a minha realidade.

— Por favor, não é verdade. Desdobro-me para cuidar de tudo e ainda orientar Marlene em seus estudos.

— Essa menina é uma idiota. Tão imbecil quanto o nome que você resolveu dar a ela... Fruto da sua maldita mãe.

— Ela é inteligente, mas não tem incentivo. Pense bem. Ela precisa de seu apoio.

Carlos não somente agredia a esposa como também o fazia quanto à filha, justamente quando a considerava incapaz de tirar boas notas na escola.

No trabalho, continuava a sua trajetória de *alma boa*.

— Carlinhos, não sei o que faria sem você — dizia o patrão.

— Ora, Ernesto, sou seu amigo e trabalho por amor... Nem ligo para o salário.

— É verdade. Você nunca me pediu aumento. Acho que estou em erro e pretendo saná-lo. A partir do próximo mês, você terá 10% de elevação salarial.

Carlos recebeu o aumento com prazer, ao mesmo tempo em que se lembrava do tanto que desviava da loja, chegando ao ápice da sua falta de escrúpulo.

Um dia, a polícia chegou à loja procurando Carlos.

— Sr. Carlos?

— Sim, sou eu.

— Eu sou o detetive Marcos. Estou aqui porque vizinhos seus denunciaram agressões suas à esposa e filha. Preciso averiguar.

Imerso no seu cinismo, ele respondeu: — É evidente. Peço-lhe, mesmo, que investigue tudo, pois os meus vizinhos, infelizmente, invejam a nossa situação financeira. Acho que fazem acusações levianas...

— Calma, Sr. Carlos. Sei que é um empregado exemplar, informação que obtive do seu patrão. Mas preciso me certificar do que se passa em sua casa.

Após alguns momentos de conversa face a face, o investigador Marcos *convenceu-se* da idoneidade de Carlos e foi embora, acreditando na maledicência da vizinhança.

Retornando para casa naquele dia, Carlos resolveu descontar na esposa e na filha todos os seus dissabores. Amordaçou-as e amarrou-as. Depois, agrediu-as com um chicote até que caíssem ao chão ensanguentadas. Trabalho feito, o agressor acomodou-se em poltrona e resolveu beber sua cachaça favorita.

Horas depois, enquanto esposa e filha choravam baixinho, Carlos encontrava-se embriagado. Subitamente, um clarão invadiu a sala, surpreendendo-o. Ele, alcoolizado, não conseguia captar o que estava ocorrendo. Ouve-se uma voz: — Carlos, liberte-as imediatamente.

Ele estranhou e buscou as janelas para observar se algum vizinho se aproximara da casa. Nada encontrou. Ficou temeroso. E ouviu novamente o mesmo comando.

De certa forma incrédulo, resolveu atender e soltou a filha e a esposa, que se recolheram no quarto de uma delas. Carlos permaneceu bebendo na sala, mas as vozes não o deixavam em paz.

— Você é um torturador.

— Pare de atormentar inocentes.

— Não seja desleal e desonesto.

— Cesse a sua conduta agressiva.

Ele ouvia todas essas frases. De onde? Do nada. O temor aumentou e implementou o seu batimento cardíaco.

Tentando manter-se corajoso e destemido, começou a falar sozinho, gritando para que *aquelas vozes* o deixassem em paz. A casa escureceu por completo, findando a luz elétrica daquela zona habitacional.

No breu, Carlos, embriagado, começou a andar pelos cômodos sem destino e assustado. Subia e descia a escada do sobrado sem parar, até que uma queda adveio. Quebrou o pescoço e desencarnou.

— Onde estou? O que é isso? — indagou Carlos ao se ver ao lado de seu corpo inerte.

Não obteve resposta. Temeroso, ficou ao lado do cadáver, sem acreditar que poderia ter morrido.

Passados alguns momentos, forças negativas surgiram e o levaram ao umbral denso. A partir daí, o seu sofrimento delineou o futuro.

*

Carlos sempre pareceu o funcionário exemplar, confiável e leal. Mas era desonesto e aproveitador. Em casa, as aparências também enganavam, pois, embora parecesse um bom marido e pai amoroso, atuava de maneira totalmente diversa. Seu destino selou-se no umbral denso.

5. Todos os relatos colhidos de habitantes das zonas umbralinas advêm de Espíritos já resgatados; atualmente, alguns são residentes da colônia espiritual Alvorada Nova; outros estão reencarnados. Os nomes usados nesta obra são fictícios para não haver identificação dos envolvidos na narrativa.

6.1 Os maldosos

6.1.1 Nídea

— Os meus longos cabelos negros, como a escuridão, servem-me de arma contra os desavisados e petulantes; ninguém invade meu território sem sofrer, de imediato, as terríveis consequências. Eu os torço para que se transformem em corda, com a qual eu estrangulo os invasores. Bando de vermes imundos, que saem pelas frestas das pedras para roubar quem tem o direito de possuir o amealhado a muito custo.

Com esse discurso agressivo, Nídea se apresentava a quem se aproximasse; enquanto isso, ela se deslocava de gruta em gruta à procura de sensações materiais, tais como a saciedade da fome, o orgasmo do sexo, o delírio das drogas, o entorpecimento do álcool, a fumaça do cigarro, entre outros fatores típicos de quem está encarnado, mas inacessível ao mundo desencarnado. Essa busca incessante ocupava a sua mente e tornava o seu período naquele local tão indeterminado quanto esperançoso de reviver os sentidos da matéria.

A comunidade de desencarnados naquela região consistia em Espíritos amontoados uns sobre os outros, apertados num enclave de pedras gigantescas e dominantes no cenário. Era uma das faces do umbral pedregoso. A luminosidade era oscilante, dependente dos veículos das colônias, que rasgavam o céu, ou percorriam trilhos a distância; por vezes, a luz surgia pela passagem de Peregrinos do Umbral, que passavam sistematicamente para captar informes de irmãos arrependidos, alguns dos quais poderiam ser resgatados. Algumas projeções mentais desses desencarnados simulavam luzes, embora de tonalidades sombrias, condizentes com o local, tal como vermelho, roxo e cinza.

Ali, abrigava-se um grupo de desencarnados ligados à exploração da sexualidade, não necessariamente composto de pessoas que se haviam prostituído. Eram Espíritos vinculados ao sexo, como se este fosse o único objetivo da vida encarnada; noutros termos, tudo em redor da sua passagem pela crosta dedicava-se à luxúria.

A libidinagem era a marca que os unia, havendo, em seu meio, todos os tipos de arremedo de criatura: os prostituídos, os pedófilos, os ninfomaníacos, os sadomasoquistas, os cultores do corpo físico para fins de exploração sexual, os que trocaram qualquer honestidade da vida material pela traição provada pelo exercício incontrolado do sexo, entre outros. Encontravam-se, nessa comunidade, desencarnados que haviam exercido, quando na crosta terrena, todas as espécies possíveis de profissões, muitas das quais nem se ligavam diretamente ao relacionamento sexual.

Quando esse amontoado de desencarnados simulava uma orgia, eles perdiam um tempo considerável buscando o que sempre os animou na vida material: o orgasmo. Esse prazer sexual era impossível de ser atingido no plano espiritual, pois sempre foi condizente apenas com o corpo físico. Por isso, a sua frustração estendia-se a períodos longos, tentando encontrar o que lhes era completamente inviável.

A orgia significava um desvio comportamental, que podia representar um momento na vida de um casal, por exemplo, a lhes estimular o prazer, o que nada representaria na ordem geral das coisas, mas poderia significar um vício, levando o encarnado a ter relacionamentos sexuais sempre envolto nessa situação; como qualquer vício, bloquearia os bons pensamentos e acarretaria maldades e materialismo, influenciando no desencarne.

Mas não bastava, manias e dependências levavam a outras formas de depravação moral, motivo pelo qual se podia constatar nesse agrupamento os desencarnados cultores da maldade como horizonte de existência. Auferiam suas forças dos fluidos negativos dos encarnados, algo que, no Planeta Terra, era abundante, funcionando como uma imensa fábrica de geração de energia corrente assimilada pelos Espíritos da zona umbralina. Maus pensamentos e atitudes negativas dos encarnados não representam apenas uma infração das leis terrenas, mas constituem fontes efetivas de vitalidade para desencarnados obsessores, habitantes das tristes e sombrias áreas dos umbrais.

Nídea era um exemplo de maldade, pois nunca se questionou, enquanto encarnada, a respeito dos bons valores cristãos; voltava-se sempre à malignidade, cultuando símbolos diabólicos e promovendo rituais de perversidade, onde praticava abjetos crimes contra quem caísse em sua lábia. Vários de seus relacionamentos sexuais geraram gestações, logo transformadas em abortos. Ela possuía um número impressionante de desencarnados dispostos a dela se vingar pelo impedimento de seu retorno à

carne. A sua falsa segurança era desmascarada por longos períodos de choro convulsivo, quando se dava conta de seus erros, mesmo que buscasse negá-los interiormente.

Todo Espírito, por mais ignorante e obtuso, possui um imo de luz cintilante, que funciona como a estrela da bondade, um toque divino, permanente, possibilitando o progresso, um dia. Alguns levam milênios; outros, séculos; terceiros, décadas; mas todos passam pela experiência de permitir o brilho da estrela interior, pronta a iluminar o caminho da redenção.

Nesse amontoado de desvios, vislumbraram os Peregrinos do Umbral a fonte de arrependimento de uma mulher. Era a malvada Nídea, como era conhecida naquela região.

Caius aproximou-se da gruta onde ela se escondia, ao mesmo tempo em que pranteava seus pecados. Enquanto isso, Heitor emitiu uma potente luz com seu cajado, afastando os curiosos e venais desencarnados.

— Como se sente, hoje, Nídea? — indagou-lhe Caius.

Assustada porque alguém “de luz” — como os desencarnados chamavam os Peregrinos — deu-lhe atenção, balbuciou: — Estou bem... como sempre.

— Se está bem, por que chora com tanta emoção?

— Eu não estava chorando. Acho que me resfriei...

— Ora, Nídea, você sabe inexistir enfermidades da crosta terrestre nessa área. Somente os encarnados padecem doenças.

— Eu poderia estar encarnada... — ela responde, sem nexos, mas espelhando um desejo.

— Por certo que sim. Depende somente de você. Heitor — aponta o companheiro — e eu a acompanhamos a distância por muito tempo. No início, tão logo chegou, você era ríspida e implacável. Um poço repleto de tormentas. Perseguiu os outros desencarnados que chegavam, atormentando-os e gerando-lhes muito medo. Isso passou... Não percebe?

— Eu cansei desses malditos. Era um passatempo para mim.

— Sabemos disso; porém, você não apenas se cansou, mas, no fundo, arrependeu-se de causar tanto mal; maldades que voltam a você mesma na forma de tristeza profunda, justamente o que a faz chorar de maneira mais frequente.

A voz de Caius lhe soava como um bálsamo, depois de tantos anos de puro sofrimento naquelas sombrias bandas. Por mais que quisesse, já não

conseguia simular uma postura dura, despida de qualquer bom sentimento.

Ela permaneceu em silêncio, como a concordar com aquela conclusão. Heitor interveio: — Nídea, você não gostaria de recomeçar tudo? Zerar a sua difícil existência passada e retomar a chance de ser mais feliz?

— Sim, sem dúvida, mas não tenho ideia de como isso seria possível.

— Basta admitir, após tanto padecimento, que está pronta e esperançosa de clamar a Deus por misericórdia e Ele certamente a ouvirá.

Incrédula, pois há muito tempo não pronunciava essa palavra, Nídea não titubeou: — Oh, Deus, peço perdão por tantos males que fiz e pelas amarguras que causei a outros... — ela parou, olhou para os Peregrinos e disse: — Não sei mais rezar; acho que nunca soube.

— Calma, tudo a seu tempo. Dê-me sua mão e, juntos, vamos orar.

Um forte clarão prateado tomou conta do espaço onde eles se encontravam. Quando cessou, já não estavam em zona umbralina. Assim foi o resgate de Nídea.

*

Nídea não era somente uma prostituta, mas uma mulher revoltada, desde a adolescência, em face da pobreza e do abandono do lar por parte de seu pai. Desenvolveu uma personalidade vingativa — odiava a sociedade na qual vivia — e descontava em seus clientes, chantageando-os, enganando-os e agredindo-os. Havia o exercício da maldade em sua trilha, justamente o que a afastou do Plano Espiritual. Apostou no sexo como ganho de vida e fonte de suas armadilhas e tramoias. Nunca teve família. Abortou os filhos. Nunca teve amigos leais. Viviu um ostracismo por ela cultivado e desejado. Percebendo o seu ocaso físico, deixou-se consumir pela obesidade mórbida no processo de envelhecimento. O cenário da sua vida não era nada convidativo para um resplandecer na espiritualidade.

6.2 Os grupos nefastos

6.2.1 Os políticos

Tratava-se de uma imensa caverna, cuja entrada era tão grande quanto o seu interior. Ali dentro, encontravam-se reproduções de móveis, instrumentos e adornos existentes na crosta terrestre. O líder do grupo era respeitado porque tinha mais experiência — tempo de umbral — além de ser um dos mais recalcitrantes a aceitar a mão do bem. Não tinha poder real, mas se sentia grande, imortal e forte, tal como um vilão de pérfidas histórias. Esses líderes apreciavam utilizar nomes de grandes celebridades do plano material. Nesta visão, ali se encontrava “Júlio César”, brandindo sua espada e conclamando os “romanos” a acompanhá-lo: — Irmãos, nesta noite, o Demônio — nomenclatura ainda usada por eles, por julgarem *forte* e causadora de *temor* — comunicou-me que devemos tomar de assalto aquela Assembleia. Nós podemos fazer isso e vamos fazer. Quem está comigo?

Um bando de Espíritos inferiores, sem inteligência aguçada, perdidos ali, concordaram. Na situação concreta, Júlio César exerceria uma investida coletiva contra o *Parlamento italiano*, uma representação mental, para que houvesse cizânia e não se conseguisse atingir o consenso a ponto de se garantir um governo equilibrado. Sentiam-se integrantes de legiões romanas do passado.

O tal Parlamento era outro monte, cercado de pedras, habitação de outro grupo de desencarnados. Eles partiram em conjunto e atuavam no *recinto do Parlamento*, gerando uma arrebatada violenta e ruidosa em face do encontro de Espíritos rivais. Os seus atos agressivos recíprocos fomentaram maior instabilidade na zona umbralina, passando a oscilar firmemente a temperatura, além de ter provocado um incremento na escuridão, de forma que os desencarnados pareciam levitar e rodar pelo espaço em torno de seus próprios perispíritos, de modo contínuo, até perderem a noção de onde estavam. Por um longo período, vários deles vagaram sem memória pelas cercanias, enquanto outros, amedrontados, esconderam-se; terceiros, mais experientes tentavam reunir seus seguidores, mas sabiam da dificuldade apresentada pela explosão de energia negativa, capaz de tornar o ambiente ainda mais instável do que sempre foi. Enfim,

embates entre desencarnados, em zonas umbralinas, somente causam piores sensações aos habitantes de tão sofrida região.

Por vezes, hordas de Espíritos malignos seguem para a crosta terrena a fim de atormentar um encarnado particularmente importante no mundo material, como um político de grande poder, um artista cuja voz ecoa a multidões, um ministro religioso cuja oração é capaz de alterar o rumo da história, enfim, alguém que possa infernizar a vida de milhares de seres humanos. Naturalmente, quando isso ocorre, grupos de Espíritos Elevados partem das cidades espirituais com o propósito de neutralizar essa força perversa, conferindo proteção aos encarnados preparados para receber os bons conselhos. Por determinismo do Alto, a caminhada da Humanidade tem um controle severo dos Benfeitores Espirituais, de forma que os agrupamentos de desencarnados maldosos encontram uma forte barreira para os seus desafidores objetivos. Entretanto, há épocas da evolução planetária em que o mal é tão abundante, a ponto de gerar a necessidade de transformação global de seus habitantes. Os Mundos Superiores, criteriosamente, promovem os cataclismos de imensa magnitude para haver o expurgo dos maus, mantendo-se o nível mínimo de bondade entre os encarnados sobreviventes, para que haja a regeneração.

Há também tribos irmanadas pelo mal, espelhado em vingança, voltadas especificamente a grupos espíritas, que cultivam e fazem prosperar o bem na crosta terrestre. Elas vêm ao plano material para envolver, obsidiando ou possuindo pessoas-chave de agrupamentos mediúnicos, de centros espíritas, de grupos de estudos, de obras caritativas, entre dezenas de outras espécies de grupos espíritas. Por certo, algumas tribos voltam-se a outras religiões, mas é o Espiritismo a força motriz da regeneração do Planeta Terra nas próximas décadas, recebendo a maior parte da influência negativa.

*

Um grupo de Espíritos desencarnados, advindos do umbral externo, pode preocupar, sem dúvida, quem atua no campo da bondade, pois haverá um choque de ideais. A horda de obsessores, que possui uma meta comum, tende a atuar com disciplina, o que os torna mais fortes. Quando agem em relação a encarnados predestinados ao mal, regozijam-se e conquistam espaço. Fora disso, é preciso ressaltar que o livre-arbítrio predomina sempre, de modo que os grupos de desencarnados podem ficar à míngua se os encarnados, quando assediados, os

rejeitarem. Sabe-se que o entrelaçamento dos dois planos da vida é uma realidade perene no atual estágio terreno, razão pela qual há de existir a robustez do amor nos corações e nas mentes dos mais evoluídos, com o fito de rechaçar malignidades advindas do plano inferior.

6.2.2 Os manipuladores

Tratava-se de uma sala de reuniões, com uma mesa retangular imensa, receptiva a diversas cadeiras, todas destinadas aos conselheiros daquela entidade benemérita. Eles preparavam-se para debater a atualização do Estatuto da organização e o seu destino. Este era o quadro do plano físico. Porém, ao lado de cada cadeira, postava-se um desencarnado, pertencente a uma horda caracterizada pela missão de destruir o consenso e promover a discórdia, impedindo o bom funcionamento da entidade. Eram 25 conselheiros, incluindo o presidente da assembleia; havia exatos 25 obsessores dedicados com exclusividade a influenciar um a um. Some-se a esse cenário os outros Espíritos maldosos, que percorriam os corredores externos da entidade para causar distúrbio nos encarnados que por ali estivessem.

Não se deve subestimar as forças do mal, pois elas não são estranhas aos próprios encarnados, que também agem maldosamente. Os obsessores eram encarnados outro dia; cortados os laços com a matéria, em face do desencarne, optaram pela vida errante das zonas umbralinas. Estavam bem preparados, pela força da união e da subjugação.

Enquanto isso, a partir da abertura dos trabalhos, os encarnados começam a refletir as suas mazelas, concretizadas pelo orgulho, pela vaidade, pelo egoísmo, pela prepotência e pelo complexo de superioridade; todos esses ingredientes causavam furor nos desencarnados, que viram facilitado o seu trabalho.

É comum, em agrupamentos humanos, a *chaga da autoridade*, síndrome do complexo de superioridade unido a outros defeitos graves de caráter, a ponto de sempre existir *o(s) dono(s) da verdade*, que insistem em conduzir os trabalhos para que o seu pensamento prevaleça ao final — certo ou errado. Eis a parcela do orgulho, que veda o entendimento e castiga o consenso.

O presidente (encarnado) pronunciou-se e começaram os trabalhos por meio da leitura da ata e do projeto de alteração regimental. Enquanto o secretário da instituição fazia a leitura, iniciou-se a movimentação dos obsessores para manipular cada um dos presentes.

— Temos um projeto elaborado pelo engenheiro Augusto, demonstrando a perfeita viabilidade de ampliar as nossas dependências, a fim de atender crianças portadoras de enfermidades mentais. Gostaria que o Conselho o aprovasse para darmos início às obras — falou, em tom firme, o presidente.

— Meu prezado amigo Júlio, respeito a sua posição de presidente de nossa instituição, mas é preciso colocar em debate o tema em questão. Será mesmo necessário ampliar as nossas dependências, se nem mesmo conseguimos sustentar as atuais ocupações da nossa instituição? — proferiu um conselheiro.

Um assunto tão nobre, em entidade destinada a concretizar obras de caridade, jamais deveria gerar discussões hostis e rudes. Porém, os discretos *sopros* de ideias malévolas, a cargo dos obsessores presentes, foram assimilados pelo presidente e, na sequência, pelo conselheiro. Diante disso, iniciou-se uma acirrada discussão, envolvendo, inclusive, vários outros conselheiros.

O ambiente estava bem preparado para rupturas e contendas, conforme planejado pelos obsessores. Desandou o ambiente harmonioso, passando a imperar a ruína do entendimento entre os presentes; a partir desse estágio, ofensas verbais foram trocadas e os ânimos atingiram o seu ápice de irritação. Subitamente, o presidente da instituição deu um soco na mesa e gritou: — Eu sou o presidente desta entidade! Cabe a mim, principalmente, decidir os rumos da nossa instituição. Sinto que estou, agora, amparado pelo meu mentor, que afirma o acerto da minha decisão.

Ao invocar a intervenção do mentor, quando na verdade se tratava de um obsessor, o presidente buscou o conforto da legitimidade dada por entidades espirituais elevadas à sua posição e, não somente isso, mas ao modo que se expressou.

Os demais membros do conselho se calaram. Houve um silêncio perturbador, até que um deles interveio: — Vamos adiar essa decisão para o nosso próximo encontro; afinal, os ânimos estão mais exaltados do que deveriam. Sugiro uma prece de sustentação à casa.

Essa oração era tudo o que os obsessores queriam evitar, pois, efetivamente, poderia atrair a proteção dos Mentores da Casa.

Durante a prece, luzes intensas tomaram o ambiente e, por absoluta repugnância àquele forte clarão, os maldosos Espíritos dali partiram.

Findo o encontro, cada conselheiro se despediu e partiu para casa. O presidente, desconcertado pela sua inflexibilidade e pela cólera manifestada de público, ao se despedir de todos reiterava que aquela expressividade enérgica foi um comando do Mentor. Olhares tortos e o franzimento das testas demonstravam a incredulidade dos que saíam do recinto.

*

Quando a cizânia se instala em qualquer tipo de reunião, o ambiente está nitidamente favorável a Espíritos malignos, que têm espaço de sobra para agir, buscando o envolvimento íntimo com os encarnados, obsidiando-os. Se isto ocorre em encontros realizados nas entidades de caridade, basta projetar o mesmo cenário para quadros muito mais complexos e os resultados podem ser guerras catastróficas para a humanidade, dentre outras desgraças. A única fórmula efetiva para contornar o assédio espiritual negativo é a humildade e a tolerância. Afinal, inexiste mentor a demonstrar aspereza no trato e imposição de vontade. Quando isto ocorre, há uma decorrência natural da obsessão. Os Espíritos manipuladores estão sempre a postos para empreender maldades; resta ao encarnado o preparo para evitar esse envolvimento, com fé e resignação.

6.2.3 Os hipócritas

A falsidade é uma das máculas humanas, que reverberam no plano espiritual, após o desencarne. É preciso exercer constante vigilância no tocante à dissimulação, procurando evitá-la, cultivando a honestidade e a franqueza. A dignidade e a sinceridade são qualidades do ser humano e não podem servir de lastro a agressões verbais e ofensas, a pretexto de se estar agindo com imunidade para expressar ideias e pensamentos. A injúria jamais encontra respaldo sob qualquer roupagem. Por isso, deve-se distinguir, com clareza, a pessoa sincera — que jamais ofende — daquele que é hipócrita. O dissimulado pode elogiar à frente, mas o seu pérfido caráter vai promover a maledicência por trás. Há relatos de fatos históricos marcados pela hipocrisia, algo que somente macula a humanidade.

Naquele campo de futebol, cujo estádio estava lotado de torcidas, ingressou o time favorito para vencer o jogo. Foi ovacionado com ênfase. De outra parte, ingressou o time adversário, cujas chances eram diminutas. Os técnicos das duas seleções cumprimentaram-se e a partida teve início. Enquanto isso, obsessores invadiram o campo e influenciaram os jogadores

do time principal a serem complacentes com a derrota, afinal, o que importava era o ganho financeiro que isso geraria.

Sem uma formação moral sólida, muitos jogadores foram cedendo ao plano anteriormente traçado de entregar a partida para que o adversário a vencesse. Ninguém na plateia poderia imaginar a ocorrência de uma obsessão coletiva naqueles momentos cruciais; desse modo, a última coisa que o torcedor poderia pensar seria na oração. E não estavam errados, visto ser uma partida esportiva, quando se supunha a lisura dos jogadores, todos tentando vencer o certame. Mas assim não aconteceu.

O time favorito perdeu o jogo. O silêncio choroso instalou-se no imenso estádio; somente o canto da menor torcida, de quem venceu a partida, manifestava-se. Nos vestiários, ninguém admitia a péssima atuação, ao mesmo tempo em que corriam para deixar o local sem dar qualquer entrevista. A vergonha estampava-se nas suas faces e eles nem compreendiam, exatamente, o que havia ocorrido.

O time foi obsidiado, mas nem desconfiava disso. Porém, os dirigentes dos clubes bem sabiam o que se passava, refletindo a sua firme hipocrisia nas variadas entrevistas dadas a órgãos de imprensa, buscando justificar o resultado.

*

Em algumas partidas decisivas de campeonatos locais, regionais, nacionais ou internacionais, certo time foi completamente obsidiado, além dos árbitros, e a vitória, lamentavelmente, coube ao plano espiritual inferior. Os encarnados precisam estar preparados e atentos para essa espécie de assédio tão comum. Se não houver reação, a obsessão terá sempre a tendência a triunfar, eliminando o valor da disputa e ingressando em searas relevantes para a educação esportiva dos encarnados.

6.3 Os magos

6.3.1 Diáfano

Caminhava sobre várias pedras, equilibrando-me, para alcançar uma clareira de onde parecia emanar fogo, provocando uma luminosidade estranha para o local. Deparei-me, ao alcançar aquele lugar escondido, com a realização de um ritual de *magia negra*. Embora nem soubesse que essas condutas eram levadas para a vida após a morte, vibrei, emocionado.

Não somente os encarnados eram afeiçoados aos bruxos, Espíritos inferiores para a sua satisfação, geralmente no campo material. Ali estava o *Mago*, um desencarnado que se apresentava como um gigante, parecendo ser muito maior que todos os demais ao redor de seu *púlpito*. Dali, ele pregava a uma pequena aglomeração de desencarnados em estado mental lastimável, mas isso não me importava. Achara o meu guru.

Ele dizia em altos brados:

— Sou abençoado pelas Forças Universais. Vejam vocês o meu tamanho descomunal. Sou enorme porque tenho um poder imenso.

E os presentes aplaudiam sem nem saber exatamente o motivo. Mas eu sabia, visto que poucos Magos existiam; deveríamos honrá-los e segui-los. Depois da sua pregação, ele mentalizava um animal — porco, cervo, bode, galinha e outros — colocando-o sobre uma pedra enorme, a servir de mesa, que se situava ao lado de seu *púlpito*.

Chamava um dos presentes, que atendia prontamente, curvando-se com extrema humildade. O Mago entregava a esse Espírito um facão enorme, mandando que *matasse* o animal para, em seguida, beber-lhe o sangue. Assim era feito, como se verdadeiro fosse. O Mago jurava ter conseguido conquistar mais seguidores com aquele ritual e pedia que todos o acompanhassem para o *destino de ouro*. Eu ficava maravilhado, pois iria para onde sempre quis: o destino apontado pelo meu líder.

Saíam todos juntos, esgueirando-se pelas pedras, até sumirem de vista. Ora eu os seguia, ora apenas acompanhava o ritual funéreo. Quando os seguia, perdia-me na escuridão; nunca consegui ver o destino de ouro, embora soubesse que se devia a uma fraqueza qualquer minha. Quando ficava, permanecia muito tempo revivendo, mentalmente, aquela experiência fantástica de oferecer um animal ao demônio, em troca de liberdade e reconhecimento. Era fascinante.

Quando fui resgatado pelos Peregrinos do Umbral, percebi que era somente mais um tolo, fraco em meus propósitos e profundamente carente, vítima certa do Mago, aliás, dos magos que no Umbral sempre surgiam.

No entanto, essa experiência na zona pedregosa foi de grande valia para mim, cujo nome nem importa. Fui um seguidor anônimo. Aprendi que há Espíritos dominantes e bem-falantes, capazes de arregimentar outros e fazê-los de subalternos. Por isso, em reuniões mediúnicas, muitos médiuns já perceberam que, para libertar desencarnados, é preciso, antes, encaminhar seu líder.

*

Diáfano foi o nome que seus pais lhe deram, na última reencarnação, para representar a pureza do nascimento de um herdeiro da seita por eles criada, e que já contava vários seguidores. Ele assumiu a postura exata desejada pelos pais. Era o primogênito de uma família de nove irmãos, moradores dos Estados Unidos. Fazia tudo que seus genitores mandavam, razão pela qual era o orgulho de ambos, enquanto os irmãos eram colocados em segundo plano. Qualquer deles, para receber um mínimo de atenção ou carinho dos pais, deveria reverenciar a Diáfano, o mais velho. Aquela seita era macabra, pois se valia do sacrifício de animais, semanalmente, para atingir, uma vez ao ano, o sacrifício humano. Os criadores dessa doutrina nefasta lidavam com as forças vitais para a humanidade; pregavam o domínio absoluto dos mais fortes sobre os mais fracos e demonstravam isso, frequentemente, matando e devorando animais sem ao menos preocupar-se em cozinhá-los. Bebiam sangue de animais para rejuvenescer o Espírito. Anualmente, sequestravam alguém fraco, desconhecido, perdido ou sem família para fazer exatamente o mesmo. Agiam, nessas cerimônias, como canibais. Os seguidores ficavam enlouquecidos com a “coragem” de seus líderes ao matar, beber o sangue do defunto e alimentar-se de seus restos mortais. Outro destino eles não poderiam ter senão as zonas umbralinas. E quando para ali eram conduzidos, procuravam repetir todo o rito da passagem pela crosta terrena, para manter o pretense domínio sobre outros seres. Os denominados “magos” constituem, atualmente, os principais alvos dos grupos mediúnicos de desobsessão, visto que, encaminhando um deles, consegue-se libertar vários outros seguidores.

6.4 Os materialistas

6.4.1 Cauê

Era uma zona escura e muito fétida, a ponto de rasgar as minhas narinas, como se estivesse a respirar ácido gasoso; um tormento. Não conseguia dali sair, porque parecia estar grudado ao chão, onde havia uma camada viscosa de uma substância de cor negra, mesclada com secreções resinosas, prendendo quem nela tocasse, como uma teia de aranha.

Imperava o breu e eu já estava desesperado, visto nunca ter experimentado essa estranha sensação em minha vida. Mexia-me lentamente nesse emaranhado de pasta grudenta e malcheirosa que me segurava preso a uma rocha — pelo menos parecia-me uma rocha — enquanto buscava sofregamente um mínimo de luz para me conferir alguma orientação.

Passei muito tempo nessa esdrúxula situação... Do nada, surgiu, para completar minha angústia, uma dor lancinante, penetrando meu peito e abrindo-o pelos lados como se estivesse um cirurgião a extrair meu coração, sem anestesia e para simplesmente furtá-lo de meu corpo. Lembrei-me do meu egoísmo de não querer doar órgãos; de tudo ter feito, sob a forma de pressão emocional, bem como sob o manto legal, para não dar nada do que era meu, do meu sagrado corpo. Queria que tudo fosse enterrado comigo; tudo meu. Vários parentes e amigos, à época, concordaram comigo, pois suas religiões assim pregavam: o corpo veio do pó e ao pó retornará... Íntegro. Por que estaria, então, sentindo a extração de meu coração...? Que dor impressionante. Ninguém tinha mais direito a este órgão do que eu; nasceu comigo, era meu. Como havia pessoas ignorantes, que pretendiam a doação de órgãos para salvar moribundos, gente desconhecida, alheia ao meu círculo de relacionamentos e miseráveis. Não fui eu quem as tornou assim. Inferno!

Se o tão afamado Deus colocou alguém na posição de cardíaco, fazendo o seu coração perecer, nenhuma responsabilidade pode ser transferida para mim... Irônica a situação. Logo eu? Nunca fui religioso, mas somente um curioso das religiões alheias, de modo que me pareceu muito natural e lógico negar a doação gratuita de um órgão *meu*.

Esse Deus injusto, se é que existe, prejudicou alguém e sou eu a pessoa a salvá-lo? Que máxima contradição. Use Ele o Seu poder para sanar a

porcaria criada, não dependendo de outros seres, como eu. Não sou obrigado a acreditar em qualquer coisa.

Desde a infância viajei muito, porque meus pais tinham boa condição financeira; sempre ficamos nos melhores hotéis e conhecemos os mais interessantes lugares do mundo. Nada de mau fizemos a não ser usufruir nossa riqueza, conquistada, a bem da verdade, com muito esforço, como me contou meu pai, advinda do meu avô, um rico industrial. Papai vivia de rendas e nos deu o melhor conforto, sem qualquer obrigação de estudar para sustentar a vida. Ele costumava sorrir e dizer à mesa, para mamãe e para mim, filho único, que teríamos dinheiro até o final das nossas vidas, mesmo gastando uma fortuna por dia... Ria-me disso e achava-me superior e sublime. Gostei muito da vida que levei e, confesso, nunca entendi esse breu nojento onde vim parar...

Se fora sequestrado, deveriam pedir resgate aos meus pais, que prontamente pagariam, pois dinheiro nunca nos faltou. Algo estava errado, pois não estava num quarto escuro preso por cordas, mas num ambiente inóspito, grande, largo, fedido e que parecia um pedaço de terra, a céu aberto. Nenhum sequestrador falava comigo, nem tinha as básicas necessidades de comer ou defecar; a contradição era justamente sentir fome e vontade de expelir urina e fezes, ao mesmo tempo em que não me davam comida e eu nem sabia por onde eliminar minhas secreções; parecia um corpo morto... Isso realmente era impressionante.

Estava bem na minha vida. Não sofria nenhuma enfermidade. Que tipo de experiência era aquela? *Estar bem...* (risos)... Um mero conceito, visto que, na prática, não era tão simples quanto parecia.

Um pouco mais atento, percebia uma fumaça saindo do chão e envolvendo o cenário, como se já não bastasse a escuridão; sentia muita falta de meu cigarro. O que fiz para merecer este quadro da minha vida? Será que morri? Soava-me como tolice, pois minha amada mãe me dizia que, para morrer, Deus mandava anjos para nos buscar com clarinetes e toda a pompa da vida vivida. Eu nem me importava, já que poderia manter o meu padrão de vida (risos).

Poderia desfrutar, sem nenhum problema, as delícias da vida onde quer que elas estivessem: no céu ou na terra. Engraçado, meu pai nunca quis saber se haveria uma alternativa ao denominado céu. Minha mãe, por sua conta, dizia que para pessoas de refinada educação, jamais tirariam algo importante, logo, o caminho era o céu. Fiquei tranquilo, até porque não

acreditava mesmo em nada, a não ser nas coisas que eu poderia ver e tocar. E eram muitas. Vivi muitíssimo bem. Tontos são aqueles que dizem que a riqueza não traz felicidade. A mim trouxe — e muito. Quero somente retornar a isso. Meus cavalos de corrida eram os exemplos concretos de nossa fortuna, da nossa sorte e do nosso empenho; eles ganhavam todas as corridas; eram vendidos por milhões e eu adorava cavalgar o campeão do momento...

Que delícia aquele vento soprando no rosto enquanto eu cavalgava o campeão e ultrapassava os peões do haras, mostrando a minha superioridade em todos os sentidos. Meus pais somente aplaudiam minhas aventuras maravilhosas e, quando me tornei adolescente, com os hormônios fumegando (risos), incentivaram-me a me relacionar com quantas e quais meninas quisesse; evitar filhos bastardos era o único conselho. Tive relações sexuais com todas aquelas asquerosas meninas da fazenda de meus pais. Meninas vulgares, que desejavam muito conhecer um rapaz como eu, bonito, bem-nascido, inteligente e *bom de cama*. Só isso. Dava a elas o máximo de conforto e prazer e isso realmente nunca poderiam conseguir noutro lugar. Basicamente, praticava caridade (risos).

Sob outro aspecto, para que formar família com aquelas meninas empertigadas da sociedade? Davam-me nojo. Não que as vulgares da fazenda também não me causassem nojo, mas era algo controlado, pois rápido. Queria ser um solteiro rico para sempre, com as portas abertas aos meus desejos, sem nenhuma responsabilidade. Deliciosa minha vida... Era minha vida?

Em termos realísticos, fechava os meus olhos e quando os abria novamente, nada mais encontrava. O que teria ocorrido? Odiava pensar na morte. Porém, se não estava sequestrado, onde estaria?

Estava preso a uma gosma e não via nada a não ser uma maldita escuridão... Se sofrimento tivesse um nome, poderia apontá-lo. Nem sei o que fazer. Sentia-me mal, assustado e medrado pela escuridão. Nunca imaginei chegar a esse ponto.

*

Cauê adormeceu na rocha onde estava preso, por laços advindos de seus pensamentos materialistas, funcionando como garras, até que pudesse sentir e enxergar a sua verdadeira situação de desencarnado. A escuridão era fruto natural da zona umbralina pedregosa, advinda da sua refuta a Deus e seus Emissários.

Ele sofria porque seguia as linhas do seu malversado livre-arbítrio. Nasceu afortunado. Filho único de pais ricos. Cresceu mimado, sem qualquer freio. Teve tudo o que sempre desejou. Desencarnou em queda de cavalo. Não houve tratamento hospitalar, visto ter havido morte instantânea. A sua vida, na riqueza, era uma prova, por ele mesmo solicitada, a qual desperdiçou por completo. Haverá de rever a sua situação no Umbral quando chegar ao ponto de admitir a onipresença divina e conseguir enxergar os fâcos de luz dos Mentores que dão assistência àquela região escurecida. Antes de visualizar um foco de luz, nunca admitirá estar desencarnado e, assim, não poderá ser encaminhado a uma colônia.

6.5 Os suicidas

6.5.1 Martin

Dei um tiro na minha cabeça — concluiu Martin.

Eu estava desesperado, porque tinha uma doença incurável e sempre achei que minha família não deveria suportar esse fardo. Imaginei ser um herói pela minha desprendida atitude. No entanto, somente sofrimento eu colhi. Após o fatídico disparo, vaguei atordoado pela minha casa, ouvindo ao longe os gritos de meus familiares, mas a visão estava turva e quase não enxergava o que estava à minha frente. Perdi a noção do tempo e do lugar onde me encontrava. Com muito medo, encolhi-me num canto e ali fiquei.

Fui encaminhado ao denominado *vale dos suicidas*, ao passo que imaginava ter direito ao céu, seja ele como fosse. Afinal, eu abrira mão de parte da minha vida para não prejudicar os meus parentes. Como lidar com isso? Era uma contradição enorme.

Desde pequeno, fui instruído na religião católica. Estudei em colégio religioso. Quando de lá saí, tinha todos os mandamentos cristãos na mente e nunca imaginei chegar àquele fim trágico. No entanto, a gente vai crescendo e amadurecendo. Os novos amigos que adquirimos ao longo da trajetória nem sempre confiam em Deus ou na vida eterna. Parece bobagem, mas não é. Somos, muitas vezes, os perfeitos reflexos de quem está ao nosso lado.

Adulto, ouvi muitas pessoas desprezando Deus e tudo o que disso advinha. Ouvi relatos de outras religiões também. Nada me convencia de verdade e preferi nomear-me *católico* para quem perguntasse. Um católico sem qualquer respeito aos rituais da Igreja.

Casei-me nessa Igreja e tive dois filhos. Ensinei-os a rezar a Deus e a ser bondosos, mas, na verdade, eu mesmo não ligava a mínima para isso. Agia dentro da *honestidade controlada* do plano encarnado, que nem sempre coincide com os mandamentos cristãos. Acho que os filhos notaram e começaram, cada qual de um jeito, a questionar essa fé católica não praticante; isto lhes representou uma sólida repulsa à religião, pois se sentiram ludibriados pelos ensinamentos dos pais, sendo que nada era cumprido na realidade. Os tais mandamentos cristãos tornaram-se mentiras. Tornaram-se, ambos, ateus.

Quando a nossa vida progrediu financeiramente, percebi que meus filhos se tinham afastado de qualquer religião e cultuavam um materialismo exagerado. Nem mesmo eu, católico apenas por formalidade, conseguia entender o que os movia a agir de maneira tão egoísta e até mesmo desonesta.

Um dia, soube ter câncer. Aí, lembrei-me da igreja, aonde fui orar. Pedi clemência, humilhei-me diante do altar. Nada foi feito e a doença progrediu muito. Para mim, significou uma traição. Não poderia “adorar” um Deus injusto. As passagens da nossa vida são muito céleres e nem temos consciência disso.

Um ponto fulcral me era nítido: não poderia contar com nenhum filho, cuja criação moldou-se sob vestes individualistas e distantes do amor cristão, nem com a esposa, com quem convivia pela força do hábito. Afinal, deixei minha família cair no materialismo sem reagir e mostrar o caminho certo. Foi uma tristeza, que, em termos claros, voltou-se contra mim mesmo.

*

Martin viveu aquilo que podemos denominar de “existência comum”, situação envolvente da maior parte das famílias encarnadas. Vive-se por viver. Não houve assimilação de bons sentimentos; inexistiu a reforma íntima; não houve a prática da caridade. Como pai, educou mal seus filhos, pois nem mesmo os seguros passos dos bons valores conseguiu passar-lhes. Como casal, ambos viveram distantes e atuavam em rotina maçante, sem diálogo e sem afeto. A sua enfermidade serviu-lhe de expiação, mas ele não soube se conduzir, aproveitando a oportunidade para um resgate. Ao contrário, amaldiçoou Deus a cada minuto de sua final trajetória. O desencarne o levou ao vale dos suicidas.

6.5.2 Pierre

Eu me sinto uma estrela que brilha fulgurante, emitindo todos os tons coloridos e famosos, concernentes ao meu *glamour*, onde quer que eu esteja. Mas, essa é a mais simples contradição da minha atual existência: o que eu quero e o que realmente é. Sentir-se um grande artista é uma dádiva terrena, pois alimentada pelos fãs, pelos aplausos, pelos autógrafos, pelos puxa-sacos. Aqui é um pouco diferente, visto inexistir clemência àqueles que se julgam superiores. Pergunto-me, sempre, qual o motivo de ter sido de certa forma superior aos outros enquanto vivi no corpo material. Sinceramente, não sei. A bem da verdade, nunca liguei para a vida após a morte e isso pode ter sido

um grande peso para mim, já que não me encontro amoldado neste ambiente. Sinto-me solitário, como nunca fui. Dedico-me a caçar troféus para a minha suposta glória, o que descortina um enorme vácuo no meu coração. Por que não fui um artista ligado às questões espirituais, a ponto de saber em qual momento iria desencarnar e para onde deveria ir? Alguns *amigos*, que arranjei por aqui, dizem-me inexistir um artista, de verdade, talentoso, especialista, ligado à espiritualidade. Existem impostores, aos montes. É o que me convém acreditar. Quem realmente é superior, vocacionado para a arte, despreza esses lodos cristãos, que aprisionam pessoas, cortam talentos e vitimizam heróis.

A minha falência orgânica deve-se ao excesso de drogas... É o que dizem. Acredito, pois nunca neguei usá-las em meu benefício. Por que utilizá-las? Porque sempre me senti acima da capacidade de entendimento daqueles que me rodeavam. Meus pais fizeram o possível para entender o meu talento; meus irmãos, enciumados, ignoravam-me. Diante desse quadro, a minha família comum tornou-se um pesadelo, desde a hora em que acordava até o momento de pregar os olhos. Imagine-se você, premido por todos os lados, sem a possibilidade de bater suas asas ao céu azul, aberto e limpo, podendo expressar o que bem entendesse. Um pássaro na gaiola, infeliz, acabrunhado, envergonhado... Assim me sentia, quando atingi a adolescência e nunca ouvi de meus genitores uma palavra de apoio voltada a mim. Não. Eram sempre palavras generalizadas, com tom e fundamento bíblicos, buscando o convencimento de meus irmãos e de minha pessoa, justamente quem menos prezava as palavras vãs e inúteis daquela Bíblia.

Não fui o primeiro, nem serei o último a me valer de drogas para sobreviver num mundo de pessoas rudes, incapazes de compreender a veia artística, a não ser em grandes plateias aplaudindo em frenesi descompensado e ignorante. As pessoas comuns não têm alcance para captar, minimamente, a ebulição frenética do espírito artístico. Ter uma inspiração para construir uma melodia, uma música, um poema, uma obra, é genial... Tão genial quanto recriar o mundo em alguns segundos. Isso nos torna muito especiais e mereceríamos todos os aplausos, dentro e fora do palco.

E quanto ao amor? No máximo, havemos de nos contentar com o paterno e o materno. Irmãos e outros parentes, como regra, nos invejam — estou falando por todos. Buscamos o amor verdadeiro freneticamente,

embora ele se esconda de nós, parecendo um teste, um jogo. É a solidão do artista.

Eu odeio estar aqui, envolto em escuridão, quando me sinto brilhar, internamente. Devo rir de mim mesmo, pois esse pretendo brilho não vale nada do lado de cá. São muitos e muitos dias e noites paralisado, pensando e refletindo acerca do meu passado. Até que tinha uma vida boa e não compreendo por que coloquei um fim nessa trajetória. Que grande besteira! Um suicídio antes de atingir a glória e o reconhecimento foi uma atitude muito estúpida.

Eu nunca troquei emoções artificiais e momentâneas por uma vida regrada e limpa. Ocorre que, quando estamos imersos em nós mesmos, cultivando o orgulho do nosso talento, tendemos a nos considerar indestrutíveis. O erro é pequeno, mas danoso o suficiente para nos lançar na existência errante em planos escuros, sem qualquer benefício. Se eu puder colaborar de algum modo... pelo esclarecimento a quem puder tomar conhecimento da minha história, aqui estou. Quero ser voluntário para declarar aos outros encarnados, que vivem oprimidos, porque seu talento não lhes é reconhecido, que lutem até o fim, não apressem o final da vida terrena, pois a decepção se torna imensa.

Vivam suas vidas. Vivam suas provas. Enalteçam seus talentos, mas não cobrem de outros a aceitação que não estão preparados a ofertar. Então, não se entreguem aos males da vida para se vingar dos males da carne. Eis-me aqui como exemplo maior do que o destino nos prepara, caso apresentemos uma rebelião interior contra os mandamentos básicos do Espírito, quando encarnado, que é cultuar com zelo a sua própria vida.

*

Pierre foi um bom menino, obediente a seus pais, solidário aos irmãos, até que, atingindo a adolescência, desabrochou em uma explosão incontrolável de sentimentos, antes reprimidos. Tornou-se contestador, agressivo e inquieto. Nada o contentava. As lições bíblicas dos pais o deixavam deprimido e descrente. Ele se sentia um artista nato, que precisa de algum modo ser reconhecido para que pudesse brilhar nos palcos. A França daquela época encontrava-se destrocada após o final da 2ª Grande Guerra, e não havia espaço para que artistas, mormente novos, encontrassem o seu lugar no palco da vida de arte. Enquanto puderam, os pais o alertavam disso, além de lhe recomendar paciência e resignação, duas palavras odiadas por Pierre. As amizades com quem conviveu foram cruéis para o

seu equilíbrio, pois era uma turma de jovens pretensiosos como ele, crendo-se artistas sensíveis ignorados pela sociedade, vivendo então mergulhados na droga, de vários tipos, valendo-se de furtos para sobreviver e abandonando as suas casas para viver ao acaso das ruas. Solitário dentre amigos tão superficiais, ele se revoltou contra o destino, atribuição que dava a Deus. Conforme o tempo passou, enfraqueceu-se mental e fisicamente, até atingir o suicídio por overdose de drogas. Uma história de vida comum, similar a de vários jovens que se frustram por não atingir logo o que almejam, demonstrando um enorme despreparo espiritual para o amadurecimento. Reencarnar para reclamar o tempo todo, culpando o destino, é pura perda de precioso tempo para, em contrário, buscar a evolução espiritual, por meio de resignação e mudança de hábitos. Percorre o umbral denso, ambiente propício aos suicidas conscientes.

6. Todos os relatos colhidos de habitantes das zonas umbralinas advêm de Espíritos já resgatados; atualmente, alguns são residentes da colônia espiritual Alvorada Nova; outros estão reencarnados. Os nomes usados nesta obra são fictícios para não haver identificação dos envolvidos na narrativa.

7.1 Os alienados

7.1.1 Henry

Não havia cenário a descrever, porque o criminoso esgueirava-se pelos cantos escuros do Umbral, sem ter um só momento de paz. Era aterrorizado pelas imagens, como se fantasmas fossem, das suas vítimas. Henry deslocava-se entre cavernas profundas e, no eco do ambiente, escutava gritos insondáveis e terríveis. Eram os berros de desespero das pessoas por ele feridas.

Incomodado pelo *assédio*, nunca cessava de se mudar de um lugar a outro, como um eterno fugitivo da Justiça, agora divina. Em momentos de cansaço, parava, sentava-se na pedra e fechava os olhos, instante em que *flashes* repetidos dos tristes eventos aos quais deu causa voltavam intensamente em sua mente.

O delinquente jamais escapa dos seus feitos ignóbeis, pois, enquanto as vítimas encontram-se encaminhadas, o algoz está perdido.

A confusão sempre foi uma rígida medida da lei de causa e efeito. O agressor de outrora passa por momentos de completa penúria mental, quando perde lembranças e gravita em torno do *eixo do mal*, existente nas zonas umbralinas. Esse eixo consiste numa coluna de fortes vibrações, todas de baixos sentimentos, geradoras de desespero e temor, onde são lançados os desencarnados maldosos e violentos. Giram nessa roda, experimentando toda sorte de dores e pesar, até que são atirados para fora, fracos e cambaleantes. Se, mesmo após a passagem pelo *eixo do mal*, o desencarnado manifestar-se determinado a seguir a trilha da malignidade, novamente é remetido ao referido eixo, até não mais aguentar e, humildemente, aceitar os seus erros.

O *eixo do mal* não representa a redenção do Espírito e a sua evolução à seara do bem; significa apenas o método de conduzi-lo às sensações ruins causadas a outros, quando estava encarnado, permitindo, então, o seu despertar à longa trilha evolutiva que possui à frente. A partir desse

ponto, renovam-se as reencarnações, seja por determinismo, seja por livre-arbítrio.

*

Henry era um jovem franzino, branquelo, louro, de olhos azuis. Um típico menino europeu. Tinha uma invulgar inteligência, com a qual manipulava seus colegas de escola desde os primeiros anos de vida. Conseguia fazer o mal a terceiros, impregnando de culpa outro colega, motivo pelo qual sempre escapava ileso às punições. Era um rapaz misógino e sabia fingir apreciar as meninas do colégio, ao mesmo tempo que, na realidade, desprezava-as, julgando-as inferiores aos homens. Estuprou várias colegas de curso, mas nunca foi acusado de nada, pois “comprava” o silêncio de suas vítimas.

Para complicar a sua trajetória, era filho único, extremamente mimado e imune a qualquer espécie de castigo. Cresceu e sedimentou uma personalidade fria, narcisista e calculista. Nos negócios da família, enganou e ludibriou pessoas honestas, levando-as à falência. Nunca fez um único gesto de caridade em sua vida material.

Não havia outro destino a ele, após o desencarne, senão o umbral cavernoso.

7.2 Os assassinos

7.2.1 Paulo Marco

Eu fui a parte suja do jogo; esse jogo de cartas aleatórias que era o meu casamento. A minha parte era satisfazer a mulher, somente para que a relação matrimonial durasse o tempo necessário a atingir algum objetivo materialista, como a consagração da sociedade comercial entre as famílias. Depois, caía fora.

Nunca entendi, realmente, qual era a meta do casamento, nem me interessava conhecer. Viver uma longa existência debaixo do mesmo teto, criando filhos e disputando espaços, aturando atos intragáveis e hábitos desprezíveis, tudo em nome de um sentimento maior, que era o *amor casamenteiro*. Esse sentimento mentiroso, cobrado dos cônjuges, mesmo daqueles que mal se suportam.

Pensava devesse existir alguma espécie de amor, algo inexistente em vários matrimônios, cujo perfil giraria pelo menos em torno do dinheiro, da riqueza, da continuidade do nome... sei mais o quê. Um amor materialista. Nunca quis de fato casar-me, mas vivia bem e o sexo era suficiente; ganhei bastante dinheiro como amante profissional e sempre julguei estar fazendo um bem ao casal que me contratava; ou a mulheres que me desejavam longe das vistas de seus maridos, companheiros ou namorados.

A juventude foi um período esplendoroso e, com meu corpo bem tratado, conseguia tudo, ou quase tudo. Um bom apartamento, viagens para inúmeros locais interessantes, sempre com tudo pago... Um belo carro esportivo, roupas elegantes e caras; os melhores restaurantes das grandes cidades para onde me dirigia semanalmente eram minhas opções. Como disse, na minha visão, salvei mais matrimônios do que destruí relações; era um técnico na arte de amar e conhecia exatamente as carências femininas e muitas masculinas. Um especialista em sexo, como eu, não discriminava homens, embora preferisse as mulheres.

Quando envelheci, perdendo o viço de meu físico escultural, acho que passei por diversas fases: primeiro, experimentei a surpresa; verdade absoluta que foi a surpresa; a gente nunca imagina ficar velho. Cabelos embranquecem; o ritmo dos exercícios cai demasiadamente; a vista fica mais fraca e lá vêm os ridículos óculos; a noite mal dormida é cobrada no dia seguinte, enquanto o organismo torna-se menos resistente a certos

alimentos e determinadas bebidas. O segundo período é de medo; envelhecer significa mudar para pior e meu materialismo não conseguiria suportar uma vida medíocre, comendo arroz e feijão com um punhado de batatas, talvez um bife. Horrorizava-me essa classe média conformada, que levava filhos para cima e para baixo, fazia sexo uma vez por mês ou por semestre, tinha amigos para jogar baralho e frequentava um cineminha vez ou outra.

O medo tornou-se um péssimo companheiro, pois me fomentou os maus pensamentos — não que nunca os tivesse fomentado — e a ganância desenfreada. Não podia acreditar que, de uma existência plena de realizações luxuosas e ideais, poderia experimentar a pobreza e tudo o que sempre abominei. Foi a partir dessa fase que comecei a, digamos, me apossar de mais bens materiais do que pretendiam me ofertar. As mulheres sentiam o meu desgaste, mas eu as compensava com mais atenção e servia de bom ouvido para seus reclamos sentimentais; entretanto, para garantir meu futuro, exigia melhor pagamento e, não obtendo, eu mesmo cuidava de tomar “emprestado”.

O terceiro período de meu envelhecimento acarretou-me raiva e tive o meu primeiro grande dissabor. Envolvi-me com uma mulher casada, dessas de elevada sociedade, que curti um gatão mais idoso para circular sem que fosse tão aviltante, pois seu marido também tinha idade elevada. Partilhamos mesas, camas e viagens. Sentia-me, outra vez, no céu do materialismo, até que ela conheceu um rapaz com um terço da minha idade e disse-me, candidamente, “apaixonei-me”. Nesse momento, a cólera tomou-me por completo, coloquei minhas mãos em torno de seu pescoço senil e apertei sem nenhum dó aqueles quebradiços e malditos ossos. Ela se debateu como um peixe na rede e foi parando aos poucos. A minha fúria era tamanha que arrebentei aquele belíssimo colar de pérolas, cujas bolas espalharam-se pela sala do nosso covil; ela apagou sob meu inteiro controle. Morreu e, para mim mesmo disse, *bem feito*. Estava realizado por ter, finalmente, mandado na relação, ter sido superior, ter a minha autoestima preservada. Sentime orgulhoso. O resto qualquer um pode deduzir...

Criminoso ignorante como eu, logo fui encontrado e preso. Aí veio a minha inteira desgraça. O ingresso no cárcere foi o meu fim. Morri um pouco por dia até falecer de vez. Eis que, certa época, abri meus olhos na escuridão e tinha sido tragado para este outro buraco, que guardava semelhança com a cela onde eu estava. Lúgubre, úmido, quente como uma

sala de vapor fervente, escuro. Há lapsos de luzes, mais parecidas com fogaréus e raios cruzam nossas cabeças, em estrondos horríveis. Se o objetivo era mostrar como tudo pode ficar pior, acertaram. Quem aqui me colocou atingiu a sua meta.

*

Paulo Marco era um rapaz de rara beleza física, embora, desde cedo, preguiçoso e irresponsável. Desde jovem percebeu a chance de construir o seu conforto pelo físico e nisso investiu, como demonstra a sua própria narrativa. Materialista, vaidoso, cultor de belezas exclusivamente físicas, nunca viveu um amor autêntico e, por conta disso, irredimido em face da velhice, culminou por matar uma pessoa. Seu carregado perispírito não lhe permitiu visualizar a luz em seu desencarne, mas somente as trevas umbralinas. O seu arrependimento será a chave que abrirá a porta para o estágio em colônia espiritual.

7.2.2 Mateus

Há cenários tão tristonhos quanto seus habitantes, Espíritos sofredores que passaram da melancolia da vida encarnada para a aflição do remorso predominante no plano imaterial. Mateus era exemplo nítido disso.

— Acho que tinha uns cinco anos, quando meu pai colocou em minhas mãos um revólver calibre 38, com cinco tiros, e disse-me: — Seja homem, use isto! Olhei para os lados e alvejei cachorros, que ali estavam, não deixando nenhum vivo. Percebi, portanto, que era bom de tiro. Meu pai cumprimentou-me, enquanto minha mãe chorou muito. Hoje, sei que estou desencarnado e vivo neste lugar medonho. Somos obrigados a vivenciar frio e calor, chuva e estiagem, escuridão e alguma luz, várias vezes por dia. Sinto-me um demônio, pois assim imaginei o inferno. Porém, fui esclarecido por um Espírito — nem sei quem é — que estou morto e aguardo neste lixo de cenário alguma possibilidade de sair daqui.

Sôfrego, ele prosseguiu:

— Creio ser o mais *esclarecido* daqui pois sei que estou no Umbral, um lugar de expiação em decorrência do mal que fizemos enquanto estávamos encarnados. Mas não basta o conhecimento; é preciso o arrependimento, algo que não considero uma opção válida para mim. Nunca me julguei uma má pessoa; ao contrário, era um trabalhador como outro qualquer. Fui matador profissional e só matei quem merecia, para livrar a Terra de maus

elementos. Por que tinha que ser punido? Por que devo estar largado nesse poço de lamúrias? Não aceito, embora esteja esclarecido.

O conhecimento da sua situação presente não o sensibilizava a ponto de fazer emergir qualquer espécie de compulsão ao arrependimento.

— Quando tinha meus 16 anos, meu pai indicou-me um político corrupto do meu estado que deveria morrer. Era uma pessoa má, cheia de defeitos, corrupta, apta a levar o caos à região caso fosse eleita. Não tive mais dúvidas e o matei em emboscada perfeita. Volto a repetir: por que isto está errado? Nunca acreditei em Deus, esse ente imaterial que nada faz pela justiça na prática. Fomenta o ódio, deixa rolar as guerras e as mortes. Esse é o Deus que eu conheço; talvez seja a razão de estar no Umbral.

A lógica de seu raciocínio o impulsionava ao critério sob o qual viveu como encarnado: se ele se vingava e matava desafetos, Deus poderia fazer o mesmo.

— Não estou preparado, nem disposto, a aceitar um Deus mau, um ente que permite muitas mortes e guerras e desgraças. Que se dane! Corretos somos nós, os justiceiros, que matam vagabundos e criminosos, pessoas não surpreendidas e punidas pela justiça. Nós somos o adendo indispensável para o Judiciário de qualquer país. Tenho muito ódio em meu coração quando penso que sou comparado a um bandido ou quando não me permitem ter uma *boa vida*, uma recompensa é o que mereço. Devo dedicar a minha existência, agora, a orientar outros Espíritos desencarnados para lutar e renovar a sua intenção de matar pessoas podres; não intenciono deixar à pretensa justiça divina essa missão. Não me impressiono mais com tanta desgraça do Umbral, visto ter, em minha mente, um objetivo maior, que é combater o mal como nós o conhecemos. Tenho arregimentado vários companheiros para fazer parte de nosso esquadrão de morte; aliás, tenho tido sucesso, o que demonstra que os tais amor e perdão são inofensivos. Daqui, onde estou, podendo escapar para a crosta terrestre, vou inspirar vários outros companheiros a matar e matar muito. A Terra precisa ser libertada da podridão dos sujos e nós é que sabemos quem são eles. Ser *justiceiro* é um crédito positivo, pouco importando outras posturas, tendo em conta que somente nós conseguimos fazer a *verdadeira justiça*, matando os párias sociais, aqueles que ferem os valores da comunidade.

Àquela altura de sua narrativa, percebia-se o orgulho com que descrevia seus atos criminosos, algo muito comum a Espíritos moralmente atrasados.

— Um dia, recebi um amigo em minha casa, dizendo que sua esposa fora estuprada por um vagabundo; nada tinha sido feito pela justiça dos homens; sentime na obrigação de agir e desse modo o fiz. Ele morreu. Não precisava confessar nada, não tinha que ter advogado, nem precisava ocupar os juízes do Estado. Fiz justiça. Quem pode dizer que não? Nojentos são os que se omitem, a pretexto de cumprir as leis do local. Quando estas são pífiyas, fracas e ignóbeis, devemos agir. Bandidos devem morrer. Só não sei por que fui a eles equiparado e estou padecendo no Umbral.

*

Mateus teve uma infância atribulada. Seu pai era materialista e ateuista. Sua mãe era muito religiosa. Os confrontos eram diversos e frequentes, mas ele acabou seguindo os mandamentos paternos. Quando desencarnou, foi tragado para zona umbralina profunda, único estágio compatível ao seu perispírito. Durante longo período, colocou à frente de tudo a sua forma de visualizar a justiça. Por isso, houve muita dificuldade para ser resgatado, determinando-se o seu reencarne.

7.2.3 Daniel

Ser um soldado é um dever cívico, de modo que eu cumpria à risca todas as ordens recebidas, até com um grau elevado de satisfação. Ir à guerra não poderia representar um maior prazer. Por isso, *atirar para matar* meus oponentes configurava o momento crucial da minha existência.

Quando estive no campo de batalha, fazia o possível para encontrar o inimigo, não somente para matá-lo, mas sobretudo para torturá-lo, colocando-o à minha disposição. Fui um militar exemplar, em minha avaliação.

Por vezes, a minha intensa busca pelos inimigos em campo assustava meus companheiros, que me diziam para ter cautela, pois estava vestindo uma roupa rude e perversa, inspirada pela guerra. Nem me atinava com isso. Adorava a tal *guerra*. Satisfiz todos os meus instintos, desde os mais ocultos até os mais abertos. Cultuei a minha vida toda as armas de fogo; caçava com meus pais e amava ver o sangue jorrar dos animais abatidos. Assim que pude, alistei-me e pedi insistentemente para ir a campo.

Eu mesmo criei um concurso para assinalar quem mais matava oponentes, e consegui criar um grupo razoável de soldados cujo objetivo era o mesmo que eu. Diziam-me que a luta armada vilipendiava o ser humano, tornando-o frio e desprovido de sentimentos, o que sempre considerei uma

bobagem. Ria-me muito de quem temia as balas disparadas pelas minhas armas pesadas. Tolos eram os soldados que nutriam remorso ou culpa por abater o inimigo. Note-se o contrassenso: derrubar o inimigo. Era nossa obrigação; a diferença de muitos é que eu desempenhava a minha tarefa com imenso prazer.

Certa vez, ingressei na morada de uns locais, onde estava servindo. A ordem era para preservar os civis. Ordem de quem? Nem me lembrei. Por isso, estuproi as mulheres e matei vagarosamente os homens, incluindo crianças. Eram inimigos, sejam civis ou militares, pois para mim nada disso importava. Os colegas de guarnição tentaram impedir-me, quando atirei num deles, matando-o; os outros se calaram com medo.

Fiz o certo na minha trajetória como militar, servindo à pátria e abatendo os inimigos de forma cabal. Um dia, levei um tiro vindo do nada. Os meus companheiros tentaram estancar o sangue, que espirrava de meus órgãos para fora do corpo. Em minutos, sentime fraco e minha visão focava o céu azul, que se tornava, pouco a pouco, cinzento e, depois, escuro total.

Sentime conduzido a um lugar horrendo... Estava entregue e não conseguia reagir a nada. O umbral interno foi um inferno, sem que eu tivesse visto uma só chama de fogo. Somente o sofrimento fez-me perceber o quão nefasto fora o meu comportamento como militar.

*

O soldado americano Daniel, diferentemente dos demais militares, ia ao campo de batalha com prazer e satisfação. Na realidade, ele era uma personalidade sádica, que se apegou ao militarismo para satisfazer os seus nefastos propósitos. Por certo, havia de enfrentar a reação às suas incorretas ações. Ser militar e, portanto, obrigado, por força de lei, a abater o inimigo no campo de batalha tem o seu lado peculiar, na avaliação dos débitos. Nada justifica, no entanto, o prazer de matar e a tortura empregada. Quanto a isso, o negativismo traz todas as consequências de quem agiu mal na sua encarnação.

7.2.4 Jofre

Desde pequeno eu sentia o desprazer de viver. Nasci em família pobre, asquerosa e tão humilde quanto idiota. Sempre me irritou a subserviência de meus pais em face do patrão, naquela fazenda imensa, onde o nosso lugar era pequeno e mesquinho. Queria mais, muito mais e não podia nem mesmo expressar a minha raiva dentro de casa, pois meus pais eram idiotas,

complacentes e atrasados. Fui mandado para a escola para ser alfabetizado, embora tivesse preferido manter-me na ignorância, visto que conhecer as letras somente me geravam nojo e inveja. Os ricos se apropriam de tudo, enquanto os pobres trabalham para ganhar miséria e ser basicamente escravos. Assim que atingi a adolescência, jurei a mim mesmo que iria vingar-me de toda essa pobreza horrível, destinada aos meus tolerantes pais e tolos irmãos. Era o mais velho e por isso tinha que tomar uma atitude para fazer valer o ensinamento que recebi; afinal, não fora alfabetizado à toa. Tinha que provar ao mundo a minha qualidade, a minha inteligência e, por que não, o meu ódio eterno à classe dominante.

Assistia da minha cama, bem cedo, todos os dias tormentosos, a minha mãe se levantar, dirigir-se à casa dos patrões e preparar o café da manhã que nós nunca tivemos. Assistia a meu pai, do mesmo modo, dirigir-se aos animais para alimentá-los e, como sempre, ficar à disposição daquela desgraçada família para qualquer tarefa. Meus irmãos eram ridículos, porque humildes e cretinos. Aceitavam a pobreza e seguiam as tolices de nossos pais, de que a maior riqueza era a honestidade. Posso rir-me disso o tempo todo, o mesmo período no qual o meu ódio prosperava a ponto de se tornar uma tortura permanente. O que eu poderia fazer para ferir aquela família perfeita? Muito pensei e refleti até que, ao atingir os meus 17 anos, vislumbrei a saída para minha vingança. Os patrões tiveram uma filha caçula, depois de três filhos maiores. Essa menina devia ter uns 4 anos àquela época e eu, propositadamente, aproximei-me dela para ser gentil e atencioso. Queria conquistar aquela garota para me vingar dos seus pais e não demorou muito tempo até atingir o meu objetivo.

Natália era uma menina considerada linda, com seus cabelos cacheados, olhos vivos e pele alva como os lençóis que minha mãe sempre fazia brilhar, em face de seu sofrimento para lavá-los... Eu a tinha como um percevejo em minha existência e investi todo o meu talento para torná-la afetivamente dependente do meu querer. O ódio gracejava meu dia e minha noite. A única felicidade que eu desfrutava era saber que estava conquistando a minha vítima inocente, tão inocente quanto seus ricos pais, que jamais saberiam o que seria a pobreza e seus infortúnios.

Já tinha 18 anos quando convidei a pequena Natália para cavalgar comigo pelas lindas pradarias da fazenda, em dia belo e ensolarado. Ela, obviamente, aceitou e seus ingênuos pais aquiesceram. Eu era um serviçal de confiança.

Sáimos pelos lindos campos da fazenda onde cresci e aprendi a odiar cada centímetro quadrado que não me pertencia, mas sim aos famigerados patrões. Atingindo o lago, paramos. Ela estava feliz e excitada pela aventura. Eu me encontrava determinado a lhe causar o mal; meu interior estava constituído de uma potente nuvem cinzenta, condensando o ódio de muitos anos.

Não foram muitos minutos. Assim que a menina desceu do cavalo, agarrei-a violentamente e atirei-a ao chão. Surpresa, ela começou a chorar e eu lhe tapei a boca firmemente. Estuprei-a, valendo-me de uma lascívia vingativa e odiosa. Seus olhos perderam o brilho e fitavam-me sem expressar qualquer emoção, o que deveria ser típico de uma garota dos seus 5 anos. A violência sexual foi proposital, apenas para servir de cenário ao que vinha a seguir. Estrangulei a garota com toda a força de meu Espírito irritado, invejoso e venenoso.

Ela pereceu em minhas mãos. Imaginei qual não seria a dor que eu causaria àquela família. Regozijei-me por isso. Sentia-me vencedor. Um triunfo ter aquela vítima sucumbida à minha frente. Os minutos foram passando e eu forçava meu sentimento a obter glória e entusiasmo, mas já não era tão fácil. Não me arrependi... Fui descoberto, preso e condenado. Faria tudo novamente se preciso fosse.

*

Jofre foi o primogênito de seis irmãos, filhos de um casal boníssimo, que administrava a fazenda em nome de seus patrões. Naquela casa simples de caseiros havia felicidade quase plena, não fosse pela inveja e rancor mantidos pelo rapaz. Desde pequeno, apesar da educação, deixou-se levar pelo lado sombrio da vida material, consistente em querer como sua a vida alheia. Nem sempre os filhos espelham os pais. Por vezes, Espíritos como Jofre são inseridos em famílias boas para aprender valores positivos. Nem sempre há o triunfo do bem. A conta lhe custou muito. Não somente a prisão foi o seu destino, mas, após o desencarne, o ingresso em mundo espiritual umbralino. O crime e o motivo foram determinantes para levá-lo ao umbral interno, visto que nunca se arrependeu. Somente o tempo deverá curar a sua ferida, aberta pelo egoísmo e pela irresignação.

7.2.5 Hilbert

— Sou um soldado e devo obediência ao meu comando, a mais ninguém. Nem a meus pais ou familiares. Cumpro ordens sem questioná-

las; se forem certas ou erradas não me cabe julgar; como disse, sou um soldado. A voz de meu comando é a voz de Deus. Sou conduzido apenas por isso. Quando eu era militar em batalha, durante a última guerra, achava-me invencível. Podia matar qualquer um do campo inimigo, dentro da lei. Isso me dava imenso prazer. É estranho porque até o padre da minha igreja me absolvía. A partir de então, no campo, comecei a matar freneticamente, precisando ou não, estivessem os soldados inimigos rendidos ou não. Estive ligado à batalha entre os encarnados, mas o que posso asseverar era o meu prazer por matar. Muitos anos se passaram, enquanto eu subia na carreira militar, porque o abate dos inimigos, para mim, era um número impressionante. No plano físico, as regras eram outras, visto que a matança dos inimigos fazia bem; justificava o meu prazer.

Porém, enquanto do lado material Hilbert era considerado um valente militar, do lado espiritual sabiam que era um homicida em grande potência, deslocado para a frente de batalha. Eis uma ilustração do seu perfil.

— Um dia, caminhando pela floresta, ouvi um choro. Era um garoto de seus 14 anos. *O que faz aqui?* — perguntei-lhe.

— Estou apavorado. A guerra não poupou ninguém. Meus pais foram mortos; meus irmãos também. Não sei mais para onde ir.

— Seus pais, pela marca que carrega consigo, eram do povo inimigo...

— Senhor, não me importa esta marca. Nunca me importou.

— Mas eram, não?

Incapaz de mentir, o jovem aceitou: — Sim, senhor. Meus pais apoiavam esta causa.

Foi o último momento do garoto, que levou um tiro na testa.

— Esse moleque era o símbolo da nossa luta cívica. Jamais poderia deixá-lo viver. Cumpri o meu dever e medalha é o que mereço. A guerra é somente um palco onde podemos externar as nossas frustrações. Eu fiz isso e fui condecorado. Qual é o problema disso?

*

Hilbert atuou na 2ª Grande Guerra, pelo lado dos Aliados, contra a Alemanha. Assassinou um rapaz sem qualquer razão, a não ser a sua própria satisfação. Em batalhas, há muitos homicidas lançados em cenário do qual eles somente obtêm prazeres desastrosos. As guerras da humanidade são muitas; porém, nem todos os que são obrigados a lutar terminam respondendo gravemente pelos

seus atos. Depende do caso concreto. Para Hilbert, o seu destino foi o umbral cavernoso, visto o seu nítido prazer de matar o semelhante.

7.2.6 Mark

Observei pela estreita janela do banheiro, subindo em uma lata de lixo, o momento em que ela ingressou, despiu-se e colocou-se embaixo da ducha, esfregando seu corpo sensual e atrativo de maneira cíclica e espetacular aos meus olhos. Ela não me via admirá-la por tão pequena fresta que abri no vidro. Esperei o banho terminar, pois era um momento mágico de sensualidade; enxugava-se como se estivesse a me chamar; era o que eu sentia. Foi como uma voz baixa e distante em meus ouvidos: — Venha até mim, espero o seu toque em meu corpo... Obedeci prontamente e, subindo mais um pouco, atingi o muro lateral da casa, que me levaria ao telhado. Sou carpinteiro e mestre em construir telhados, deixando brechas especialmente para mim. Ingressei na casa, portanto, com facilidade e fui direto ao banheiro, onde estava a minha musa, chamando-me para aquele tão significativo encontro.

Ela se olhava no espelho, penteando os longos e lisos cabelos molhados, quando eu abri a porta do banheiro e entrei. Houve um momento de apreensão, pois ela se assustou; virou-se a mim e, palidamente, perguntou quem eu era, ao que lhe respondi ser a pessoa que tanto chamou. Crispando a testa, negou veementemente ter-me convocado a estar ali, naquele instante, com ela, nua, após seu sensual banho. Ameaçou gritar por socorro, o que achei deselegante de sua parte; na realidade, muita agressividade para quem me havia convidado a entrar. Agarrei-a com força pelo pescoço, evitando que pudesse alertar outras pessoas que estivessem na casa ou por perto. Ela lutou comigo, mas em vão, pois suas pequenas mãos, tão delicadas, faziam parte do contorno de seus estreitos braços de mulher, o que não lhe permitia força alguma. Apertei com certo prazer aquela garganta, sufocando-a aos poucos; fitei seus olhos e consegui perceber o exato momento em que ficavam vidrados e sem brilho algum...

Estava morta. Eu não poderia retirar-me antes de concluir o motivo pelo qual ali eu estava e era também o que ela procurava. Fizemos um sexo ardente e voluptuoso, digno de uma cena teatral, que mereceria muitos aplausos. Eu amparava a sua cabeça o tempo todo, para que não batesse no chão; poderia machucar-se e deixar o banho sujo de sangue. Odeio sangue.

Deixa-me deprimido, de alguma forma culpado de algo; não posso nem mesmo me cortar, sem querer, visto que o sangue me transtorna.

Estive em várias outras casas e deleitei-me com mulheres lindíssimas e sensuais, que me desejavam ardentemente. Elas morreram, mas a morte é inexorável, chega para todos e nos leva. Eu mesmo terminei morrendo, após receber um tiro de um dos moradores de local onde tive outra experiência sexual grandiosa. Lamento que esse atirador não tenha compreendido a minha atividade ali, que era fazer o gosto daquela mulher, sequiosa por sexo, a qualquer custo.

Acho que o ciúme é um enorme entrave à felicidade das pessoas; não há nada de mais em dividir o relacionamento sexual de uma mulher com vários pretendentes.

Enfim, quando notei que havia morrido, estava tragado para este local escuro. Não mais vejo lindas mulheres, mas somente seres estranhos, que se arrastam como serpentes e emitem sons guturais como porcos selvagens. Há parca luminosidade aqui... eu mesmo sou uma sombra a caminhar por entre grutas e cavernas. Nem sei onde estou e por que vim parar neste lugar. Revolto-me, pois a morte sempre me pareceu serena, convidativa, tranquila, afinal, era como eu via as minhas mulheres se despedirem da vida.

Nunca recebi orientação religiosa e deve ser por isso que não entendo onde me encontro. Fui órfão e percorri vários abrigos pensando em ter uma família; nunca fui escolhido e cresci até que me colocaram para fora. A vida era inteiramente minha a partir daquele momento.

Descobri a carpintaria como meio de vida, trabalhando como assistente de um conhecido, mas essa atividade me proporcionou o que eu realmente gostava de fazer: ter o poder sobre as mulheres frágeis e delicadas; domá-las com meu olhar; subjugá-las pelos músculos de meus braços e dar-lhes momentos inesquecíveis de prazer, libertando-as da vida tola que levavam. Agora, nem mesmo consigo visualizar meu corpo, quanto mais os de mulheres me esperando para o sexo.

*

Mark foi um serial killer, com fundamento sexual, pois ele matava suas vítimas e, depois, tinha relação sexual com o corpo inerte. Reencarnou de maneira compulsória, em jornada terrena difícil em vários aspectos, para que pudesse mostrar a sua vontade, ainda que mínima, de seguir o bom caminho. A sua infância solitária foi passada em abrigos institucionais para órfãos, mas ele nunca

conseguiu ser adotado, muito mais por seu comportamento agressivo que por outro motivo. Recebeu instrução e a padronizada educação que essas instituições proporcionam; nada disso lhe serviu, pois a irresignação, em particular pela falta de amor materno — algo que via ocorrer com a visita ou presença de mães em busca de seus filhos nos abrigos — deixou-o revoltado. No entanto, inexistiu relação direta entre a orfandade e a criminalidade. Na verdade, a infância difícil era um preparo para a superação, pois em vida terrena anterior Mark fracassara quanto ao amor ao próximo e a atitudes solidárias e fraternas. Teve todo o amparo da família e voltou-se à vida errante. Ao desencarnar, passou pelo Umbral e foi reenviado à crosta por determinismo.

Observe-se a recalcitrância do Espírito em seguir a trilha do bem, visto que, comparando as duas últimas vivências na Terra — na primeira, com família; na segunda, órfão —, em ambas optou pelo desvio comportamental grave. Por isso, após o último desencarne, encontra-se em zona umbralina interna, onde terá tempo suficiente para aclarar a sua mente e perceber que nunca fez bem algum às mulheres que assassinou. É essa a meta para conseguir de Mark o mínimo necessário de arrependimento, que o faça migrar para uma colônia espiritual, a fim de receber orientação e reencaminhamento para a crosta terrestre. Está sofrendo, novamente, a angústia da solidão e a ausência de contato com outros seres. Vê sombras e ouve sons desagradáveis, pois são as visões e audições compatíveis com o baixo estágio evolutivo de seu Espírito.

7.3 Os abusadores do poder econômico

7.3.1 Enrico

As projeções mentais, o perispírito carregado de energia negativa e a densidade da região proporcionavam as piores sensações para os desencarnados viventes do umbral cavernoso.

— O fogo que me cerca não me amedronta, embora impeça o meu deslocamento neste inferno. Amaldiçoo quem criou esta forma de expiação. Achei que o Diabo era mais severo, mas hoje noto que ele nem mesmo existe. Há um ambiente escurecido, fétido, gosmento, com cuspes de fogo alternando com o breu absoluto, mas não há demônios com seus tridentes a ferir nossas peles. Somente por isso, dou boas risadas e estou a arregimentar afiliados para derrotar esses lunáticos que nos querem impor novas ideias. Sim, estou no Umbral, e daí? Alguns podem achar que sou algum carniceiro (risos), aquele matador de vários... Não, sou um investidor do mercado financeiro e desprezo todos os que pensam que isso é um crime. Toscas pessoas. Sou capitalista; um sujeito preparado para os negócios. Sempre fiz todo o possível para ter lucro ilimitado, favorecendo igualmente os meus sócios e os clientes.

A zona cavernosa abriga vários desencarnados de natureza violenta e rudimentar, mas não só. Há os que demonstram profundo desprezo pelo ser humano, que provocaram inúmeras maldades quando encarnados e desencadearam uma sucessão imensa de sofrimentos individuais e familiares.

— Disseram-me que eu iria para o inferno agindo desse modo e eu gargalhei. Sou esclarecido e pretendo enfrentar a escuridão para chegar ao meu objetivo, que é a riqueza material. Quem é bom no que faz, abre seu caminho massacrando os fracos. Nos negócios não há piedade; não se está na igreja, em pleno culto, rezando pela bondade divina.

Os inestimáveis valores espirituais, defensores da honestidade de caráter, aplicam-se em todas as áreas de atuação do encarnado, de modo que *causar prejuízo*, de má-fé, cuida-se de atitude condenável, a gerar dívidas em face da lei de causa e efeito.

— No meu sistema negocial não deve ser preservado nenhum direito, exceto o lucro. Os mais espertos enriquecem e os tolos sobram pobres. Trata-se da lógica natural. Não consigo entender o motivo de criticarem a

minha profissão, a minha visão ampla do que significa o comércio e a função da empresa. Elimina-se a concorrência, sem necessidade de verter sangue, o que nos confere títulos e propriedades, basicamente um reinado no planeta das oportunidades. Com muito orgulho, fui, quer dizer, sou banqueiro e exploro as fraquezas do mercado; pouco me interessa a vida alheia, pois não faço caridade e sim negócios. O meu desprezo aos tolos decorre da minha formação, construída em torno da competência e da esperteza.

E prosseguiu com a vaidade dos presunçosos: — As pessoas que não se coadunam com o livre mercado precisam ser extirpadas, por todos os modos possíveis. Quem me ouviu, triunfou. Os idiotas ficaram para trás e, pior, querem a conta do que perderam (risos). São medíocres pessoas. Sempre tive poder e capital para ditar meus desejos; nunca fui religioso. Religião é lixo. Deus é para os pobres.

*

Enrico atuou como banqueiro na sua última reencarnação. Desde cedo, formou o seu caráter em torno do materialismo destruidor; significa ter muitos bens materiais e impedir outros de terem o mesmo. Em seus negócios, com extrema habilidade, utilizou a sua inteligência para o mal, provocando inúmeras situações de caos econômico para diversas empresas e, com isso, destruiu o patrimônio de muitas famílias. Auxiliou e apoiou dirigentes políticos corruptos, que somente aumentavam o sofrimento da comunidade por eles governada. A perversidade não é exclusiva dos que são violentos fisicamente, mas também dos que agem na surdina, ocultos por trás de paredes, invisíveis à sociedade, porém jamais para a lei de causa e efeito.

7.3.2 Ercílio

A riqueza material é um fardo que poucos conseguem carregar com sucesso.

— Abri os olhos uma vez; escuridão total. Abri novamente e muitas vezes mais, quando pude, então, captar um fiapo de luz. Sentia-me congelado e mal conseguia mover-me; no entanto, achei por bem mexer-me de algum modo, pois supunha estar vivo e consciente. Sentei e agarrei meus joelhos, quando percebi que o chão era lamoso; nunca tive nojo disso, pois sempre fui fazendeiro e currais eram meu ponto de parada obrigatório quase todos os dias. Entretanto, naquele lamaçal havia um odor característico de carne podre, bem diverso de fezes de vacas. Nauseei e minha cabeça

rodopiou inúmeras vezes; quando achei que perderia de vez o equilíbrio, uma forte mão agarrou meu ombro. Assustado, encarei aquele sujeito, que não era bem humano, mas não parecia ser um animal. De longe, aproximou-se outro com uma labareda em mãos e, ao chegar perto, para meu horror notei que eram dois homens cheios de pelos e completamente cegos. No lugar de seus olhos encontravam-se imensos buracos negros, o que me provocou, de pronto, uma repulsa, ao que aquela criatura percebeu e me disse: — Acostume-se. Somos assim neste buraco do inferno. Quando cheguei, era como você, ainda tinha olhos e poucos pelos no corpo; agora, pareço um urso cego (risos histéricos ecoaram).

— Apressei-me em perguntar onde estávamos e ele continuou: — Demorou para aprender, mas nos encontramos onde as bestas-feras ficam, abaixo da terra... Um tormento. De onde não conseguimos sair, a não ser por vontade dos Seres de Luz. A bem da verdade, é a única vez em que podemos perceber luminosidade. O resto do tempo é vivido em total escuridão. Para que olhos? E neste frio, o melhor é ter pelos para nos aquecer.

Aqueles esclarecimentos eram terríveis palavras, absorvidas a contragosto, mas inevitáveis. As sensações e as aparências dos desencarnados são diferentes no umbral cavernoso, dependendo da herança advinda da sua última reencarnação.

— Eu estava vivo ou morto? Se tinha consciência do meu estado, supunha estar vivo, mas acompanhando aquela descrição, aquilo só poderia ser o inferno, então, estava morto. Olhei para a criatura e, sem titubear, ela me declarou solenemente: — Você está morto. Deve ter feito muito mal para vir parar aqui; só conheço criminosos violentos...

Ercílio imaginou ter havido um pesaroso engano, pois um fazendeiro, como ele, haveria de estar em lugar muito melhor. Os dois Espíritos não eram de muita conversa; viraram as costas e se foram, levando junto deles a tocha que alumiaava o ambiente. A escuridão e o frio incomodantes retornaram.

— Recolhi-me em posição fetal para me sentir abrigado; nem sei se com os olhos abertos ou fechados, pois não fazia nenhuma diferença. Tentei forçar a minha memória; queria saber o motivo de julgamento tão drástico; era católico e o padre sempre ensinou que havia o céu e o inferno; os bons seguiam para o céu e os maus, ao inferno. Onde eu estava jamais poderia ser caracterizado como céu; logo, por exclusão, era o inferno. Ah, havia o

purgatório, mas este lugar também nunca foi descrito como trevoso e gélido. Aliás, outra contradição com o inferno católico, que imaginava calorento e cheio de luz proveniente do fogo. Não saberia dizer quanto tempo passou, mas meu estômago contorcia-se de dor insuportável, clamando por comida; minha saliva secara e eu implorava mentalmente por água.

Assim passou um longo período de aparente sufocamento, até que, certa vez, ele notou uma luz mais forte se aproximando, e não era advinda do fogo.

— Um Ser iluminado por dentro? — pensou.

Aproximando-se rapidamente, indagou-lhe: — Irmão Ercílio, você se sente bem, apesar das circunstâncias nas quais vive?

Ele balançou negativamente a cabeça. A entidade prosseguiu: — Você não veio para cá porque passou pelo julgamento final e foi condenado ao inferno; aqui se encontra por conta da lei regente do universo dos encarnados: causa e efeito.

Ercílio logo pensou nas ações que praticou enquanto encarnado, tentando buscar a lógica de seu atual destino. Emergiu-lhe uma raiva do fundo d'alma e ele dirigiu o seu olhar de fúria àquele Ser. Ele abaixou a cabeça, em sinal de pesar, virou-se e desapareceu numa nuvem de fumaça.

— Para onde foi? Voltei à escuridão total. As consequências do frio geraram-me várias feridas espalhadas pela pele e uma coceira enlouecedora. A fome, a sede e a insônia aborreciam-me como instrumentos de tortura...

Outro tempo decorreu, até que novo brilho surgiu, em tonalidade de cor diferente. Era um Ser Iluminado em linhas mais suaves, parecendo um formato feminino. Com voz muito suave, perguntou-lhe: — Meu irmão Ercílio, gostaria que eu o ajudasse a conhecer um pouco do seu passado? A sua passagem como fazendeiro pela crosta terrena...

O orgulho dizia-lhe para negar a oferta, mas a curiosidade falou mais alto e ele balançou afirmativamente a cabeça.

— Quem merece esta lama? — pensei.

Ela captou o seu pensamento e pronunciou poucas, mas contundentes palavras: — Você merece estar neste lugar, pois levou vários de seus empregados a passar fome, uma das piores necessidades humanas. Mas não só eles, também as suas famílias, com crianças pequenas, algumas que faleceram por conta de inanição. Hoje você se sente sedento, como seus empregados, obrigados a tomar a água barrenta do córrego de sua

propriedade, de onde vieram doenças, que levaram para o mundo espiritual muitos deles. Você não vê a luz, mas se esquece que o gerador da fazenda só funcionava na sua casa e todos os demais, ao cair da noite, viviam na mais absoluta escuridão. O frio é apenas a consequência da falta de luz e da profundidade do local. Preciso dizer mais?

Ele sentiu-se devassado, estraçalhado e descoberto, tudo ao mesmo tempo. Já não sabia se sentia remorso ou ódio pela revelação. Baixou a cabeça como a negar tudo aquilo, virou-se de costas para ela e calou-se.

— Voltou a maldita escuridão e o frio parecia aumentar, agora saboreado com o meu remorso nascente. Sentir o remordimento por um mal qualquer é pior do que a sensação carnal de fome, sede ou frio.

Naquele local, ele tentava andar, mas batia a cabeça em tetos mais baixos ou chocava seu corpo em paredes sem qualquer passagem. Era uma agonia duradoura, pois, além de tudo, estava absolutamente sozinho; aquelas criaturas do primeiro dia em que abriu os olhos se foram e nunca mais retornaram.

— Percebi como o ser humano, encarnado ou desencarnado, realmente não é solitário por natureza. Não conseguia nem mesmo chorar, pois lágrimas me faltavam.

Um longo período passou, até que surgiu outro brilho ao longe e ele, então, colocou-se em estado de alerta. O Ser Iluminado, noutra cor brilhante, parecendo agora ser um jovem rapaz, aproximou-se de mim e perguntou: — Querido irmão Ercílio, já é hora da aceitação?

Ele já não conseguia ter raiva ou ódio, a não ser de si mesmo, e entendeu a mensagem. Balançou afirmativamente a cabeça. Encostando a sua iluminada mão no seu petrificado coração, a entidade disse: — Sim, meu irmão, está na hora. Feche os olhos. Fará uma viagem da qual somente se recordará muito adiante no seu aprendizado. Terminou por ora o seu sofrimento.

*

Ercílio foi um fazendeiro muito rico, proprietário de uma imensidão de terras no norte do Brasil, mas tratava seus empregados como escravos. Pagava-lhes uma miséria de salário e os obrigava a fazer as compras do mês na loja da fazenda, onde acabavam devedores. Se a comida acabasse antes de completar mais um mês, passariam fome o empregado e quem ao seu lado estivesse, pouco importando se fossem crianças. Não havia o fornecimento de água potável e cada

um se virava como podia no córrego lamacento do local. O fazendeiro mantinha guardas armados nos pontos estratégicos de sua propriedade, evitando qualquer fuga. A miséria imposta àqueles trabalhadores, anos a fio, criou um volume de dívidas impressionante, que impregnou o perispírito de Ercílio. Ele nunca admitiu para seus familiares qualquer maltrato e ainda ensinou aos seus filhos fazer o mesmo. Não atuou como um homicida serial, mas indiretamente assim agiu, pois muitos morreram de fome, doenças e pragas advindas da miséria imposta em sua fazenda. Quando Ercílio desencarnou, o peso e a impregnação negativa de seu perispírito levaram-no ao umbral interno.

7. Todos os relatos colhidos de habitantes das zonas umbralinas advêm de Espíritos já resgatados; atualmente, alguns são residentes da colônia espiritual Alvorada Nova; outros estão reencarnados. Os nomes usados nesta obra são fictícios para não haver identificação dos envolvidos na narrativa.

8.1 O caçador Andrew

Andrew desencarnou em plena caçada, atacado e ferido mortalmente por um crocodilo. Nem conseguiu *vivenciar* o seu desenlace, pois abrupto e violento. Tão logo foi agarrado pelo animal, que submergiu, ele começou a confundir a sua ânsia para escapar e a perda da vida. Em determinado momento, parte do corpo emergiu, chocando os outros caçadores, enquanto outra parcela se encontrava em processo de mastigação pelo seu algoz. Andrew, sem nitidez em seus sentidos, pairava na tona d'água esperando ser *resgatado* pelos companheiros, que, no entanto, já tinham partido, levando seus restos mortais. Seja por ingenuidade, quiçá por ignorância, ele continuou por ali, como se estivesse caçando.

— Percorro o pântano para capturar presas especiais, as quais venderei por altos preços e ficarei muito rico. Ali está um crocodilo grande e exposto; nem acredito. Vou abatê-lo e viver de renda (risos nervosos).

Aventurou-se e nada...

— Estou desalinhado, preciso preparar-me melhor.

Voltou a atacar o animal e nada. Olhando para suas mãos, reparou que estavam esbranquiçadas em demasia.

— Nossa! — pensou. — Estou precisando comer mais carne.

Retornou ao crocodilo e nada. Irritado, observou detalhadamente o seu corpo e constatou estar ele mais embranquecido do que o normal.

— O que há comigo? — questionou-se.

De repente, naquele lugar singular, repleto de répteis, ambientado em lugar úmido e calorento, ouviu-se a voz da razão: “Meu filho, estou aqui para resgatá-lo, venha comigo.” Aquele intrépido caçador arrepiou-se, embora tenha preenchido seu coração de ódio: “Quem quer enganar-me?”

Era a sua mãe, que nem conseguiu explicar-se. Ele, desencarnado, jogou-se na água para lutar e dominar o crocodilo, vislumbrando-se uma cena pavorosa, pois o animal ficou desesperado pelo assédio espiritual e fugiu para o fundo, enquanto o caçador parecia afogar-se sozinho sem nada

alcançar. Voltando à superfície, indagou-se: “O que há comigo? Parece que vi minha mãe, morta há tempos, enquanto não consigo matar um simples crocodilo...”

As suas súplicas não tiveram respostas imediatas, pois a justiça divina não funciona conforme o singelo querer dos Espíritos. Seria necessário um período para a sua compreensão de que estava desencarnado para, após, merecer um novo contato de sua mãe querida, sempre pronta ao seu resgate.

*

Andrew, desencarnado, viu-se em situação similar à qual quando vivo estava. Resolveu abater um crocodilo e, nessa empreitada, terminou morto. O desencarne, quando ocorre de modo violento e inesperado, pode gerar a incompreensão do novo estado espiritual. O caçador apagou todo bom senso de sua mente, pois não vislumbrou a presença de sua mãe, tentando resgatá-lo, tampouco notou estar fora da vida material. Sofreu um certo período na crosta, até que pudesse conhecer e aceitar a sua nova condição para dali partir a outras paragens.

8.2 Plínio

— Estava no leito hospitalar segurando a mão da minha amada esposa, já fraco e sem mobilidade. Creio até que ela segurava a minha mão, pois eu não teria forças próprias. Na poltrona, ao lado, meu filho mais velho; sempre compenetrado e achando-se responsável por tudo, talvez até pela minha enfermidade; logo à frente dele, a minha nora, uma mulher linda, bem informada, mas histérica; qualquer coisa era motivo para um pequeno escândalo; já imaginava o que ela faria assim que o médico proclamasse oficialmente a minha morte, da qual não tenho chance de escapar. Perto da porta, encontrava-se meu filho caçula, sozinho, circunspecto, aborrecido; nunca suportou contrariedades e acho que minha morte seria uma das suas piores crises. Eu nunca fui religioso, mas não conseguia me considerar ateu; acho que era agnóstico.

Quando finalmente Plínio desencarnou, uma enorme escuridão o acolheu, exatamente como acontecia quando tomava anestesia geral. De repente, surgiu uma linha de luz... Mais outra... E outra... Estava enxergando seu corpo já no morgue do hospital.

— Nossa, aquele sou eu? Para onde ir?

Inapto para prosseguir, ali permaneceu, fiel à única coisa que balizava a sua existência: o seu cadáver. Quando chegou o carro da funerária, ele não vacilou e seguiu junto. O motorista chegou a dizer ao seu colega: — Hoje, sinto-me mais tocado; deve ter morrido um homem bom.

— Confesso que gostei dessa observação, pois percebi que ele se referia a mim. Saltando a fase do transporte, via-me agora sendo *preparado* para o velório; isso envolvia um *banho* ao meu corpo inerte, maquiagem e a colocação do melhor de meus ternos. Que bobagem, vão estragar esse costume de estilista italiano. Poderia dar ao meu filho, que trabalha de terno.

O ritual prosseguia. Jogaram várias flores no caixão.

— Não gostava de cravos, mas sabia que a minha opinião não valia mais nada. Não estava com raiva, embora não soubesse exatamente como me comportar, pois não tinha ideia do meu destino.

O velório estava pronto, com coroas de flores para todos os lados, velas gigantes ao lado do caixão e o cadáver de Plínio, ali deitado, inerte, mas

bem-vestido. De repente, surgiu na sala a sua nora, aos gritos e chorando histericamente, como se o pai fosse dela.

— Poderia até ficar lisonjeado por ter uma pessoa *tão querida*, entristecida pela minha falta, mas a conheço bem. Faria o mesmo por qualquer animalzinho de estimação que morresse.

Chegaram outros familiares e amigos. Todos cochichavam uns com os outros, como se o desencarnado não pudesse ouvir; talvez por respeito ou para narrar futilidades. Vez ou outra, ouvia-se uma risada.

— Ouvia tudo de todos, inclusive as críticas, mais comuns que os elogios. Piadas? Várias delas. O que resolveria se eu ficasse aborrecido? Pela lógica, absolutamente nada. Alguns oravam e pediam por mim, o que me dava algum conforto; a maioria, entretanto, divertia-se e as melhores anedotas eram contadas mesmo em velórios. A noite parecia sem fim, enquanto eu continuava sem saber o que fazer.

Amanheceu, iniciando-se o procedimento para fechar o caixão. Novamente, assistiu-se ao drama da nora.

— Minha esposa e meus dois filhos choravam; pareciam incrédulos que eu tinha partido em tão pouco tempo (tinha somente 56 anos). O féretro seguiu até a cova e ali foi depositado o caixão. Pela lógica, supus que havia terminado a minha participação no mundo. Voltei e me acomodei nas instalações do velório. Ali já chegava outro corpo e, sem saber quem era, fui ficando e ficando. Não vi mais minha família. Não sei quanto tempo permaneci vagando pelas dependências do velório. Pareceu-me uma eternidade, até que, um dia, no velório de um desconhecido, um padre fez uma bela oração, cujas palavras me tocaram; sensibilizei-me a ponto de notar a presença de um outro Espírito do lado oposto onde estava. Era um Ser iluminado, mas translúcido, o que me indicou tratar-se de um ente espiritual, como eu. Ele se aproximou de mim, não tive medo, aguardei; quando tocou a minha face, senti um formigamento intenso; agradei.

A partir dali, Plínio sentiu o efeito anestésico e adormeceu, tornando a acordar em hospital da colônia espiritual Alvorada Nova.

— Fui convidado a dar esse relato, o que faço com muito prazer, para que outros irmãos não precisem passar pelo que vivi. Um tempo perdido, vagando pela crosta.

Plínio era engenheiro, um homem culto e esclarecido, além de ter uma personalidade afável e bondosa. Porém, era materialista e agnóstico. Não rejeitava, mas não aceitava a ideia da vida após a morte. Infelizmente, deteve-se junto ao seu corpo por tempo excessivo, perdeu o chamamento e permitiu-se vagar pelas dependências do velório por muito tempo. Encontrou seu caminho para a cidade espiritual quando abriu seu coração e notou a presença de Emissário Superior. Uma oração, com as palavras certas, no caso dele produzidas por padre católico, foi-lhe suficiente para o despertar. Nem sempre é tão fácil assim.

8.3 Gertha

À beira de uma avenida movimentada, Gertha percebia o movimento intenso dos veículos grandes, médios e pequenos. De repente, teve vontade de se jogar entre os carros e assim o fez.

— Atirei-me. Fiquei confusa, pois todos passavam por cima de mim e nada acontecia. Acho que eu queria *morrer*, mas já estava no plano espiritual. Fui uma suicida pós-morte. Lembrei-me do dia em que levei um tiro no supermercado, onde fazia compras. As famosas compras do mês. Estava sozinha, como sempre, empurrando dois carrinhos, nem sei como conseguia. De repente, pareceu-me, houve um assalto e os seguranças reagiram. Foram vários tiros. Abaixei-me e fiquei bem quietinha ao lado de uma pilha de latas de molho de tomate; subitamente, observando a mancha vermelha que se formava no chão, pensei que muitas latas tinham sido furadas pelos disparos, até que passei a mão em meu peito e o sangue era meu. Creio ter desmaiado.

Foi preciso uma *prova* de que havia desencarnado para que tivesse noção de seu real estado. Assim aconteceu no momento em que os veículos não a atingiram.

— Retomei a consciência quando estava presa num caixão muito apertado, repleto de flores e eu tinha a sensação de que mal conseguia respirar. Logo pensei estar viva e, instantes depois, chocou-me o fato de alguém me ter enterrado nesse estado. Será que não existiria um bom médico a perceber que eu estava viva? Como puderam enterrar-me? O sofrimento aumentava a cada período; tudo escuro e minha respiração falha me incomodava. Por óbvio, somente muito depois percebi que não mais respirava, então, as tais falhas eram fruto da minha ignorância. Do mesmo modo, o cheiro horrível que sentia não era a putrefação do cadáver, que se dava por certo, mas da minha imaginação.

Não são incomuns os variados casos de desencarnados que acompanham o seu próprio enterro, admirando-se e surpreendendo-se por conta da inusitada situação.

— Pela minha mente, rapidamente passaram-se inúmeras imagens e eu mesma fiz o meu julgamento: era uma boa mulher. Fui esposa, mãe, filha, irmã, todas as atividades exercidas com amor e zelo. Por que estava jogada naquela cova? A insistência das minhas dúvidas não resolvia nada. Fiquei

atordoada por muito tempo. Nem sei quanto tempo se passou, quando um dia ouvi um garoto rezando... Era meu filho caçula. Estava ali, bem na frente do túmulo, pedindo por mim; uma luz brotou do seu coração e atingiu-me em cheio. Chorei muito, se é que isso era possível. Alcancei a superfície e quis abraçá-lo fortemente, quando notei ser impossível. Ele continuou sua prece e a luz se fazia mais intensa, até que surgiu um Espírito, vindo do azul do céu, para estender a sua mão em minha direção. Fiquei muito confusa, pois ali estava meu filho querido, orando por mim, enquanto um Ser Iluminado colocava a sua mão para eu apertar. Não conseguia me mover; estava paralisada. O Ente de Luz foi bondoso e disse: “Pode pegar minha mão, pois é exatamente isso que seu filho deseja.” As suas gentis palavras solucionaram-me o dilema. Fui embora dali e, hoje, agradeço tanto ao meu filhinho querido. A oração de um adolescente tirou-me da escuridão e lançou-me à verdadeira vida. Procuro ensinar o valor da prece, atualmente, na colônia espiritual onde atuo. Espero que minhas recordações ajudem outros irmãos.

*

Gertha foi uma mulher de fibra. Casou-se, teve filhos, dedicou-se ao lar, mas nunca se preocupou com religião. Era uma pessoa desvinculada do lado espiritual da vida. Recusava-se a conversar sobre esse assunto com a família e dizia preferir a ignorância em lugar de aprender bobagens. Um ser humano de boas atitudes, mas materialista, ao desencarnar pode sofrer bastante até encontrar o seu lugar na instância espiritual. O apego à matéria é um mecanismo muito poderoso para segurar desencarnados na crosta.

Capítulo IX - *A vivência de um médium*

Diz o médium:

Estou impressionado, à beira de um enorme buraco na face da Terra, onde ecoam gritos e pássaros voam, impressionando-nos pela grandeza ambiental. As árvores cadentes ingressam nas entranhas dessa imensa cavidade e fazem parte de seu cenário, ora lúgubre, ora fascinante. Parece que me encontro diante da grandeza de Deus na crosta terrestre. No entanto, o Mentor, ao meu lado, diz-me para segui-lo.

— Lance-se cavidade abaixo... Você é só Espírito desprendido agora.

A fé é meu guia e assim vou. Caímos de uma altura incalculável, similar a vários edifícios colocados um em cima do outro até chegar a uma escuridão total. Procuo, desesperado, meu condutor e ele me aponta uma pequena depressão na rocha, parecida com uma cova.

Está muito escuro — reclamo. Ele me diz para concentrar-me com a luz do coração e, assim feito, noto uma cavidade. Por ela ingresso, ao mesmo tempo em que oro o *Pai Nosso*; meu condutor diz: *calma, é somente um trabalho; você não ficará aqui...* Para ele é fácil dizer — pensei. Mas sou apenas um médium. No entanto, não me detive e confiei, como acho deva fazer todo médium a serviço do Plano Superior. Ingressei naquele canal escuro e sentime preso, como se me esgueirasse por uma superfície gosmenta e grudenta. Achei que ali iria parar e sucumbir, embora continuasse a deslizar, aos poucos, em descida íngreme, a um fundo inescrutável. Cabecinhas brotavam da cavidade, com um pálido brilho, espelhando somente haver *vida* nesse local. Estava sofrendo e, ao mesmo tempo, comiserado. Subitamente, a descida tornou-se ainda mais protuberante e despenquei... Caí e assim fui até esparramar-me num lago gelatinoso, de cheiro insuportável, com uma cor sanguinolenta; nada por acaso, era sangue. Quis vomitar, porém, meu condutor apontou-me o desprendimento, ou seja, eram sensações e não uma realidade. Suspirei, embora o cheiro fosse realmente desagradável. Olhei para os lados e vi aquelas várias cabecinhas emergindo de covas minúsculas, com suas

mãozinhas flexionadas, buscando — pareceu-me — ajuda. Busquei apoio em meu amigo e ele disse para que me acalmasse, visto não termos ido ali para resgatar Espíritos e, sim, para constatar a sua presença.

Pareceu-me cruel ir tão longe para ninguém ajudar, ao que meu condutor respondeu, como se soubesse o que eu pensava: “eles precisam passar por esta fase” e, mais tarde, vão brilhar como irmãos nossos. Acalmei-me e tentei estudar o local, vislumbrando algo inóspito, como se fosse um filme de terror. Riu-se o condutor, dizendo: “eles, encarnados, tiram daqui a inspiração para seus cenários.”

Compreendi, claramente, que os dois planos da vida nunca deixam de se entrelaçar e os humanos, provavelmente em seus desprendimentos do sono físico, quando dormem, vivem e experimentam esses ambientes, inspirando-se para os magnânimos cenários de filmes premiados.

Fiquei parado por momentos...

Meu condutor disse-me: “você não está perdendo tempo.” Como ele sabia que eu assim pensava? E continuou: “você está aqui para relatar o que significa o umbral interno; não como um ‘inferno’, nem como uma punição eterna, mas como um espaço para que Espíritos inferiores extraiam suas dúvidas, experimentem suas súplicas e aprendam, fundamentalmente, a respeitar e amar o semelhante.”

Como um perguntador nato, quis saber como o sofrimento ali desenhado poderia atingir esse objetivo e meu Mentor disse, com facilidade: “eles nem sabem que existem mundos superiores; sentem esse espaço inferior como se fosse a casa deles, mas começam naturalmente a notar que o sofrimento é constante, ruim, perturbador — e não algo normal e aceitável.”

Eis que ingressam os Mentores das colônias para conversar com cada um deles, indicando os caminhos do progresso. Vários deles aceitam a reencarnação por livre-arbítrio, sem determinismo, embora sejam muito pouco desenvolvidos.

De minha parte, começo a entender o caminho da redenção, que se fia no sofrimento, não por vingança, muito menos por culpa, mas por caridade. Ninguém *sofre por sofrer*. Não se tenha pena do assassino preso, pois que ele precisa expiar sua atitude negativa. Tenha-se por ele amor e nutra-se caridade e esperança. É complexo o coração humano, muito mais voltado ao egoísmo do que a outro sentimento. Explica-se: o ser humano, recebendo o bem, tem a tendência de retornar o bem. Mas isso não é sinônimo de

evolução; o que se precisa realmente fazer é receber o mal e retornar o bem. Quantos conseguem? Vê-se despencar o número de encarnados a isso dispostos; eis a razão pela qual não se pode observar o umbral interno e sentir, simplesmente, dó... Nunca esse sentimento, pois significaria que todo aquele estado sofrível é inútil; porém, não é. Vamos todos vibrar amor pelos que sofrem: os que fazem o mal; os que sofrem esse mal. Nada, além disso, é o amor de Deus.

*

A viagem do médium em desprendimento é indicativa de um dos lugares concernentes ao denominado umbral interno, abaixo da crosta terrestre. Este local abriga muitos Espíritos de baixa evolução, que precisam receber lições de amor para evoluir; entretanto, tais métodos dependem de reencarnações, visto que não há nenhum tipo de “milagre” na caminhada para o progresso espiritual. Aprender, sofrer; aprender, sofrer; evoluir. Um mínimo do contexto evolutivo dos Espíritos.

Capítulo X - *Umbral na Doutrina Espírita*

O Umbral, como local de expiação com foco na regeneração e para o aprendizado de Espíritos reticentes em aceitar as Leis Divinas e os ensinamentos de Jesus, sempre teve grande importância na literatura espírita.

Muitas obras se dedicaram a retratar essa região fundamental para a evolução espiritual, a fim de dar claro testemunho da realidade da verdadeira vida.

10.1 Pelo Espírito André Luiz

10.1.1 Nosso Lar

Médium: Chico Xavier. Rio de Janeiro: Editora FEB, 2009. Capítulo 12 — O Umbral. p. 79-84.

Após receber tão valiosas elucidações, aguçava-se-me o desejo de intensificar a aquisição de conhecimentos relativos a diversos problemas que a palavra de Lísias sugeria. As referências a Espíritos do Umbral mordiam-me a curiosidade. A ausência de preparação religiosa, no mundo, dá motivo a dolorosas perturbações. Que seria o Umbral? Conhecia, apenas, a ideia do inferno e do purgatório, através dos sermões ouvidos nas cerimônias católico-romanas a que assistira, obedecendo a preceitos protocolares. Desse Umbral, porém, nunca tivera notícias.

Ao primeiro encontro com o generoso visitante, minhas perguntas não se fizeram esperar. Lísias ouviu-me atencioso e replicou: — Ora, ora, pois você andou detido por lá tanto tempo e não conhece a região?

Recordei os sofrimentos passados, experimentando arrepios de horror.

— O Umbral — continuou ele, solícito — começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. Quando o Espírito reencarna, promete cumprir o programa de serviços do Pai; entretanto, ao recapitular experiências no planeta, é muito difícil fazê-lo, para só procurar o que lhe satisfaça ao egoísmo. Assim é que mantidos são o mesmo ódio aos adversários e a mesma paixão pelos amigos. Mas, nem o ódio é justiça, nem a paixão é amor. Tudo o que excede, sem aproveitamento, prejudica a economia da vida. Pois bem: todas as multidões de desequilibrados permanecem nas regiões nevoentas, que se seguem aos fluidos carnis. O dever cumprido é uma porta que atravessamos no infinito, rumo ao continente sagrado da união com o Senhor. É natural, portanto, que o homem esquivo à obrigação justa tenha essa bênção indefinidamente adiada.

Notando-me a dificuldade para apreender todo o conteúdo do ensinamento, com vistas à minha quase total ignorância dos princípios espirituais, Lísias procurou tornar a lição mais clara: — Imagine que cada um de nós, renascendo no planeta, somos portadores de um fato sujo, para lavar no tanque da vida humana. Essa roupa imunda é o corpo causal, tecido por nossas mãos, nas experiências anteriores. Compartilhando, de novo, as

bênçãos da oportunidade terrestre, esquecemos, porém, o objetivo essencial, e, ao invés de nos purificarmos pelo esforço da lavagem, manchamo-nos ainda mais, contraindo novos laços e encarcerando-nos a nós mesmos em verdadeira escravidão. Ora, se ao voltar ao mundo procurávamos um meio de fugir à sujidade, pelo desacordo de nossa situação com o meio elevado, como regressar a esse mesmo ambiente luminoso, em piores condições? O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatória, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.

A imagem não podia ser mais clara, mais convincente.

Não havia como disfarçar minha justa admiração. Compreendendo o efeito benéfico que me traziam aqueles esclarecimentos, Lísias continuou: — O Umbral é região de profundo interesse para quem esteja na Terra. Concentra-se, aí, tudo o que não tem finalidade para a vida superior. É note você que a Providência Divina agiu sabiamente, permitindo se criasse tal departamento em torno do planeta. Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes, que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem conduzidas a planos de elevação. Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, separados deles apenas por leis vibratórias. Não é de estranhar, portanto, que semelhantes lugares se caracterizem por grandes perturbações. Lá vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie. Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder, pela concentração das tendências e desejos gerais. Muita gente da Terra não recorda que se desespera quando o carteiro não vem, quando o comboio não aparece? Pois o Umbral está repleto de desesperados. Por não encontrarem o Senhor à disposição dos seus caprichos, após a morte do corpo físico, e, sentindo que a coroa da vida eterna é a glória intransferível dos que trabalham com o Pai, essas criaturas se revelam e demoram em mesquinhas edificações. “Nosso Lar” tem uma sociedade espiritual, mas esses núcleos possuem infelizes, malfeitores e vagabundos de várias categorias. É zona de verdugos e vítimas, de exploradores e explorados.

Valendo-me da pausa, que se fizera espontânea, exclamei, impressionado: — Como explicar? Então não há por lá defesa, organização?

Sorriu o interlocutor, esclarecendo: — Organização é atributo dos Espíritos organizados. Que quer você? A zona inferior, a que nos referimos, é qual a casa onde não há pão: todos gritam e ninguém tem razão. O viajante distraído perde o comboio, o agricultor que não semeou não pode colher. Uma certeza, porém, posso dar-lhe: — Não obstante as sombras e angústias do Umbral, nunca faltou lá a proteção divina. Cada Espírito lá permanece o tempo que se faça necessário. Para isso, meu amigo, permitiu o Senhor se erigissem muitas colônias como esta, consagradas ao trabalho e ao socorro espiritual.

— Creio, então — observei —, que essa esfera se mistura quase com a esfera dos homens.

— Sim — confirmou o dedicado amigo —, e é nessa zona que se estendem os fios invisíveis que ligam as mentes humanas entre si. O plano está repleto de desencarnados e de formas-pensamento dos encarnados, porque, em verdade, todo Espírito, esteja onde estiver, é um núcleo irradiante de forças que criam, transformam ou destroem, exteriorizadas em vibrações que a ciência terrestre presentemente não pode compreender. Quem pensa, está fazendo alguma coisa alhures. E é pelo pensamento que os homens encontram no Umbral os companheiros que afinam com as tendências de cada um. Toda alma é um ímã poderoso. Há uma extensa humanidade invisível, que se segue à humanidade visível. As missões mais laboriosas do Ministério do Auxílio são constituídas por abnegados servidores no Umbral, porque se a tarefa dos bombeiros nas grandes cidades terrenas é difícil, pelas labaredas e ondas de fumo que os defrontam, os missionários do Umbral encontram fluidos pesadíssimos emitidos, sem cessar, por milhares de mentes desequilibradas, na prática do mal, ou terrivelmente flageladas nos sofrimentos retificadores. É necessário muita coragem e muita renúncia para ajudar a quem nada compreende do auxílio que se lhe oferece.

Interrompera-se Lísias. Sumamente impressionado, exclamei: — Ah! Como desejo trabalhar junto dessas legiões de infelizes, levando-lhes o pão espiritual do esclarecimento!

O enfermeiro amigo fixou-me bondosamente, e, depois de meditar em silêncio, por largos instantes, acentuou, ao despedir-se: — Será que você se sente com o preparo indispensável a semelhante serviço?

Continuação

Nosso Lar

Médium: Chico Xavier. Rio de Janeiro: Editora FEB, 2009. Capítulo 44 — As Trevas. p. 291-294.

Recordando que Lísias me dera esclarecimentos tão valiosos da minha própria situação, no início da minha experiência em “Nosso Lar”, confiei-lhe minhas dúvidas íntimas, expondo-lhe a perplexidade em que me encontrava.

Ele esboçou uma fisionomia bastante significativa, e falou: — Chamamos Trevas às regiões mais inferiores que conhecemos. Considere as criaturas como itinerantes da vida. Alguns poucos seguem resolutos, visando ao objetivo essencial da jornada. São os Espíritos nobilíssimos, que descobriram a essência divina em si mesmos, marchando para o alvo sublime, sem vacilações. A maioria, no entanto, estaciona. Temos então a multidão de almas que demoram séculos e séculos, recapitulando experiências. Os primeiros seguem por linhas retas. Os segundos caminham descrevendo grandes curvas. Nessa movimentação, repetindo marchas e refazendo velhos esforços, ficam à mercê de inúmeras vicissitudes. Assim é que muitos costumam perder-se em plena floresta da vida, perturbados no labirinto que tracejam para os próprios pés. Classificam-se, aí, os milhões de seres que perambulam no Umbral. Outros, preferindo caminhar às escuras, pela preocupação egoística que os absorve, costumam cair em precipícios, estacionando no fundo do abismo por tempo indeterminado. Compreendeu?

As elucidações não poderiam ser mais claras.

Sensibilizado, porém, com a extensão e complexidade do assunto, ponderei: — Entretanto, que me diz dessas quedas? Verificam-se apenas na Terra? Somente os encarnados são suscetíveis de precipitação no despenhadeiro?

Lísias pensou um minuto e respondeu: — Sua observação é oportuna. Em qualquer lugar, o Espírito pode precipitar-se nas furnas do mal, salientando-se, porém, que nas esferas superiores as defesas são mais fortes, imprimindo-se, conseqüentemente, mais intensidade de culpa na falta cometida.

— Entretanto — objetei —, a queda sempre me pareceu impossível nas regiões estranhas ao corpo terreno. O ambiente divino, o conhecimento da verdade, o auxílio superior figuravam-se-me antídotos infalíveis ao veneno da vaidade e da tentação.

O companheiro sorriu e esclareceu: — O problema da tentação é mais complexo. As paisagens do planeta terrestre estão cheias de ambiente divino, conhecimento da verdade e auxílio superior. Não são poucos os que compartilhem, ali, de batalhas destruidoras entre as árvores acolhedoras e os campos primaveris; muitos cometem homicídios ao luar, insensíveis à profunda sugestão das estrelas; outros exploram os mais fracos, ouvindo elevadas revelações da verdade superior. Não faltam, na Terra, paisagens e expressões essencialmente divinas.

As palavras do enfermeiro calavam-me fundo no Espírito. De fato, em geral, os guerreiros estimam a destruição na primavera e no estio, quando a Natureza estende no solo e no firmamento maravilhas de cor, perfume e luz; os latrocínios e homicídios são praticados, de preferência, à noite, quando a Lua e as estrelas enchem o planeta de poesia divina. A maioria dos verdugos da Humanidade constitui-se de homens eminentemente cultos, que desprezam a inspiração divina.

Renovando minha concepção referente à queda espiritual, acrescentei: — Contudo, Lísias, poderá você dar-me uma ideia da localização dessa zona de Trevas? Se o Umbral está ligado à mente humana, onde ficará semelhante lugar de sofrimento e pavor?

— Há esferas de vida em toda parte — disse ele, solícito —, o vácuo sempre há de ser mera imagem literária. Em tudo há energias viventes e cada espécie de ser funciona em determinada zona da vida.

Depois de pequeno intervalo, em que me pareceu meditar profundamente, continuou: — Naturalmente, como aconteceu a nós outros, você situou como região de existência, além da morte do corpo, apenas os círculos a se iniciarem da superfície do globo para cima, esquecido do nível para baixo. A vida, contudo, palpita na profundidade dos mares e no âmago da terra. Além disso, há princípios de gravitação para o Espírito, como se dá com os corpos materiais. A Terra não é somente o campo que podemos ferir ou menosprezar, a nosso bel-prazer. É organização viva, possuidora de certas leis que nos escravizarão ou libertarão, segundo nossas obras. É claro que a alma esmagada de culpas não poderá subir à tona do lago maravilhoso da vida. Resumindo, devo lembrar que as aves livres ascendem às alturas; as que se embaraçam no cipoal sentem-se tolhidas no voo, e as que se prendem a peso considerável são meras escravas do desconhecido. Percebe?

Lísias, porém, não precisaria fazer-me esta pergunta. Avaliei, de pronto, o quadro imenso de lutas purificadoras, a desenhar-se ante meus

olhos espirituais, nas zonas mais baixas da existência.

Como alguém que precisa ponderar bastante, para exprimir-se, o companheiro pensou, pensou... e concluiu: — Qual acontece a nós outros, que trazemos em nosso íntimo o superior e o inferior, também o planeta traz em si expressões altas e baixas, com que corrige o culpado e dá passagem ao triunfador para a vida eterna. Você sabe, como médico humano, que há elementos no cérebro do homem que lhe presidem o senso diretivo. Hoje, porém, reconhece que esses elementos não são propriamente físicos e sim espirituais, na essência. Quem estime viver exclusivamente nas sombras, embotará o sentido divino da direção. Não será demais, portanto, que se precipite nas Trevas, porque o abismo atrai o abismo e cada um de nós chegará ao local para onde esteja dirigindo os próprios passos.

10.1.2 No Mundo Maior

Médium: Chico Xavier. Editora FEB, 2011 — Versão digitalizada (luzespirita.org.br).

Capítulo 17 — No Limiar das Cavernas. p. 136-140.

Logo após, Calderaro e eu nos achamos a sós na vastidão povoada de habitantes estranhos. As conversações em torno eram inúmeras e complexas. Pareceu-me que aquele povo desencarnado não se dava conta da própria situação, pelo que me foi possível ajuizar de início. Enquanto densas turbas de almas torturadas se debatiam em substância viscosa, no solo, onde andávamos, assembleias de Espíritos dementes enxameavam não longe, em intermináveis contendidas por interesses mesquinhos. A paisagem era francamente impressionante pelos característicos infernais que nos circundavam. Notando a displicência de muitos daqueles irmãos infelizes, não sopitei as lucubrações que me surgiam. Os grupos de infortunados agiam, ali, desconhecendo os padecimentos uns dos outros. Certos grupos volitavam a pequena altura, como bandos de corvos negrejantes, mais escuros que a própria sombra a envolver-nos, ao passo que vastos cardumes de desventurados jaziam chumbados ao solo, quais aves desditosas, de asas partidas...

— Como explicar tudo isso? — Iniciei meu interrogatório, dirigindo-me ao instrutor: — Será que estes míseros precitos nos veem?

— Alguns sim, mas não nos ligam maior importância: estão muito preocupados consigo mesmos; abrigaram no coração sentimentos rasteiros, e tardarão em se libertar deles.

— Toda esta gente permanece, porém, desamparada, entregue a si mesma?

— Não — respondeu Calderaro, paciente. — Funcionam, por aqui, inúmeros postos de socorro e variadas escolas, em que muita gente pratica a abnegação. Os padecentes e as personalidades torturadas são atendidas, de acordo com as possibilidades de aproveitamento que demonstram.

Estampou complacente expressão no rosto e considerou: — As regiões inferiores jamais estarão sem enfermeiros e sem mestres, porque uma das maiores alegrias dos céus é a de esvaziar os infernos. Vendo bandos de seres a se locomover no ar, quase a nos rentear, recordei que em nossa colônia as faculdades de volitação não eram comumente exercidas para não melindrarmos aqueles que as não possuíam desenvolvidas; mas... e ali? Criaturas de baixas condições se moviam nos ares, embora a poucos metros do solo. Calderaro, porém, explicou: — Não te surpreendas. A volitação depende, fundamentalmente, da força mental armazenada pela inteligência; importa, contudo, considerar que os voos altíssimos da alma só se fazem possíveis quando à intelectualidade elevada se alia o amor sublime. Há Espíritos perversos com vigorosa capacidade volitiva, apesar de circunscritos a baixas incursões. São donos de imenso poder de raciocínio e manejam certas forças da Natureza, mas sem característicos de sublimação no sentimento, o que lhes impede grandes ascensões. No que se refere, entretanto, às entidades admitidas à nossa colônia espiritual, ainda em grande número incapacitadas de usar tal vantagem, o fenômeno é natural. É mais fácil recolher criaturas de maiores cabedais de amor com reduzida inteligência, e conviver com elas, no processo evolucionário comum, do que abrigar pessoas sumamente intelectuais sem amor aos semelhantes; com estas últimas, a vida em comum, no sentido construtivo, é quase impraticável. Neste capítulo da volitação, portanto, impende observar os ascendentes naturais, levando em conta, com a própria Natureza, que os corvos voam baixo, procurando detritos, enquanto as andorinhas se libram alto, buscando a primavera.

Feito o reparo, perguntei, lembrando-me das injunções terrenas: — Mas... e as necessidades de subsistência?

O instrutor não se fez rogado e informou: — Nada lhes falta quanto às exigências essenciais de socorro e de manutenção, como ocorre num nosocômio da esfera carnal.

O assistente fez breve pausa e prosseguiu: — Referindo-nos ao manicômio, esclareço agora que minha intenção, ao visitar um hospício em tua companhia, foi justamente o de preparar-te para a excursão que ora efetuamos. Temos aqui, nestas assembleias de incompreensão e dor, infindas fileiras de loucos que voluntariamente se arredaram das realidades da vida. Fixaram a mente nas zonas mais baixas do ser, e, olvidando o sagrado patrimônio da razão, cometeram faltas graves, contraindo pesados débitos. Já viste, em nossa organização espiritual de vida coletiva, irmãos sofredores convenientemente amparados; alguns ainda sofrem estranhas perturbações alucinatórias, outros são guardados à maneira de múmias perispiríticas em letargia profunda, aguardando-se-lhes o despertar; outros povoam vastas enfermarias para se reerguerem espiritualmente pouco a pouco... Aqui, no entanto, se congregam verdadeiras tribos de criminosos e delinquentes, atraídos uns aos outros, consoante a natureza de faltas que os identificam. Muitos são inteligentes e, intelectualmente falando, esclarecidos, mas, sem réstia de amor que lhes exalce o coração, erram de obstáculo a obstáculo, de pesadelo a pesadelo... O choque da desencarnação para eles, ainda impermeáveis ao auxílio santificante, pela dureza que lhes assinala os sentimentos, parece galvanizá-los na posição mental em que se encontravam no momento do trânsito entre as duas esferas, e, dessa forma, não é fácil de logo arrancá-los do desequilíbrio a que, imprevidentes, se precipitaram. Retardam-se, às vezes, anos a fio, obstinando-se nos erros a que se habituaram, e, vigorando impulsos inferiores pela incessante permuta de energias uns com os outros, passam, em geral, a viver, não só a perturbação própria, mas também o desequilíbrio dos demais companheiros de infortúnio.

Ante o pandemônio que observávamos, o orientador continuou: — O Érebo da concepção antiga, a crepitar em eternas chamas de vingança divina, é perigosa ilusão; entretanto, os lugares purgatórios dos desejos e das ações criminosas, aguardando as almas enodoadas pelos desvarios, constituem realidades lógicas, nas zonas espirituais do mundo. Aqui, os avaros, os homicidas, os cúpidos e os viciados de todos os matizes se agregam em deplorável situação de cegueira íntima. Formam cordões compactos, inclinando-se mais e mais para os despenhadeiros. Cada qual possui romance horrível, de angustiosos lances. Prisioneiros de si mesmos, cerram o entendimento às revelações da vida e restringem os horizontes mentais, movimentando-se em seu próprio interior, em ação exclusiva, nos

impulsos primários, a cultivar o pretérito que deveriam expungir. Em melhorando, são assistidos por ativas e abnegadas congregações de socorro que aqui funcionam. Autoridades mais graduadas de nossa esfera, atendendo a imperativos superiores, improvisam tribunais com funções educativas, cujas sentenças, resumando amor e sabedoria, culminam sempre em determinações de trabalho regenerador, através da reencarnação na Crosta Terrestre, ou de tarefas laboriosas no seio da Natureza, quando há suficiente compreensão e arrependimento nos interessados que feriram a Lei, ofendendo a si mesmos. ‘Deste vastíssimo arsenal de alienação da mente, ensombrada de culpas, sai o maior coeficiente das reencarnações dolorosas que povoam os círculos carnis. Daqui, como de outras zonas análogas, seguem para o campo físico, mais denso, milhões de irmãos em provas ríspidas, para que se alijem dos débitos e rearmonizem o íntimo perturbado. Poucos conseguem valer-se da oportunidade terrena, no sentido de restaurar as próprias energias. É sempre fácil fugir ao caminho reto; muito difícil, porém, o retorno...’

Nesse instante aproximou-se de nós enorme e bulhenta colmeia de sofredores. Tratava-se de tenebroso agrupamento de irmãos positivamente loucos. Falavam a esmo, comentando homicídios; rememoravam com palavras cruéis cenas indescritíveis de dor e de perversidade. Nenhum deles atinou com a nossa presença. Calderaro, muito sereno, conhecendo-me a curiosidade inveterada, informou: — Estes infelizes permanecem jungidos uns aos outros em obediência a afinidades quase perfeitas, e são contidos apenas pelas leis vibratórias que os regem. Se quiseres, porém, entrar em relação com a história de alguns deles, sonda a mente individual do tipo que te requeira maior atenção.

Aproveitando um momento em que lhes amainara a rixa, aproximei-me de infelizmente irmão, que impressionava pela face macilenta. Sintonizei-me na onda mental que ele oferecia, mas o quadro que vi não me permitiu longa perquirição. Notei-lhe o motivo que culminara no desvario: assassinara a esposa em pavorosas circunstâncias. Contudo, o mísero não transpirava arrependimento; acariciava o desejo de rever a vítima para supliciá-la, quantas vezes lhe fosse possível. Que tragédia se ocultava, ali, naquelas tormentosas reminiscências? Atônito, ergui os olhos para o assistente, em muda interrogação, mas, renteando-nos a frente, levitava-se pesado grupo de seres monstruosos, fazendo ensurdecido ruído, e logo esqueci o uxoricida que me prendera a atenção. Calderaro, percebendo-me a

perplexidade, explicou: — Este bando de Espíritos miseráveis, que se movimentam como lhes é possível, é constituído de antigos negociantes terrenos, cujo exclusivo anseio foi amontoar dinheiro para satisfazer a própria cupidez, sem beneficiar a ninguém. O ouro, que transitoriamente lhes pertencia, jamais serviu para semear a gratidão num só companheiro de jornada humana. Famintos de fortuna fácil, inventaram mil recursos de monopolizar os lucros grandes e pequenos, em nada lhes interessando a paz do próximo. Foram homens de pensamento ágil, sabiam voar mentalmente a longas distâncias, garantindo êxito absoluto às empresas materiais que levavam a termo com finalidade exclusivamente egoística. Não lhes incomodava o sofrimento dos vizinhos, ignoravam as dificuldades alheias, despreocupavam-se do valor do tempo em relação ao aprimoramento da alma. Queriam unicamente acumular vantagens financeiras, e nada mais. Divorciados da caridade, da compreensão e da luz divina, criaram para si mesmos o mito frio e rígido do ouro, fundindo com ele a mente vigorosa e o tacanho coração... Escravizados, agora, à ideia fixa de ganhar sempre, voam pesadamente aqui e acolá, dementados e confundidos, procurando monopólios e lucros que não mais encontrarão.

Condoí-me. Quis deter alguns, confabular com eles fraternalmente, de modo a esclarecê-los; no entanto, o instrutor paralisou-me os braços, murmurando: — Que fazes? Seria inútil. Impossível é reajustar, num momento, apenas com palavras, tantas mentes em desequilíbrio cruel. E, impulsionando-me para a frente, concluiu: — Vamos: consumirias muitas semanas para conhecer a paisagem de dor que se nos estende à frente, e dispomos apenas de algumas horas.

10.1.3 Libertação

Médiun: Chico Xavier. Rio de Janeiro: Editora FEB, versão digital: www.espiritoimortal.com.br. Capítulo 4 — Numa Cidade Estranha. p. 49-61.

No dia imediato, pusemo-nos em marcha.

Respondendo-nos às arguições afetuosas, o instrutor informou-nos de que teríamos apenas alguns dias de ausência.

Além dos serviços referentes ao encargo particular que nos mobilizava, entraríamos em algumas atividades secundárias de auxílio. Técnico em missões dessa natureza, afirmou que nos admitira, num trabalho que ele poderia desenvolver sozinho, não só pela confiança que em nós depositava,

mas também pela necessidade da formação de novos cooperadores, especializados no ministério de socorro às trevas.

Após a travessia de várias regiões, “em descida”, com escalas por diversos postos e instituições socorristas, penetramos vasto domínio de sombras.

A claridade solar jazia diferenciada.

Fumo cinzento cobria o céu em toda a sua extensão.

A volitação fácil se fizera impossível.

A vegetação exibia aspecto sinistro e angustiado. As árvores não se vestiam de folhagem farta e os galhos, quase secos, davam a ideia de braços erguidos em súplicas dolorosas.

Aves agouzeiras, de grande tamanho, de uma espécie que poderá ser situada entre os corvídeos, crocitavam em surdina, semelhando-se a pequenos monstros alados espiando presas ocultas.

O que mais contristava, porém, não era o quadro desolador, mais ou menos semelhante a outros de meu conhecimento, e, sim, os apelos cortantes que provinham dos charcos. Gemidos tipicamente humanos eram pronunciados em todos os tons.

Acredito, teríamos examinado individualmente os sofredores que aí se localizavam, se nos entregássemos a detida apreciação; todavia, Gúbio, à maneira de outros instrutores, não se detinha para atender a curiosidade improfícua. Lembrando a “selva escura” a que Alighieri se reporta no imortal poema, eu trazia o coração premido de interrogativas inquietantes.

Aquelas árvores estranhas, de frondes ressecadas, mas vivas, seriam almas convertidas em silenciosas sentinelas de dor, qual a mulher de Lot, transformada simbolicamente em estátua de sal?

E aquelas grandes corujas diferentes, cujos olhos brilhavam desagradavelmente nas sombras, seriam homens desencarnados sob tremendo castigo da forma? Quem chorava nos vales extensos de lama? Criaturas que houvessem vivido na Terra que recordávamos, ou duendes desconhecidos para nós?

De quando em quando, grupos hostis de entidades espirituais em desequilíbrio nos defrontavam, seguindo adiante, indiferentes, incapazes de registrar-nos a presença. Falavam em alta voz, em português degradado, mas inteligível, evidenciando, pelas gargalhadas, deploráveis condições de ignorância. Apresentavam-se em trajes bisonhos e conduziam apetrechos de lutar e ferir.

Avançamos mais profundamente, mas o ambiente passou a sufocar-nos. Repousamos, de algum modo, vencidos de fadiga singular, e Gúbio, depois de alguns momentos, nos esclareceu: — Nossas organizações perispiríticas, à maneira de escafandro estruturado em material absorvente, por ato deliberado de nossa vontade, não devem reagir contra as baixas vibrações deste plano. Estamos na posição de homens que, por amor, descessem a operar num imenso lago de lodo; para socorrer eficientemente os que se adaptaram a ele, são compelidos a cobrir-se com as substâncias do charco, sofrendo-lhes, com paciência e coragem, a influenciação deprimente. Atravessamos importantes limites vibratórios e cabe-nos entregar a forma exterior ao meio que nos recebe, a fim de sermos realmente úteis aos que nos propomos auxiliar. Finda a nossa transformação transitória, seremos vistos por qualquer dos habitantes desta região menos feliz. A oração, de agora em diante, deve ser nosso único fio de comunicação com o Alto, até que eu possa verificar, quando na Crosta, qual o minuto mais adequado de nosso retorno aos dons luminescentes. Não estamos em cavernas infernais, mas atingimos grande império de inteligências perversas e atrasadas, anexo aos círculos da Crosta, onde os homens terrestres lhes sofrem permanente influenciação. Chegou para nós o momento de pequeno testemunho. Muita capacidade de renúncia é indispensável, a fim de alcançarmos nossos fins. Podemos perder por falta de paciência ou por escassez de vocação para o sacrifício. Para a malta de irmãos retardados que nos envolverá, seremos simples desencarnados, ignorantes do próprio destino.

Passamos a inalar as substâncias espessas que pairavam em derredor, como se o ar fosse constituído de fluidos viscosos.

Elói estirou-se, ofegante, e não obstante experimentar, por minha vez, asfixiante opressão, busquei padronizar atitudes pela conduta do instrutor, que tolerava a metamorfose, silencioso e palidíssimo.

Reparei, confundido, que a voluntária integração com os elementos inferiores do plano nos desfigurava enormemente. Pouco a pouco, sentimo-nos pesados e tive a ideia de que fora, de improviso, religado, de novo, ao corpo de carne, porque, embora me sentisse dono da própria individualidade, me via revestido de matéria densa, como se fosse obrigado a envergar inesperada armadura.

Decorridos longos minutos, o orientador apelou, diligente: — Prossigamos! Doravante, seremos auxiliares anônimos. Não nos convém,

por enquanto, a identificação pessoal.

— Mas, não será isto mentir? — clamou Elói, quase refeito.

Gúbio dividiu conosco um olhar de benevolência e explicou, bondoso: — Não te recordas do texto evangélico que recomenda não saiba a mão esquerda o que dá a direita? Este é o momento de ajudarmos sem alarde. O Senhor não é mentiroso quando nos estende invisíveis recursos de salvação, sem que lhe vejamos a presença. Nesta cidade sombria trabalham inúmeros companheiros do bem nas condições em que nos achamos. Se erguermos bandeira provocante nestes campos, nos quais noventa e cinco por cento das inteligências se encontram devotadas ao mal e à desarmonia, nosso programa será estraçalhado em alguns instantes. Centenas de milhares de criaturas aqui padecem amargos choques de retorno à realidade, sob a vigilância de tribos cruéis, formadas de Espíritos egoístas, invejosos e brutalizados. Para a sensibilidade medianamente desenvolvida, o sofrimento aqui é inapreciável.

— E há governo estabelecido num reino estranho e sinistro quanto este? — indaguei.

— Como não? — respondeu Gúbio, atenciosamente. — Qual ocorre na esfera carnal, a direção, neste domínio, é concedida pelos Poderes Superiores, a título precário. Na atualidade, este grande empório de padecimentos regenerativos permanece dirigido por um sátrapa de inqualificável impiedade, que aliciou para si próprio o pomposo título de Grande Juiz, assistido por assessores políticos e religiosos tão frios e perversos quanto ele mesmo. Grande aristocracia de gênios implacáveis aqui se alinha, senhoreando milhares de mentes preguiçosas, delinquentes e enfermiças...

— E por que permite Deus semelhante absurdo?

Dessa vez, era o meu colega que perguntava, de novo, semiapavorado, agora ante os compromissos que assumíramos.

Longe de perturbar-se, Gúbio replicou: — Pelas mesmas razões educativas, através das quais não aniquila uma nação humana quando, desvairada pela sede de dominação, desencadeia guerras cruentas e destruidoras, mas a entrega à expiação dos próprios crimes e ao infortúnio de si mesma, para que aprenda a integrar-se na ordem eterna que preside à vida universal. De período a período, contado cada um por vários séculos, a matéria utilizada por semelhantes inteligências é revolvida e reestruturada, qual acontece nos círculos terrenos; mas se o Senhor visita os homens pelos

homens que se santificam, corrige igualmente as criaturas por intermédio das criaturas que se endurecem ou bestializam.

— Significa então que os gênios malditos, os demônios de todos os tempos... — exclamei, reticencioso...

— Somos nós mesmos — completou o instrutor, paciente — quando nos desviamos, impenitentes, da Lei. Já perambulamos por estes sítios sombrios e inquietantes, mas os choques biológicos do renascimento e da desencarnação, mais ou menos recentes, não te permitem, nem a Elói, o desabrocho de reminiscências completas do passado. Comigo, porém, a situação é diversa. A extensão de meu tempo, na vida livre, já me confere recordações mais dilatadas e, de antemão, conheço as lições que constituam novidade. Muitos de nossos companheiros, guindados à altura, não mais identificam nestas paragens senão motivos de cansaço, repugnância e pavor; todavia, é forçoso observar que o pântano, invariavelmente, é uma zona da natureza pedindo o socorro dos servos mais fortes e generosos.

Música exótica fazia-se ouvir não distante e Gúbio rogou-nos prudência e humildade em favor do êxito no trabalho a desdobrar-se.

Reerguemo-nos e avançamos.

Fizera-se-nos tardio o passo e nossa movimentação difícil. Em voz baixa, o orientador reiterou a recomendação: — Em qualquer constrangimento íntimo, não nos esqueçamos da prece. É, de ora em diante, o único recurso de que dispomos a fim de mobilizar nossas reservas mentais superiores, em nossas necessidades de reabastecimento psíquico. Qualquer precipitação pode arrojarnos a estados primitivistas, lançando-nos em nível inferior, análogo ao dos Espíritos infelizes que desejamos auxiliar. Tenhamos calma e energia, doçura e resistência, de ânimo voltado para o Cristo. Lembremo-nos de que aceitamos o encargo desta hora, não para justificar e sim para educar e servir.

Adiantamo-nos, caminho afora, como se fazia possível. Em minutos breves, penetramos vastíssima aglomeração de vielas, reunindo casario decadente e sórdido.

Rostos horrendos contemplavam-nos furtivamente a princípio, mas, à medida que varávamos o terreno, éramos observados, com atitude agressiva, por transeuntes de miserável aspecto.

Alguns quilômetros de via pública, repletos de quadros deploráveis, desfilaram a nossos olhos. Mutilados às centenas, aleijados de todos os

matizes, entidades visceralmente desequilibradas, ofereciam-nos paisagens de arrepiar.

Impressionado com a multidão de criaturas deformadas que se enfileiravam sob nosso raio visual, perfeitamente arrebanhadas ali em experiência coletiva, enderecei algumas interrogações ao instrutor, em tom discreto.

Por que tão extensa comunidade de sofredores? Que causas impunham tão flagrante decadência da forma?

Paciente, o orientador não se fez demorado na resposta.

— Milhões de pessoas — informou, calmo —, depois da morte, encontram perigosos inimigos no medo e na vergonha de si mesmas. Nada se perde, André, no círculo de nossas ações, palavras e pensamentos. O registro de nossa vida opera-se em duas fases distintas, perseverando no exterior, através dos efeitos de nossa atuação em criaturas, situações e coisas, e persistindo em nós mesmos, nos arquivos da própria consciência, que recolhe matematicamente todos os resultados de nosso esforço, no bem ou no mal, ao interior dela própria. O Espírito, em qualquer parte, move-se no centro das criações que desenvolveu. Defeitos escuros e qualidades louváveis envolvem-no, onde se encontre. A criatura na Terra, por onde peregrinamos, ouve argumentos alusivos ao Céu e ao Inferno e acredita vagamente na vida espiritual que a espera, além-túmulo.

Mais cedo que possa imaginar, perde o veículo de carne e compreende que não se pode ocultar por mais tempo, desfeita a máscara do corpo sob a qual se escondia à maneira da tartaruga dentro da carapaça. Sente-se tal qual é e receia a presença dos filhos da luz, cujos dons de penetração lhe identificariam, de pronto, as mazelas indesejáveis. O perispírito, para a mente, é uma cápsula mais delicada, mais suscetível de refletir-lhe a glória ou a viciação, em virtude dos tecidos rarefeitos de que se constitui. Em razão disso, as almas decaídas, num impulso de revolta contra os deveres que nos competem a cada um, nos serviços de sublimação, aliam-se umas às outras através de organizações em que exteriorizam, tanto quanto possível, os lamentáveis pendores que lhes são peculiares, não obstante ferretoadas pelo agulhão das inteligências vigorosas e cruéis.

— Mas — interferi — não há recursos de soerguer semelhantes comunidades?

— A mesma lei de esforço próprio funciona igualmente aqui. Não faltam apelos santificantes de Cima; contudo, com a ausência da íntima

adesão dos interessados ao ideal da melhoria própria, é impraticável qualquer iniciativa legítima, em matéria de reajustamento geral. Sem que o Espírito, senhor da razão e dos valores eternos que lhe são consequentes, delibere mobilizar o patrimônio que lhe é próprio, no sentido de elevar o seu campo vibratório, não é justo seja arrebatado, por imposição, a regiões superiores que ele mesmo, por enquanto, não sabe desejar. E até que resolva atirar-se ao empreendimento da própria ascensão, vai sendo aproveitado pelas leis universais no que possa ser útil à Obra Divina. A minhoca, enquanto é minhoca, é compelida a trabalhar o solo; o peixe, enquanto é peixe, não viverá fora d'água...

Sorrindo, ante a própria argumentação, concluiu bem-humorado: — É natural, pois, que o homem, dono de vastas teorias de virtude salvadora, enquanto se demora no comboio da inferioridade, seja empregado em atividades inferiores. A Lei estima infinitamente a lógica.

Calou-se Gúbio, evidentemente constrangido pela necessidade de não acordarmos demasiada atenção em torno de nós.

Tocado, no entanto, pela miséria que ali emoldurava tanta dor, perdi-me num mar de indagações íntimas.

Que empório extravagante era aquele? Algum país onde vicejassem tipos sub-humanos? Eu sabia que semelhantes criaturas não envergavam corpos carnis e que se congregavam num reino purgatório, em benefício próprio; entretanto, vestiam-se de roupagens de matéria francamente imunda. Lombroso e Freud encontrariam aí extenso material de observação. Incontáveis tipos que interessariam, de perto, à criminologia e à psicanálise. Vagueavam absortos, sem rumo. Exemplares inúmeros de pigmeus, cuja natureza em si ainda não posso precisar, passavam por nós, aos magotes. Plantas exóticas, desagradáveis ao nosso olhar, ali proliferam, e animais em cópia abundante, embora monstruosos, se movimentavam a esmo, dando-me a ideia de seres acabrunhados que pesada mão transformara em duendes. Becos e despenhadeiros escuros se multiplicavam em derredor, acentuando-nos o angustioso assombro.

Após a travessia de vastíssima área, não sopitei as interrogações que me escapavam do cérebro.

O instrutor, todavia, esclareceu, discreto: — Guarda as perguntas intempestivas no momento. Estamos numa colônia purgatória de vasta expressão. Quem não cumpre aqui dolorosa penitência regenerativa, pode ser considerado inteligência sub-humana. Milhares de criaturas, utilizadas

nos serviços mais rudes da natureza, movimentam-se nestes sítios em posição infraterrestre. A ignorância, por ora, não lhes confere a glória da responsabilidade. Em desenvolvimento de tendências dignas, candidatam-se à humanidade que conhecemos na Crosta. Situam-se entre o raciocínio fragmentário do macacoide e a ideia simples do homem primitivo na floresta. Afeiçoam-se a personalidades encarnadas ou obedecem, cegamente, a Espíritos prepotentes que dominam em paisagens como esta. Guardam, enfim, a ingenuidade do selvagem e a fidelidade do cão. O contato com certos indivíduos inclina-os ao bem ou ao mal e somos responsabilizados pelas Forças Superiores que nos governam, quanto ao tipo de influência que exercemos sobre a mente infantil de semelhantes criaturas. Com respeito aos Espíritos que se mostram nestas ruas sinistras, exibindo formas quase animais, neles reparamos várias demonstrações da anormalidade a que somos conduzidos pela desarmonia interna. Nossa atividade mental nos marca o perispírito. Podemos reconhecer a propriedade da asserção, quando ainda no mundo. O glutão começa a adquirir aspecto deprimente no corpo em que habita. Os viciados no abuso do álcool passam a viver de borco, arrojados ao solo, à maneira de grandes vermes. A mulher que se habituou a mercadejar com o vaso físico, olvidando as sagradas finalidades da vida, apresenta máscara triste, sem sair da carne. Aqui, porém, André, o fogo devorador das paixões aviltantes revela suas vítimas com mais hedionda crueldade.

Certo, porque eu refletisse no problema de assistência, o orientador aduziu: — É impraticável a enfermagem individual e sistemática numa cidade em que se amontoam milhares de alienados e doentes. Um médico do mundo surpreenderia aqui, às centenas, casos de amnésia, de psicastenia, de loucura, através de neuroses complexas, alcançando a conclusão de que toda a patogenia permanece radicada aos ascendentes de ordem mental. Quem cura nestes lugares há de ser o tempo com a piedade celeste ou a piedade celeste por intermédio de embaixadores da renúncia, em serviços de intercessão para os Espíritos arrependidos que se refugiem na obediência aos imperativos da Lei, inspirados pela boa vontade.

Alguns transeuntes repulsivos ombreamos conosco e Gúbio considerou prudente silenciar.

Notei a existência de algumas organizações de serviços que nos pareceriam, na esfera carnal, ingênuas e infantis, reconhecendo que a ociosidade era, ali, a nota dominante. E porque não visse crianças, exceção

feita das raças de anões, cuja existência percebia sem distinguir os pais dos filhos, arrisquei, de novo, uma indagação, em voz baixa.

Respondeu o instrutor, atencioso: — Para os homens da Terra, propriamente considerados, este plano é quase infernal. Se a compaixão humana separa as crianças dos criminosos definidos, que dizer do carinho com que a compaixão celestial vela pelos infantes?

— E por que em geral tanta ociosidade neste plano? — indaguei ainda.

— Quase todas as almas humanas, situadas nestas furnas, sugam as energias dos encarnados e lhes vampirizam a vida, qual se fossem lampreias insaciáveis no oceano do oxigênio terrestre. Suspiram pelo retorno ao corpo físico, de vez que não aperfeiçoaram a mente para a ascensão, e perseguem as emoções do campo carnal com o desvario dos sedentos no deserto. Quais fetos adiantados absorvendo as energias do seio materno, consomem altas reservas de força dos seres encarnados que as acalentam, desprevenidos de conhecimento superior. Daí esse desespero com que defendem no mundo os poderes da inércia e essa aversão com que interpretam qualquer progresso espiritual ou qualquer avanço do homem na montanha de santificação. No fundo, as bases econômicas de toda essa gente residem, ainda, na esfera dos homens comuns e, por isto, preservam, apaixonadamente, o sistema de furto psíquico, dentro do qual se sustentam, junto às comunidades da Terra.

A essa altura, defrontamos acidentes no solo, que o instrutor nos levou a atravessar.

Subimos, dificilmente, a rua íngreme e, em pequeno planalto, que se nos descortinou aos olhos espantadiços, a paisagem alterou-se.

Palácios estranhos surgiam imponentes, revestidos de claridade abraseada, semelhante à auréola do aço incandescente.

Praças bem cuidadas, cheias de povo, ostentavam carros soberbos, puxados por escravos e animais.

O aspecto devia, a nosso ver, identificar-se com o das grandes cidades do Oriente, de duzentos anos atrás.

Liteiras e carruagens transportavam personalidades humanas, trajadas de modo surpreendente, em que o escarlate exercia domínio, acentuando a dureza dos rostos que emergiam dos singulares indumentos.

Respeitável edifício destacava-se diante de uma fortaleza, com todos os característicos de um templo, e o orientador confirmou-me as impressões, asseverando que a casa se destinava a espetaculoso culto externo.

Enquanto nos movimentávamos, admirando o suntuoso casario em contraste chocante com o vasto reino de miséria que atravessáramos, alguém nos interpelou, descortês: — Que fazem?

Era um homem alto, de nariz adunco e olhos felinos, com todas as maneiras do policial desrespeitoso, a identificar-nos.

— Procuramos o sacerdote Gregório, a quem estamos recomendados — esclareceu Gúbio, humilde.

O estranho pôs-se à frente, determinou lhe acompanhássemos as passadas, em silêncio, e guiou-nos a um casarão de feio aspecto.

— É aqui! — disse em tom seco e, após apresentar-nos a um homem maduro, envolvido em longa e complicada túnica, retirou-se.

Gregório não nos recebeu hospitaleiramente. Fitou em Gúbio os olhos desconfiados de fera surpreendida e interrogou: — Vieram da Crosta, há muito tempo?

— Sim — respondeu nosso instrutor —, e temos necessidade de auxílio.

— Já foram examinados?

— Não.

— E quem os enviou? — inquiriu o sacerdote, sob visível perturbação.

— Certa mensageira de nome Matilde.

O anfitrião estremeceu, mas observou, implacável: — Não sei quem seja. Todavia, podem entrar. Tenho serviços nos mistérios e não posso ouvi-los agora. Amanhã, porém, ao anoitecer, serão levados aos setores de seleção, antes de admitidos ao meu serviço.

Nem mais uma palavra.

Entregues a um servidor de fisionomia desagradável, demandamos porão escuro, e confesso que acompanhei Gúbio e Elói, de alma conturbada por receio absorvente e indefinível.

10.2 Pelo Espírito Cairbar Schutel

10.2.1 Conversando Sobre Mediunidade — Retratos de Alvorada Nova
Médium coordenador: Abel Glaser. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 1993. Capítulo VII
— *Umbral. p. 101-106.*

O Umbral, denominação das zonas escurecidas do plano espiritual dada pelo Espírito André Luiz, é região de habitação de entidades inferiores. Trata-se de local onde há concentração de coletividades espirituais de baixo padrão vibratório, o que não afasta a existência de Espíritos inferiores em todos os locais da crosta terrestre. Há dois tipos de região umbralina: primeiro grau — onde há só baixo padrão vibratório, são as trevas plenas; segundo grau — onde estão algumas colônias, postos de socorro e postos de trabalho da Espiritualidade Superior, havendo, portanto, mesclas de trevas e luz. O Umbral é formado por zonas de concentração constante de Espíritos de baixo padrão vibratório, emitindo fluidos negativos. Todo local onde houver essa concentração será zona escura, mas sempre em regiões abaixo ou acima da crosta. A grande concentração dessas zonas nas camadas que a circundam serve para indicar a existência do Umbral, com exceção do local ocupado pelas colônias espirituais e pelos seus postos de socorro e postos de trabalho.

Assim sendo, tem-se que todo local de concentração de energia negativa, com presença de seres espirituais inferiores, é considerado Umbral. A exceção a essa regra é a crosta terrestre, onde vivem os encarnados, tratando-se de zona neutra, de modo a melhor facultar a evolução dos seres.

Essa designação para as zonas trevosas não é universal. Assim, cada parte do Globo prefere criar uma denominação própria para tais regiões. No Brasil a mais comum é Umbral.

Existem colônias espirituais localizadas em todas as camadas situadas ao redor da Terra. Alvorada Nova, por exemplo, está na quarta esfera, onde as zonas de concentração de vibrações negativas são bem menores. Quanto mais se sobe nessas camadas menor o número de criaturas inferiores e, logicamente, menor o número de concentração de zonas escuras. Assim, o Umbral mais denso propriamente dito fica distante da quarta camada, o que permite a existência de regiões com predomínio de melhor padrão vibratório. A forma de crescimento das colônias consiste na expansão dos seus campos vibratórios até que os Engenheiros Espirituais ampliem os seus limites. Isso porque nas zonas limítrofes às colônias existem entidades

inferiores mais suscetíveis à regeneração. São desencarnados que aguardam chance de habitar a colônia que rodeiam. Os índios⁸, Espíritos que realizam um trabalho voltado à desobsessão, proteção e resgate na crosta, também ali permanecem, pois estão sempre em atividade externa à colônia à qual pertencem. Essas regiões possuem natureza rústica composta por desertos, montanhas e matas densas.

Nas profundezas da Terra habitam criaturas de perispírito extremamente denso, pois é região de vibração mais pesada, o que facilita a sua locomoção. O mundo umbralino não tem divisão geográfica, pois onde há concentração de seres espirituais inferiores existem trevas e, portanto, Umbral.

Nessa região há colônias inferiores habitadas e dirigidas por inteligências voltadas ao mal. Os agrupamentos dessas entidades muitas vezes formam cidades com contornos medievais, verdadeiros esconderijos, onde existem castelos que abrigam os líderes da comunidade e vilas, onde falanges dominadas encontram abrigo. Há estrutura hierarquizada, com base na organização militar, nobiliárquica ou clerical, fruto de reminiscências de situações vividas na materialidade. As falanges deslocam-se pela crosta com desenvoltura para fomentar conflitos armados e outros acontecimentos negativos entre a Humanidade. Os Espíritos umbralinos usam aparelhos para a captação da energia universal, presente em todo lugar, utilizando-a para o mal.

Em geral, os desencarnados inferiores são unidos no combate ao bem, pois não encontram outro objetivo senão a prática de atitudes menos elevadas que, muitas vezes, relembram o seu passado na Terra. Até mesmo guerras entre comunidades espirituais inferiores são capazes de provocar, tendo por fim novas dominações e conquistas. Todas essas atividades, no mundo espiritual inferior, podem ter influência perniciosa entre os homens. Para que isso não ocorra, a mensagem fundamental aos encarnados é ter o cuidado de não manter acesos sentimentos negativos, menos dignos e contrários às orientações do Cristo, em qualquer atividade que desenvolvam. Caso contrário, atrairão a atenção dos habitantes das zonas escuras que se divertem em prejudicar os seres humanos, atrapalhando a trajetória de cada um. Existem, no Umbral, falanges organizadas que lutam contra a evolução do planeta, por falta de esclarecimento e por estarem vinculadas ao materialismo. A obsessão e a hipnose são elementos utilizados por essas inteligências na sua tarefa voltada ao mal.

Os encarnados são considerados Espíritos em evolução, que têm oportunidade mais acentuada de aperfeiçoar-se. Por isso, não há local na crosta terrestre, reservado ao progresso do ser, que possa ser considerado zona umbralina. Os reencarnados vão, pois, a um ambiente de neutralidade, que lhes propicia a chance de se oporem às más influências e vencerem-nas, possibilitando o êxito na trajetória.

A crosta é zona de interseção de influências positivas e negativas, onde há o trabalho incessante de Espíritos superiores e a atividade destruidora dos inferiores. Entre esses mecanismos de atuação do plano espiritual está o trabalho evolutivo do encarnado, que deve vencer as suas más tendências, podendo firmar a oportunidade de progresso e abraçar as boas orientações dadas pelos Emissários de Luz. Por tais razões, deve manter elevação de pensamentos e seguir os ensinamentos de Jesus, cultivando o amor e a caridade.

Nos agrupamentos mediúnicos deve o homem trabalhar com muita fé e abnegação, bem como com confiança nos mentores espirituais, criando atmosfera indevassável pelo mundo espiritual inferior. Geralmente, em grupos medianímicos sérios, as entidades umbralinas não conseguem desenvolver atividade obsessiva, pois o médium lhe obstaculiza a atuação. Deve haver, para tanto, responsabilidade e preparo adequado.

Nas zonas limítrofes do Umbral, ou seja, nas regiões que estabelecem fronteira com colônias espirituais superiores ou postos de socorro e casas transitórias, estão os vigilantes do Plano Maior² ligados a várias dessas cidades espirituais. Esses guardiões, em trabalho de equipe, não têm por fim atuar na proteção de Espíritos individualmente, mas sim isolar as comunidades das trevas, impedindo-lhes a ação danosa sobre os agrupamentos situados em colônias. Agem, muitas vezes, isolando em campo vibratório próprio as guerras ocorridas no Umbral, possuindo, para tanto, armas e equipamentos específicos. Buscam, ainda, avisar as colônias de possíveis tentativas de ataques de entidades umbralinas. Trabalham na segurança externa das colônias e compõem uma força única de todas as cidades espirituais para a paz universal.

10.2.2 Eustáquio — Quinze Séculos De Uma Trajetória

Médium coordenador: Abel Glaser. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2005. Capítulo VI — A Cisão Nas Zonas Trevas. p. 55-57.

Eustáquio delira e sente-se agonizando. Um turbilhão de imagens compõe os quadros que lhe desenham, passo a passo, a sua penosa lembrança do passado. Enquanto isso, conduzido por entidades monstruosas de faces rostriformes, garras afiadas e agressividade natural, imagina-se aprisionado num clássico conto de horror. Trilhas escuras e tortuosas conduzem-no a um castelo soturno que se ergue às margens de um pântano. O calor é imenso, proporcionando-lhe desagradável sensação. Praticamente sem nada enxergar, ante a funesta escuridão, não consegue vislumbrar um fim para os momentos de tortura que está vivenciando.

Lentamente, luzes sem qualquer brilho podem ser avistadas, e Eustáquio começa a ouvir urros estrondosos por todos os lados. O seu pesadelo apenas tem início.

A caravana diminui o passo e detém-se diante de uma porta estreita, que se abre, na lateral de uma muralha, para receber os recém-chegados. Ingressam na fortaleza, erguida nos mesmos moldes daquelas que existem no plano material.

Sem qualquer noção de tempo, instantes depois de chegarem ao seu destino, ele é aprisionado em uma masmorra. Perde a consciência e assim passa dias seguidos.

Quando desperta, percebe estar numa cela mal iluminada e fétida, repleta de incômoda umidade e forrada de escombros. Prepara-se para gritar, desesperadamente, quando uma criatura disforme abre a porta e profere um grunhido, fazendo gestos para que a acompanhe. Apesar de temeroso, sente que sair desse local é prioritário e não opõe qualquer objeção.

Percorrem estreitíssimos corredores, todos parcialmente iluminados e param diante de uma sala, cujo portal já se encontra aberto. Segundos depois, Eustáquio é recebido por um Espírito vestido de negro da cabeça aos pés, possuindo um capuz tal qual um monge e carregando no peito um grande crucifixo oxidado.

— Sejas bem-vindo, meu caro amigo! Espero que depois de tanto tempo possamos reatar nossos laços de união e solidariedade.

Imagina, por instantes, que tudo não passara de um sonho e agora estaria acordando para a realidade.

— Quem és tu, padre?

— Chamo-me Gedião. Gosto de trajar-me como monge para enaltecer o meu passado. Lembra-se de mim, Eustáquio?

— Certamente que não! Acho que estive sonhando até este momento. Gostaria de ser encaminhado ao castelo do Rei. Seria possível?

— Lamento decepcioná-lo, meu caro, mas você está morto para o mundo que almeja alcançar. Retornou ao seu lugar de origem e, como todos nós, é uma criatura das trevas, que se arrasta pelos umbrais desgraçados.

Sua última expectativa de acordar de um pesadelo cessa e o general tomba, desmaiado. Recobra-se logo após e diante dele surge a figura de um militar, trajando armadura surrada e cinzenta, bem distante do brilho das vestes do exército franco.

— É um prazer tê-lo de volta, meu amigo! Iniciarei, desde logo, os esclarecimentos que “anseia” receber. Sempre fomos aliados. Criávamos uma nova ordem espiritual poderosa e imbatível. Nossos companheiros, sob o nosso comando, iriam conquistar um espaço jamais atingido em todo o globo terrestre, dominando nações, fomentando a guerra e destruindo aqueles que se opusessem às nossas determinações. Tudo corria muito bem e já havíamos conseguido influenciar grandes governantes na crosta, até que construimos esta fortaleza para servir-nos de abrigo. Quando estávamos em vias de alcançar os nossos objetivos, alguns seres invasores, donos de uma luz de brilho odioso, invadiram nosso templo, escravizaram nosso povo e levaram nosso grande líder¹⁰. Você, Eustáquio!

Estupefato, ele segue atento à narrativa que lhe descortina o passado.

— Estávamos quase sem esperanças de reencontrá-lo e certamente não o conseguiríamos fazê-lo, não fossem vibrações negativas que nos enviou de onde estava reencarnado na Terra. Foi um dia glorioso para todos nós. Fomos de imediato ao seu encontro e, para nossa imensa satisfação, terminamos por encontrá-lo numa das batalhas que você enfrentou. Estava massacrando os seus inimigos, “sem dó nem piedade”, atitude digna de um líder e um exemplo para nossa causa. Emocionados, jamais o abandonamos desde então e, quando você desencarnou, fomos recepcioná-lo.

Ainda confuso, Eustáquio argumenta: — Não me recordo de ter chamado ninguém...

— Não era preciso chamar-nos explicitamente. Nós o encontramos quando você passou a ter os mesmos pensamentos que nos uniam neste plano imaterial. A sua vibração era inconfundível.

— Não consigo compreender...

— É muito simples, meu amigo! Quando você estava conosco, no Plano Espiritual, pensava em conquistar maiores domínios e, para tanto,

utilizava qualquer instrumento. Reencarnado, você usou os mesmos métodos e, portanto, em face da sangrenta guerra de conquista que você idealizou e executou, pudemos novamente nos unir aos seus pensamentos e acompanhá-lo. É óbvio que uma mudança em seu comportamento, abandonando os seus anteriores princípios, poderia nos ter afastado. Felizmente, isso não ocorreu e, agora, juntos estamos outra vez.

Após longas horas de conversa e de troca de informações, Eustáquio termina aquiescendo a essas explicações e reintegra-se ao seu antigo estilo de vida, associando-se, novamente, aos seres inferiores que acompanharam seus passos por tantos anos.

— Lembro-me agora... Tu és meu fiel aliado, capitão Tergot?!

— Às suas ordens, meu comandante.

Continuação

Eustáquio — Quinze Séculos De Uma Trajetória

Médium coordenador: Abel Glaser. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2005. Capítulo XXXII — As Consequências Do Suicídio. p. 171-172.

No abismo trevoso dos suicidas, uivos guturais e soturnos são ouvidos a todo instante, enquanto a variação entre calor e frio, angustiando os habitantes da região, são frequentes. As entidades não conseguem enxergar absolutamente nenhuma luz e vivenciam uma sensação de queda constante no tempo e no espaço. O ar parece viciado e pútrido. Figuras horrendas e deformadas vagam pela escuridão, sem rumo e sem esperança. Subitamente, flamejam as mais grotescas chamas de fogo que transformam o covil em uma enorme fornalha, quase sem condições de suportabilidade. Ainda assim, permanecem as trevas, e o sofrimento é inevitável. Pouco depois, um frio congelante invade o ambiente, sem proporcionar um minuto de sossego aos seres que se acomodam em cavernas para tentar um repouso, praticamente impossível nessa região. Infelizes criaturas esgargalham-se da própria desgraça encenando um quadro pessimista e lúgubre. Eis a representação mais próxima do choro e do ranger de dentes.

Nesse ambiente inamistoso encontra-se Eustáquio, dentre suicidas e dementados, vagando sem rumo pelos cantões fétidos da escuridão impiedosa das fossas umbralinas. Regenera-se no convívio obrigatório com seres do mesmo estágio vibratório. Sofre como nunca havia experimentado antes, porém, depura pouco a pouco o seu adoentado Espírito. Dia após dia,

durante 70 longos anos, o suicida que já fora nobre e famoso expia erros graves de seu soturno passado.

Após extenso estágio nas escrobiculadas zonas abissais, Eustáquio passa a viver em um vale assemelhado à cratera de um vulcão inativo, cercado por montanhas rochosas e sem qualquer vegetação. Alguma luz já é possível de ser visualizada para alento de alguns e o temor de outros, que se acostumaram com a cegueira. O ambiente é árido e o clima mantém-se mais constante e quente, imperando o ar rarefeito, mas estável, embora desagradável. Permanece a falta de noção a respeito do tempo e do espaço. Os Espíritos vagam num latente estado de torpor e sonolência, culminando em um mal-estar generalizado e perene. Os suicidas aglomeram-se nessas montanhas sem qualquer organização ou liderança. Não há construções ou projeções mentais que simulem cidades. Em agonia profunda, caminham na espelunca a que foram lançados pelo mau uso de seu livre-arbítrio, levado às últimas consequências. Possuem sensações de fome e sede, tal como se estivessem encarnados, o que lhes agrava o estado de ansiedade e insatisfação.

Fisionomia doente, um pouco mais consciente, embora revoltado, Eustáquio inicia uma retrospectiva de seu passado. Ao seu lado, passeiam, despreocupados, suicidas que se deixaram aprisionar em um invólucro perispiritual deformado e monstruoso, formando um universo dantesco. Seu choro e sua tristeza, nessa região, constituem parte do cenário, de modo que seus lamentos não são ouvidos por nenhuma criatura.

10.2.3 Guerra No Além — Interação entre os Dois Planos da Vida

Médium coordenador: Abel Glaser. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2010. p. 72-79.

As comunidades se formam, pois, também em zonas umbralinas. A partir e em função delas, surgem os líderes e os grupos dirigentes. Estruturam-se estas cidades tal como as existentes no plano físico, visto que os Espíritos quando desencarnados, carregam consigo a memória de suas últimas vivências na crosta.

Há, também, certas regiões do Umbral onde impera a completa perturbação, ou seja, não existem comunidades organizadas, e as entidades acabam relacionando-se em total promiscuidade, sem o menor método e sem qualquer rastro de civilização. O mesmo ocorre no vale dos suicidas, onde inexiste esse tipo de organização comunitária.

Tudo depende do grau evolutivo atingido pelos Espíritos. Os mais embrutecidos raramente aceitam viver em grupo, pois falta-lhes qualquer senso de disciplina e obediência.

Por outro lado, entidades mais esclarecidas e inteligentes, embora norteiem seus atos ao mal, buscam formar organizações para conviver, tais como cidades ou vilas. Conseguem escravizar Espíritos menos evoluídos e dirigem as suas atividades. Formam exércitos e desejam viver nutrindo ódio, além de construir para si um ambiente com as mesmas mazelas que enfrentaram no plano físico.

Há, pois, diferenças nas condições de existência, também em áreas umbralinas. As entidades inferiores dividem-se, via de regra, em dois níveis diferentes. Um deles, organizado e inteligente, e outro mais animalizado. Esta última categoria costuma ocupar regiões abissais, quase na completa escuridão, ao lado de zonas reservadas aos suicidas. A primeira prefere acomodar-se perto de cidades espirituais e próximos a Postos de Socorro, pois aprecia a luz, embora a distância.

Nas cidades construídas por criaturas, em zonas umbralinas, há luminosidade, apesar de bastante fraca e sem brilho. Em suas formas de organização, existe também a rivalidade, e grupos inimigos lutam entre si, visando alcançar a hegemonia de uns sobre os outros, além de buscar atacar cidades espirituais evoluídas, tais como Alvorada Nova e seus Postos de Socorro. Outra de suas atividades é acompanhar de perto a vida dos encarnados.

Os Espíritos de parco esclarecimento e os habitantes do vale dos suicidas raramente conseguem prejudicar, diretamente, os homens, justamente pelo seu precário entendimento. Permanecem vagando, até que são aprisionados pelos mais inteligentes, e recebem orientações das mais diversas, passando, aí sim, a representar perigo concreto ao plano material.

Espantado com o relato, perguntei: — Mas tudo gira em torno de comunidades, com líderes e organização, tal como no plano físico? E os obsessores? Pertencem a um grupo também?

— Nem tudo — respondeu-nos o nosso guia — está relacionado às cidades formadas em zonas umbralinas. Há lugares em que impera o completo caos e daí também podem sair obsessores. Nem todos os que habitam essas regiões são tão embrutecidos e ignorantes que deixam de obsidiar os encarnados. Há inteligências voltadas ao mal. Essas, portanto, é que mais influem no comportamento dos habitantes do plano material.

Existem obsessores vivendo em comunidades, e outros que vagam pela crosta ou mesmo pelo Umbral, sem vínculos grupais e atuando, individualmente.

— E tais grupos ou comunidades têm nomes ou denominações?

— Sim, podem ter.

Continuou Chin:

— As construções edificadas em zonas do Umbral — erguidas com matéria-prima rudimentar, encontrada nessa região — buscam espelhar-se naquelas existentes na crosta, apesar de não o conseguirem plenamente, tornando-se meras caricaturas, geralmente disformes.

O castelo, que mencionei no início, onde se realizava a reunião, abrigava o posto chamado *Pátria e Força* e situa-se em local próximo ao Posto de Socorro nº 5, num cenário semelhante a um imenso e lúgubre pântano.

O seu interior era iluminado timidamente por uma luz em tom avermelhado, até como reflexo de suas rústicas paredes na mesma cor.

Os líderes, em torno da mesa, falavam e gesticulavam ao mesmo tempo. Muitas opiniões eram proferidas, e a maioria queria organizar grupos para participar ativamente da guerra que se avizinhava no plano físico. O ambiente era rude, pesado, mas não afetava os presentes, já acostumados com a tal vibração. Por corredores tortuosos, podia-se atingir outras salas e também as masmorras, onde estavam aprisionados vários Espíritos, vítimas da escravização.

Moldando suas aparências, as entidades mostravam-se como militares, tais como o faziam os encarnados em época de guerra.

De outra parte, nessa mesma região, situado no topo de uma série de montes escarpados e íngremes, encontrava-se outro castelo, de construção rude como primeiro, porém em outro estilo e com a cor cinza predominando. Nesse lugar, estava a comunidade denominada *Integridade Nacional*.

No seu interior, outra reunião estava em andamento, e seus condutores também tramavam participar da luta armada no plano físico.

Vislumbrava-se, pelo encaminhamento das discussões, que o posto *Pátria e Força* pretendia estar ao lado dos dirigentes franceses, e o *Integridade Nacional*, dos alemães.

— É impressionante como os fatos se dão nas regiões umbralinas. Eles parecem agir como se estivessem encarnados e desejam participar das

atividades, na crosta terrestre, com igual ênfase — argumentei.

— Quanto a isso, não resta dúvida. Os Espíritos menos esclarecidos, materialistas que são, apegam-se muito à vida na crosta e não se desligam facilmente dela, apesar de estarem vivendo em outro plano.

— Quer dizer que a Primeira Grande Guerra começou por influência dos habitantes do plano espiritual inferior?

— Não. Os encarnados a causaram, como aliás, dão origem à maioria dos males que os afligem. Entretanto, quando o conflito tornava-se bastante próximo, as criaturas umbralinas muito contribuía para a tomada das piores decisões. Se um líder encarnado está para decidir se vai ou não guerrear, pode sofrer a influência de Espíritos inferiores e acabar optando pelo mau caminho.

— Existe a influência dos bons também?

— Certamente. Todos os rumos seguidos pelo encarnado são fruto de decisões tomadas diante de vários fatores. Influências, intuições e inspirações positivas e o seu próprio senso compõem uma decisão nesse sentido. Logo, guerras podem ser causadas por maus conselhos, mas também por vontade do próprio ser humano. Assim como Espíritos bons tentam impedir as contendas e induzir a paz, mas nem sempre conseguem.

— E como começou essa guerra de grandes proporções?

Chin prosseguiu:

— A partir da perda da região da Alsácia-Lorena pela França para a Alemanha, por volta de 1870, restaram feridas abertas, não cicatrizadas. Tanto os encarnados quanto os desencarnados, agitavam-se em torno dessa porção territorial. Iniciou-se, então, na Europa, uma corrida armamentista e, durante esse período, os alemães e os franceses sofreram enorme influência de entidades inferiores, interessadas na eclosão de mais e maiores batalhas.

A França estava isolada da Europa, e a Alemanha fortalecida. Convenções e tratados foram assinados, muitos deles sob forte envolvimento espiritual.

Por volta de 1905, a situação já estava grave, e qualquer incidente poderia levar à guerra. Entidades ligadas à França concentravam-se no posto *Pátria e Força*, e as vinculadas à Alemanha, no *Integridade Nacional*.

10.3 Pelo Espírito Camilo Cândido Botelho

10.3.1 Memórias De Um Suicida

*Médium: Yvonne do Amaral Pereira. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1982, versão digital
www.feluzecaridade.net. Capítulo I — O Vale Dos Suicidas. p. 6-24.*

Precisamente no mês de janeiro do ano da graça de 1891, fora eu surpreendido com meu aprisionamento em região do mundo invisível, cujo desolador panorama era composto por vales profundos, a que as sombras presidiam: gargantas sinuosas e cavernas sinistras, no interior das quais uivavam, quais maltas de demônios enfurecidos, Espíritos que foram homens, dementados pela intensidade e estranheza, verdadeiramente inconcebíveis, dos sofrimentos que os martirizavam.

Nessa paragem afitiva, a vista torturada do grilheta não distinguiria sequer o doce vulto de um arvoredado que testemunhasse suas horas de desesperação; tampouco paisagens confortativas, que pudessem distraí-lo da contemplação cansativa dessas gargantas, onde não penetrava outra forma de vida que não a traduzida pelo supremo horror!

O solo, coberto de matérias enegrecidas e fétidas, lembrando a fuligem, era imundo, pastoso, escorregadio, repugnante! O ar pesadíssimo, asfixiante, gelado, enoitado por bulções ameaçadores como se eternas tempestades rugissem em torno; e, ao respirarem-no, os Espíritos ali ergastulados sufocavam-se como se matérias pulverizadas, nocivas mais do que a cinza e a cal, lhes invadissem as vias respiratórias, martirizando-os com suplício inconcebível ao cérebro humano, habituado às gloriosas claridades do Sol — dádiva celeste que diariamente abençoa a Terra — e às correntes vivificadoras dos ventos sadios que tonificam a organização física dos seus habitantes.

Não havia então ali, como não haverá jamais, nem paz, nem consolo, nem esperança: tudo em seu âmbito marcado pela desgraça era miséria, assombro, desespero e horror. Dir-se-ia a caverna tétrica do incompreensível, indescritível a rigor até mesmo por um Espírito que sofresse a penalidade de habitá-la.

O vale dos leprosos, lugar repulsivo da antiga Jerusalém de tantas emocionantes tradições, e que no orbe terráqueo evoca o último grau da abjeção e do sofrimento humano, seria consolador estágio de repouso comparado ao local que tento descrever. Pelo menos, ali existiria solidariedade entre os renegados! Os de sexo diferente chegavam mesmo a

se amar! Adotavam-se em boas amizades, irmanando-se no seio da dor para suavizá-la! Criavam a sua sociedade, divertiam-se, prestavam-se favores, dormiam e sonhavam que eram felizes!

Mas no presídio de que vos desejo dar contas nada disso era possível, porque as lágrimas que se choravam ali eram ardentes demais para se permitirem outras atenções, que não fossem as derivadas da sua própria intensidade!

No vale dos leprosos havia a magnitude compensadora do sol para retemperar os corações! Existia o ar fresco das madrugadas com seus orvalhos regeneradores! Poderia o precito ali detido contemplar uma faixa do céu azul... Seguir, com o olhar enternecido, bandos de andorinhas ou de pombos que passassem em revoada!... Ele sonharia, quem sabe? Lenido de amarguras, ao poético clarear do plenilúnio, enamorando-se das cintilações suaves das estrelas que, lá no inatingível, acenariam para a sua desdita, sugerindo-lhe consolações no insulamento a que o forçavam as férreas leis da época!... E, depois, a primavera fecunda voltava, rejuvenescia as plantas para embalsamar com seus perfumes cariciosos as correntes de ar que as brisas diariamente tonificavam com outros tantos bálsamos generosos que traziam no seio amorável... E tudo isso era como dádivas celestiais para reconciliá-lo com Deus, fornecendo-lhe tréguas na desgraça.

Mas na caverna onde padeci o martírio que me surpreendeu além do túmulo, nada disso havia!

Aqui, era a dor que nada consola, a desgraça que nenhum favor ameniza, a tragédia que ideia alguma tranquilizadora vem orvalhar de esperança! Não há céu, não há luz, não há sol, não há perfume, não há tréguas!

O que há é o choro convulso e inconsolável dos condenados que nunca se harmonizam! O assombroso “ranger de dentes” da advertência prudente e sábia do sábio Mestre de Nazaré! A blasfêmia acintosa do réprobo a se acusar a cada novo rebate da mente flagelada pelas recordações penosas! A loucura inalterável de consciências contundidas pelo vergastar infame dos remorsos. O que há é a raiva envenenada daquele que já não pode chorar, porque ficou exausto sob o excesso das lágrimas! O que há é o desaponto, a surpresa aterradora daquele que se sente vivo a despeito de se haver arrojado na morte! É a revolta, a praga, o insulto, o ulular de corações que o percutir monstruoso da expiação transformou em feras! O que há é a consciência conflagrada, a alma ofendida pela imprudência das ações cometidas, a

mente revolucionada, as faculdades espirituais envolvidas nas trevas oriundas de si mesma! O que há é o “ranger de dentes nas trevas exteriores” de um presídio criado pelo crime, votado ao martírio e consagrado à emenda! É o inferno, na mais hedionda e dramática exposição, porque, além do mais, existem cenas repulsivas de animalidade, práticas abjetas dos mais sórdidos instintos, as quais eu me pejava de revelar aos meus irmãos, os homens!

Quem ali temporariamente estaciona, como eu estacionei, são grandes vultos do crime! É a escória do mundo espiritual — falanges de suicidas que periodicamente para seus canais afluem, levadas pelo turbilhão das desgraças em que se enredaram, a se despojarem das forças vitais que se encontram, geralmente intactas, revestindo-lhes os envoltórios físico-espirituais, por sequências sacrílegas do suicídio, e provindas, preferentemente, de Portugal, da Espanha, do Brasil e colônias portuguesas da África, infelizes carentes do auxílio confortativo da prece; aqueles, levianos e inconsequentes, que, fartos da vida que não quiseram compreender, se aventuraram ao Desconhecido, em procura do Olvido, pelos despenhadeiros da Morte!

O além-túmulo acha-se longe de ser a abstração que na Terra se supõe, ou as regiões paradisíacas fáceis de conquistar com algumas poucas fórmulas inexpressivas. Ele é, antes, simplesmente a vida real, e o que encontramos ao penetrar suas regiões é vida! Vida intensa a se desdobrar em modalidades infinitas de expressão, sabiamente dividida em continentes e falanges como a Terra o é em nações e raças; dispondo de organizações sociais e educativas modelares, a servirem de padrão para o progresso da Humanidade. É no invisível, mais do que em mundos planetários, que as criaturas humanas colhem inspiração para os progressos que lentamente aplicam no orbe.

Não sei como decorrerão os trabalhos correcionais para suicidas nos demais núcleos ou colônias espirituais destinadas aos mesmos fins e que se desdobrarão sob céus portugueses, espanhóis e seus derivados. Sei apenas é que fiz parte de sinistra falange detida, por efeito natural e lógico, nessa paragem horrenda cuja lembrança ainda hoje me repugna à sensibilidade. É bem possível que haja quem ponha a discussões mordazes a veracidade do que vai descrito nestas páginas. Dirão que a fantasia mórbida de um inconsciente exausto de assimilar Dante terá produzido por conta própria a exposição aqui ventilada... esquecendo-se de que, ao contrário, o vate florentino é que conheceria o que o presente século sente dificuldades em aceitar...

Por toda a parte, em torno dele, existem mundos reais, exarando vida abundante e intensa: e se ele o ignora será porque se compraz na cegueira, perdendo tempo com futilidades e paixões que lhe sabem ao caráter. Não perquiriu jamais as profundidades oceânicas — não poderá mesmo fazê-lo, por enquanto. Não obstante, debaixo das águas verdes e marulhosas existe não mais um mundo perfeitamente organizado, mas um universo que assombraria pela grandiosidade e ideal perfeição!

No próprio ar que respira, no solo onde pisa, encontraria o homem outros núcleos organizados de vida, obedecendo ao impulso inteligente e sábio de leis magnânimas fundamentadas no Pensamento Divino, que os aciona para o progresso, na conquista do mais perfeito! Bastaria que se munisse de aparelhamentos precisos, para averiguar a veracidade dessas coletividades desconhecidas que, por serem invisíveis umas, e outras apenas suspeitadas, nem por isso deixam de ser concretas, harmoniosas, verdadeiras!

Assim sendo, habilite-se, também, desenvolvendo os dons psíquicos que herdou da sua divina origem... Impulsione pensamento, vontade, ação, coração, através das vias alcanforadas da Espiritualidade superior... e atingirá as esferas astrais que circundam a Terra!

Era eu, pois, presidiário dessa cova ominosa do horror!

Não habitava, porém, ali sozinho. Acompanhava-me uma coletividade, falange extensa de delinquentes, como eu.

(...)

Dotado de grande sensibilidade, para maior mal tinha-a agora como superexcitada, o que me levava a experimentar também os sofrimentos dos outros mártires meus cômpanes, fenômeno esse ocasionado pelas correntes mentais que se despejavam sobre toda a falange e oriundas dela própria, que assim realizava impressionante afinidade de classe, o que é o mesmo que asseverar que sofríamos também as sugestões dos sofrimentos uns dos outros, além das insídias a que nos submetiam os nossos próprios sofrimentos.¹¹

Às vezes, conflitos brutais se verificavam pelos becos lamacentos onde se enfileiravam as cavernas que nos serviam de domicílio. Invariavelmente irritados, por motivos insignificantes nos atirávamos uns contra os outros em lutas corporais violentas, nas quais, tal como sucede nas baixas camadas sociais terrenas, levaria sempre o melhor aquele que maior destreza e truculência apresentasse. Frequentemente fui ali insultado, ridiculizado nos

meus sentimentos mais caros e delicados com chistes e sarcasmos que me revoltavam até o âmago; apedrejado e espancado até que, excitado por fobia idêntica, eu me atirava a represálias selvagens, ombreando com os agressores e com eles refocilando na lama da mesma ceva espiritual!

A fome, a sede, o frio enregelador, a fadiga, a insônia; exigências físicas martirizantes, fáceis de o leitor entrever; a natureza como que aguçada em todos os seus desejos e apetites, qual se ainda trouxéssemos o envoltório carnal; a promiscuidade, muito vexatória, de Espíritos que foram homens e dos que animaram corpos femininos; tempestades constantes, inundações mesmo, a lama, o fétido, as sombras perenes, a desesperança de nos vermos livres de tantos martírios sobrepostos, o supremo desconforto físico e moral — eis o panorama, por assim dizer “material”, que emoldurava os nossos ainda mais pungentes padecimentos morais!

(...)

A contagem do tempo, para aqueles que mergulhavam nesse abismo, estacionara no momento exato em que fizera para sempre tombar a própria armadura de carne! Daí para cá só existiam assombro, confusão, enganosas induções, suposições insidiosas! Igualmente ignorávamos em que local nos encontrávamos, que significação teria nossa espantosa situação. Tentávamos, aflitos, furtar-nos a ela, sem percebermos que era cabedal de nossa própria mente conflagrada, de nossas vibrações entrechocadas por mil malefícios indescritíveis! Procurávamos então fugir do local maldito para voltarmos aos nossos lares; e o fazíamos desabaladamente, em insanas correrias de loucos furiosos! A asveros malditos, sem consolo, sem paz, sem descanso em parte alguma... ao passo que correntes irresistíveis, como ímãs poderosos, atraíam-nos de volta ao tugúrio sombrio, arrastando-nos de envolta a um atro turbilhão de nuvens sufocadoras e estonteantes!

De outras vezes, tateando nas sombras, lá íamos, por entre gargantas, vielas e becos, sem lograrmos indício de saída... Cavernas, sempre cavernas — todas numeradas —; ou longos espaços pantanosos quais lagos lodosos circulados de muralhas abruptas, que nos afiguravam levantadas em pedra e ferro, como se fôramos sepultados vivos nas profundas tenebrosidades de algum vulcão! Era um labirinto onde nos perdíamos sem poder jamais alcançar o fim! Por vezes acontecia não sabermos retornar ao ponto de partida, isto é, às cavernas que nos serviam de domicílio, o que forçava a permanência ao relento até que deparássemos algum covil desabitado para outra vez nos abrigarmos. Nossa mais vulgar impressão era de que nos

encontrávamos encarcerados no subsolo, em presídio cavado no seio da Terra, quem sabia se nas entranhas de uma cordilheira, da qual fizesse parte também algum vulcão extinto, como pareciam atestar aqueles imensuráveis poços de lama com paredes escalavradas lembrando minerais pesados?!...

Aterrados, entrávamos então a bramir em coro, furiosamente, quais maltas de chacais danados, para que nos retirassem dali, restituindo-nos à liberdade! As mais violentas manifestações de terror seguiam-se então; e tudo quanto o leitor imaginar possa, dentro da confusão de cenas patéticas inventadas pela fobia do horror, ficará muito aquém da expressão real por nós vivida nessas horas criadas pelos nossos próprios pensamentos distanciados da Luz e do Amor de Deus! Como se fantásticos espelhos perseguissem obsessoramente nossas faculdades, lá se reproduzia a visão macabra: o corpo a se decompor sob o ataque dos vibrões esfaimados; a faina detestável da podridão a seguir o curso natural da destruição orgânica, levando em roldão nossas carnes, nossas vísceras, nosso sangue pervertido pelo fétido, nosso corpo enfim, que se sumia para sempre no banquete asqueroso de milhões de vermes vorazes, nosso corpo, que era carcomido lentamente, sob nossas vistas estupefatas!... que morria, era bem verdade, enquanto nós, seus donos, nosso ego sensível, pensante, inteligente, que dele se utilizara apenas como de um vestuário transitório, continuava vivo, sensível, pensante, inteligente, desapontado e pávido, desafiando a possibilidade de também morrer! E — ó tétrica magia que ultrapassava todo o poder que tivéssemos de refletir e compreender! — ó castigo irremovível, punindo o renegado que ousou insultar a Natureza, destruindo prematuramente o que só ela era competente para decidir e realizar: — Vivos, nós, em Espírito, diante do corpo putrefato, sentíamos a corrupção atingir-nos!... Doíam em nossa configuração astral as picadas monstruosas dos vermes! Enfurecia-nos até à demência a martirizante repercussão que levava nosso perispírito, ainda animalizado e provido de abundantes forças vitais, a refletir o que se passava com seu antigo envoltório limoso, tal o eco de um rumor a reproduzir-se de quebrada em quebrada da montanha, ao longo de todo o vale...

(...)

Periodicamente, singular caravana visitava esse antro de sombras.

Era como a inspeção de alguma associação caridosa, assistência protetora de instituição humanitária, cujos abnegados fins não se poderiam pôr em dúvida.

Vinha à procura daqueles dentre nós cujos fluidos vitais, arrefecidos pela desintegração completa da matéria, permitissem locomoção para as camadas do invisível intermediário ou de transição.

Supúnhamos tratar-se, a caravana, de um grupo de homens. Mas na realidade eram Espíritos que estendiam a fraternidade ao extremo de se materializarem o suficiente para se tornarem plenamente percebidos à nossa precária visão, e nos infundirem confiança no socorro que nos davam.

Trajados de branco, apresentavam-se caminhando pelas ruas lamacentas do Vale, de um a um, em coluna rigorosamente disciplinada, enquanto, olhando-os atentamente, distinguiríamos, à altura do peito de todos, pequena cruz azul-celeste, o que parecia ser um emblema, um distintivo.

Senhoras faziam parte dessa caravana. Precedia, porém, a coluna, pequeno pelotão de lanceiros, qual batedor de caminhos, ao passo que vários outros milicianos da mesma arma rodeavam os visitantes, como tecendo um cordão de isolamento, o que esclarecia serem estes muito bem guardados contra quaisquer hostilidades que pudessem surgir do exterior. Com a destra o oficial comandante erguia alvinitente flâmula, na qual se lia, em caracteres também azul-celeste, esta extraordinária legenda, que tinha o dom de infundir insopitável e singular temor: — **Legião dos Servos de Maria.**

(...)

Tateando nas trevas tentei caminhar. Mas dir-se-ia que raízes vigorosas me plantavam naquele lugar úmido e gelado em que me deparava. Não podia despegar-me! Sim! Eram cadeias pesadas que me escravizavam, raízes cheias de seiva, que me atinham grilhetado naquele extraordinário leito por mim desconhecido, impossibilitando-me o desejado afastamento. Aliás, como fugir se estava ferido, desfazendo-me em hemorragias internas, manchadas as vestes de sangue, e cego, positivamente cego?! Como apresentar-me a público em tão repugnante estado?...

(...)

A caminhada foi longa. Frio cortante enregelava-nos. Misturei minhas lágrimas e meus brados de dor e desespero ao coro horripilante e participei da atroz sinfonia de blasfêmias e lamentações. Pressentíamos que bem seguros estávamos, que jamais poderíamos escapar! Tocados vagarosamente, sem que um único monossílabo lográssemos arrancar aos nossos condutores, começamos, finalmente, a caminhar penosamente por um vale profundo, onde nos vimos obrigados a enfileirar-nos de dois a dois, enquanto faziam idêntica manobra os nossos vigilantes.

Cavernas surgiram de um lado e outro das ruas que se diriam antes estreitas gargantas entre montanhas abruptas e sombrias, e todas numeradas. Tratava-se, certamente, de uma estranha “povoação”, uma “cidade” em que as habitações seriam cavernas, dada a miséria de seus habitantes, os quais não possuiriam cabedais suficientes para torná-las agradáveis e facilmente habitáveis. O que era certo, porém, é que tudo ali estava por fazer e que seria bem aquela a habitação exata da desgraça! Não se distinguiria terreno, senão pedras, lamaçais ou pântanos, sombras, aguaceiros... Sob os ardores da febre excitante da minha desgraça, cheguei a pensar que, se tal região não fosse um pequeno recôncavo da Lua, existiriam por lá, certamente, locais muito semelhantes...

(...)

Cada um de nós, no Vale Sinistro, vibrando violentamente e retendo com as forças mentais o momento atroz em que nos suicidamos, criávamos os cenários e respectivas cenas que vivêramos em nossos derradeiros momentos de homens terrestres. Tais cenas, refletidas ao redor de cada um, levavam a confusão à localidade, espalhavam tragédia e inferno por toda a parte, sevicando de aflições superlativas os desgraçados prisioneiros. Assim era que se deparavam, aqui e ali, forcas erguidas, baloiçando o corpo do próprio suicida, que evocava a hora em que se precipitara na morte voluntária. Veículos variados, assim como comboios fumegantes e rápidos, colhiam e trituravam, sob suas rodas, míseros tresloucados que buscaram matar o próprio corpo por esse meio execrável, os quais, agora, com a mente “impregnada” do momento sinistro, retratavam sem cessar o episódio, pondo à visão dos companheiros afins suas hediondas recordações.¹²

10.4 Allan Kardec

10.4.1 O Céu e o Inferno

*Rio de Janeiro, RJ: Editora FEB, 2004. Primeira parte — Capítulo IV
— O Inferno. Esboço do Inferno Cristão. p. 62-73.*

11. A opinião dos teólogos sobre o inferno resume-se nas seguintes citações.¹³

Esta descrição, sendo tomada dos autores sagrados e da vida dos santos, pode tanto melhor ser considerada como expressão da fé ortodoxa na matéria, quanto é ela reproduzida a cada instante, com pequenas variantes, nos sermões do púlpito evangélico e nas instruções pastorais.

12. Os demônios são puros Espíritos, e os condenados, presentemente no inferno, podem ser considerados puros Espíritos, uma vez que só a alma aí desce, e os restos entregues à terra se transformam em ervas, em plantas, em minerais e líquidos, sofrendo inconscientemente as metamorfoses constantes da matéria. Os condenados, porém, como os santos, devem ressuscitar no dia do juízo final, retomando, para não mais deixá-los, os mesmos corpos carnis que os revestiam na vida. Os eleitos ressuscitarão, contudo, em corpos purificados e resplendentes, e os condenados em corpos maculados e desfigurados pelo pecado. Isso os distinguirá, não havendo mais no inferno puros Espíritos, porém homens como nós. Consequentemente, o inferno é um lugar físico, geográfico, material, uma vez que tem de ser povoado por criaturas terrestres, dotadas de pés, mãos, boca, língua, dentes, ouvidos, olhos semelhantes aos nossos, sangue nas veias e nervos sensíveis.

Onde estará esse inferno? Alguns doutores o têm colocado nas entranhas mesmas do nosso globo; outros não sabemos em que planeta, sem que o problema se haja resolvido por qualquer concílio. Estamos, pois, quanto a este ponto, reduzidos a conjecturas; a única coisa afirmada é que esse inferno, onde quer que exista, é um mundo composto de elementos materiais, conquanto sem Sol, sem estrelas, sem Lua, mais triste e inóspito, mais desprovido de todo gérmen e das aparências benéficas que porventura se encontram ainda nas regiões mais áridas deste mundo em que pecamos.

Os teólogos mais circunspectos não se atrevem, à semelhança dos egípcios, dos hindus e dos gregos, a descrever os horrores dessa morada, limitando-se a no-la mostrar como premissas no pouco que dela fala a escritura, o lago de fogo e enxofre do Apocalipse e os vermes de Isaías¹⁴,

esses vermes que formigam eternamente sobre os cadáveres do Tofel¹⁵, e os demônios atormentando os homens que eles levaram à perdição, e os homens a chorarem, rangendo os dentes, segundo a expressão dos evangelistas¹⁶.

Santo Agostinho não concorda que esses sofrimentos físicos sejam apenas reflexos de sofrimentos morais e vê, num verdadeiro lago de enxofre, vermes e verdadeiras serpentes saciando-se nos corpos, casando suas picadas às do fogo. Ele pretende mais, segundo um versículo de Marcos, que esse fogo estranho, posto que material como o nosso e atuando sobre corpos materiais, os conservará como o sal conserva o corpo das vítimas. Os condenados, vítimas sempre sacrificadas e sempre vivas, sentirão a tortura desse fogo que queima sem destruir, penetrando-lhes a pele; serão dele embebidos e saturados em todos os seus membros, na medula dos ossos, na pupila dos olhos, nas mais recônditas e sensíveis fibras do seu ser. A cratera de um vulcão, se aí pudessem submergir, ser-lhes-ia lugar de refrigério e repouso.

Assim falam com toda a segurança os teólogos mais tímidos, discretos e comedidos; não negam que haja no inferno outros suplícios corporais, mas dizem que para afirmá-lo lhes falta suficiente conhecimento, pelo menos tão positivo como o que lhes foi dado sobre o suplício horrível do fogo e dos vermes. Há, contudo, teólogos mais ousados ou mais esclarecidos que dão do inferno descrições mais minuciosas, variadas e completas. E conquanto se não saiba em que lugar do Espaço está situado esse inferno, há santos que o viram. Eles não foram lá ter com a lira na mão, como Orfeu; de espada em punho, como Ulisses, mas transportados em Espírito.

Desse número é Santa Teresa. Dir-se-ia, pela narrativa da santa, que há uma cidade no inferno: — Ela aí viu, pelo menos, uma espécie de viela comprida e estreita como essas que abundam em velhas cidades, e percorreu-a horrorizada, caminhando sobre lodoso e fétido terreno, no qual pululavam monstruosos répteis. Foi, porém, detida em sua marcha por uma muralha que interceptava a viela, em cuja muralha havia um nicho onde se abrigou, aliás sem poder explicar a ocorrência. Era — diz ela — o lugar que lhe destinavam se abusasse, em vida, das graças concedidas por Deus em sua cela de Ávila.

Apesar da facilidade maravilhosa que tivera em penetrar esse nicho, não podia sentar-se, ou deitar-se, nem manter-se de pé. Tampouco

podia sair. Essas paredes horríveis, abaixando-se sobre ela, envolviam-na, apertavam-na como se fossem animadas de movimento próprio. Parecia-lhe que a afogavam, estrangulando-a, ao mesmo tempo que a esfolavam e retalhavam em pedaços. Ao sentir queimar-se, experimentou, igualmente, toda a sorte de angústias.

Sem esperança de socorro, tudo era trevas em torno de si, posto que através dessas trevas percebesse, não sem pavor, a hedionda viela em que se achava, com a sua imunda vizinhança. Este espetáculo era-lhe tão intolerável quanto os apertos mesmos da prisão.¹⁷

Esse não era, sem dúvida, mais que um pequeno recanto do inferno. Outros viajantes espirituais foram mais favorecidos, pois viram grandes cidades no inferno, quais enormes braseiros: Babilônia e Nínive, a própria Roma, com seus palácios e templos abrasados, acorrentados todos os habitantes.

Traficantes em seus balcões, sacerdotes reunidos a cortesãos em salas de festim, chumbados às cadeiras ululantes, levando aos lábios rubras taças chamejantes. Criados genuflexos em ferventes cloacas, braços distendidos, e príncipes de cujas mãos escorria em lava devoradora o ouro derretido. Outros viram no inferno planícies sem-fim, cultivadas por camponeses famintos, que, nada colhendo desses campos fumegantes, dessas sementes estéreis, se entredevoravam, dispersando-se em seguida, tão numerosos como dantes, magros, vorazes e em bando, indo procurar ao longe, em vão, terras mais felizes. Outras colônias errantes de condenados os substituíam imediatamente. Ainda outros relatam que viram no inferno montanhas inçadas de precipícios, florestas gemebundas, poços secos, fontes alimentadas de lágrimas, rios de sangue, turbilhões de neve em desertos de gelo, barcas tripuladas por desesperados, singrando mares sem praia.

Viram, em uma palavra, tudo o que viam os pagãos: um lúgubre revérbero da Terra com os respectivos sofrimentos naturais eternizados, e até calabouços, patíbulos e instrumentos de tortura forjados por nossas próprias mãos.

Há, com efeito, demônios que, para melhor atormentar os homens em seus corpos, tomam corpos. Uns têm asas de morcegos, cornos, couraças de escama, patas armadas de garras, dentes agudos, apresentando-se nos armados de espadas, tenazes, pinças, serras, grelhas, foles, tudo ardente, não exercendo outro ofício por toda a eternidade, em relação à carne humana, que não o de carneiros e cozinheiros; outros, transformados em leões ou víboras enormes, arrastam suas presas para cavernas solitárias; estes se transformam em corvos para arrancar os olhos a certos culpados, e aqueles em dragões volantes, prontos a se lançarem sobre o dorso das vítimas, arrebatando-as assustadiças, ensanguentadas, aos gritos, através de espaços tenebrosos, para arremessá-las alfim em tanques de enxofre. Aqui, nuvens de gafanhotos, de escorpiões gigantes, cuja vista produz náuseas e calafrios, e o contato, convulsões; além, monstros policéfalos, escancarando goelas vorazes, a sacudirem sobre as disformes cabeças as suas crinas de áspides, a triturarem condenados com sangrentas mandíbulas para vomitá-los mastigados, porém vivos, porque são imortais.

Estes demônios de formas sensíveis, que lembram tão visivelmente os deuses do Amenti e do Tártaro, bem como os ídolos adorados pelos fenícios, moabitas e outros gentios vizinhos da Judeia, esses demônios não obram ao acaso, tendo cada um a sua função. O mal que praticam no inferno está em relação ao mal que inspiraram e fizeram cometer na Terra.¹⁸ Os condenados são punidos em todos os seus órgãos e sentidos, porque também a Deus ofenderam por todos os órgãos e sentidos. Os delinquentes de gula são castigados pelos demônios da glotonaria, os preguiçosos pelos da preguiça, os luxuriosos pelos da devassidão, e assim por diante, numa variedade tão grande como a dos pecados. Terão frio, queimando-se, e calor, enregelados, ávidos igualmente de movimento e de repouso; sedentos e famintos; mil vezes mais fatigados que escravo ao fim do dia, mais doentes que os moribundos, mais alquebrados e chaguentos que os mártires, e isso para sempre.

Demônio algum se furta, nem se furtará jamais ao desempenho sinistro da sua tarefa, perfeitamente disciplinados e fiéis, quanto à

execução das vingativas ordens que receberam. Aliás, sem isso que seria o inferno? Repousariam os pacientes se os algozes altercassem ou se enfadassem. Mas nada de repouso nem disputas para quaisquer deles, pois apesar de maus e inumeráveis que são, estendendo-se de um a outro extremo do abismo, nunca se viu sobre a Terra súditos mais dóceis a seus príncipes, exércitos mais obedientes aos chefes ou comunidades monásticas mais humildes e submissas aos seus superiores.¹⁹

Quase nada se conhece da ralé demoníaca, desses vis Espíritos que compõem as legiões de vampiros, sapos, escorpiões, corvos, hidras, salamandras e outros animais sem-nome; conhecem-se, porém, os nomes de muitos dos príncipes que comandam tais legiões, entre os quais Belfegor, o demônio da luxúria; Abaddon ou Apolion, do homicídio; Belzebu, dos desejos impuros, ou senhor das moscas que engendram a corrupção; Mamon, da avareza; Moloc, Belial, Baalgad, Astarot e muitos outros, sem falar do seu chefe supremo, o sombrio arcanjo que no Céu se chamava Lúcifer e no inferno se chama Satanás.

Eis aí resumida a ideia que nos dão do inferno, sob o ponto de vista da sua natureza física e também das penas físicas que aí sofrem. Compulsai os escritos dos padres e dos antigos doutores; interrogai as pias legendas; observai as esculturas e painéis das nossas igrejas; atentai no que dizem dos púlpitos e sabereis ainda mais.

13. O autor acompanha esse quadro das seguintes reflexões, cujo alcance procuraremos cada qual compreender: A ressurreição dos corpos é um milagre, mas Deus faz ainda um segundo milagre, dando a esses corpos mortais — já uma vez usados pelas passageiras provas da vida, já uma vez aniquilados — a virtude de subsistirem sem se dissolver numa fornalha, onde se volatilizariam os próprios metais. Que se diga que a alma é o seu próprio algoz, que Deus não a persegue e apenas a abandona no estado infeliz por ela escolhido (conquanto esse abandono eterno de um ser desgraçado e sofredor pareça incompatível com a Bondade divina), vá; mas o que se diz da alma e das penas espirituais, não se pode de modo algum dizer dos corpos e das respectivas penas, para perpetuação das quais já não

basta que Deus se conserve impassível, mas, ao contrário, que intervenha e atue, sem o que sucumbiriam os corpos.

Os teólogos supõem, portanto, que Deus opera, efetivamente, após a ressurreição dos corpos, esse segundo milagre de que falamos. Que em primeiro lugar tira dos sepulcros que os devoravam os nossos corpos de barro; retira-os tais como aí baixaram com suas enfermidades originais e degradações sucessivas da idade; restitui-nos a esse estado, decrépitos, friorentos, gotosos, cheios de necessidades, sensíveis a uma picada de abelha, assinalados dos estragos da vida e da morte, e está feito o primeiro milagre; depois, a esses corpos raquíticos, prontos a voltarem ao pó donde saíram, outorga propriedades que nunca tiveram — a imortalidade, esse dom que, em sua cólera (dizei antes em sua misericórdia), retirara a Adão ao sair do Éden — e eis completo o segundo milagre. Adão, quando imortal, era invulnerável, e deixando de ser invulnerável tornou-se mortal; a morte seguia de perto a dor. A ressurreição não nos restabelece, pois, nem nas condições físicas do homem inocente, nem nas do culpado, sendo antes uma ressurreição das nossas misérias somente, mas com um acréscimo de misérias novas, infinitamente mais horríveis.

É, de alguma sorte, uma verdadeira criação, e a mais deliciosa que a imaginação tenha, porventura, ousado conceber. Deus muda de parecer, e, para ajuntar aos tormentos espirituais dos pecadores, tormentos carnis que possam durar eternamente, transforma de súbito, por efeito do seu poder, as leis e propriedades por ele mesmo estabelecidas de princípio aos compostos materiais, ressuscita carnes enfermas e corrompidas e, reunindo por um nó indestrutível esses elementos que tendem por si mesmos a separar-se, mantém e perpetua, contra a ordem natural, essa podridão viva, lançando-a ao fogo, não para purificá-la, mas para conservá-la tal qual é, sensível, sofredora, ardente, horrível e como a quer — imortal. Por este milagre se arvora Deus num dos algozes infernais, pois se os condenados só a si podem atribuir seus males espirituais, em compensação só a Deus poderão imputar os outros.

Era pouco aparentemente o abandono, depois da morte, à tristeza, ao arrependimento, às angústias de uma alma que sente perdido o bem supremo. Segundo os teólogos, Deus irá buscá-las nessa noite, ao fundo desse abismo, chamando-as momentaneamente à vida, não para as consolar, mas para as revestir de um corpo horrendo, chamejante, imperecível, mais empestado que a túnica de Dejanira²⁰, abandonando-as então para sempre.

Ainda assim Ele não as abandonará para sempre, em absoluto, visto como Céu e Terra não subsistem senão por ato permanente da sua vontade sempre ativa. Deus terá, portanto, sem cessar, esses condenados à mão, para impedir que o fogo se extinga em seus corpos, consumindo-os, e querendo que contribuam perpetuamente por seus perenes suplícios para edificação dos escolhidos.

14. Dissemos, e com razão, que o inferno dos cristãos excedera o dos pagãos. Efetivamente, no Tártaro veem-se culpados torturados pelo remorso, ante suas vítimas e seus crimes, acabrunhados por aqueles que espezinharam na vida terrestre; vemo-los fugirem à luz que os penetra, procurando em vão esconderem-se aos olhares que os perseguem; aí o orgulho é abatido e humilhado, trazendo todos o estigma do seu passado, punidos pelas próprias faltas, a ponto tal que, para alguns, basta entregá-los a si mesmos sem ser preciso aumentar-lhes os castigos. Contudo, são sombras, isto é, almas com corpos fluídicos, imagens da sua vida terrestre; lá não se vê os homens retomarem o corpo carnal para sofrer materialmente, com fogo a penetrar-lhes a pele, saturando-os até a medula dos ossos. Tampouco se vê o requinte das torturas que constituem o fundo do inferno cristão. Juízes inflexíveis, porém justos, proferem a sentença proporcional ao delito, ao passo que no império de Satã são todos confundidos nas mesmas torturas, com a materialidade por base, e banida toda e qualquer equidade.

Incontestavelmente, há hoje, no seio da Igreja mesma, muitos homens sensatos que não admitem essas coisas à risca, vendo nelas antes simples alegorias cujo sentido convém interpretar. Estas opiniões, no entanto, são individuais e não fazem lei, continuando a crença no inferno material, com suas conseqüências, a constituir um artigo de fé.

15. Poderíamos perguntar como há homens que têm conseguido ver essas coisas em êxtase, se elas de fato não existem. Não cabe aqui explicar a

origem das imagens fantásticas, tantas vezes reproduzidas com visos de realidade. Diremos apenas ser preciso considerar, em princípio, que o êxtase é a mais incerta de todas as revelações²¹, porquanto o estado de sobre-excitação nem sempre importa um desprendimento de alma tão completo que se imponha à crença absoluta, denotando muitas vezes o reflexo de preocupações da véspera. As ideias com que o Espírito se nutre e das quais o cérebro, ou antes o invólucro perispiritual correspondente a este, conserva a forma ou a estampa, se reproduzem amplificadas como em uma miragem, sob formas vaporosas que se cruzam, se confundem e compõem um todo extravagante. Os extáticos de todos os cultos sempre viram coisas em relação com a fé de que se presumem penetrados, não sendo, pois, extraordinário que Santa Teresa e outros, tal qual ela saturados de ideias infernais pelas descrições, verbais ou escritas, hajam tido visões, que não são, propriamente falando, mais que reproduções por efeito de um pesadelo. Um pagão fanático teria antes visto o Tártaro e as Fúrias, ou Júpiter, no Olimpo, empunhando o raio.

Continuação
O Céu e o Inferno

Rio de Janeiro, RJ: Editora FEB, 2004. Primeira parte — Capítulo V — O Purgatório. p. 74-80.

1. O Evangelho não faz menção alguma do purgatório, que só foi admitido pela Igreja no ano de 593. É incontestavelmente um dogma mais racional e mais conforme com a Justiça de Deus que o inferno, porque estabelece penas menos rigorosas e resgatáveis para as faltas de gravidade mediana.

O princípio do purgatório funda-se na equidade, pois é a detenção temporária a concorrer com a perpétua condenação. Que julgar de um país que só tivesse a pena de morte para todos os delitos?

Sem o purgatório, só há para as almas duas alternativas extremas: a suprema felicidade ou o eterno suplício. E nessa hipótese, que seria das almas somente culpadas de ligeiras faltas? Ou compartilhariam da felicidade dos eleitos, ainda quando imperfeitas, ou sofreriam o castigo dos maiores criminosos, ainda quando não houvessem feito muito mal, o que não seria nem justo, nem racional.

2. Necessariamente, porém, a noção do purgatório deveria ser incompleta, porque apenas conhecendo a penalidade do fogo fizeram dele

uma atenuante do inferno, visto que as almas aí também ardem, embora em fogo mais brando. Sendo o dogma das penas eternas incompatível com o progresso, as almas do purgatório não se livram dele por efeito do seu adiantamento, mas em virtude das preces que se dizem ou que se mandam dizer em sua intenção. E se foi bom o primeiro pensamento, outro tanto não acontece quanto às consequências dele decorrentes, pelos abusos que originaram. As preces pagas transformaram o purgatório em mina mais rendosa que o inferno.²²

3. Jamais foram determinados e definidos claramente o lugar do purgatório e a natureza das penas aí sofridas. À Nova Revelação estava reservado o preenchimento dessa lacuna, explicando-nos a causa das terrenas misérias da vida, das quais só a pluralidade de existências poderia mostrar-nos a justiça.

Essas misérias decorrem necessariamente das imperfeições da alma, pois se esta fosse perfeita não cometeria faltas nem teria de sofrer-lhe as consequências. O homem que na Terra fosse em absoluto sóbrio e moderado, por exemplo, não padeceria enfermidades oriundas de excessos.

O mais das vezes ele é desgraçado por sua própria culpa, porém, se é imperfeito, é porque já o era antes de vir à Terra, expiando não somente faltas atuais, mas faltas anteriores não resgatadas. Repara em uma vida de provações o que a outrem fez sofrer em anterior existência. As vicissitudes que experimenta são, por sua vez, uma correção temporária e uma advertência quanto às imperfeições que lhe cumpre eliminar de si, a fim de evitar males e progredir para o bem. São para a alma lições da experiência, rudes às vezes, mas tanto mais proveitosas para o futuro, quanto profundas as impressões que deixam. Essas vicissitudes ocasionam incessantes lutas que lhe desenvolvem as forças e as faculdades intelectivas e morais. Por essas lutas a alma se retempera no bem, triunfando sempre que tiver denodo para mantê-las até o fim.

O prêmio da vitória está na vida espiritual, onde a alma entra radiante e triunfadora como soldado que se destaca da refrega para receber a palma gloriosa.

4. Em cada existência, uma ocasião se depara à alma para dar um passo avante; de sua vontade depende a maior ou menor extensão desse passo: franquear muitos degraus ou ficar no mesmo ponto. Neste último caso, e porque cedo ou tarde se impõe sempre o pagamento de suas dívidas, terá de

recomeçar nova existência em condições ainda mais penosas, porque a uma nódoa não apagada ajunta outra nódoa.

É, pois, nas sucessivas encarnações que a alma se despoja das suas imperfeições, que se purga, em uma palavra, até que esteja bastante pura para deixar os mundos de expiação pelos mundos felizes, e, mais tarde estes para gozar da suprema felicidade.

O purgatório não é, portanto, uma ideia vaga e incerta; é antes uma realidade material que vemos, tocamos e sentimos. Ele existe nos mundos de expiação como a Terra, onde os homens expiam o passado e o presente, em proveito do futuro. Contrariamente, porém, à ideia que dele se faz, depende de cada um prolongar ou abreviar a sua permanência, segundo o grau de adiantamento e pureza atingido pelo próprio esforço sobre si mesmo. O livramento se dá, não por conclusão de tempo nem por alheios méritos, mas pelo próprio mérito de cada um, consoante estas palavras do Cristo: “A cada um segundo as suas obras”, palavras que resumem integralmente a Justiça de Deus.

5. Aquele, pois, que sofre nesta vida pode dizer-se que é porque não se purificou suficientemente em sua existência anterior, devendo, se o não fizer nesta, sofrer ainda na seguinte. Isto é ao mesmo tempo equitativo e lógico. Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, tanto mais tempo se sofre quanto mais imperfeito se for, da mesma forma por que tanto mais tempo persistirá uma enfermidade quanto maior a demora em tratá-la. Assim é que, enquanto o homem for orgulhoso, sofrerá as consequências do orgulho; enquanto egoísta, as do egoísmo.

6. Devido às suas imperfeições, o Espírito culpado sofre primeiro na vida espiritual, sendo-lhe depois facultada a vida corporal como meio de reparação. É por isso que ele se acha nessa nova existência, quer com as pessoas a quem ofendeu, quer em meios análogos àqueles em que praticou o mal, quer ainda em situações opostas à sua vida precedente, como, por exemplo, na miséria, se foi mau rico, ou humilhado, se orgulhoso.

A expiação no mundo dos Espíritos e na Terra não constitui duplo castigo para o Espírito, porém um complemento, um desdobramento do trabalho efetivo a facilitar o progresso. Do Espírito depende aproveitá-lo. E não lhe será preferível voltar à Terra, com probabilidades de alcançar o Céu, a ser condenado sem remissão, deixando-a definitivamente? A concessão dessa liberdade é uma prova da sabedoria, da bondade e da Justiça de Deus, que quer que o homem tudo deva aos seus esforços e seja o obreiro do seu

futuro; que, infeliz por mais ou menos tempo, não se queixe senão de si mesmo, pois que a rota do progresso lhe está sempre franca.

7. Considerando-se quão grande é o sofrimento de certos Espíritos culpados no mundo invisível, quanto é terrível a situação de outros, tanto mais penosa pela impotência de preverem o termo desses sofrimentos, poder-se-ia dizer que se acham no inferno, se tal vocábulo não implicasse a ideia de um castigo eterno e material.

Mercê, porém, da revelação dos Espíritos e dos exemplos que nos oferecem, sabemos que o prazo da expiação está subordinado ao melhoramento do culpado.

8. O Espiritismo não nega, pois, antes confirma, a penalidade futura. O que ele destrói é o inferno localizado com suas fornalhas e penas irremissíveis. Não nega, outrossim, o purgatório, pois prova que nele nos achamos, e definindo-o precisamente, e explicando a causa das misérias terrestres, conduz à crença aqueles mesmos que o negam. Repele as preces pelos mortos? Ao contrário, visto que os Espíritos sofredores as solicitam; eleva-as a um dever de caridade e demonstra a sua eficácia para os conduzir ao bem e, por esse meio, abreviar-lhes os tormentos.²³ Falando à inteligência, tem levado a fé a muito incrédulo, incutindo a prece no ânimo dos que a escarneciam. O que o Espiritismo afirma é que o valor da prece está no pensamento, e não nas palavras, que as melhores preces são as do coração, e não dos lábios, e, finalmente, as que cada qual murmura de si mesmo, e não as que se mandam dizer por dinheiro. Quem, pois, ousaria censurá-lo?

9. Seja qual for a duração do castigo, na vida espiritual ou na Terra, onde quer que se verifique, tem sempre um termo, próximo ou remoto. Na realidade não há para o Espírito mais que duas alternativas, a saber: punição temporária e proporcional à culpa, e recompensa graduada segundo o mérito. Repele o Espiritismo a terceira alternativa, da eterna condenação. O inferno reduz-se à figura simbólica dos maiores sofrimentos cujo termo é desconhecido. O purgatório, sim, é a realidade.

A palavra purgatório sugere a ideia de um lugar circunscrito: eis por que mais naturalmente se aplica à Terra do que ao Espaço infinito onde erram os Espíritos sofredores, e tanto mais quanto a natureza da expiação terrena tem os caracteres da verdadeira expiação.

Melhorados os homens, não fornecerão ao mundo invisível senão bons Espíritos; e estes, encarnando-se, por sua vez só fornecerão à humanidade

corporal elementos aperfeiçoados. A Terra deixará, então, de ser um mundo expiatório e os homens não sofrerão mais as misérias decorrentes das suas imperfeições.

Aliás, por esta transformação, que neste momento se opera, a Terra se elevará na hierarquia dos mundos.²⁴

10. Por que não teria o Cristo falado do purgatório? É que, não existindo a ideia, não havia palavra que a representasse.

O Cristo serviu-se da palavra inferno, a única usada, como termo genérico, para designar as penas futuras, sem distinção. Colocasse Ele, ao lado da palavra inferno, uma equivalente a purgatório e não poderia precisar-lhe o verdadeiro sentido sem ferir uma questão reservada ao futuro; teria, enfim, de consagrar a existência de dois lugares especiais de castigo. O inferno em sua concepção genérica, revelando a ideia de punição, encerrava, implicitamente, a do purgatório, que não é senão um modo de penalidade.

Reservado ao futuro o esclarecimento sobre a natureza das penas, competia-lhe igualmente reduzir o inferno ao seu justo valor. Uma vez que a Igreja, após seis séculos, houve por bem suprir o silêncio de Jesus quanto ao purgatório, decretando-lhe a existência, é porque ela julgou que Ele não havia dito tudo. E por que não havia de dar-se sobre outros pontos o que com este se deu?

10.4.2 O Livro dos Espíritos

Rio de Janeiro: Editora FEB, 2004, versão digital: www.febnet.org.br. Parte Quarta — Capítulo II — Das penas e gozos futuros. Paraíso, Inferno e Purgatório. p. 576-582.

1.012. Haverá no Universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos, segundo seus merecimentos?

“Já respondemos a esta pergunta. As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desgraça. E como eles estão por toda parte, nenhum lugar circunscrito ou fechado existe especialmente destinado a uma ou outra coisa. Quanto aos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou desgraçados, conforme é mais ou menos adiantado o mundo em que habitam.”

— De acordo, então, com o que vindes de dizer, o inferno e o paraíso não existem, tais como o homem os imagina?

“São simples alegorias: por toda parte há Espíritos ditosos e inditosos. Entretanto, conforme também já dissemos, os Espíritos de uma mesma

ordem se reúnem por simpatia; mas podem reunir-se onde queiram, quando são perfeitos.”

A localização absoluta das regiões das penas e das recompensas só na imaginação do homem existe. Provém da sua tendência a materializar e circunscrever as coisas, cuja essência infinita não lhe é possível compreender.

1.013. Que se deve entender por purgatório?

“Dores físicas e morais: o tempo da expiação. Quase sempre, na Terra é que fazeis o vosso purgatório e que Deus vos obriga a expiar as vossas faltas.”

O que o homem chama purgatório é igualmente uma alegoria, devendo-se entender como tal, não um lugar determinado, porém o estado dos Espíritos imperfeitos, que se acham em expiação até alcançarem a purificação completa, que os elevará à categoria dos Espíritos bem-aventurados. Operando-se essa purificação por meio das diversas encarnações, o purgatório consiste nas provas da vida corporal.

1.014. Como se explica que Espíritos, cuja superioridade se revela na linguagem de que usam, tenham respondido a pessoas muito sérias, a respeito do inferno e do purgatório, de conformidade com as ideias correntes?

“É que falam uma linguagem que possa ser compreendida pelas pessoas que os interrogam. Quando estas se mostram imbuídas de certas ideias, eles evitam chocá-las muito bruscamente, a fim de lhes não ferir as convicções. Se um Espírito dissesse a um muçulmano, sem precauções oratórias, que Maomé não foi profeta, seria muito mal acolhido.”

— Concebe-se que assim procedam os Espíritos que nos querem instruir. Como, porém, se explica que, interrogados acerca da situação em que se achavam, alguns Espíritos tenham respondido que sofriam as torturas do inferno ou do purgatório?

“Quando são inferiores e ainda não completamente desmaterializados, os Espíritos conservam uma parte de suas ideias terrenas e, para dar suas impressões, se servem dos termos que lhes são familiares. Acham-se num meio que só imperfeitamente lhes permite sondar o futuro. Essa a causa de alguns Espíritos errantes, ou recém-desencarnados, falarem como o fariam

se estivessem encarnados. Inferno se pode traduzir por uma vida de provações, extremamente dolorosa, com a incerteza de haver outra melhor; purgatório, por uma vida também de provações, mas com a consciência de melhor futuro. Quando experimentas uma grande dor, não costumavas dizer que sofres como um danado? Tudo isso são apenas palavras e sempre ditas em sentido figurado.”

8. Ver nota de rodapé nº 21 do livro *Alvorada Nova*.

9. Ver “Os Vigilantes da Espiritualidade”, no Capítulo II da obra *Conversando sobre Mediunidade*.

10. Nota do autor material: Processos de resgate como esse sofrido por Eustáquio ocorrem com o apoio de sessões de desobsessão do plano material e são realizados pelos Mensageiros do Alto, os quais invadem regiões do mal para compelir seus ocupantes a um estágio em câmaras de retificação ou a reencarnações compulsórias de acordo com a programação da Superioridade Divina. Ver no livro *Conversando sobre Mediunidade — Retratos de Alvorada Nova*, no capítulo II, os itens “Desobsessão e Encaminhamento” e “Equipe Científica Externa de Alvorada Nova”, para maiores esclarecimentos.

11. Após a morte, antes que o Espírito se oriente, gravitando para o verdadeiro “lar espiritual” que lhe cabe, será sempre necessário o estágio numa “antecâmara”, numa região cuja densidade e aflitivas configurações locais corresponderão aos estados vibratórios e mentais do recém-desencarnado. Aí se deterá até que seja naturalmente “desanimalizado”, isto é, que se desfaça dos fluidos e forças vitais de que são impregnados todos os corpos materiais. Por aí se verá que a estada será temporária nesse Umbral do Além, conquanto geralmente penosa. Tais sejam o caráter, as ações praticadas, o gênero de vida, o gênero de morte que teve a entidade desencarnada — tais serão o tempo e a penúria no local descrito. Existem aqueles que aí apenas se demoram algumas horas. Outros levarão meses, anos consecutivos, voltando à reencarnação sem atingirem a Espiritualidade. Em se tratando de suicidas o caso assume proporções especiais, por dolorosas e complexas. Estes aí se demorarão, geralmente, o tempo que ainda lhes restava para conclusão do compromisso da existência que prematuramente cortaram. Trazendo carregamentos avantajados de forças vitais animalizadas, além das bagagens das paixões criminosas e uma desorganização mental, nervosa e vibratória completas, é fácil entrever qual será a situação desses infelizes para quem um só bálsamo existe: a prece das almas caritativas! Se, por muito longo, esse estágio exorbite das medidas normais ao caso — a reencarnação imediata será a terapêutica indicada, embora acerba e dolorosa, o que será preferível a muitos anos em tão desgraçada situação, assim se completando, então, o tempo que faltava ao término da existência cortada.

12. Em várias sessões práticas a que tivemos ocasião de assistir, em organizações espíritas do estado de Minas Gerais, os videntes eram concordes em afirmar que não percebiam apenas o Espírito atribulado do suicida a comunicar-se, mas também a cena do próprio suicídio, desvendando-se às suas faculdades mediúnicas o momento supremo da trágica ocorrência. — (Nota da médium)

13. Nota de Allan Kardec: Estas citações são tiradas da obra *O Inferno*, de Augusto Callet.

14. N.E.: “Já foi derrubada na sepultura a tua soberba com o som das tuas violas; os vermes debaixo de ti se estenderão, e os bichos te cobrirão.” (Isaías, 14:11)

15. N.E.: Tofel/Tophel, do hebraico mentiroso, falacioso. Alusão ao demônio Mefistófeles ou ao personagem Mefistófeles da obra Fausto de Goethe.
16. N.E.: Mateus, 8:12; 13:42; 13:50; 22:13; 24:51; 25:30 e Lucas, 13:28.
17. Nota de Allan Kardec: Nesta visão se reconhecem todos os caracteres dos pesadelos, sendo provável que fosse deste gênero de fenômenos o acontecido a Santa Teresa.
18. Nota de Allan Kardec: Singular punição, na verdade, esta de poder continuar em maior escala a prática de mal menor feito na Terra. Mais racional seria sofrerem os próprios malfeitores as consequências desse mal, em lugar de se darem ao prazer de proporcioná-lo a outrem.
19. Nota de Allan Kardec: Esses mesmos demônios rebeldes a Deus quanto ao bem, são de uma docilidade exemplar quanto à prática do mal. Nenhum se esquiva ou afrouxa durante a eternidade. Que singular metamorfose em quem fora criado puro e perfeito como os anjos! Não é de pasmar vê-los dar exemplos de harmonia, de concórdia inalterável quando os homens sequer não sabem viver em paz na Terra, antes se laceram mutuamente? Vendo-se o requinte dos castigos reservados aos condenados e comparando sua situação à dos demônios, é caso de perguntar quais os mais dignos de lástima — se as vítimas ou os algozes.
20. N.E.: Na mitologia grega, esposa de Hércules (Hércules), que, abandonada por ele, provocou-lhe a morte, enviando-lhe uma túnica envenenada.
21. Nota de Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*, questões 443 e 444.
22. Nota de Allan Kardec: O purgatório originou o comércio escandaloso das indulgências, por intermédio das quais se vende a entrada no Céu. Este abuso foi a causa primária da Reforma, levando Lutero a rejeitar o purgatório.
23. Nota de Allan Kardec: Vede *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXVII, item Ação da prece.
24. Nota de Allan Kardec: Idem, cap. III, item Progressão dos mundos.

Livros da série “Alvorada Nova” já publicados

- I. Em português, pela Casa Editora O Clarim: *Alvorada Nova*, Cairbar Schutel; *Conversando sobre Mediunidade — Retratos de Alvorada Nova*, Cairbar Schutel; *Eustáquio — Quinze Séculos de uma Trajetória*, Cairbar Schutel; *Minha Vida em Gestação*, Caio Mário; *Crônica de um Despertar — Meu Retorno ao Além*, Afonso; *Fundamentos da Reforma Íntima*, Cairbar Schutel; *Baviera — Saga Secular de Amor e Ódio*, Rubião; *Guerra no Além — Interação entre os Dois Planos da Vida*, Cairbar Schutel e seus Emissários; *Reforma Íntima — A evolução em fase regenerativa*, Cairbar Schutel.
- II. Em português pela Editora Alvorada Nova: *Contos — Retratos de Vidas Passadas*, Cairbar Schutel e seus Emissários; *Imagino que Você Queira Ser Feliz*, Caio Mário; *Memórias de um Anjo Guardiã*, Caio Mário; *Inquisição — A Época das Trevas*, Cairbar Schutel; *O Peregrino das Ilusões*, Henrique; *Eutanásia — Salvação do Corpo, Aflição do Espírito*, Rubião; *História de Amor*, Rubião; *Reforma Íntima — Teoria e Prática da Evolução Espiritual*, Cairbar Schutel.
- III. Em espanhol, pela Editora Espírita Allan Kardec (Málaga): *Alborada Nueva; Conversando sobre Mediumnidad; Eustáquio — 15 Siglos de una Trayectoria; Mi vida em gestación; Crónica de um despertar — Mi retorno al más allá; Imagino que usted quiere ser feliz — Memorias de um ángel guardian; Inquisición — La época de las tinieblas; Baviera — Saga secular de amor y odio; Eutanásia — Salvación del cuerpo, aflición del Espíritu; Cuentos.*
- IV. Em esperanto, pela Casa Editora O Clarim: *Nova Auroro*;

18ª obra da série Alvorada Nova, aborda o desenvolvimento das revelações proporcionadas pela doutrina e pela literatura espíritas, ampliando a compreensão do que sucede após o desencarne e detalhes acerca da região denominada Umbral.

Destaca-se o relato sistemático e organizado das zonas umbralinas e narrativas e retratos dos vários grupos de encarnados que, de algum modo, conduzem as suas vidas de maneira indevida, sob o ponto de vista do aperfeiçoamento espiritual e da reforma íntima, situações capazes de gerar um desencarne tormentoso, evidenciando as fraquezas humanas espelhadas por sentimentos negativos, despontando os principais: orgulho e egoísmo.

Possa o leitor aproveitar esse quadro do Umbral e das finalizações de vida terrena de alguns encarnados para promover a tão almejada reforma íntima, que só lhe trará benefícios, não somente no presente, mas no futuro absolutamente certo, referente ao desencarne rumo ao plano espiritual.

CASA EDITORA
O CLARIM

A tua mensagem sempre
encontra seu destino

Agência Brasileira de ISBN

ISBN 978-85-11011-01-2



9 788511 011012